

A close-up photograph of a woman with dark, curly hair, wearing a bright green soccer jersey and a matching headband. She is looking down and to the left, holding a black and white soccer ball. The background is plain white.

SORAYA BARRETO JANUÁRIO  
JORGE KNIJNIK  
[ORG.]

# **FUTEBOL** DAS **MULHERES** NO **BRASIL**

EMANCIPAÇÃO,  
RESISTÊNCIAS,  
E EQUIDADE

  
Editora  
UFPE

SORAYA BARRETO JANUÁRIO  
JORGE KNIJNIK  
[ORG.]

**FUTEBOL**  
DAS **MULHERES**  
NO **BRASIL**

EMANCIPAÇÃO,  
RESISTÊNCIAS,  
E EQUIDADE

## Universidade Federal de Pernambuco

Reitor: Alfredo Macedo Gomes

Vice-Reitor: Moacyr Cunha de Araújo Filho

EDITORA ASSOCIADA À



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

### Editora UFPE

Diretor: Junot Cornélio Matos

Vice-Diretor: Diogo Cesar Fernandes

Editor: Artur Almeida de Ataíde

### Conselho Editorial (Coned)

Alex Sandro Gomes

Carlos Newton Júnior

Eleta de Carvalho Freire

Margarida de Castro Antunes

Marília de Azambuja Machel

### Editoração

Revisão de texto: Sérgio Mendonça (Massa Conteúdo)

Capa: Fradique de Lucena Filho (Jazzz Agência Digital)

Projeto gráfico: Madalena Araújo

### Catálogo na fonte

Bibliotecária Kalina Ligia França da Silva, CRB4-1408

---

F996 Futebol das mulheres no Brasil [recurso eletrônico] : emancipação, resistências e equidade / organizadores : Soraya Barreto Januário, Jorge Knijnik. – Recife : Ed. UFPE, 2022.

Vários autores.

Inclui referências.

ISBN 978-65-5962-122-4 (online)

1. Futebol feminino – Brasil. 2. Futebol feminino – Aspectos sociais – Brasil. 3. Jogadoras de futebol – Brasil. 4. Mulheres atletas – Brasil. 5. Esportes para mulheres – Brasil. I. Barreto, Soraya, 1980 - (Org.). II. Knijnik, Jorge Dorfman (Org.).

796.334082

CDD (23.ed.)

UFPE (BC2022-073)

---

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.



# SUMÁRIO

## AQUECIMENTO

Prefácio	
O FUTEBOL DAS MULHERES É REALIDADE NO BRASIL	8
<b>SILVANA GOELLNER</b>	

Capítulo 1	
LIBERDADE, AINDA QUE TARDIA: A REVOLUÇÃO FEMININA NO FUTEBOL BRASILEIRO	11
<b>JORGE KNIJNIK</b>	
<b>SORAYA BARRETO JANUÁRIO</b>	

## PRIMEIRO TEMPO EDUCAÇÃO, GÊNERO E FUTEBOL

Capítulo 2	
<i>FÚTBOL CALLEJERO</i> : DAS QUESTÕES DE GÊNERO À PRÁTICA EDUCATIVA	34
<b>CAROLINA FARIAS MORAES</b>	
<b>NATHAN RAPHAEL VAROTTO</b>	

Capítulo 3	
FUTEBOL COMO PLATAFORMA DE EMPODERAMENTO DE MENINAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	48
<b>OSMAR MOREIRA DE SOUZA JUNIOR</b>	

#### Capítulo 4

AS HISTÓRIAS DO FUTEBOL PRATICADO PELAS  
MULHERES NO BRASIL: CONSCIÊNCIA HISTÓRICA  
DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

85

MATEUS CAMARGO PEREIRA

FERNANDA MORETO IMPOLCETTO

## SEGUNDO TEMPO FUTEBOL DE MULHERES E A MÍDIA

#### Capítulo 5

ENTRE FALHAS E BATALHAS: UMA ANÁLISE  
DISCURSIVA DA COBERTURA DA TV GLOBO NA COPA  
DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO DE 2019

118

THALITA NEVES

LETÍCIA DE CASTRO

#### Capítulo 6

ANÁLISE DA COBERTURA ESPORTIVA DA FOLHA  
DE S. PAULO SOBRE A SELEÇÃO BRASILEIRA EM 1999

148

BRUNO JOSÉ GABRIEL

MIGUEL ARCHANJO DE FREITAS JUNIOR

#### Capítulo 7

SELO MARTA DE QUALIDADE: A PROMOÇÃO  
MIDIÁTICA DE MARCAS E VALORES NA FIGURATIVIZAÇÃO  
DE UMA JOGADORA DE FUTEBOL

176

MAGNOS CASSIANO CASAGRANDE

PHILLIPP DIAS GRIPP

ADA CRISTINA MACHADO SILVEIRA

## Capítulo 8

O QUE APONTAM OS NÚMEROS: O FUTEBOL  
DE MULHERES EM TRÊS DÉCADAS NA REVISTA PLACAR

204

DANIEL LEAL

GIOVANA BORGES MESQUITA

## PRORROGAÇÃO

### MULHERES NO CAMPO E NA ARQUIBANCADA

## Capítulo 9

MULHERES EM CAMPO: PRESENÇA FEMININA  
DENTRO E FORA DAS QUATRO LINHAS

237

NATHÁLIA FERNANDES PESSANHA

## Capítulo 10

POR UM FUTEBOL UNIVERSITÁRIO PRATICADO  
POR MULHERES: A REDE DE SIGNIFICADOS DO P.E.P.  
FUTSAL FEMININO

264

ANA LAURA ECKHARDT DE LIMA

RAQUEL PEREIRA QUADRADO

JORGE KNIJNIK

## Capítulo 11

TORCEDORAS E CAMISAS OFICIAIS DO TIME: FORMAS  
DE PERTENCER NO FUTEBOL

293

PALOMA DE CASTRO

## Capítulo 12

TORCIDA DE MULHERES EM CAMPO: RUPTURAS  
E CONQUISTAS NO AMBIENTE CLUBÍSTICO

322

SORAYA BARRETO JANUÁRIO

## PÊNALTIS

### MULHERES, FUTEBOL E HISTÓRIA

#### Capítulo 13

“UMA VERDADEIRA ONDA DE ADMIRADORES E ADMIRADORAS”:  
AS IMAGENS DAS MULHERES NAS COMPETIÇÕES SUBURBANAS  
DE FUTEBOL (1907-1941)

351

GLAUCO JOSÉ COSTA SOUZA

#### Capítulo 14

ENTRE A PROIBIÇÃO E A LEGALIZAÇÃO: REFLEXÕES  
SOBRE O FUTEBOL DE MULHERES (1965-1979)

378

VICTOR HUGO GONÇALVES BATISTA

#### Capítulo 15

A “EXPLOÇÃO FEMINISTA” E O FUTEBOL: APONTAMENTOS  
A PARTIR DA TAÇA LYUDMILA PAVLICHENKO

406

FLORA MORENA MARIA MARTINI ARAUJO

FERNANDA RIBEIRO HAAG

### UM DRIBLE PELA EMANCIPAÇÃO

#### Capítulo 16

NOVOS RUMOS PARA AS MULHERES NO FUTEBOL  
BRASILEIRO

434

SORAYA BARRETO JANUÁRIO

JORGE KNIJINIK



**AQUECIMENTO**

## PREFÁCIO

### O FUTEBOL DAS MULHERES É REALIDADE NO BRASIL

SILVANA GOELLNER<sup>1</sup>

---

O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), aplicado no mês de janeiro de 2021, de modo inédito, contemplou três questões relacionadas às diferenças de gênero no esporte, mais especificamente no futebol. Uma delas fez emergir os conservadorismos vigentes, ao discorrer sobre as desigualdades existentes em termos de remuneração entre jogadores e jogadoras, tomando como exemplo Marta e Neymar. A polêmica em torno da questão ganhou projeção nacional em função da manifestação do presidente Jair Bolsonaro, que a considerou ridícula porque, no seu entendimento, o futebol das mulheres não é uma realidade no Brasil.

Esse disparate não mereceria ser mencionado se a pessoa que o proferiu não fosse aquela responsável pela condução de políticas públicas efetivas que deveriam garantir a existência de uma sociedade mais igualitária. Mas, em se tratando do presidente do país, cabe aqui o registro, na medida em que revela o seu desconhecimento não apenas sobre a potência do futebol das mulheres, mas também sobre o que é realidade no Brasil. Um país que naquele mesmo

---

1 Professora titular UFRGS, Pesquisadora do CNPq, Ativista do futebol de mulheres.

janeiro contabilizava aproximadamente 230 mil mortes provocadas pela Covid-19, número este que poderia ter sido minimizado se tivéssemos políticas eficientes e comprometidas com o enfrentamento do vírus que redimensionou nossa forma de viver, de se relacionar e de existir.

Na contramão desse discurso vazio, devo afirmar alto e bom som que a presença das mulheres no futebol brasileiro é uma realidade. E não de hoje, mas desde que a bola começou a rolar em nossos campos. Não reconhecer essa realidade pode significar tanto o desconhecimento das experiências protagonizadas por mulheres quanto a falta de vontade política de admitir a árdua luta que elas travaram e travam para se inserir e permanecer nesse esporte.

O futebol das mulheres é tão real que originou este livro, cujos textos estão agrupados por eixos temáticos que focalizam investigações produzidas no campo da educação, da mídia, da história, das relações de gênero, da sociologia e da literatura. A diversidade das pesquisas aqui reunidas revela sua existência e pluralidade, pois ao ler suas páginas nos deparamos com diferentes futebolis e com distintos modos pelos quais o futebol protagonizado por mulheres foi e é apropriado, significado e representado.

Ao organizarem essa obra, Jorge Knijnik e Soraya Barreto Januário contribuem para visibilizar o quanto a presença das mulheres no futebol brasileiro é atravessada pela resistência, pela resiliência, pela busca de reconhecimento e equidade, pelo ativismo e pela emancipação. Ler este livro possibilita reconhecer que desde sempre as mulheres estiveram no futebol, produzindo-o e sendo por ele produzidas. Vai além disso: politiza esse protagonismo ao mostrar que

o futebol das mulheres acontece cotidianamente no Brasil, em diferentes espaços e de diferentes formas. Mostra, por fim, que ele é real e, por assim ser, incomoda. Boa leitura!

# CAPÍTULO 1

## LIBERDADE, AINDA QUE TARDIA: A REVOLUÇÃO FEMININA NO FUTEBOL BRASILEIRO

JORGE KNIJNIK<sup>1</sup>

SORAYA BARRETO JANUÁRIO<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

A Copa do Mundo Feminina da FIFA, Federação Internacional de Futebol, em 2019 foi uma competição que bateu todos os recordes de audiência, público e renda estabelecidos em edições anteriores.

---

1 Professor Associado na *Western Sydney University*, na qual é docente da Faculdade de Educação e Pesquisador Sênior do Instituto de Estudos em Cultura e Sociedade. Jorge é autor e organizador de, entre outros *A mulher brasileira e o esporte: seu corpo, sua história* (MACKENZIE, 2003); *O Mundo Psicossocial da mulher no esporte* (ALEPH, 2004); *Gênero e Esporte: Masculinidades e Feminilidades* (APICURI, 2010); *Meninos e Meninas na Educação Física: Gênero e Corporeidade no século 21* (FONTOURA, 2010); *Gender and Equestrian Sports: Riding around the World* (Springer, 2013, com Miriam Adelman); *Embodied Masculinities in Global Sport* (FIT, 2015); *The World Cup Chronicles: 31 days that Rocked Brazil* (FAIRPLAY PUBLISHING, 2018). Em 2010, Jorge foi agraciado pelo CNPq e pela ONU-Mulheres com o prêmio “Construindo a igualdade de gênero”, por suas contribuições na área de gênero e educação em direitos humanos e, em 2014 com o prêmio “Dessaque do Ensino Superior” pelo Ministério da Educação Australiano em virtude de suas pedagogias inovadoras e inclusivas.

2 Pós-doutorado na McGill University, Institute of Gender, Sexuality and Feminisms (IGSF), Montreal, Canadá. Doutora em Comunicação pela Universidade Nova de

As visualizações da televisão e dos serviços *online* de transmissão tiveram um aumento constante durante o torneio, com mais de 2 bilhões de espectadores assistindo aos jogos em todo o mundo. Os torcedores também lotaram os estádios franceses, onde se esbaldaram com a alta qualidade das jogadas que se desenrolavam nos gramados: times extremamente organizados taticamente, grandes exibições individuais, belíssimos gols e um nível de arbitragem que não deixou a desejar em relação ao futebol jogado. Uma fessa para a torcida, que retribuiu com uma vibração ímpar e inaudita ao longo dos jogos.

Entretanto, quando Marta, a “nossa” estrela mundial, a futebolista brasileira detentora de nada menos do que seis prêmios FIFA de melhor jogadora do mundo, ao invés de comemorar seus gols na competição, apontou para o logotipo da Goal Equal, iniciativa pela equidade e igualdade de gênero nos esportes, pintado em suas chuteiras, ela fez muito mais do que denunciar a desigualdade entre os valores dos contratos de *marketing* em chuteiras para um jogador e uma jogadora de futebol. Marta desvelou o quanto o futebol

---

Lisboa, Portugal. Publicitária e professora do Departamento de Comunicação da UFPE. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos da UFPE- PPGDH/UFPE. Pesquisadora em temáticas ligadas aos Estudos de Gênero, Feminismos, Esportes, Consumo e Mídia. Coordenadora do projeto de pesquisa e extensão – CNPq: OBMIDIA UFPE – Observatório de Mídia: Gênero, Democracia e Direitos Humanos. Soraya é autora e organizadora de, entre outros, *Mulheres em campo: o ethos da torcedora pernambucana* (2019); *Direitos Humanos na América Latina: desafios contemporâneos* (2020); *Masculinidades em (re) construção: corpo, gênero e Publicidade* (2016); *Feminismo de Mercado: quando a publicidade e o mercado “compram” as pautas feministas* (2022).

de mulheres, ao redor do mundo e no Brasil, é marcado por aquilo que Foucault (1979) denominou de biopolítica. Os pés da artilheira, aliás, seu corpo inteiro, assim como os corpos de todas as atletas não somente daquele torneio mundial, mas em nível global e local, são atravessados politicamente por opressões construídas historicamente que visam restringir os movimentos atléticos das mulheres no campo. As histórias dessa opressão se contam às dezenas, tanto nas américas (ELSEY; NADEL, 2019), a exemplo do Brasil (VOTRE; MOURÃO, 2003; RIGO *et al*, 2008), quanto em outros continentes, como a África (ENGH, 2011) e a Europa (GRIGGS; BISCOB, 2010; MENESSION; CLEMENT, 2003).

Contudo, e em paralelo a uma série de proibições e restrições biopolíticas sobre os corpos de meninas e mulheres futebolistas, existe também uma história, ou melhor, uma gama de histórias construídas no interior do futebol, que demonstram como surgiram os anseios por emancipação, literalmente, no campo de futebol (KNIJNIK, 2013); anseios esses que foram seguidos por muitas lutas e resistências de quem não apenas imaginava, mas também pretendia construir uma maior equidade no interior de um dos maiores fenômenos culturais e sociais de nossa época: o futebol.

Os amplos protestos feministas suscitados durante e pela Copa de 2019 revelaram o futebol como um forte *locus* de contestação da ordem de gênero dentro do mundo esportivo e também fora dele. Além de Marta, outras estrelas do espetáculo, como a craque norte-americana Megan Rapinoe, questionaram fortemente a FIFA e o mundo do futebol em sua inação em relação à opressão biopolítica (FOUCAULT, 2014) por que passam as futebolistas em diversos níveis.

Por meio de entrevistas e de redes sociais, atletas e torcedoras fizeram um grande clamor pelo necessário dismantelamento das barreiras de gênero que ainda impedem meninas e mulheres de alcançar a equidade no futebol.

O sexismo e a misoginia ainda são marcas muito nítidas de que as relações sociais desiguais de gênero continuam a ter uma influência significativa na sociedade, assim como no futebol (CAUDWELL, 2011). Isso é o que torna o chamamento de Rapinoe e de outras atletas particularmente relevante para o futebol de mulheres brasileiro. Durante o século passado, o país foi marcado por uma história de leis esportivas generificadas que proibiam as mulheres de participar do futebol (VOTRE; MOURÃO, 2003; RIGO, 2005). Segundo Knijnik (2015), essa história discriminatória ainda provoca um impacto psicossocial nas atuais jogadoras, levando a angustiantes questões de identidade que inibem seu pleno desenvolvimento profissional como atletas. Além disso, Knijnik (2014) argumenta que essas leis preconceituosas são o legado de gênero do século 20 do futebol que ainda impede as mulheres brasileiras de desfrutarem livremente do esporte como desejam e merecem.

Em sua análise do futebol de mulheres na Europa, Caudwell afirma a importância de se pensar em três categorias através de lentes feministas – esportes, gênero e feminilidades – “para demonstrar o valor de uma análise contínua de gênero no futebol e suas muitas culturas e manter o ímpeto do projeto feminista no futebol” (CAUDWELL, 2011, p. 331).

Os pontos de Caudwell são essenciais para entendermos a participação atual das mulheres no futebol no Brasil e como ela representa

não somente atos de resistência, mas também uma batalha na busca de equidade de gênero no mundo do futebol e além. De fato, a grande questão que se coloca é saber se poderíamos afirmar que, por meio das lutas por equidade de gênero no futebol, existe uma nova revolução feminista acontecendo no país. Não seria um exagero afirmarmos que o futebol é capaz de mobilizar tantas energias a ponto de ser revolucionário? Afinal, muitos dizem que “é apenas futebol!”. Qual a relevância de um mero jogo para a emancipação feminina em face de tanta desigualdade e brutalidade de gênero que acontece no Brasil?

Essa questão que ainda hoje, na terceira década do século 21, aparece com frequência em certos círculos de pensadores pretensamente feministas parece desconsiderar as diversas realidades do país. Entretanto, é justamente no cotidiano da vida, na concretude das ruas, dos locais de trabalho, lazer, estudo e também no dia a dia da nossa vida cibernética, que tanto as opressões – e também as resistências – sociais e de gênero acontecem; a luta pela equidade somente se torna palpável quando empregamos lentes teóricas de gênero para entender, e tentar modificar, as realidades opressoras existentes; essas lutas se tornam verdadeiras quando apresentam resultados na consciência emancipatória (FREIRE, 1970), e também para a vida das pessoas, das garotas e mulheres; caso contrário, se transformam naquilo que chamamos de “uma lei que não pegou”, ou pior, apenas discursos vazios, que reclamam um identitarismo ressentido, individualista, sem âncora nas comunidades que pretende representar.

Olhemos, pois, para o cotidiano vivido, onde os corpos suados, de carne e osso, se encontram e se debatem, reafirmando ou transformando as relações sociais de gênero. Ali, o futebol impera

ou muitas vezes espera para acontecer. São exatamente nas tensões cotidianas, no dia a dia das pessoas cujas performances de gênero, conformistas ou transgressoras, ou às vezes ambas, são corporificadas e “se efetivam” de fato (BUTLER, 2011). Assim, é relevante buscarmos esse cotidiano no qual as questões de gênero emergem, seja como opressão ou, mais recentemente, também como resistência.

### RESISTÊNCIAS FEMINISTAS E O FUTEBOL

Começemos por aquele espaço social que é quase unânime, por onde toda criança passa, ou deveria passar: a escola. A escola talvez seja um dos primeiros palcos – empregamos o termo “palco” propositalmente, pois aqui discutimos as múltiplas performances de gênero que ganham visibilidade quando vão a público em nossas comunidades (CONNELL, 1995) – em que as tensões nas relações sociais de gênero irão fatalmente florescer para além dos núcleos familiares. Claro que temos clareza de que o ponto de partida da generificação dos corpos muitas vezes acontece ainda antes de uma criança nascer (aquela velha história das roupas azuis e rosa, da bola e da boneca); sabe-se também que essa generificação segue se fortalecendo nos primeiros anos de vida (UNBEHAUM, 2010), com os corpos lúdicos cerceados por barreiras generificadas que tentam a todo momento controlar os movimentos desses corpos, enquadrando-os em “coisas de menino ou de menina”.

Contudo, é no chão da escola que essas batalhas tomam uma dimensão social maior (CAVALEIRO; VIANNA, 2010; DORNELLES, 2020). É ali que as concepções de gênero, provenientes dos diversos

momentos da primeira socialização das crianças, e que foram literalmente incorporadas a esses corpos infantis, irão aparecer com uma grande potência no espaço público, o qual não é mais controlado por cada família. É na escola que as variadas óticas de gênero em que crianças foram inicialmente socializadas entrarão em conflito. Muito por conta tanto da dinâmica quanto da arquitetura escolar e dos momentos “permitidos” para o movimento corporal, ou seja, o recreio, as atividades livres e as aulas de Educação Física, grande parte dos embates de gênero são não apenas presenciados nesses espaços e momentos, mas também construídos e pedagogicamente vivenciados, tanto no sentido da ampliação do entendimento de gênero enquanto um construto social e fluido (BUTLER, 2011), quanto da reprodução de padrões de gênero binários e tradicionais.

É aqui que o futebol entra, com uma força semelhante à que ele possui na sociedade brasileira em geral. Conforme relatado por Altmann (2002), Cavaleiro e Vianna (2010) e Fernandes e Altmann (2020), o futebol tem uma presença hegemônica no espaço escolar. Seja nas aulas formais de Educação Física, em algum tempo livre ou no recreio oficial, as crianças acham um jeito de jogar a modalidade. Quem conhece minimamente a realidade escolar, quem frequenta eventualmente uma escola como visitante ou responsável por alguma criança ou quem apenas se esforça para lembrar de sua época como estudante certamente terá vivências ou memórias nas quais um grupo de crianças praticava algum jogo com os pés (ALTMANN, 2002; DORNELLES, 2020). Seja em um canto qualquer da área do recreio, apenas chutando uma tampinha de garrafa ou uma bola de papel, em algum campinho

improvisado com gols demarcados com as mochilas de algum amigo, seja trocando figurinhas do próximo álbum da Copa, ou então participando de um jogo na quadra oficial de futsal da escola, os fatos observados ou rememorados colocam o futebol como uma das atividades mais vivenciadas pelas crianças na escola; assim que elas conseguem sair das cadeiras e das salas de aula e começam a mover seus corpos mais livremente – ou nem tanto – por outros espaços escolares, muitos futebóis aparecem ao redor da escola (NICOLINO, 2020).

Se em décadas passadas, conforme apontado por Farias (1995) em seu já clássico estudo sobre futebol e gênero na educação, o futebol na maior parte das vezes ficava restrito aos jogos dos meninos, enquanto as garotas eram excluídas de sua prática, muita coisa mudou nas últimas décadas no que tange ao contexto futebolístico nas escolas (DARIDO, 2002; DORNELLES, 2020). Do aumento de meninas participando em times representativos de escolas, brincando de bola nos recreios, até a criação de pedagogias específicas para o envolvimento e desenvolvimento das garotas no esporte, a certeza é que o espaço para o futebol nas escolas se diversificou, ampliando as possibilidades corporais para as garotas. Mais ainda, criando uma verdadeira revolução em escolas, que muitas vezes, foram confrontadas por resistências organizadas por meninas que queriam praticar o jogo, e por meninos e adultos que tanto as apoiavam como as criticavam, e mesmo as reprimiam (CAVALEIRO; VIANNA, 2010; FERNANDES; ALTMANN, 2020).

As pesquisas etnográficas evidenciam que as estudantes das mais variadas idades não se conformam mais a serem passivas

observadoras do futebol escolar, enquanto os meninos se esbaldam (SOUZA JR., 2020). Para participar, elas se organizam, questionam os valores tradicionais de gênero que as coloca em posição submissa na ordem esportiva e futebolística e vão à luta (UNBEHAUM, 2010; DORNELLES, 2020). Discutem com professores, reivindicam os mesmos espaços e tempos que outros têm para usar os espaços esportivos e o equipamento de futebol (ALTMANN, 2002; FERNANDES; ALTMANN, 2020). Enfim, resistem e querem igualdade para usar seus corpos das maneiras que quiserem! Seus corpos, suas regras, seu futebol! Se isso não é um exercício feminista, talvez tenhamos que rever os conceitos do que é o feminismo...

Entretanto, isso não será necessário. Fica cada vez mais claro que o futebol, se ainda é vivenciado em um contexto de opressão, exclusão e discriminação para muitas garotas e mulheres, também tem forjado espaços para que se construam histórias feministas de resistências e emancipação (KNIJNIK, 2018). Para além dos muros escolares, as mulheres se organizam em espaços acadêmicos (como museus e universidades), mas também nas ruas e nos estádios, para conquistarem seu direito a participar da cultura futebolística, que não somente integra, mas muitas vezes direciona a cultura nacional. São essas pequenas e grandes histórias que pretendemos discutir neste livro – um livro que aponta para uma verdadeira revolução feminista acontecendo com e dentro do futebol brasileiro.

Os textos aqui reunidos apresentam e discutem uma gama variada de tópicos, os quais, entretanto, estão entrelaçados por uma grande pergunta: de quais maneiras as mulheres brasileiras encontraram

espaços intermediários, em meio a severas estruturas machistas, para estabelecer e jogar o seu futebol?

## EMANCIPAÇÃO E REVOLUÇÃO

Pesquisadores brasileiros e sul-americanos vêm se debruçando sobre o “legado de gênero do século 20” no interior do futebol. Espalhadas pelo subcontinente na Argentina, no Brasil, no Chile, na Colômbia, mas também no exterior (como na Austrália e no Reino Unido), as pesquisas vêm discutindo questões relacionadas à migração e às jogadoras de futebol (PISANI, 2012; 2014); diversos estudos também realizaram extensas etnografias em diferentes países para examinar uma ampla gama de representações de gênero do futebol de mulheres (KESSLER, 2015; 2009). Garton e Hijos (2018) também investigaram as interseccionalidades de gênero e classe social na Argentina.

Entretanto, nenhuma coletânea conseguiu ainda abordar tanto as histórias das lutas de resistência das mulheres para praticarem o futebol no Brasil, bem quanto as questões pedagógicas relativas a essa prática no cotidiano de projetos educativos e escolas. Além disso, nenhum outro livro colocou juntas questões de literatura e sociologia para que possam ser analisadas simultaneamente dentro do futebol de mulheres.

Portanto, e seguindo os *insights* de Caudwell para se manter o impulso do feminismo do futebol no Brasil, este livro visa trazer ao público uma variedade de pesquisas de alta qualidade que surgiram sobre o futebol de mulheres brasileiras na última década. O volume

reune capítulos escritos por pesquisadores e profissionais com um conhecimento profundo dos diversos contextos em que o futebol de mulheres é jogado e vivido no Brasil. Os capítulos deste volume examinam os meios sociais e históricos em que a representação corporificada das diferenças de gênero encontra lugar, enraizando-se profundamente na história das mulheres e do futebol brasileiro.

Com efeito, as pesquisas e os ensaios que compõem o livro atuam em quatro frentes de ação na área dos estudos dos futebolis (DAMO, 2018), organizadas segundo uma analogia com as temporalidades de uma partida de futebol que se prolonga até bem depois do seu apito final, como explicitamos a seguir. As quatro frentes: 1. Educação, gênero e futebol; 2. Futebol de mulheres e mídia; 3. Mulheres no campo e na arquibancada; 4. Mulheres, futebol e história.

O presente capítulo tem como responsabilidade abrir o livro, e traz uma reflexão mais ampla em torno do Futebol de mulheres no Brasil, uma espécie de *aquecimento* pré-jogo, apresentando a temática e a escalação das pesquisas da obra.

O *primeiro tempo* da partida é protagonizado pela seção “Educação, gênero e futebol”, ao compreendermos a importância do processo educativo na construção de pedagogias inclusivas e libertadoras (FREIRE, 1970), e entendemos que o primeiro lance do jogo precisava iniciar pela educação como posicionamento político e ideológico. A pesquisa que inaugura a seção é de autoria de Carolina Faria de Moraes e Nathan Raphael Varotto, e fomenta o debate em torno do *Fútbol Callejero*. Os autores estabelecem alguns contornos inovadores na observação de uma prática mista – entre

meninos e meninas –, a partir do relato e experiência das meninas. Uma pesquisa deveras interessante na compreensão da prática de como se materializam outros futebolis e como essas práticas possibilitam o romper da cultura hegemônica machista do futebol e sinalizar a possibilidade de outros formatos, que podem, inclusive, ser mais educativos e plurais. Em seguida, Osmar Moreira de Souza Junior nos apresenta como processos educativos denotam experiências que podem auxiliar no processo de empoderamento de meninas e podem emergir de contextos pedagógicos do ensino do futebol. Osmar analisa ainda três diferentes propostas de intervenção na promoção de experiências inovadoras e plurais das meninas nos futebolis, tais como o futsal, a experiência crítico-afetiva nas aulas de educação física e no *Fútbol Callejero*, num diálogo interessante e complementar com a pesquisa apresentada no capítulo 3.

No quarto capítulo, finalizando a seção, Mateus Camargo Pereira e Fernanda Moreto Impolcetto descrevem e analisam a aplicação da proposta de ensino “Histórias do futebol praticado por mulheres no Brasil”, abarcados pela teoria da aprendizagem histórica de Jörn Rüsen. A pesquisa identifica diferentes tipos de Consciência Histórica expressas pelos estudantes concluintes do curso de Educação Física, bem como apresenta limitações e potencialidades do método. Uma proposta rica na legitimação e implementação de pedagogias plurais, que contemplam a história e participação das mulheres no futebol, há até pouco tempo silenciada e apagada.

A seção “Futebol de mulheres e mídia” debate a visibilidade, a presença e a representação do futebol de mulheres e das atletas no âmbito midiático, uma reflexão de importância na legitimação

e construção simbólica do futebol de mulheres (FM) na sociedade contemporânea. O pontapé inicial do *segundo tempo* da partida é dado por Thalita Neves e Letícia Castro; as autoras realizam uma análise discursiva em torno das narrações dos jogos veiculados pela TV Globo durante a Copa da França de 2019. A investigação evidencia práticas sexistas perpetradas pelos discursos, bordões e critérios de escolha dos profissionais, bem como de noticiabilidade, recorrentes no universo das coberturas esportivas. Certamente um contributo relevante na compreensão de como se dá a construção da percepção e da legitimação da modalidade perante a sociedade. Enriquecendo o debate em torno da cobertura midiática da categoria, Bruno José Gabriel e Miguel Archanjo de Freitas Júnior realizam a análise da cobertura esportiva do caderno esportivo do jornal *Folha de S. Paulo* sobre a seleção brasileira de futebol de mulheres durante o ano de 1999. A análise, na visão dos autores, demonstra um contraponto às práticas sexistas, apresentando uma cobertura focada nas questões táticas e técnicas dos jogos.

O sétimo capítulo apresenta o texto de Magnos Cassiano Casagrande, Philipp Gripp e Ada Machado Silveira. Os autores executam uma análise em torno da figurativização midiática da jogadora Marta. A pesquisa observa a representação multifacetada da atleta pela mídia, da qual é exemplo a retratação da mulher feminista, jogadora de futebol, garota-propaganda e edificadora de sua marca pessoal. Os autores observam a influência do ambiente social e midiático, assim como do contexto discursivo e da posição social da atleta nessa construção. Um texto de grande interesse na compreensão da construção do valor social, comercial e simbólico de Marta

enquanto figura pública e atleta. Encerrando a seção, Daniel Leal e Giovanna Mesquita utilizam a célebre revista *Placar* como objeto de estudo. Os autores desenvolvem a observação a partir de um extenso levantamento de dados, utilizando como recorte temporal três décadas de futebol de mulheres na revista. Vale salientar que o texto apresentado nesse capítulo é um fragmento de uma pesquisa mais ampla sobre a *Placar*; nesse texto os autores se atêm à seção “Numeralha” para entender a relação histórica entre a *Placar* e o futebol de mulheres, apontando as diferentes fases, a evolução em cada década, as modificações no perfil de notícias da revista sobre as jogadoras. Um acervo riquíssimo que apresenta dados muito interessantes sobre a evolução da retratação da modalidade e da representação midiática das atletas.

Chegamos às prorrogações, capitaneada pela seção “Mulheres no campo e na arquibancada” que apresenta investigações sobre a presença e participação das mulheres na construção de uma cultura futebolística, de forma mais ampliada. Com forte presença de análises que observam a mulher-torcedora e a mulher-atleta, nessa seção os trabalhos trazem dados de grande importância na construção de um campo de saber que ainda dispõe de dados difusos e escassos. Com efeito, abrindo a seção, Nathália Fernandes Pessanha discorre sobre a presença feminina nas arquibancadas cariocas entre as décadas de 1940 e 1980. A autora demonstra através de reportagens dos periódicos da época que, mesmo em menor número, as mulheres sempre se mostraram presentes nas torcidas de futebol. O debate promovido por Nathália se centraliza também na reflexão em torno de como o decreto proibitivo da prática de esportes de contato, vigente entre

1941 e 1979, estava imbuído de uma tentativa de cerceamento ao corpo feminino pelo governo, que extrapolava o campo esportivo.

A seguir, Ana Laura Eckhardt de Lima, Raquel Pereira Quadrado e Jorge Knijnik refletem sobre como um projeto de futsal para mulheres em uma universidade pública pode contribuir inicialmente para uma autêntica socialização dessas mulheres, bem como para uma renovada paixão pelo futebol e para uma revalorização da universidade como espaço comunitário e público em meio ao avanço do neoliberalismo privatizante. Nesse sentido, o futsal vai muito além de uma prática de lazer social, para contribuir para a resistência local e a emancipação feminista dessas mulheres e suas comunidades.

Paloma de Castro entra em campo no capítulo 11 para discutir como a luta por representatividade feminina e o consumo de produtos oficiais dos clubes de futebol indicam um posicionamento social e político por parte das torcedoras. A pesquisa amplia o debate sobre como o consumo de produtos e serviços clubísticos ainda são um dos principais caminhos para a retomada das torcedoras ao seu espaço de direito no ambiente esportivo.

Fechando a seção, Soraya Barreto Januário emprega um referencial teórico multidisciplinar para examinar as paixões futebolísticas entre mulheres torcedoras dos principais times de um estado brasileiro apaixonado por futebol: Pernambuco. Ao discutir por meio de uma refinada análise de conteúdo tanto as motivações psicossociais que mantêm essas torcedoras vinculadas aos seus clubes quanto seus padrões de consumo, a autora evidencia as rupturas no tradicional tecido torcedor hegemonicamente machista naquele contexto, assim como mostra o quanto essas rupturas levam a um maior

protagonismo feminino nessas comunidades, acentuando assim os dados que mostram, neste livro, a emancipação feminista no futebol brasileiro.

Finalmente chegando ao fim do tempo regulamentar, narramos os *pênaltis* da partida. A seção “Mulheres, futebol e história” apresenta pesquisas focadas em documentar as historicidades presentes na construção de uma narrativa temporal do futebol de mulheres no Brasil. Iniciando pelo texto de Glauco José Costa Souza, que objetiva refletir acerca da imagem da mulher no futebol suburbano. O autor busca compreender as relações estabelecidas entre os homens e as mulheres no campo esportivo dos subúrbios cariocas, observando as imagens das mulheres nas competições suburbanas de futebol entre 1907 e 1924. Com efeito, Glauco salienta dados animadores ao observar nessas relações indicativos de uma inclusão da mulher na prática esportiva e seu predomínio como público consumidor do espetáculo.

Victor Hugo Gonçalves Batista assina o capítulo 14 que dialoga sobre o futebol de mulheres no panorama brasileiro entre 1965 e 1979, tendo como objeto de estudo alguns jornais da imprensa fluminense. O autor observa parte do período de proibição do FM até a sua legalização, considerando os discursos biologizantes pautados pela medicina. O autor busca compreender a maneira como a proibição e as tentativas de restrição decorriam na prática esportiva e, ainda, busca identificar os discursos, as articulações e as estratégias das próprias jogadoras para burlar a lei. Victor constata uma mudança discursiva da imprensa no que diz respeito às notícias sobre o futebol feminino, que passam da cumplicidade para com a proibição,

no período mais repressivo da ditadura, à neutralidade, no declínio do regime.

No último lance do jogo, Flora Morena Maria Martini Araújo e Fernanda Ribeiro Haag, ao compreenderem o futebol como um espaço político e, também, de resistência feminista, problematizam de que forma a denominada “explosão feminista” atingiu um espaço hegemonicamente masculino como o futebol. As autoras se debruçam sobre a Taça Lyudmila Pavlichenko, torneio de futebol amador realizado em Curitiba, organizado e praticado por mulheres. As autoras partem do método da História Oral Temática, realizando entrevistas com mulheres envolvidas nesses processos. Flora e Fernanda apresentam resultados alinhados à compreensão de como essas práticas feministas questionam e desafiam a ordem hegemônica e centrada no masculino que domina o futebol.

Finalmente, “Um drible pela emancipação!”. Na finalização da partida, Soraya Barreto Januário e Jorge Knijnik dissertam sobre os novos rumos do futebol de mulheres no Brasil. Denunciando os entraves, práticas sexistas, preconceitos e desafios que a modalidade enfrentou – e enfrenta – no cenário nacional, a autora e o autor observam também o desenvolvimento, o crescimento e os avanços da categoria. Com efeito, são apresentadas algumas das políticas públicas, iniciativas privadas e de entidades esportivas na construção de uma prática mais equânime e igualitária. O objetivo é apontar estratégias e ações que rompam com a lógica hegemônica e com a ideia de que futebol é “coisa de homem”, já tão ultrapassada, e apontar caminhos que estão sendo assinalados por estudiosas/os, jogadoras, ex-atletas, gestoras/es do futebol e pela opinião pública.

Impossível encerrar este texto sem mencionar o prefácio da Professora Silvana Goellner. Entre algumas vozes feministas no meio acadêmico que falam sobre esporte, a voz da Dra. Goellner foi das poucas que há mais de três décadas se faz ouvir, de maneira muito contundente e crítica, mas também generosa e carinhosa, para as questões das mulheres no futebol, e dos vários futebóis de mulheres ao redor do Brasil. Mais que uma acadêmica tradicional, ela deixou a torre de marfim e foi literalmente a campo, conquistando mudanças positivas em todos os lugares por que passou: ela provocou dirigentes de federações, derrubando barreiras para os times de mulheres no Brasil; criou espaços populares em museus para a divulgação, a resistência e a emancipação feminista no futebol. Dessa forma, temos um profundo prazer, tanto pessoal quanto acadêmico, de tê-la prefaciando essa obra. Evoé, querida Silvana!

Essas tantas e diversas vozes chamam atenção para algumas das emergências singulares de contextos sociopolíticos, econômicos e culturais dos futebóis de mulheres no Brasil, bem como para os desafios e as lutas pelo reconhecimento, pela representatividade digna, pelo equidade e pelo respeito que ainda precisamos conquistar nas distintas formas de pensar, torcer, consumir e praticar o futebol.

## REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Meninas e meninos jogando futebol. *Verso & Reverso*, . v. 34, n. 16, jan-jun, p. 89-100, 2002.

BUTLER, Judith. *Bodies That Matter: On the Discursive Limits of Sex*. New York: Routledge, 2011.

CARVALHO, Marília Pinto. Vozes masculinas numa profissão feminina. *Estudos Feministas*, v.3 n. 2,p. 406-22, 1998.

CAVALEIRO, Maria Cristina; VIANNA, Cláudia. Chutar e preciso? Masculinidades e Educação Física Escolar. In: Jorge Knijnik; Zuzzi, Renata (Orgs). *Meninas e Meninos na Educação Física: Gênero e Corporeidade no Século XXI*. Coleção Ciências do Esporte, Educação Física e Produção do Conhecimento em 40 Anos de CBCE. UFRN, Natal, p. 137-154, 2010.

DAMO, Arlei. Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política. *Fulia/UFMG*, v. 3, n. 3, p. 37-66, 2018.

DARIDO, Suraya Cristina. Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. *Motriz*, Rio Claro, abr-ago, v. 8, n.2, p. 43-9, 2002.

DORNELLES, Priscila Gomes. Caminhos teóricos, metodologias e proposições políticas para “caminhar” com gênero e sexualidade na educação física: alinhavos com os estudos *Queer*. In: WENETZ, Ileana; ATHAYDE, Pedro; LARA Larissa (Eds). *Gênero e sexualidade no esporte e na educação física*. Natal: EDUFRN, p. 77-90, 2020.

DUNNING, Eric; MAGUIRE, Joseph As relações entre os sexos no esporte. *Estudos Feministas*, v..2, p. 321-48, 1997.

ELSEY, Brenda; NADEL, Joshua. *Futbolera: A history of women and sports in Latin America*, Austin, University of Texas Press, 2019.

ENGH, Mari Haguua. Tackling femininity: The heterosexual paradigm and women's soccer in South Africa. *International Journal of the History of Sport*, v. 28, n. 1, p. 137-152, 2011.

FARIA JR., Alfredo G. Futebol, questões de gênero e co-educação: algumas considerações didáticas sob enfoque multicultural. *Pesquisa de campo. Revista do núcleo de sociologia do futebol da UERJ*, n. 2 Especial Futebol e cultura brasileira, p.17-39, 1995.

FERNANDES, Simone Cecília; ALTMANN, Helena. A educação esportiva e gênero na escola pública: posicionamento docente positivo diante do fazer esportivo de meninas. In: WENETZ, Ileana; ATHAYDE, Pedro; LARA Larissa (Eds). *Gênero e sexualidade no esporte e na educação física*. Natal: EDUFERN, p. 31-46, 2020.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Leya, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra, 1970.

GARTON, Gabriela; HIJÓS, Nemesia. La deportista moderna: género, clase y consumo en el fútbol, running y hockey argentinos. *Antípoda. Revista de Antropología y Arqueología*, n.30, p. 23-42, 2018.

GOELLNER, Silvana. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Brazilian Journal of Physical Education and Sport*, v. 19, n. 2, p. 141-151, 2005.

GRIGGS, Gerald; BISCOB, Kay. Theresa Bennett is 42... but what's new? *Soccer & Society*, v. 11, n.5, p. 668-676, 2010.

KESSLER, Claudia; ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Contar ou não contar? As narrativas de jogadoras de futebol em Santa Maria-RS. *Mouseion* 3, n. 6, p. 66-76, 2009.

KESSLER, Claudia Samuel. Mais que barbies e ograds: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos. Tese de doutorado,

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2015.*

KNIJNIK, Jorge. Visions of Gender Justice Untested Feasibility on the Football Fields of Brazil. *Journal of Sport & Social Issues*, v. 37, n. 1, p.8-30, 2013.

KNIJNIK, Jorge. *The World Cup Chronicles: 31 days that Rocked Brazil*. Balgowlah Heights: Fair Play Publishing, 2018.

MENESSON, C.; CLEMENT, J. P. Homosociability and Homosexuality; the Case of Soccer Played by Women. *International Review for the Sociology of Sport*, v. 38, n. 3, p. 311-330, 2003.

NICOLINO, Aline. “Posso falar?” A profilaxia pedagógica e a desordem dos gêneros! Um estudo sobre os enfrentamentos produzidos no campo da educação física. In: WENETZ, Ileana; ATHAYDE, Pedro; LARA Larissa (Eds). *Gênero e sexualidade no esporte e na educação física*. Natal: EDUFRN, p. 13-30, 2020.

PISANI, Mariane da Silva. Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo. *Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, n. 14, 2014..DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1621>.

PISANI, Mariane da Silva.. Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol. Dissertação de mestrado. *Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2012.*

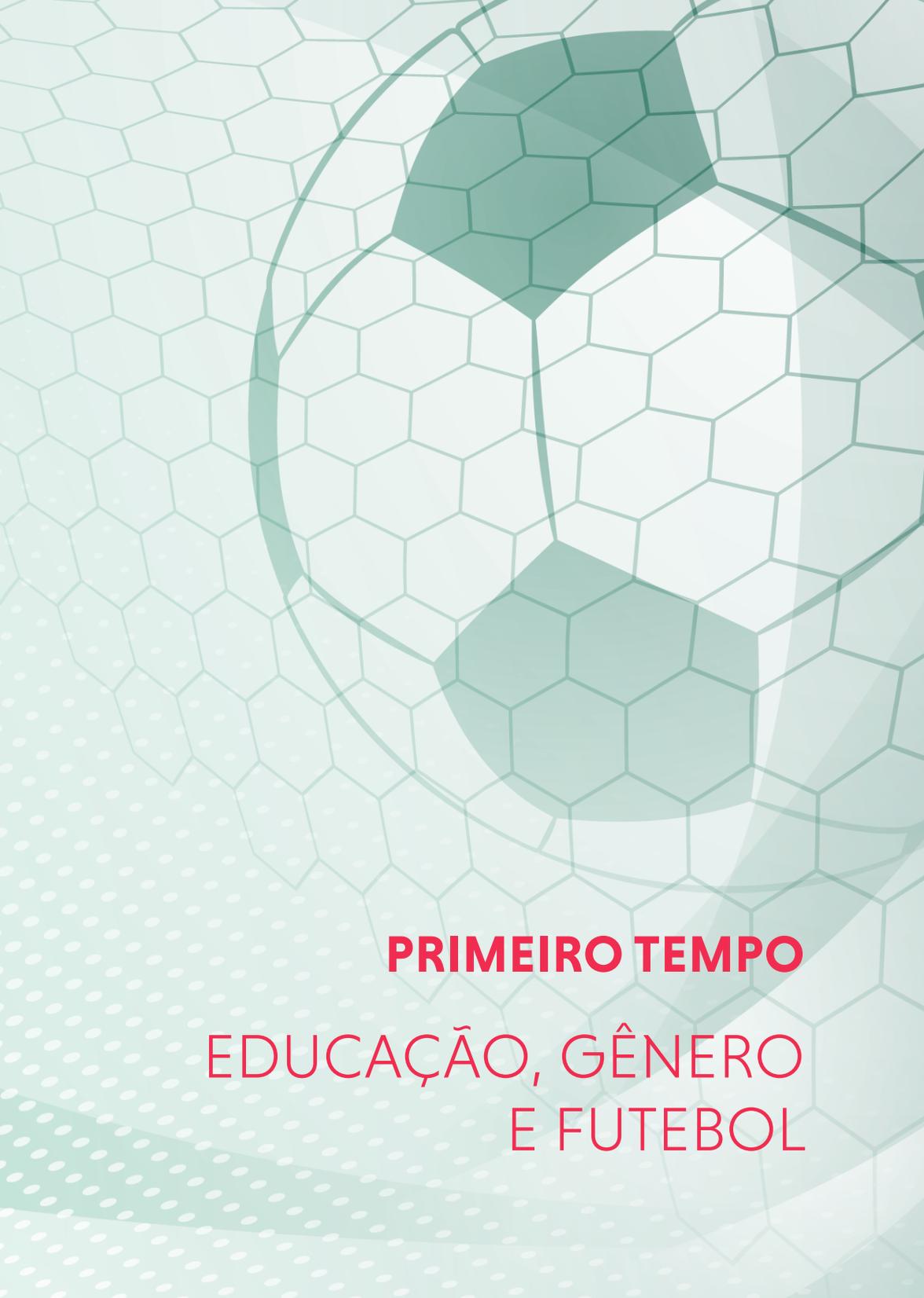
RIGO, Luís Carlos., Guidotti, Flávia;G., THEIL, Larissa; AMARAL, Marcela. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. v. 29, n. 3, p. 173-188, 2008.

SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira. Gênero, educação física escolar e pedagogia do esporte: construindo processos educativos empoderadores. In:

WENETZ, Ileana; ATHAYDE, Pedro; LARA Larissa (Eds). *Gênero e sexualidade no esporte e na educação física*. Natal: EDUFRRN, p. 47-62, 2020.

UNBEHAUM, Sandra. A Educação Física como espaço educativo de promoção da igualdade de gênero e dos direitos humanos. In: KNIJNIK; ZUZZI, Renata (Eds). *Meninas e meninos na Educação Física – Gênero e Corporeidade no Século XXI*. Fontoura, Jundiaí: Fontoura, p. 25-35, 2010.

VOTRE, Silvana.; MOURÃO, Ludmilla. Women's Football in Brazil: Progress and Problems. *Soccer and Society*, v. 4, n. 2/3, p. 254-267, 2003.



**PRIMEIRO TEMPO**  
EDUCAÇÃO, GÊNERO  
E FUTEBOL

## CAPÍTULO 2

### FÚTBOL CALLEJERO: DAS QUESTÕES DE GÊNERO À PRÁTICA EDUCATIVA

CAROLINA FARIAS MORAES<sup>1</sup>  
NATHAN RAPHAEL VAROTTO<sup>2</sup>

#### INTRODUÇÃO

Carolina: Uma das coisas que mais me chama a atenção nessa metodologia é o fato de ser um jogo misto. Qual a potência dessa opção? Mariana: Eu penso que se essa metodologia não fosse jogada com meninos e meninas juntas, seria excludente. Do jeito que é, é revolucionária. O futebol de rua é uma prática que tem uma potência

- 1 Mestra no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade na Universidade Federal da Bahia. Especialização em Sociopsicologia e formação em Ciências Sociais. Esteve na coordenação da Rede Brasileira de Futebol e Cultura (RBFC) e da Rede Paulista Futebol de Rua (RPFR) pela organização Ação Educativa entre os anos de 2015/16. Atualmente, realiza formações nas áreas de futebol, gênero, cultura e torcidas e educação. E tem publicações sobre as temáticas de futebol, cultura, torcidas organizadas, gênero.
- 2 Professor de Educação Física pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Doutorando em Educação pela UFSCar e Participa da coordenação da Rede Paulista de Futebol de Rua (RPFR).

enorme para o diálogo, são nesses momentos que você tem a participação de mulheres, pessoas LGBTQ e idades diversas e quem mais quiser participar, porque de fato é um futebol diverso e isso é revelar o poder do diálogo e quando você faz isso você entende as demandas dos outros e assim aprende a lidar com elas. E por isso, quando você coloca meninos e meninas para jogarem juntos, eles e elas vão discutir sobre relação de coletividade (MORAES, 2021, p. 134).

A proposta deste capítulo é apresentar o percurso da experiência do *Fútbol Callejero* nas periferias da cidade de São Paulo. Em 2013, através da organização Ação Educativa<sup>3</sup>, em parceria com a FuDe<sup>4</sup>, com suporte da TDH<sup>5</sup>, iniciou-se um longo percurso de implementação da metodologia. A partir desse percurso, serão apresentados os principais eventos e articulações que sustentam a prática na cidade até os dias atuais junto a movimentos e organizações sociais que atuam na garantia dos direitos humanos<sup>6</sup>.

3 Fundada em 1994, a organização Ação Educativa atua nas áreas da educação, cultura e juventude. Para outras informações, acessar: <<https://acaoeducativa.org.br/>>.

4 *Fundación Fude para el Desarrollo*.

5 O Instituto *Terre des hommes* Brasil é uma organização de sociedade civil que tem a missão de promover, garantir e defender os direitos de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. A instituição integra o movimento internacional *Terre des hommes*, cuja sede global é em Lausanne, na Suíça.

6 Vale destacar que a organização do projeto ocorre por meio de polos de futebol de rua espalhados por diversos bairros e cidades de São Paulo. Esses polos são, em sua maioria, vinculados a organizações e projetos que atuam com educação popular, cultura, juventude e esporte. Assim, a prática do futebol de rua é desenvolvida como forma de colaborar com os processos formativos dos/as jovens.

O *Fútbol Callejero* foi desenvolvido pelo ex-jogador de futebol Fabián Ferraro em uma comunidade de Moreno, na região de Buenos Aires (Argentina), com o objetivo de mediar conflitos entre gangues rivais a partir de valores como respeito, cooperação e solidariedade. Essa proposta de futebol colaborativo provocou mudanças significativas onde foi praticado.

Com times mistos, as partidas são divididas em três tempos: no primeiro momento os jogadores/as definem as regras das partidas, com apoio de um/a mediador/a; no segundo tempo, o jogo é jogado, o gol não é o único objetivo da partida, as equipes precisam ser solidárias, cooperativas e ter respeito entre si. No terceiro tempo, os times se sentam – com os/as mediadores/as – para dialogar como a partida ocorreu, se as regras foram observadas e se os/as jogadores/as se respeitaram. Só então define-se o time vencedor. Nesse sentido, apresenta-se a relevância da metodologia na prática, seus processos formativos com foco na potência e valorização do futebol misto, ou seja, a potência do *Fútbol Callejero* acontece exatamente por ser jogado entre meninas e meninos.

A frase “somos o país do futebol”, seja sentença, conquista ou destino, é reivindicada como privilégio em nosso país (MORAES, 2018). Imaginando que podemos partir deste pressuposto, sem dúvida, o que podemos afirmar a partir daí é que somos o País do futebol masculino (GOELLNER, 2014; REIS; SOUZA JÚNIOR, 2012). O futebol está repleto de valores sociais e culturais, isso certamente o coloca como parte expressiva da sociedade brasileira. É através da identificação nacional que parte significativa da sociedade brasileira vive o esporte bretão no seu cotidiano, seja conversando, assistindo

ou praticando. A maioria deste público é composto por homens que tiveram a oportunidade de escolher se este esporte faria ou não parte de sua vida (DAOLIO, 1994). Portanto, a construção da identidade nacional e sua conexão com a masculinidade deve ser considerada um ponto de partida importante para refletirmos sobre o tema do artigo.

O universo do futebol no Brasil por anos se apresenta de forma complexa e preconceituosa quando o assunto é a participação das mulheres. Isso ocorre como reflexo de uma sociedade que tem a cultura machista impregnada em suas práticas sociais. Nos últimos anos foi possível identificar avanços, no entanto, o país insiste em (re)viver tempos sombrios. Nesse ínterim observamos a existência de outros modos de se vivenciar o futebol, em que a educação, a inclusão, a vivência e a transformação social estavam presentes, tornando o futebol um fenômeno plural; nessa perspectiva, já não faz mais sentido o futebol, no singular, e sim futebóis, pois há uma cultura futebolística em que as pessoas decidem o futebol que querem, ajustando-o ao contexto, às necessidades e à cultura em que está situado; o *Fútbol Callejero* é um exemplo, entre outros.

A seguir discutiremos sobre o histórico do *Fútbol Callejero* em São Paulo, bem como seus desdobramentos.

### HISTÓRIA DO FÚTBOL CALLEJERO EM SÃO PAULO

A realização do Mundial de Futebol de Rua<sup>7</sup> em São Paulo foi um marco. O evento foi realizado ao mesmo tempo que a Copa do Mundo da FIFA de 2014, não por acaso, mas sim em contrapartida à

---

7 Para maiores informações: <https://museudofutebol.org.br/crfb/eventos/593188/>.

Copa, que deixou marcas esportivas, como o 7x1, mas com estragos que a população brasileira sente até hoje, como por exemplo os gastos abundantes em estádios, projetos e obras de infraestrutura não concluídas e, por fim, uma oportunidade enorme de fazer dessas experiências algo diferente.

Já o Mundial de Futebol de Rua contou com a participação de 300 jovens de 20 países, representando 24 delegações<sup>8</sup>. As seleções ficaram hospedadas em sete Centros Educacionais Unificados (CEUs) na periferia e participaram de atividades culturais para se integrar à comunidade. Com a proposta de ocupação do espaço público, da troca entre os/as jovens e a experiência de praticar “outro futebol”.

A realização do Mundial de Futebol de Rua foi considerada uma grande conquista, inclusive pela repercussão positiva nas diversas mídias. A partir daí o projeto cresceu e se fortaleceu com a participação da Delegação Brasileira na *Copa América de Fútbol Callejero “Nelsa Curbelo”*<sup>9</sup>, realizada em 2015 na cidade de Buenos Aires, Argentina. Para participação da delegação brasileira, houve muito envolvimento e preparação com os/as jovens. É possível destacar que a partir dessa experiência, em que a equipe brasileira se sagrou campeã, a prática do futebol de rua foi incorporada de tal forma que as meninas e os meninos que participaram acabaram por se tornar referências em suas comunidades.

---

8 Argentina e Brasil (com três, cada), África do Sul, Alemanha, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, Espanha, Estados Unidos, Filipinas, Gana, Guatemala, Israel, Panamá, Paraguai, Peru, Serra Leoa e Uruguai (um time, cada).

9 O troféu em jogo levou o nome da ativista equatoriana Nelsa Curbelo, indicada ao Prêmio Nobel da Paz em 2009.

A partir desse período, compreendeu-se a necessidade de construir um espaço de troca mais permanente e ampla entre as jovens lideranças que já atuam como mediadoras de *Fútbol Callejero*, para que pudessem fortalecer essa prática. Em 2015, foi lançada a *Rede Paulista de Futebol de Rua*<sup>10</sup>, tendo como objetivo estabelecer processos formativos contínuos em parceria com as organizações polos e com os/as jovens mediadores/as. Portanto, é possível afirmar que esse processo se tornou um dos expoentes em dar espaços a jovens com potencial, não só esportivo, mas também social. Utilizando o futebol como ferramenta para a transformação social e luta por direitos sociais.

No ano de 2016, a delegação da *Rede Paulista de Futebol de Rua* também foi convidada a participar da *Copa Regional Cachu Rodriguez* também na cidade de Buenos Aires. A feliz coincidência é que os/as jovens da delegação brasileira também conquistaram o troféu. Aqui, cabe um destaque: ser campeão de uma Copa como as mencionadas não tem relação apenas com uma “ótima partida de futebol”, o que potencializa e valoriza essas conquistas é o fato de ser uma prática que vai além das quatro linhas, já que a composição dos pontos se

---

10 A Rede Paulista de Futebol de Rua é constituída por 17 polos, são eles: São Paulo – ADESS Jardim Paulistano, Associação do Capão, CEDECA – Sapopemba, Circo Escola – Grajaú, Centro de Promoção Social Bororé – Grajaú, Passa a Palavra – Heliópolis, CCA Oscar Romero – Cidade Adhemar e Além das Fronteiras – Comunidade dos Imigrantes. Santo André – Piratinhas. São Bernardo do Campo – Meninos e Meninas de Rua e Solano Trindade. Taubaté – Projeto Esperança. Guaratinguetá – Casa Bethânia e Casa do Puríssimo. Lorena – CEMARI. Limeira – CEDECA Limeira. Araras – OSAF. São Carlos – VADL/UFSCar. Para maiores informações, acessar: <https://www.instagram.com/redepaulistafutebolderua/?hl=pt-br>.

dá no terceiro tempo, e a vitória na partida (como já destacado) é um dos pontos a serem valorizados.

Nesse cenário, a organização Ação Educativa compreende a importância de expandir os projetos e as atividades em relação aos temas de: futebol, cultura e direitos humanos. E assim, em parceria com o Museu do Futebol, é realizado o I Encontro Futebol e Cultura em 2014. Essa iniciativa buscou promover a prática solidária e colaborativa do esporte bretão no país, com a promoção do debate sobre as distintas práticas de futebol por todo o território nacional, muitas delas pouco conhecidas do universo esportivo, principalmente das pesquisas acadêmicas. Dando andamento ao projeto, o II Encontro Futebol e Cultura foi realizado em 2015 na cidade de Fortaleza pela ONG Ação Educativa em parceria com o Museu do Futebol, o Instituto Esporte Mais e os Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (Cucas).

O Encontro promoveu a criação de um espaço de troca e diálogo entre diversas experiências de futebol de todas as regiões, além de dar continuidade ao mapeamento das práticas de futebol colaborativo e solidário<sup>11</sup>. Por fim, as articulações e ações caminharam de forma conectadas. E a partir de todos os aprendizados e articulações realizadas entre 2014 e 2015, criou-se a Rede Brasileira de Futebol e Cultura<sup>12</sup>. No último, os debates dedicaram-se à temática futebol

---

11 Para maiores informações acessar o Guia de Experiências que foi lançado em Fortaleza (CE): <<http://tdh-latinoamerica.de/wp-content/uploads/2019/01/Participaci%C3%B3n-Cono-Sur-A%C3%A7%C3%A3o-Educativa-Guia-Futebol-Colaborativo.pdf>>.

12 A RBFC articulou-se: a) futebol como elemento das culturas brasileiras; b) futebol como crítica social e luta política; c) práticas alternativas de futebol como ação de

de mulheres e sua participação no ambiente futebolístico: um reconhecimento do tema.

## A POTÊNCIA DO FUTEBOL MISTO

Chamamos todos/as para o círculo central para dar início ao terceiro tempo, perguntamos se estavam bem e Jéssica pediu a palavra e disse: “Essaria melhor se eu tivesse jogado, os meninos não passam a bola, eu quero participar, porém assim é difícil eu não tenho oportunidade” (VAROTTO *et al.*, 2018, p. 118).

O trecho acima diz respeito a uma pesquisa feita com o *Fútbol Callejero* nas aulas de Educação Física Escolar, com uma turma do 4º ano do ensino fundamental. Tal excerto retrata a realidade quando, raras vezes, meninos e meninas jogam juntos/as e ampliamos o olhar para a sociedade como um todo em que as mulheres, desde a tenra idade, enfrentam barreiras impostas para que possam fazer o que desejam sem serem barradas.

O *Fútbol Callejero* além das peculiaridades de ser jogado em três tempos, não ter árbitro/a, o gol não ser determinante da vitória, conta com meninos e meninas jogando juntos/as, tornando um jogo misto que possibilita diversos aprendizados, além da construção de participação mais igualitária entre os/as participantes (OLIVERIA; GRIFONI; VAROTTO, 2020).

---

transformação social. Fugindo dos debates tradicionais e aberta a novas formas de pensar o futebol, a RBFC aparece como espaço diferenciado no cenário atual.

A construção de um espaço mais igualitário é um processo que se inicia a partir da desconstrução com os meninos de que futebol é coisa de menina e com as meninas que podem jogar futebol. Em um passado não distante as mulheres foram proibidas de jogar futebol. Até o ano corrente de 2021, as mulheres enfrentam barreiras para jogarem futebol, conforme podemos observar no trecho a seguir: “Ao se trabalhar com futebol, bem como suas variações, frequentemente nos deparamos com ambientes em que as meninas não são incluídas para jogar junto. ‘Perguntamos se haviam gostado e alguns meninos disseram que sim, mas algumas meninas disseram que não’ [...]” (VAROTTO *et al*, 2018, p. 117).

Mas acreditamos que este cenário possa mudar, tendo o *Fútbol Callejero* como: “[...] uma estratégia para criar e acompanhar processos de inclusão social, recuperar os valores humanos, valorizar e reconhecer reflexões das meninas e dos meninos e refletir sobre os processos educativos decorrentes dessa prática” (VAROTTO *et al*, 2018, p. 208).

Trazemos para dialogar neste capítulo alguns escritos de Ernani Maria Fiori que trata de educação para libertação e para que isso ocorra o fenômeno das consciências é fundamental, pois é no puro encontro das intersubjetividades que se dão as transformações das consciências, pois:

A comunicação das consciências (a intersubjetividade) supõe um mundo, esse não poderia ser a mediação para o encontro das consciências, e essas se comunicariam sem o mundo – que não é o caso, pois somos seres

encarnados – ou não se comunicariam. Uma vez mais: as consciências não se encontram, mas se constituem em intersubjetividade originária (FIORI, 1986, p. 6).

Nossas consciências se encontram no mundo, com outrem, e é aí que está a educação para libertação. Consiste em estarmos sendo com outrem, mediatizados pelo mundo, nos fazendo e refazendo, tendo em vista nossa libertação, daí que: “A educação é esforço permanente por constituir-se e reconstituir-se, buscando a forma histórica na qual possa reencontrar-se consigo mesmo, em plenitude de vida humana, que é, substancialmente, comunhão social (FIORI, 1991, p. 83).

Para tanto, precisamos superar situações como essa, dita por uma menina de 10 anos quando foi indagada sobre o que sentia quando estava jogando com os meninos: “ [...] ‘O que sinto quando estou jogando é que não sou vista, as meninas ficam invisíveis no jogo, os meninos só passam a bola entre eles, às vezes até nos veem, mas preferem não passar a bola para nós, e como eu posso passar a jogar melhor se nem recebo a bola?’ [...] ” (VAROTTO *et al*, 2018, p 118).

Vimos mantendo o trabalho de educação para as relações de gênero a partir do *Fútbol Callejero* e foi possível observar que: “[...] a relação entre as alunas diante do modelo igualitário proposto pelo *Fútbol Callejero*, no qual as meninas tomaram atitudes, desenvolveram diálogos e buscaram a resolução de possíveis conflitos na base do diálogo e dos três pilares que sustentam a prática do *Fútbol Callejero*: solidariedade, respeito e cooperação (OLIVEIRA; GRIFONI; VAROTTO, 2020, p. 22).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca em dialogar a partir do *Fútbol Callejero*: das questões de gênero à prática educativa, trouxemos no texto aportes teóricos que denunciam as adversidades enfrentadas pelas meninas e mulheres dentro do futebol e ainda anunciamos alguns estudos que obtiveram êxito nas questões de gênero em consonância com a prática do *Fútbol Callejero*. O que nos permite sugerir que este futebol seja vivenciado por mais pessoas pelo de seu potencial educativo (VAROTTO, 2020) e, em acordo com Fiori (1986), a possibilidade de educação das consciências, transformando, não o *Fútbol Callejero*, mas todos os jogos e esportes em ambiente integrativo e igualitário para todas as pessoas.

Por fim, sabemos que existe uma diferença significativa entre as oportunidades apresentadas às mulheres e aos homens no que tange à prática do futebol. As mulheres acabam ficando distante do esporte e mesmo assim são cobradas de conhecimento e prática. Reconhecer esse abismo nos dá oportunidade de pensar e desenvolver propostas e projetos que interfiram de forma propositiva para que as meninas e mulheres possam escolher – parece simples, porém, central. Escolher assistir, jogar, torcer e gostar. Pensar na luta das mulheres que ocupam esses espaços no futebol não se resume apenas às reivindicações de um grupo, menos ainda a resultados imediatos. Parece-nos que o desafio posto neste capítulo é compreender que a partir de trocas, diálogos, aprendizados, jogos, formações institucionais (sejam organizações não-governamentais e/ou produções acadêmicas) é fundamental nos colocarmos como representante de

uma luta contra a desigualdade de gênero no futebol. Certamente, viver em democracia significa experienciar e promover relações igualitárias nos âmbitos privado e público.

## REFERÊNCIAS

BONFIM, Aira; MORAES, Carolina F. Mulher no Futebol: no campo e nas arquibancadas. In: STEFANO, Daniela; MENDONÇA, Luiza (Orgs.). *Direitos Humanos no Brasil: Relatório da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos*. São Paulo: Editora Outras Expressões, p. 177-187, 2016.

DAOLIO, Jocimar. *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005.

FIORI, Ernani M. Conscientização e educação. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 11, n 1, p. 4 -11, jan-jun, 1986.

FIORI, Ernani M. Educação libertadora. In: FIORI, Ernani M. *Textos escolhidos*. Porto Alegre: L&PM, p. 83-95, 1991.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa pra macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 25, n.50, p. 315-328, 2005.

GOELLNER, Silvana V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

MORAES, Carolina F. *As Torcedoras (querem) poder torcer*. 2018. 157f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) Universidade Federal da Bahia – UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2018.

MORAES, Carolina F. Uma voz da periferia que atravessa o Atlântico: entrevista realizada com Mariana Andrade Fausto. In: SOUZA, Ana L. S. (org.) *Cultura política nas periferias: estratégias de reexistência/organização*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p. 127-146, 2021.

NORONHA, Marcelo P. *Futebol é coisa de mulher*. Um estudo etnográfico sobre o “lugar” feminino no futebol clubístico. 2010. 233f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, Escola de Humanidades, São Leopoldo, 2010.

OLIVEIRA, Maria C. D.; GRIFONI, Tiago; VAROTTO, Nathan R. Participação de meninas no Futebol Callejero: intervenção na educação física escolar. *Motricidades*, São Carlos, v. 4, n. 1, p. 15-26, 2020.

PINTO, Maurício R. *Pelo direito de torcer: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol*. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Universidade de São Paulo – USP, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, São Paulo, 2017.

REIS, Heloisa H. B.; SOUZA JÚNIOR, Osmar M. Discursos hegemônicos e representações sociais do futebol feminino no Brasil. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 36, 2012, Águas de Lindóia. *Anais... Águas de Lindóia*, 2012.

SILVA, Giovana C. *Mulheres Impedidas: A proibição do futebol feminino na imprensa de São Paulo*. Editora Multifoco, 2017.

SOUZA JÚNIOR, Osmar. M.; REIS, Heloisa H. B. *Futebol de mulheres: a batalha de todos os campos*. 1. ed. Esporte e Ciências Humanas. Paulínia: Autoresporte, 2018.

VAROTTO, Nathan R.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; LEMOS, Fábio R. M.; MORAES, Fábio. “Futebol callejero” na educação física escolar: processos educativos emergentes de uma intervenção. *Revista Brasileira de Iniciação Científica*, Itapetininga, v. 5, n. 5, p. 104-120, 2018.

## CAPÍTULO 3

### FUTEBOL COMO PLATAFORMA DE EMPODERAMENTO DE MENINAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

OSMAR MOREIRA DE SOUZA JUNIOR<sup>1</sup>

---

#### INTRODUÇÃO

Segundo Dunning (2003), o esporte configura-se historicamente desde sua origem como um lugar privilegiado para a incorporação e expressão pública dos valores tradicionais de masculinidade. De acordo com o autor, o esporte constitui-se como uma atividade de lazer com importância considerável na formação da identidade e dos hábitos dos homens, chegando a ser reconhecido como expressão cultural dos valores masculinos tradicionais, convertendo-se em uma experiência primária na validação da masculinidade. Considerando que no Brasil o futebol assume o *status* de “esporte rei”, é nele que o patriarcado constrói seu “império”.

---

<sup>1</sup> Docente do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (DEFMH) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), coordenador e docente do núcleo UFSCar do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) e coordenador do Grupo de estudos e pesquisas dos aspectos pedagógicos e sociais do futebol (ProFut).

Em contrapartida, não se pode perder de vista as inúmeras conquistas das mulheres no espaço público, permitindo que cada vez mais elas ocupem territórios ditos masculinos na esfera do esporte e do lazer. De acordo com Dunning (2003) essas conquistas estariam motivadas por fatores como a busca pelas mesmas satisfações mímicas, sociais e de mobilidade obtidas pelos homens nos esportes, juntamente com melhoria na identidade, autoestima, segurança e hábitos, bem como pelo desejo de igualdade com os homens, superando as frustrações infligidas por experiências de coação e limitações impostas tradicionalmente ao papel feminino.

Desafiar a lógica da restrição feminina nos espaços públicos, ainda mais em espaços dedicados ao futebol, considerado uma reserva para a exercitação da masculinidade hegemônica (DUNNING, 2003; MOURA, 2005), constitui-se em uma atitude de grande coragem, subversão e resiliência. Na Educação Física Escolar, historicamente responsável pelo engendramento da normatização das identidades expressas nos corpos de alunos e alunas, o futebol tem se constituído um importante artefato de fixação das identidades masculinas e, por conseguinte de obliteração das identidades femininas.

De acordo com Nicolino e Oliveira (2020), apesar de uma crescente veiculação de informações sobre o futebol de mulheres<sup>2</sup>, que promove uma maior visibilidade às futebolistas, isso se dá pela impo-

---

2 A adoção da expressão futebol praticado por mulheres (KESSLER, 2012) em detrimento de “futebol feminino” demarca um posicionamento político no sentido de desessabilizar o postulado de uma suposta “essência masculina” do futebol, que demandaria a generificação do feminino como o outro futebol que, segundo essa lógica, não seria o legítimo.

sição de imagens de controle negativas sobre as jogadoras, ou seja, pela recorrente comparação com o futebol praticado por homens, que tende a colocar as mulheres como inferiores no sentido de doutrinar e perpetuar a precariedade e o silenciamento sobre a própria existência das jogadoras e do futebol de mulheres.

Em se tratando do espaço escolar, também evidenciamos nas últimas décadas uma significativa ampliação da prática do futebol pelas meninas. No entanto, as mesmas imagens de controle negativo recaem sobre as futebolistas escolares, desvalorizando-as, silenciando-as e interditando a elas, por micropolíticas subjetivas e objetivas, o acesso às quadras e às bolas de futebol/futsal. Portanto, quando se fala da prática do futebol pelas meninas nas escolas, não se trata apenas de selecionar metodologias inovadoras para o ensino das competências tático-técnicas, é preciso avançar para a seara das competências socioafetivas e, para isso, não podemos nos furtar de assumir a Educação como um ato político para o empoderamento das meninas.

De acordo com Joice Berth (2019) existem diversas correntes teóricas que apontam o educador Paulo Freire, um dos precursores das análises aplicadas a grupos oprimidos nos anos 1960, como inspiração para a emergência do empoderamento como categoria teórica de análise, a partir de sua Teoria da Conscientização. A conscientização, de acordo com Freire (2005), é um processo histórico demarcado pela emancipação e integração do ser humano ao mundo real. Este processo de tomada de consciência tem como fundamento o binômio ação-reflexão dos sujeitos e materializa-se em um compromisso sociopolítico situado historicamente, por meio do qual estes sujeitos ressignificam e reconstróem o mundo em uma relação dialética e dialógica.

Tendo sua obra alicerçada na realidade concreta, Paulo Freire concebe a Teoria da Conscientização como prática para a libertação e estratégia de atuação de grupos oprimidos. Nessa linha de pensamento, não é possível assumir que se possa fornecer ferramentas para que as pessoas se empoderem. O empoderamento deve ser entendido como uma experiência singular e autêntica que emerge da conscientização crítica da realidade que não se furta de traduzir essa tomada de consciência em práticas pela transformação social libertadora.

Djamila Ribeiro (2018) compreende que o empoderamento tem como finalidade fomentar a transformação social em uma perspectiva antirracista, antielitista e antissexista, por meio das mudanças de instituições sociais e consciências individuais. Assim como a autora, assumo o empoderamento como uma categoria de análise demarcada como

uma ação coletiva desenvolvida pelos indivíduos quando participam de espaços privilegiados de decisões, de consciência social dos direitos. Essa consciência ultrapassa a tomada de iniciativa individual de conhecimento e superação da realidade na qual se encontra [...], de tal forma que [...] uma conquista individual não pode estar descolada da análise política (RIBEIRO, 2018, p. 135-136).

Para Joice Berth (2019), Paulo Freire revela sua preocupação com a distorção do conceito de empoderamento. Em sua obra “Medo e ousadia: cotidiano do professor”, coproduzida com o professor

Ira Shor (FREIRE; SHOR, 1986), os autores transcrevem um diálogo reflexivo entre dois professores alertando para a importância de se superar a idealização do conceito como uma receita instantânea para a emancipação de grupos oprimidos. Portanto, “Freire teoriza a conscientização a partir do social e do coletivo, e não apenas a partir do individual, como muitas vezes vemos sendo aplicado o conceito” (BERTH, 2019, p. 43).

A autora afirma ainda que toda ação pensada na perspectiva da Teoria do Empoderamento objetiva substancialmente a mudança social com vistas ao processo de superação e ruptura, tanto coletivo como individual, das estruturas de poder que segregam e hierarquizam as relações de poder. Portanto, a compreensão de empoderamento tratada por Joice Berth, de orientação freireana, poderia ser tomada como uma antítese de uma visão liberal que se encerra na esfera meramente individual do empoderamento.

Os estudos que abordarei a seguir refletem movimentos de transformação social de caráter emancipatório, que não se restringem a uma dimensão de âmbito individual, que poderia sugerir uma visão neoliberal e esvaziada da categoria de análise empoderamento. Sob diferentes prismas, em alguma medida, cada um dos estudos está alicerçado em propostas que consideram a importância de se partir das mulheres como grupo social, visando transformações coletivas frente às opressões históricas sofridas por este grupo (BERTH, 2019).

Partindo desses pressupostos, o presente texto ensaístico tem por objetivo explicitar processos educativos que denotam experiências empoderadoras de meninas emergentes de contextos pedagógicos

do ensino do futebol<sup>3</sup> a partir de pesquisas desenvolvidas no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF).

### SOBRE EXERCITAR A ESCUTA ATENTA

O professor Antonio Jorge Martins Malvar (2020)<sup>4</sup> desenvolveu uma pesquisa-ação com uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal de Feira de Santana na Bahia. Em um primeiro momento, a pesquisa tinha como objetivo analisar o impacto dos modelos de ensino *Teaching Games for Understanding* (TGfU) e *Sport Education* no processo de ensino do futsal e na participação das meninas nas aulas de Educação Física Escolar da turma pesquisada. No entanto, os resultados da pesquisa evidenciaram a importância de conferir uma escuta atenta para as angústias anunciadas e denunciadas pelas meninas participantes do estudo, redirecionando as análises e os objetivos da pesquisa para a participação

---

3 Considerando que o espaço físico mais comum para o desenvolvimento das aulas de Educação Física nas escolas são as quadras poliesportivas, compreendo que, do ponto de vista estrutural, o futsal tende a ser a prática desenvolvida nessas aulas. Contudo, na maior parte do texto, assumo o futebol como fenômeno maior que abarca distintas manifestações, tais como o futebol de campo, o futsal, o futebol de praia, futebol de rua, futebol de várzea etc., na medida em que os/as alunos/as tendem a mimetizar uma bricolagem dessas práticas.

4 Além da dissertação de mestrado do professor Jorge que referenciou este tópico, sugiro que o/a leitor/a acesse o produto educacional elaborado pelo professor, que narra a trajetória empreendida na pesquisa pela linguagem da literatura de cordel: <https://www.proef.ufscar.br/arquivos/bancas-e-eventos/cordel.pdf> (MALVAR; SOUZA JUNIOR, 2020).

dessas meninas nas aulas e os saberes atitudinais que permeavam essas experiências.

Em sua premissa de pesquisa, o professor Jorge<sup>5</sup> acreditava que uma proposta de ensino híbrida, apoiada nos dois modelos alicerçados em metodologias ativas, potencialmente garantiria uma maior participação, protagonismo e aprendizagem das meninas, em consonância com os objetivos traçados. No entanto, os resultados produzidos e, em especial, os discursos expressados pelas participantes revelaram que naquele contexto pedagógico existiam demandas muito mais urgentes do que o aprendizado dos saberes corporais e conceituais relacionados ao futsal.

Os aspectos que mais se destacaram ao longo do estudo do professor Jorge dizem respeito aos saberes atitudinais, na medida em que as situações que denotaram o sexismo, a violência simbólica, a opressão e a dominação masculina se sobrepujaram aos aspectos relativos às aprendizagens técnico-táticas. Nesse sentido, as aprendizagens que deveriam anteceder àquelas priorizadas pela Pedagogia do Esporte demandaram resgatar valores como respeito às diferenças, autonomia, interação e colaboração para estimular a participação das meninas nas aulas de Educação Física (MALVAR, 2020).

Foram identificados ainda em atitudes recorrentes nas aulas um conjunto de códigos e significados classificados como sexismo estrutural, em analogia ao racismo estrutural (ALMEIDA, 2019), na medida em que as atitudes sexistas se manifestavam remetendo a estruturas

---

5 Chamarei de professor Jorge, o professor-pesquisador Antonio Jorge Martins Malvar, que academicamente será creditado como Malvar (2020).

políticas, sociais e econômicas que enredavam todas as meninas como vítimas, inclusive aquelas tidas como mais competentes esportivamente, que por vezes exerciam a opressão por se julgarem mais próximas do grupo dos meninos, mas acabavam sofrendo diferentes formas de opressão e violência simbólica, tendo sua competência técnico-tática colocada em permanente suspeição.

A roda de conversa em que foi realizada a avaliação final de todo o processo da pesquisa foi palco de uma série de manifestações de descontentamento e de denúncias das opressões sofridas pelas meninas nas aulas, evidenciando que o problema de pesquisa deveria ser analisado muito além dos impactos do TGfU e do *Sport Education*, na medida em que os saberes atitudinais foram os que mais se fizeram presentes nas falas das participantes. Nessa roda de conversa foi perguntado o que a turma achou de terem jogado futsal juntos, resultando na seguinte discussão:

A menina F respondeu: “Foi chato, eu não gosto de futebol!”. O que foi reforçado pelo menino 4: “Só era bom quando elas não jogavam atrapalhando”. A menina G também respondeu: “A gente devia ter jogado outra coisa”. Continuei questionando: “As meninas acham que as aulas e jogos contribuíram para melhorar sua forma de jogar?”. A menina G respondeu: “Não aprendi nada, eu não gosto!”. No que foi acompanhada pela menina H: “Eu nem joguei com esses meninos chatos”. Ao serem perguntadas: “Então, depois dessa experiência, vocês acham que as meninas têm capacidade de aprender a jogar bem o futsal?”. A menina

F respondeu: “Nem quero aprender isso”. Por sua vez a menina G também reforçou: “Só quem gosta e joga aprendeu, eu não sei nada!” (Roda de conversa, aula 15) (MALVAR, 2020, p. 67).

A análise desse excerto dos diários de aula da pesquisa do professor Jorge retrata a difícil relação de convivência entre meninos e meninas durante a implementação da unidade didática que foi palco do estudo. Além da visão sexista dos meninos, que taxam as meninas como inábeis e incapazes de aprender, foi possível observar, nas atitudes e falas de algumas meninas, certa incredulidade em relação às suas próprias capacidades, bem como a falta de empatia com as colegas que apresentavam uma maior dificuldade de aprendizado.

Certamente essas não eram as respostas que o professor Jorge esperava ouvir ao iniciar a intervenção com os modelos de ensino *Sport Education* e *TGfU*. É preciso considerar, no entanto, que a pesquisa não é feita para validar hipóteses formuladas *a priori*, e os dados produzidos pela intervenção mostraram que havia algo “gritando mais alto” do que as aprendizagens técnico-táticas do futsal naquelas aulas de Educação Física.

A frustração e o desgosto manifestados pelas meninas consideradas menos engajadas com as aulas são sintomáticas de um sexismo estrutural que opera no esporte escolar, que torna o ambiente do futsal em especial, um “campo minado” para que meninas sem experiência com os jogos esportivos se arrisquem a exhibir publicamente sua “incompetência esportiva”.

Podemos afirmar que, para as meninas da turma pesquisada, mais urgente que aprender a fazer uma linha de passe, finalizar ao gol ou fazer uma cobertura defensiva, era estabelecer um ambiente de aprendizagem que as fizesse sentirem-se seguras e acolhidas para não sofrerem ataques sexistas nas diferentes formas de violência simbólica (BOURDIEU, 2010) pelo simples fato de errarem um chute ao gol. Portanto, não se trata simplesmente da adoção pura e simples de metodologias ativas centradas nos aspectos tático-técnicos para o ensino do esporte, mas de se elaborar outras pedagogias que tragam em seu centro a imbricação entre os saberes tático-técnico e os atitudinais ou, ao menos, incorporar a essas metodologias um olhar privilegiado para os saberes atitudinais que devem deixar de ser tratados de forma tangencial ou como parte do currículo oculto, para se tornarem protagonistas do currículo manifesto das aulas de Educação Física.

O estabelecimento de espaços seguros de fala, nos quais as estudantes tenham voz e o/a professor/a exercite a escuta atenta e atue como mediador/a para que os meninos exercitem essa escuta, constitui-se em uma iniciativa imprescindível para o tratamento didático desses saberes atitudinais e para que o futebol possa se estabelecer como uma plataforma de empoderamento das meninas.

Em contrapartida, foi possível observar também que as meninas denunciam a exclusão sofrida por parte de meninos da turma, evidenciando que o exercício do sexismo estrutural não se faz sem qualquer tipo de resistência, assim como evidenciado em outros estudos tais como no de Souza Junior (2003) no qual as alunas, em uma discussão sobre a falta de confiança dos meninos em passar a

bola para elas nos jogos de futebol, denunciam que eles passam a bola para meninos “pouco habilidosos” e excluem meninas consideradas “habilidosas” no futebol. Episódios que denotaram expressões de empoderamento das meninas com a tomada de consciência e o enfrentamento de atitudes discriminatórias também foram registradas ao longo da pesquisa, conforme é possível observar no excerto a seguir:

Ao perguntar: “Quando vocês estavam jogando, meninas, com outros meninos, vocês sentiram que os meninos não passaram a bola pra vocês algum momento?”. A menina C respondeu: “Sim, eu não senti, ele que não passou a bola mesmo”. O que foi reforçado pela menina A: “Os meninos não passaram a bola pra gente”. [...] Perguntei também: “Eu queria saber das meninas se elas têm se sentido incluídas?”. A menina C deu a seguinte resposta: “Ontem eu não me senti não”. Perguntei “Por quê?”. Ela respondeu: “Porque o menino que é do meu time ele não passa a bola, fiquei várias vezes na frente do gol e ele nunca passou a bola pra mim, e por isso que ele não vai jogar mais, na outra que a gente vai jogar, ele não vai”. Argumentei com ela: “Por quê? Mas ele não faz parte do time? Tem que conversar com ele, tem que dialogar com ele”. Ela retrucou: “Eu tentei, só que ele vira as costas e me ignora, e como eu sou a capitã vou deixar ele sentado e outra pessoa que não jogou vai jogar” (Roda de conversa final, aula 10) (MALVAR, 2020, p. 66).

Essa postura reativa da aluna C, que ameaçou “retaliar” o aluno que não passava a bola para ela, deixando-o de fora do jogo quando

ela fosse capitã, pode ser compreendida como um processo de conscientização sobre as condições de opressão exercidas pelos meninos, acompanhada de indignação e de uma subversão contestadora e reativa que estabelece novos contornos para as relações de gênero naquele contexto pedagógico coeducativo.

Outro depoimento que se tornou muito emblemático na pesquisa, atentando para a importância de uma escuta atenta para as angústias, desejos, anúncios e denúncias das estudantes, foi proferido pela aluna B, na roda de conversa de avaliação final do processo (aula 15), quando boa parte das meninas denunciaram os diferentes tipos de violências e incômodos que vivenciavam ao jogar futsal com os meninos. Na roda de conversa ao ouvir as falas dos/as colegas de turma a aluna B comenta: “E a gente teve que aprender a conviver” (MALVAR, 2020, p. 55); referendando o ponto de vista levantado neste tópico do texto que reforça a importância de uma escuta atenta às alunas no sentido de se fazer emergir processos educativos potencialmente empoderadores.

### SOBRE EXPERIÊNCIAS DE EMPODERAMENTO NO FUTEBOL

Nesse tópico do texto pretendo discorrer sobre processos educativos que denotam experiências empoderadoras de meninas emergentes de contextos pedagógicos do ensino do futebol/futsal a partir de três outros estudos desenvolvidos no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional, o ProEF. Em um primeiro momento, abordo a dissertação de Marcos Leiva da Silva Nery (2020), “Fazendo história e vencendo preconceitos: uma

experiência na escola pública com o futsal para meninas”, na sequência trago contribuições da pesquisa de Ana Cristina Gabriel Pereira (2020), intitulada “Ensaio de uma Metodologia da Experiência Crítico-Afetiva nas aulas de Educação Física: impactos sobre as relações de gênero e o empoderamento das meninas” e, por fim, a pesquisa-ação desenvolvida por Tiago Grifoni (2020) intitulada “Processos educativos emergentes de uma unidade didática com o *Fútbol callejero* nas aulas de Educação Física”.

Figura 1. Tira da Dona Isaura #158



Fonte: Junião (2015)

A cena retratada pelo cartunista Junião (2015) na tirinha da *Dona Isaura* ilustrada na Figura 1 traz uma provocação basilar para pensarmos sobre o lugar das meninas no universo do futebol. As incríveis

dificuldades dos homens em lidar com mulheres empoderadas podem ser revisitadas diariamente nas quadras e nos campos pelo Brasil afora.

Damo (2017) discute a aversão dos meninos a jogarem futebol com as meninas sob diferentes prismas, identificando que os argumentos mais frequentemente usados por eles orbitam em torno da generalização de uma inaptidão, incapacidade ou falta de habilidade delas para o jogo, que supostamente estaria ancorada e naturalizada por fatores de ordem biológica. Em contrapartida, o autor levanta outra hipótese de que as meninas ao se lançarem ao jogo com os meninos representam a eles maiores riscos do que desafios. Ou seja, por essa lógica sexista, vencer uma menina ou driblá-la em um jogo não seria motivo de mérito, pois o menino não teria feito nada mais do que sua obrigação, ao passo que ser derrotado ou driblado por ela lhe traria o ônus e o constrangimento de ter suas honra e masculinidade colocadas em suspeição. À medida que a representação do empoderamento das meninas no e pelo futebol se torne mais comum, o fato de elas driblarem os meninos e fazerem gols irá aos poucos deixar de ser tratado como uma alegoria da desonra do macho dominante, afinal de contas, como bem afirma Hargreaves (1993), a percepção do comportamento considerado apropriado para mulheres muda na medida em que o esporte torna-se forma de vida de um número cada vez maior de mulheres, ou seja, projetos de vida protagonizados por futebolistas e esportistas de uma maneira geral redimensionam o escopo dos campos de possibilidades daquilo que se julga apropriado ou não para as mulheres, sedimentando a conquista de novos territórios, novos corpos e novas narrativas.

## O Clube de Aprendizagem de Futsal de Meninas

O projeto desenvolvido pelo professor Marcos Leiva<sup>6</sup> teve como cenário uma escola pública municipal de Fortaleza, no Ceará. A inquietação do professor-pesquisador tem origem quando ao assumir o cargo de professor de Educação Física na referida escola em 2016, deparar-se com um contexto no qual a prática do futebol era praticamente restrita apenas aos meninos.

No ano de 2019, o professor Marcos Leiva criou o projeto Clube de Aprendizagem de Futebol de Meninas, que teve, entre outros objetivos, conhecer, vivenciar e valorizar o futebol e seus aspectos, dentro das possibilidades da realidade da escola; desenvolver as competências de jogo do futebol, além de compreender as questões sociais, históricas e culturais que condicionam a prática do futebol de meninas e mulheres.

Cabe destacar o protagonismo das participantes de um projeto anterior de futebol de meninas, nas estratégias de divulgação do Clube de Aprendizagem, visando ampliar o número de praticantes. A estratégia de elaboração e divulgação do cartaz foi de responsabilidade do professor, mas o convite feito de sala em sala foi de responsabilidade das alunas.

De acordo com o professor, os efeitos dessa iniciativa foram muito positivos e várias meninas entraram no projeto. O professor Marcos Leiva afirma ainda que tornar as meninas porta-vozes do futebol na escola impulsionou o surgimento de novas lideranças no projeto e de novas líderes esportivas na escola.

---

6 Chamarei de professor Marcos Leiva, o professor-pesquisador que academicamente está creditado como Nery (2020).

Desde a primeira aula do Clube de Aprendizagem, o professor Marcos Leiva coloca em relevo o acolhimento com o qual as veteranas receberam as novatas, surpreendendo inclusive o professor-pesquisador com discursos engajados como o proferido por uma das veteranas na roda de conversa que o professor estabelece como uma das rotinas para abrir suas aulas:

É uma prova que o esporte não pode ser só para os meninos, porque antigamente todas as pessoas diziam que cada menino podia escolher seu esporte, o seu emprego, e a mulher não tinha o direito de fazer isso. Agora não, agora nós sabemos que temos nossos direitos e sempre vamos ter. Porque nós temos o direito de escolher o nosso emprego, nosso esporte, o que queremos fazer, nosso futuro, tá nas nossas mãos. (Seguem palmas de todo o grupo e um comentário ao fundo: – Falou bonito!). E8 – Diário de campo: 28/03/2019 (NERY, 2020, p. 95).

A intervenção bem sucedida do Clube de Aprendizagem transbordou para além dos espaços e tempos do projeto, estabelecendo outros contornos para a participação e o protagonismo das meninas nas aulas de Educação Física, que eram espaços de predomínio masculino, sobretudo quando o conteúdo era o futebol e nos momentos de recreio escolar. Sobre o recreio, o professor Marcos Leiva revela que este tratava-se de um espaço e tempo reservados exclusivamente aos meninos, fato que passou a causar contestação por parte das meninas, à medida que foram construindo novos sentidos para a prática do futebol no Clube de Aprendizagem.

Em consonância à máxima de “ocupar para resistir”, evidenciada por Nicolino e Oliveira (2020), é preciso reconhecer que a quadra e outros espaços escolares devem ser analisados como territórios de afirmação da dominação masculina e que a disputa desses espaços pelas meninas com a apropriação dos sentidos e significados do futebol tende a mobilizar a desestabilização da educação generificada dos corpos.

De acordo com o professor Marcos Leiva, a inquietação das meninas sobre o cenário injusto de monopólio dos meninos quanto ao uso da quadra no horário de intervalo entre as aulas recebeu seu apoio e suporte com o fornecimento das condições necessárias para que elas jogassem. No entanto, o professor deixou claro que quem deveria reivindicar essa demanda à equipe gestora da escola seriam as próprias meninas interessadas. Nesse sentido o professor atuou como mediador, mas não como protagonista no processo de elaboração desse conflito de interesses entre meninos e meninas.

De acordo com Berth não se pode assumir o empoderamento como uma “dádiva” ou um fenômeno que alguém possa fazer pelo/a outro/a. Segundo a autora, agentes externos como o professor Marcos Leiva podem atuar como “catalisadores essenciais, mas a dinâmica do processo de empoderamento é definida pela extensão e a rapidez com que as pessoas mudam a si mesmas” (BERTH, 2019, p. 73).

Portanto, podemos dizer que as meninas do Clube de Aprendizagem, ao tomarem consciência crítica da realidade opressiva e injusta de ocupação dos tempos e espaços de lazer na escola e reivindicarem seu direito de ocupar aqueles tempos e espaços, revelam por meio dessa atitude de resistência seu processo de

conscientização e empoderamento por meio da práxis freiriana. A ação de resistência resultou na normatização de um dia semanal para que as meninas tivessem a quadra no tempo do recreio, conquista que não fez com que a luta pelo direito ao futebol cessasse, na medida em que as meninas continuaram pautando a reivindicação pela ampliação dessa ação afirmativa criada pela escola.

### O Futebol Generificado e a Metodologia da Experiência Crítico-Afetiva (MECA)

Diferentemente do professor Marcos Leiva, a professora Ana Cristina Gabriel Pereira desenvolveu sua pesquisa-ação do Mestrado Profissional em um contexto pedagógico coeducativo. Além disso, seu objeto de estudo não focou exclusivamente no futebol/futsal, mas sim nos Jogos Esportivos de Invasão (JEI<sup>7</sup>). O objetivo geral de sua pesquisa, que foi realizada em uma escola pública municipal de Ribeirão Preto-SP, consistiu em analisar os processos coeducativos emergentes de uma intervenção com uma Metodologia da Experiência Crítico-Afetiva com uma turma do 6<sup>o</sup> ano do Ensino

---

7 O termo utilizado no modelo do *Teaching Games For Understanding* (TGFU) são os “jogos de invasão ou territoriais”, definidos como aqueles nos quais as equipes pontuam através da movimentação da bola (ou de um objeto) invadindo o território de jogo da equipe adversária e finalizando para um alvo fixo (cessa/gol) ou movimentando o objeto jogado para uma determinada zona alvo. Para evitar que a equipe adversária marque pontos, a equipe deve evitar a progressão da equipe adversária com bola para o próprio território e interromper/anular a tentativa de pontuar (MITCHEL; OSLIN; GRIFFIN, 2013). Em sua pesquisa, a professora Tininha optou por acrescentar o termo “esportivo” pelo fato de utilizar/abordar o conteúdo Esporte durante toda a pesquisa.

Fundamental nas aulas de Educação Física<sup>8</sup> (PEREIRA, 2020). A Metodologia da Experiência Crítico-Afetiva (Meca) foi o nome que eu, como orientador e a professora Tininha<sup>9</sup>, definimos para representar um modelo de ensino que possui ancoragem em pressupostos da Pedagogia do Esporte, mas não se restringe a estes referenciais, buscando articulações profícuas entre os saberes procedimentais (ou corporais), conceituais críticos e técnicos e atitudinais.

A pesquisa teve como base uma unidade didática que combinava os saberes procedimentais, conceituais e atitudinais de forma articulada durante as aulas, oportunizando experiências motrizes, afetivas e críticas que possibilitavam a tomada de consciência, “o enfrentamento sobre desigualdades de gênero, as problematizações sobre a lógica do ‘natural’ e ‘normal’ na perspectiva social, as rupturas com os estereótipos e paradigmas sociais, entre outras questões que atravessam as relações de gênero” (PEREIRA, 2020, p. 73).

A implementação da Meca estabelecia uma estrutura de aulas com rotinas que possibilitavam a referida articulação dos saberes, conforme segue: a) rodas de conversa iniciais, para introduzir o tema, os objetivos da aula e estimular os relatos de aprendizagens e as experiências prévias trazidas pelos/as alunos/as; b) mediações,

---

8 Para conhecer um pouco mais da intervenção realizada pela professora Tininha, sugiro acessar o vídeo de animação em whiteboard que ela elaborou como produto educacional de seu Mestrado Profissional, que está disponível na plataforma *YouTube* e pode ser acessado pelo *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=wAbO3MutBpc&t=1s> (PEREIRA; SOUZA JUNIOR, 2020).

9 A professora Ana Cristina Gabriel Pereira, que foi minha orientanda no Mestrado Profissional, será tratada como professora Tininha no decorrer do texto, respeitando a designação nominal pela qual é reconhecida e se autorreferencia.

orientações e indagações durante os jogos e nas rodas, a fim de promover reflexões sobre as leituras táticas dos esportes de invasão (lógica interna); e c) as rodas finais de conversa, como momentos de diálogo tanto para refletir a respeito da participação de todos/as nas atividades, como sobre as questões culturais de gênero, expressas no mundo social e esportivo. Além disso, as rodas finais possibilitaram a criação de debates a partir de temas geradores apresentados em aula.

As atividades desenvolvidas ao longo da unidade didática compreendiam jogos táticos situacionais; jogos para sensibilização; debate no formato de júri simulado; *quiz* com uso de tecnologias da informação e comunicação; vídeos para sensibilização crítica, metodologia *Callejera* etc. Sobre a metodologia *Callejera*, tratarei especificamente do *Fútbol callejero* no tópico seguinte, para este momento colocarei em foco o jogo para sensibilização que elaborei em 2010 e denomino de Futebol Generificado<sup>10</sup>.

O Futebol Generificado (SOUZA JUNIOR; MILANI; DARIDO, 2016; SOUZA JUNIOR, 2020) foi um jogo criado para servir de pano de fundo para a discussão de questões de gênero, sobretudo aquelas ligadas às desigualdades de acesso ao mercado de trabalho, ao esporte e ao lazer e à divisão das tarefas domésticas. O nome “Futebol generificado” representa, justamente, a estrutura do jogo que atribui papéis aos/às participantes determinados pelo seu sexo

---

10 Uma animação em vídeo com uma descrição mais detalhada da dinâmica do jogo pode ser acessada na plataforma *YouTube* pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=scfhzSZonal> (SOUZA JUNIOR, 2020).

e/ou gênero. A sugestão é que a atividade venha antes das reflexões, justamente para que sirva de plataforma de discussões, tendo em vista a potência de sensibilização gerada por experiências vividas “de corpo inteiro”. A intenção é partir de reações emocionais que o jogo pode provocar nos/nas participantes e, aos poucos, mediar esses sentimentos por meio das leituras e dos debates já realizados e dos que virão. Recomendo que o/a professor/a explique as regras do jogo, faça a mediação ao longo da partida e procure observar as formas de participação de meninos e meninas para que essas ações sejam recuperadas posteriormente nos debates. Caso seja possível, indico ainda que filme alguns trechos ou o jogo todo para que esses registros também sirvam de parâmetros para as análises e o debate.

Sobre as regras do jogo, tomando como ponto de partida um jogo de futsal convencional, as equipes devem ser formadas por duas meninas e quatro ou cinco meninos cada. As meninas deverão atuar apenas nas áreas de meta da quadra de futsal (ou de algum espaço similar) como defensoras. Os meninos não podem entrar nas áreas de meta defensiva e ofensiva. No restante da quadra, em um jogo muito similar ao futsal convencional, eles se enfrentam com o objetivo de acertar os inúmeros alvos (podem ser garrafas ou cones) espalhados pela linha de fundo da quadra, defendida pela equipe adversária.

Cada alvo derrubado contabiliza um ponto para a equipe atacante. As meninas ficam obrigadas a repor a bola em jogo antes de reorganizar os alvos, sendo que, caso mais alvos sejam derrubados nesse intervalo de reorganização, a pontuação da equipe adversária é dobrada para “punir” a demora das meninas.

Após algum tempo, em uma segunda etapa, novas regras são acrescentadas ao jogo. É concedida a possibilidade de as meninas saírem da área de defesa para participarem do ataque, com a restrição de que apenas elas podem proteger os alvos defensivos. Além disso, a pontuação das meninas vale apenas metade da obtida pelos meninos, ou seja, cada acerto contabiliza 0,5 ponto.

Após mais algum tempo, em uma terceira etapa, altera-se outra regra, determinando que as meninas deverão (e não mais poderão) sair da área e atacar toda vez que suas equipes estiverem com a posse da bola, sendo obrigadas a retornar para a área defensiva toda vez que seu time perder a bola.

Ao fim do jogo, abre-se a discussão sobre a relação do jogo com os papéis socialmente atribuídos aos homens e às mulheres, sobre as relações de trabalho produtor e reprodutor, sobre as desigualdades de gênero no campo do lazer e do esporte. Cabendo ainda, a partir das experiências dramatizadas pelo jogo de Futebol generificado, promover junto à turma reflexões sobre como o futebol impacta, de forma diferente, a socialização e, conseqüentemente, a construção dos processos identitários de meninos e meninas.

Na unidade didática implementada pela professora Tininha, o Futebol Generificado foi desenvolvido em uma das aulas, com a realização de quatro jogos. As meninas mostraram-se desconfortáveis com as regras durante a vivência, sobretudo com aquela que determinava que a pontuação delas valia apenas metade da dos meninos. Podemos assumir que o Futebol Generificado foi fundamental para o processo de conscientização das meninas, na medida em que contribuiu para uma manifestação imperativa delas, que se opuseram aos

privilégios que o jogo conferia aos meninos. Ficou evidente o quanto esse sentir corporal, tributário das regras, fomentou uma criticidade assertiva através da qual as alunas começaram a contrapor essas regras e as condições diferenciadas que lhes foram determinadas, não só no jogo, mas nos diversos contextos sociais. As sensações de injustiça e desigualdade foram compreendidas pelos/as jogadores/as de forma mais genuína, na medida em que foram acessadas por experiências socioafetivas de corpo inteiro (PEREIRA, 2020).

A professora Tininha relata que, por meio do Futebol Generificado, foi debatido a respeito da possibilidade de modificarmos nossos discursos sobre as classificações atribuídas aos espaços e afazeres rotulados como masculinos e femininos. A turma assumiu a importância de existir a parceria entre os homens e as mulheres para realizarem juntos os trabalhos domésticos, o cuidado com os/as filhos/as, o trabalho fora de casa, e usufruírem igualmente do tempo destinado ao lazer.

Algumas questões problematizadas na roda de conversa do Futebol Generificado foram: a) a comparação do espaço do pátio da escola com o espaço público, no qual, muitas vezes, os meninos jogam e as meninas não conseguem participar; b) a parceria na divisão das tarefas domésticas, fator que corroboraria com o aumento do tempo de lazer tanto para homens como para as mulheres, e c) a desvalorização do trabalho doméstico, por não estar vinculado ao “valor remunerado”.

Os processos educativos emergentes da Metodologia da Experiência Crítico-Afetiva suscitaram relatos que remetem a experiências de empoderamento que categorizamos a partir de duas

matizes, quais sejam, o empoderamento discursivo e o empoderamento tático-técnico.

Do ponto de vista do empoderamento discursivo, mais uma vez vale a pena chamar a atenção para a importância de processos educativos que se revelem catalisadores da conscientização crítica em relação às condições de opressão. A narrativa da aluna 26 é sintomática desses processos emergentes da implementação da MECA: “Eu sempre achava, também, que menina não podia jogar futebol, porque minha mãe sempre falava que menina tem que ficar brincando de boneca. Aí quando a gente começou a falar isso, aí que eu percebi que não é assim, que menina pode fazer o que ela quiser [...]”.

A aluna 7 também é reveladora desses processos de empoderamento discursivo: “Eu me senti confiante com o que eu estava fazendo, tipo você ter confiança em você, é você saber que você pode”. Para além do sentimento de confiança, a professora Tininha identifica nas meninas confrontos discursivos a respeito da não aceitação de determinadas práticas sociais hegemônicas e dominantes, tais como: o monopólio e a dominação dos meninos nos jogos esportivos de invasão, a reprodução de discursos machistas pelos/as professores/as e familiares e a desvalorização do trabalho das mulheres tanto nos espaços domésticos como nos públicos (PEREIRA, 2020).

Em que pese o caráter imprescindível desses processos de empoderamento discursivo, não podemos perder de vista sua incompletude em se tratando dos contextos pedagógicos esportivos, na medida em que as disputas de narrativas são atravessadas por sentidos e significados ancorados pela corporeidade. Ou seja, pensando em projetos de iniciação esportiva, possuir discursos empoderados

consistentes do ponto de vista argumentativo não se materializa em uma participação ativa nos jogos caso essas meninas não se apropriem de um saber jogar que também demarca a consolidação desse processo de empoderamento.

Por meio das filmagens das aulas, foi possível perceber o aumento da participação das meninas nos jogos. A professora Tininha observa que nas aulas iniciais da unidade didática a quantidade de meninas que apresentava certo distanciamento e passividade nas interações motrizes entre jogadores/as era consideravelmente maior em relação ao final da implementação da MECA. As cenas notadas a respeito da discreta participação de algumas alunas nas principais ações tático-técnicas do futebol foram: afastamento lateral no espaço de jogo (ficavam de canto), escassa realização de trocas de passes para elas, dificuldades delas no controle da bola (recepção, domínio, condução, passe, finalização, drible) e aglomerações de jogadoras ao redor da bola.

Outra observação foi com relação à motivação. Em um primeiro momento, a participação das meninas, e também de alguns meninos, acontecia de modo mais tímido, sem muita “empolgação” e/ou vibração. A movimentação de alguns/algumas jogadores/as parecia ficar mais restrita e delimitada. Durante a realização dos jogos reduzidos de futebol, em um dos grupos a criação de linhas de passe estava concentrada apenas com os meninos. As meninas ficavam “em segundo plano”, e o monopólio do jogo era dos alunos.

Não era somente sobre o conhecimento declarativo relacionado às demandas táticas do futebol e outros jogos de invasão que algumas alunas estavam se apropriando. A compreensão desses saberes

tronara-se mais evidente para as meninas. Para além dessa compreensão, a liberdade de expressão no conduzir a bola e executar aquelas competências que exigiam percepção, tomada de decisão e execução técnica circunstanciada pela tática (saber corporal), parecia legitimar entre os/as parceiros/as da turma que futebol também era um esporte para as meninas e com as meninas, conforme atesta a asserção da aluna 2: “Me achei bem melhor. [...] Ai, professora, uma coisa que achei que me empenhei mais em jogar, sabe? Porque eu, assim, eu tinha mais vergonha de me apresentar, de chamar as pessoas para passarem a bola pra mim [...] eu aprendi mais a jogar, aprendi mais a conversar com o time”.

### O Fútbol Callejero

A pesquisa de Tiago Grifoni (2020) teve por objetivo analisar os processos educativos relacionados aos saberes atitudinais, decorrentes do *Fútbol callejero* nas aulas de Educação Física<sup>11</sup>. A pesquisa-ação foi desenvolvida por meio da implementação de uma unidade didática estruturada com uma turma de 9<sup>o</sup> ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual, do município de Araraquara-SP.

O *Fútbol Callejero* consiste em uma proposta de resignificação da estética e da ética do futebol convencional, no sentido de configurá-lo como uma experiência de Educação Popular. Os princípios fundantes

---

11 Uma síntese da pesquisa pode ser acessada pelo produto educacional, que consiste em um vídeo de animação em *whiteboard* disponível na plataforma *You Tube* pelo link: [https://www.youtube.com/watch?v=lzmmDl3E\\_kU&list=PLla6e78HjaRh05jHHe3o-ZPmwSCBEFvkq](https://www.youtube.com/watch?v=lzmmDl3E_kU&list=PLla6e78HjaRh05jHHe3o-ZPmwSCBEFvkq) (GRIFONI; SOUZA JUNIOR, 2020).

que sustentam a prática do *Fútbol callejero* são respeito, cooperação e solidariedade (ROSSINI *et al.*, 2012). Princípios estes pontuados no jogo. As partidas são compostas por três tempos, disputadas por equipes necessariamente integradas por meninos e meninas e prescindindo da figura do/a árbitro/a. Todas as decisões acerca de regras, situações de jogo, duração e dinâmica da partida são tomadas pelos/as jogadores/as sob a supervisão de um/a mediador/a.

Belmonte (2019) discute que todos os elementos do processo histórico da gênese e espraiamento do *Fútbol Callejero* estabelecem uma relação dialética de interdependência que culminaram na emergência da metodologia do *Fútbol callejero* que de maneira objetiva pode ser descrita da seguinte forma:

- Equipes mistas: disputas de jogos de futebol nos quais há a prerrogativa da formação das equipes compostas por homens/meninos e mulheres/meninas;
- Dispensa de árbitro(a): todas as decisões e encaminhamento das situações ocorridas em uma partida são exclusivamente deliberadas(os) pelos(as) jogadores(as) participantes dessa partida;
- Participação de um/a Mediador/a: o/a mediador/a assume a responsabilidade de auxiliar as equipes nos momentos de diálogos para o estabelecimento de acordos e regras no 1º Tempo; observar os acontecimentos decorrentes do jogo no 2º Tempo; facilitar o diálogo para consenso entre as equipes acerca do resultado final da partida, que reflete a somatória dos pontos atribuídos pela conversão dos gols para pontos,

acrescidos dos pontos conquistados em análise de cada um dos Pilares do *Fútbol callejero* no 3º Tempo (Respeito, Cooperação e Solidariedade).

- Partida dividida em 3 tempos: o jogo inicia-se com o 1º Tempo, momento no qual jogadores e jogadoras estabelecem acordos acerca das regras que serão adotadas na partida, sem interferência externa nas proposições; no 2º Tempo, ou “Tempo de bola rolando”, é desenvolvido o jogo em si, orientado pela dinâmica das regras propostas e acordadas coletivamente; por fim, no 3º Tempo, que também é conhecido por Mediação, ocorre novo momento de diálogo coletivo para a definição da pontuação obtida por cada equipe, à luz da conversão de gols para pontos e pelos pontos referentes a cada um dos “pilares”.
- Pontuação dos “pilares” ou “Valores” do *Fútbol Callejero*: o resultado final de um jogo de *Fútbol Callejero* é obtido pela conversão dos gols assinalados no 2º Tempo para pontos e, em seguida, a esse placar são acrescidos os pontos que foram atribuídos pela conquista de cada um dos Pilares: Respeito, Cooperação e Solidariedade, avaliados no 3º Tempo.
- Os pilares podem ser definidos da seguinte forma. Respeito: é analisado o respeito mútuo entre os jogadores e jogadoras, bem como em relação às regras e acordos que foram estabelecidos coletivamente; Cooperação: é avaliada a participação intraequipe, ou seja, se as pessoas de uma determinada equipe se mobilizaram para que seus/ suas colegas de time (meninos e meninas) tivessem oportunidades de participação justa/

igualitária; Solidariedade: avalia a participação entre equipes, ou seja, aquilo que os jogadores e jogadoras de uma equipe fizeram para seus/suas oponentes de maneira a tornar o jogo mais justo e equilibrado.

A intervenção do professor Tiago com a unidade didática do *Fútbol Callejero* teve como ponto de partida um diagnóstico com o jogo de futebol convencional, que revelou que a turma reproduzia situações nas quais as meninas eram excluídas e/ou discriminadas nos jogos. Gradativamente, com as problematizações e reflexões propiciadas no 1º e no 3º Tempo da Metodologia, foi possível sensibilizar a turma em relação à igualdade de gênero. A característica do *Fútbol Callejero* de propor equipes necessariamente mistas contribuiu para que as meninas se posicionassem criticamente em relação à exclusão que vinham sofrendo nos jogos.

A experiência com o *Fútbol Callejero* contribuiu para desconstruir o preconceito de meninos jogarem com meninas e vice-versa e com as modificações das regras foi possível democratizar a participação de todos/as. À medida que a turma se apropriou dos pilares da metodologia, as meninas e alguns meninos considerados menos habilidosos se posicionaram de maneira crítica e assumiram o protagonismo durante os jogos, evidenciando o caráter inclusivo e democrático da proposta do *Fútbol callejero* (GRIFONI, 2020).

A autonomia na construção das regras e o espaço aberto ao diálogo foram essenciais para promover as mudanças observadas em relação aos aspectos atitudinais, como cooperação, respeito, solidariedade, empatia, tolerância. A ausência de um agente externo para

mediar os conflitos e situações de jogo proporcionou o exercício da autonomia e o protagonismo dos seus participantes.

A assimilação dos três pilares promoveu regras inclusivas, em detrimento das regras do esporte de rendimento. Isto foi fundamental para melhorar a qualidade de participação dos/as estudantes durante as aulas. Esse movimento de se colocar no lugar do outro possibilitou o exercício que denominamos de cuidado com o outro.

Belmonte (2019) analisa o potencial do *Fútbol Callejero* ou da emergência de uma Motricidade *Callejera* em uma dimensão mais ampla, como uma potente ferramenta para superar as três cabeças da opressão apontadas por Martins e Santos (2017 *apud* BELMONTE, 2019), quais sejam, “capitalismo”, “colonialismo” e “patriarcado”.

Segundo Belmonte (2019), o *Fútbol Callejero* é anticapitalista, pois emerge originalmente de um projeto de Educação Popular, promovendo uma educação emancipadora para jovens. Em seu processo histórico o *Fútbol Callejero* também evidenciou essa “vocação anticapitalista” ao organizar no Brasil o “1º Mundial de *Fútbol Callejero*” no ano de 2014, rompendo com a lógica neoliberal da FIFA e estruturando arenas/canchas populares montados em espaço público intencionalmente concebidos para que o povo pudesse assistir gratuitamente ao evento.

O *Fútbol Callejero* é antipatriarcal, pois enquanto uma normativa de sua metodologia possui a prerrogativa de formação de equipes compostas por homens/meninos e mulheres/meninas. Entre as categorias de análise emergentes do estudo de Belmonte (2019), destaca-se a que o autor intitulou de “Cuidado *Callejero*”, que esteve imersa em processos educativos, tais como empatia; horizontalidade

das relações; autoestima; acolhimento; o olhar-para-si e a equidade promovida pela alteração das regras para possibilidade de inclusão de pessoas com diferentes habilidades técnico-táticas para jogar futebol, todos atributos que atuam contra os imperativos do patriarcado.

E, por fim, o *Fútbol Callejero* é anticolonialista, pois, segundo Belmonte (2019), ao estabelecer interfaces entre Educação Popular com um “localismo globalizado”, desde uma relação de alteridade e não de subalternidade, estabeleceram-se os alicerces para a emergência de uma nova prática, transformada a cada ocasião dada a sua premissa de autorregulação a cada partida. Outro indicativo da “natureza” anticolonialista *Callejera* consiste na ausência de um “agente externo de poder”, pois no *Fútbol Callejero* não existe a figura de um(a) árbitro(a) que delibera sobre as decisões. O mediador ou mediadora não substitui um(a) árbitro(a), este(a) tem o papel de apenas facilitar o diálogo, fazer a mediação entre as situações problematizadas e encaminhamentos coletivamente deliberados.

O professor Tiago destaca ainda evidências do empoderamento das meninas que extrapolam os tempos e espaços das aulas de Educação Física, na medida em que as meninas da turma passaram a ocupar espaços monopolizados pelos meninos, como o campo de futebol da praça ao redor da escola.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que o futebol ocupa na sociedade brasileira um importante espaço no campo simbólico, assumindo o estatuto de marcador identitário da brasilidade, faz-se necessário trazer para o

debate o fato desse futebol pelo qual os homens brasileiros se identificam restringe-se ao praticado pelos homens.

Rial (2012) reforça essa tese ao discutir o fato de as mulheres sofrerem uma dupla rejeição no futebol, pois ao serem proibidas de jogar, de discutir e de pertencerem ao mundo do futebol, elas são rejeitadas como mulheres e como cidadãs brasileiras por não terem a oportunidade de usufruir dessa identidade plena conferida pelo futebol. Goellner (2020) reforça essa tese ao afirmar que sendo o Brasil um país em que o futebol é discursivamente incorporado à identidade nacional, faz-se necessário reconhecer o quanto para as mulheres este é um espaço ainda a ser conquistado.

Assumindo a escola como espaço privilegiado para a elaboração de experiências que afetam nesses processos de construção identitária, busquei trazer para o debate alguns processos educativos que demarcaram um rearranjo das imagens de controle negativo sobre a prática do futebol por meninas nas escolas e, sobretudo, nas aulas de Educação Física. Entre as estratégias que tendem a operar para uma agenda positiva de inclusão das meninas pelo e para o futebol, coloco em relevo a importância de oferecer uma escuta atenta às demandas dessas meninas, na medida em que o reconhecimento das micropolíticas de violência simbólica sofridas por elas cotidianamente em contextos pedagógicos de futebol em turmas mistas precisa ser trazido à tona e elaborado coletivamente, promovendo o processo de conscientização crítica dos/as alunos/as.

As experiências do Clube de Aprendizagem do Futebol de Meninas, da Metodologia da Experiência Crítico-Afetiva, sobretudo por meio do jogo de Futebol Generificado, e do *Fútbol Callejero*

tematizam a pluralidade de abordagens capazes de catalisar nas meninas experiências empoderadoras que afirmam que o lugar das meninas é onde elas quiserem, inclusive no futebol. À medida que mais meninas são vistas circulando nas escolas e pelas ruas com chuteiras, bolas e camisas de times de futebol, mais meninas passarão a se reconhecer e a ter validados seus desejos e projetos de vida, se expressando com liberdade e prazer.

À medida que mais meninas são vistas circulando pelas ruas com chuteiras, bolas e camisas de times de futebol, mais meninas passarão a se reconhecer e a ter validados seus desejos e projetos de vida, expressando-se com liberdade e prazer. O aumento da visibilidade da prática do futebol por meninas e mulheres estabelece as bases para a consolidação e legitimação de processos identitários que permitam que elas exerçam de forma plena sua cidadania brasileira, identificando-se e sendo identificadas também com o futebol.

Em que pese o fato do ponto de ancoragem do presente estudo situar-se nas experiências empoderadoras das meninas pelo futebol, não podemos perder de vista que os processos educativos que emergem das propostas pedagógicas aqui analisadas extrapolam este objetivo, revelando-se como potentes engrenagem para se estabelecer um novo ordenamento das relações humanas no cotidiano escolar, na qual meninos, meninas, professores, professoras, diretores, diretoras, funcionários, pais, mães etc., empoderem-se mutuamente para esperarmos uma Educação humanizada e humanizadora. Enfim, é preciso assumir que um outro futebol é possível e necessário.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. 1ª ed. São Paulo: Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

BELMONTE, Maurício Mendes. *Fútbol Callejero: processos decorrentes de uma motricidade emergente*. 2019. 523 f. Tese (doutorado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), campus São Carlos, São Carlos, 2019.

BERTH, Joice. *O que é empoderamento?* Belo Horizonte, MG: Letramento, 2018. (Coleção Feminismos Plurais).

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., ANPOCS, 2007.

DUNNING, Eric. *El fenómeno deportivo: estudios sociológicos en torno al deporte, la violencia y la civilización*. Traducción: Pedro González Del Campo Román. Barcelona: Editorial Paidotribo, 2003.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia: cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Futebol de mulheres: histórias, memória e desafios. In: MARTINS, Mariana Zuanetti; WENETZ, Ileana (orgs.). *Futebol de mulheres no Brasil: desafios para as políticas públicas*. Curitiba-PR: CRV, 2020. p. 21-28.

GRIFONI, Tiago. *Processos educativos emergentes de uma unidade didática com o Fútbol callejero nas aulas de Educação Física*. 2020. 166 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional-ProEF) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2020.

GRIFONI, Tiago; SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira de. *Processos educativos emergentes de uma unidade didática com o Fútbol callejero nas aulas de Educação Física*. 2020. (7m48s). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=lzmmDl3E\\_kU&list=PLLa6e78HjaRh05jHHe3oZPmwSCBEFvkq](https://www.youtube.com/watch?v=lzmmDl3E_kU&list=PLLa6e78HjaRh05jHHe3oZPmwSCBEFvkq)>. Acesso em: 1 jun. 2020.

HARGREAVES, Jenniffer. Promesa y problemas en el ocio y los deportes femeninos. In: BROHM, J. M. et al. *Materiales de sociología del deporte*. Madrid: La Piqueta, 1993. p. 109-132.

JUNIÃO. *Dona Isaura*. n.158. 14 jan. 2015. 1 ilustração. Disponível em: [http://www.juniao.com.br/wp-content/uploads/2014/03/Tira\\_Dona\\_Isaura\\_0158\\_juniao\\_14-janeiro\\_2015-72.jpg](http://www.juniao.com.br/wp-content/uploads/2014/03/Tira_Dona_Isaura_0158_juniao_14-janeiro_2015-72.jpg) Acesso em: 24 ago. 2020.

KESSLER, Claudia Samuel. Se é futebol, é masculino? *Sociologias Plurais*. Curitiba, n. 1 – especial, p. 240-254, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/sclplr/article/view/64807> Acesso em: 8 fev. 2021.

MALVAR, Antonio Jorge Martins. *A participação das meninas nas aulas de Educação Física: dilemas de um professor no ensino do futsal*. 2020. 114 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional-ProEF) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

MALVAR, Antonio Jorge Martins; SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira de. “*E a gente teve que aprender a conviver*”: a peleja de um professor no ensino do futsal. Cordel. 11 f. 2020. Disponível em: <https://www.proef.ufscar.br/arquivos/bancas-e-eventos/cordel.pdf>. Acesso em 25 out. 2020.

MOURA, Eriberto Lessa. O futebol como área reservada masculina. In: DAOLIO, Jocimar (Ed.), *Futebol, cultura e sociedade* (p. 131-147). Campinas: Autores Associados, 2005.

NERY, Marcos Leiva da Silva. *Fazendo história e vencendo preconceitos: uma experiência na escola pública com o futebol para meninas*. 2020. 150 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

MITCHEL, S.A.; OSLIN, L.J.; GRIFFIN L.L. GRIFFIN L.L. *Teaching Sport Concepts and Skills. A Tactical Games Approach for Ages 7 to 18*. Champaign, IL: Human Kinetics, 2013.

NICOLINO, Aline; OLIVEIRA, Valléria Araújo. “Ocupar a quadra”, empoderando meninas: ampliando diálogos sobre futebol e gênero nas aulas de Educação Física. *Cadernos de Formação RBCE*. Florianópolis-SC, v. 11, n. 2, p. 61-70, set., 2020.

PEREIRA, Ana Cristina Gabriel. *Ensaio de uma Metodologia da Experiência Crítico-Afetiva nas aulas de Educação Física: impactos sobre as relações de gênero e o empoderamento das meninas*. 2020. 191 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

PEREIRA, Ana Cristina Gabriel; SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. *MECA – gênero e empoderamento nas aulas de Educação Física*. 2020. (10m40s). Disponível em: <https://youtu.be/wAbO3MutBpc>. Acesso em: 29 jun. 2020.

RIAL, Carmen. *Ludopédio*. Parte 2. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/entrevistas/carmen-rial-parte-2/> Acesso em: 11 fev. 2021.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROSSINI, Luciano; SERRANI, Esteban; WEIBEL, Matías; WAINFELD, Manuel. *Fútbol Callejero: juventud, liderazgo y participación – trayectorias juveniles em organizaciones sociales de América Latina*. Buenos Aires: FUDE, 2012.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. *Co-educação, Futebol e Educação Física Escolar*. 2003. 136 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade – Área de Pedagogia da Motricidade Humana) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. Animação Futebol Generificado. *YouTube*, 28 jun. 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=scfhzS-Zonal>> Acesso em: 24 out. 2020.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira; MILANI, Amanda Gabriele; DARIDO, Suraya Cristina. Problematizar la cuestión de género en la educación física. *Tándem – Didáctica de la Educación Física*, n. 54, p. 41-44, out. 2016.

## CAPÍTULO 4

### AS HISTÓRIAS DO FUTEBOL PRATICADO PELAS MULHERES NO BRASIL: CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

MATEUS CAMARGO PEREIRA<sup>1</sup>  
FERNANDA MORETO IMPOLCETTO<sup>2</sup>

#### INTRODUÇÃO

A enorme audiência conquistada pela Copa do Mundo de Futebol Feminino, em 2019, na França, transmitida no Brasil pela Rede

- 1 Graduado em Educação Física pela UNICAMP (2003). Mestre em Educação pela UNUCAMP (2006). Doutor em Desenvolvimento Humano e Tecnologias pela UNESP (2019). Docente do IFSULDEMINAS – campus Muzambinho (2010). Co-coordenador do GEPROFEF-IFSULDEMINAS. Pesquisador do ensino de História da Educação Física, do futebol de mulheres e educação física escolar.
- 2 Possui graduação em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP de Rio Claro (2000), mestrado em Ciências da Motricidade pela UNESP de Rio Claro (2005) e doutorado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias pela mesma universidade (2012). É professora Assistente Doutora do Departamento de Educação Física da UNESP de Rio Claro, responsável pelas disciplinas de Educação Física escolar I, II e III. É docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias (mestrado e doutorado) e do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede. Coordena o grupo de estudos LETPEF (Laboratório de Estudos e Trabalhos Pedagógicos em Educação Física Escolar). Desenvolve pesquisas principalmente na área de Educação Física escolar e Pedagogia do Esporte.

Globo e parceiras, deu-se num contexto de ampliação e diversificação da cobertura de diversas mídias, decorrente das exigências da CONMEBOL aos “clubes de camisa” (PEREIRA, 2019). Junto da abordagem de aspectos técnicos e táticos das equipes e jogadoras, destacou-se a trajetória de luta das mulheres pelo direito à prática do futebol. Pesquisadoras e ex-atletas desbravadoras em períodos de proibição (1941-1979) e imediatamente posteriores tornaram visíveis as condições de marginalização da modalidade. Quando liberado pelas autoridades, o futebol de mulheres foi terreno pródigo para a estigmatização das atletas, sem condições satisfatórias para a profissionalização e sofrendoras de hostilidades quanto à sua aparência e sexualidade supostamente destoante da heteronormatividade hegemônica (DARIDO, 2002; GOELLNER, 2005). Para compreender de que forma se construiu essa visão sobre o futebol de mulheres é necessário lançar luzes sobre a trajetória de interdições sofridas no Brasil. Tal temática tem ocupado uma série de pesquisadores e pesquisadoras engajados na visibilidade das iniciativas em diferentes tempos: Moura (2003), Mourão e Morel (2005), Franzini (2005), Goellner (2005), Silva (2015), Pinheiro e Lima (2018), Bonfim (2019) entre outros. Nosso foco nesse artigo volta-se para outro objeto de estudo: a mobilização e apropriação do conhecimento histórico sobre o futebol de mulheres. Nessa direção acionamos as elaborações sobre a Didática da História do historiador e filósofo alemão Jorn Rüsen (2001; 2007; 2010), que dedicou especial atenção à formação histórica promovida em museus, pelos meios de comunicação, arquivos, literatura etc., a partir do conceito de Consciência Histórica (CH), enunciada como a “soma das operações

mentais com as quais os homens interpretam sua experiência de evolução no tempo de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo” (RUSEN, 2001, p. 87). As percepções se manifestam através de Narrativas Históricas nas quais passado, presente e futuro se conectam num raciocínio contínuo. As pessoas experienciam os dados históricos, os interpretam e orientam suas ações sobre determinado tema. Esse movimento de conexão pode assumir quatro formas: Consciência Histórica Tradicional, Exemplar, Crítica e Genética (RUSEN, 2007).

A CH Tradicional (CHT) ocorre quando a realidade é explicada sob a perspectiva das permanências, da tradição. Explicações do presente e perspectivas de futuro são resumidas na frase “as coisas sempre foram assim e sempre serão”. A CHT encontra representação em algumas visões religiosas nas quais o futuro está dado a priori e se restringe à busca da eternidade representada pelo “céu”.

Na CH Exemplar a História é vista como um estabelecimento de regras e normas de atuação atemporais, orientando a atuação do agir no presente. As explicações do presente são pautadas por exemplos históricos, recuperados de forma seletiva. As pessoas atribuem a si mesmas a referência do agir correto, enxergando a versão histórica como algo universal e de forma supratemporal. Frase recorrente: “a experiência ensina que...”. Nas CHs Tradicional e Exemplar o tempo é eternizado como sentido.

Na CH Crítica rompe-se com as explicações correntes, consagradas, com a ideia de continuidade da história. Reconstroem-se as narrativas questionando a plausibilidade das explicações anteriores.

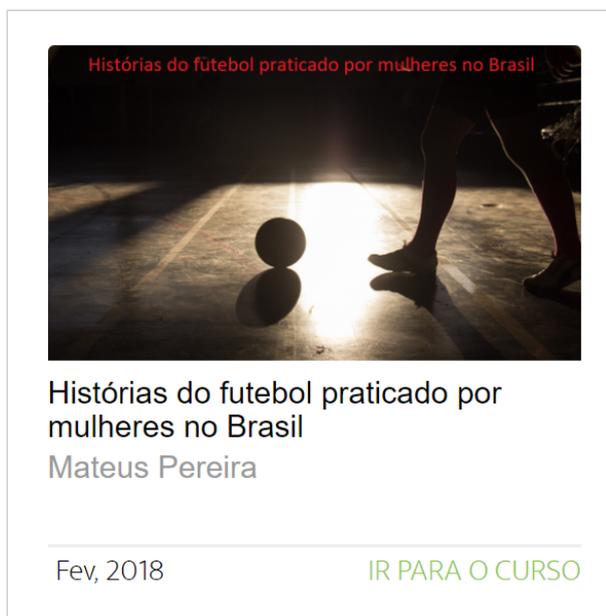
Uma frase que ilustra tal forma de CH seria: “Será que foi dessa forma mesmo?”

Na CH Genética a História é vista como processo de mudanças nas quais os tempos alteram as formas de ler a realidade, pois pautados por elementos diferentes de épocas anteriores. Trabalha com a ideia de desenvolvimento. Uma possível frase ilustrativa seria: “Naquela época funcionava assim, hoje os parâmetros são outros”. Nas CH Crítica e Genéticas as explicações históricas são questionadas, e a História é tratada como processo protagonizado pelos seres humanos. Schmidt e Garcia (2005) compreendem que nos processos pedagógicos devem sempre ser buscadas as CH Crítica-Genética, pois:

se aproxima do que o educador brasileiro Paulo Freire define como a passagem da consciência ingênua para a consciência crítica. Para o autor, esse processo não implica que o educador e o educando, em determinado estágio de aprendizado, entendam todo o significado das palavras e conceitos, mas que tenham possibilidades de explicitar mudanças em sua compreensão do mundo (SCHMIDT; GARCIA, 2005, p. 303).

Entre 2016 e 2019 realizamos investigação resultante em tese de doutorado voltada, entre outros objetivos, à compreensão da Consciência Histórica de estudantes e professores de educação física participantes do Curso *Online* Aberto Massivo (MOOC) sobre as “Histórias do futebol praticado por mulheres no Brasil”. As figuras 1 e 2 ilustram a capa e os temas das aulas realizadas entre fevereiro e maio de 2018.

Figura 1. Capa do curso (2018)



Fonte: O autor

O curso foi ofertado integralmente à distância, gratuitamente, através da plataforma *TimTEC*, como curso de extensão do IFSULDEMINAS. As aulas eram compostas por vídeos, textos, *links* da exposição “Visibilidade para o futebol feminino” – alojados na página do Museu do Futebol –, atividades de aprofundamento e sugestões para a abordagem dos temas no contexto da “quadra de aula”. Os 31 concluintes (19 professores e 12 estudantes) receberam um certificado de 40 horas. Entre as avaliações realizadas, a atividade final buscou explorar situação-problema sobre uma

Figura 2. Programação e atividades do MOOC (2018)

## ESTRUTURA DO CURSO

- Antes do curso começar.  
Os (As) participantes conhecerão seu instrutor, o formato do curso e se apresentarão no fórum de discussões. Farão sua primeira atividade avaliativa, na qual apresentarão seus saberes sobre a história do futebol praticado por mulheres no Brasil.
- Aula 1: Origens do futebol praticado por mulheres no Brasil: primeiras práticas registradas até a proibição (1921-1941).  
Serão apresentados os primeiros registros sobre a prática do futebol praticado por mulheres no Brasil bem como os argumentos que levam à proibição legal para a sua prática no país.
- Aula 2: O jogo continua mesmo impedido: primeiras experiências de resistência à proibição do futebol praticado por mulheres no Brasil (1941-1965).  
Nesta aula será abordado o longo período de proibição da prática do futebol pelas mulheres e como elas se organizam para transgredir.
- Aula 3: Praticando em campo esburacado: histórias de resistência em novo cenário de proibição (1965-1979).  
Nesta aula o período final do crescimento dos registros do combate à proibição ganha visibilidade, ocasionando no fim das restrições à prática, ainda que se mantivesse a negativa de profissionalização das atletas.
- Aula 4: As primeiras experiências de futebol liberado (1980-1991).  
Serão abordadas as lutas para "anistiar" o futebol praticado pelas mulheres, ocorrida em 1983, bem como as primeiras iniciativas de organização de torneios e da seleção brasileira da modalidade.
- Aula 5: A lenta profissionalização do futebol praticado pelas mulheres no Brasil (1991 a 2001): parte 1.  
Nesta aula será tematizada o percurso do futebol em sua tentativa de profissionalização, amparada pelos resultados relevantes alcançados pelo selecionado nacional bem como o advento de ligas locais com algum recurso.
- Aula 6: A lenta profissionalização do futebol praticado pelas mulheres no Brasil (2001 a 2008): parte 2.  
Nesta aula será tematizada a continuidade do percurso do futebol em sua tentativa de profissionalização, amparada pelos resultados relevantes alcançados pelo selecionado nacional bem como o advento de ligas estrangeiras da modalidade.
- Aula 7: Produção de texto respondendo a uma questão-problema.  
Resposta a um questionário aberto sobre o curso e a metodologia à distância.

Fonte: O autor

jovem atleta e seus dilemas para tornar-se profissional de futebol. Para fins deste artigo recortamos parte da investigação referente às narrativas dos professores<sup>3</sup>, denominados alfanumericamente como P1 até P19. Todos preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)<sup>4</sup>. A formulação da questão-problema baseou-se em exemplos formulados por Rösen (2010), Alves (2011) e Balestra (2015).

### Quadro 1: Questão-problema

Leia atentamente o enunciado a abaixo e ao final, responda a questão, enviando a resposta para mateusmooc@gmail.com.

Assunto: resposta questão-problema.

Cristina, uma aluna de 15 anos, aficionada por futebol e ótima jogadora, te procura pedindo uma orientação. Ela relata que quer ser jogadora de futebol profissional, mas que está insegura em tentar a carreira por vários motivos. Sua família tem um histórico frustrante na modalidade. Seu pai sempre jogou futebol amador; teve uma carreira de 10 anos no futebol profissional que não foi próspera: foi enganado por empresários, não recebeu salários corretamente nos clubes por onde passou e acabou impossibilitado de continuar jogando após uma séria contusão no joelho. Ela era muito jovem, não tem muita lembrança do pai jogador, só das histórias que ele conta.

3 A análise da apropriação docente foi publicada na Revista Movimento (Qualis A2), em 2020, sob o título Consciência Histórica de estudantes de educação física: uma análise a partir da teoria da aprendizagem histórica de Jörn Rösen. Disponível no [link](https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/99853) <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/99853>

4 A pesquisa a qual este trabalho está vinculado foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Biociências da UNESP de Rio Claro, sob o número 2.375.376.

A trajetória de sua irmã 6 anos mais velha, Cristina conseguiu acompanhar mais de perto. Apesar de tudo o que ocorrera com o pai, tentou a carreira de jogadora de futebol entre os 16 e 20 anos, inspirada no sucesso da jogadora Marta e da geração que foi bem-sucedida na década de 2000.

Entretanto, não conseguiu se firmar: baixos salários, condições de trabalho ruins e contratos curtos foram recorrentes nos seus anos de tentativa. Dessa forma, deixou de jogar profissionalmente, voltando aos bancos escolares para fazer educação física na faculdade federal localizada na pequena cidade onde moram.

Ela tem memória do final da carreira da irmã, de suas frustrações e da difícil decisão de parar de jogar. Mesmo assim, está propensa a fazer a tentativa; a família não opinou, deixando a seu critério seguir ou não.

Cristina argumenta que as coisas estão melhorando para o futebol, que tem conhecidas da irmã jogando fora do país, com bons contratos, e que quer tentar a sorte como jogadora. Ela tem acompanhado nas redes sociais alguns movimentos feministas e reivindica o direito de fazer valer a sua vontade de tentar a carreira.

A família é pobre, já que o pai não conseguiu ter uma profissão fixa pós carreira de jogador; e a mãe foi prejudicada na sua escolarização por conta das muitas viagens e pouco tempo morando na mesma cidade. Além disso, ficara cuidando de duas filhas pequenas, de forma que somente agora está fazendo faculdade, à noite, enquanto trabalha durante o dia.

Considerando os elementos históricos trabalhados ao longo desse curso e sua percepção sobre a realidade atual da modalidade praticada pelas mulheres, qual orientação você daria para Cristina?

Justifique a sua resposta com todo tipo de argumento que puder mobilizar.

**Fonte:** MOOC. Elaborado pelo autor (2019)

O texto explorou uma situação fictícia que teve como protagonista a jovem Cristina e foi baseado no percurso histórico da modalidade tematizada no MOOC. Não havia uma resposta correta, visto que se objetivava compreender como os sujeitos operavam com a

informação histórica em termos de interpretação e orientação para a vida prática. Dessa forma, as análises limitaram-se ao tipo de CH mobilizada, com detalhamento das competências de orientação, um de seus componentes. A competência de orientação, “de caráter prático, um letramento histórico, ou seja, a capacidade de aplicar as ideias e conhecimentos que produzimos reflexivamente para orientar nossa vida prática, na tomada de decisões cotidianas” (CERRI, 2010, p. 275), foi provocada na questão-problema

**Quadro 2:** Caracterização dos professores

<b>Professor</b>	<b>Gênero</b>	<b>Caracterização</b>
P <sub>1</sub>	M	24 anos; licenciado em EF IFSULDEMINAS (2016); Mestre em Educação pela UNIFAL (2018).
P <sub>2</sub>	F	Licenciada em EF pela Universidade Estadual de Campinas (2001); atuar no ambiente escolar desde formada, na rede estadual de São Paulo.
P <sub>3</sub>	F	Licenciada em EF pelo IFSULDEMINAS (2018)
P <sub>4</sub>	F	25 anos; formada em licenciatura e bacharelado em EF pelo IFSULDEMINAS (2016 e 2017) e especialista em Neuropsicopedagogia, Educação Especial e Inclusiva. Professora de natação do ensino médio integral de uma escola Essadual de Alfenas; professora de Educação Física na APAE de Areado; professora particular de hidroginástica e dança.
P <sub>5</sub>	F	22 anos; graduada em EF (licenciatura – 2015; e bacharelado – 2016), pelo IFSULDEMINAS. Atua como professora do Ensino Infantil e Fundamental I, em escola da rede particular, na cidade de Muzambinho-MG.

<b>Professor</b>	<b>Gênero</b>	<b>Caracterização</b>
P6	F	29 anos; licenciada (2017) e bacharel (2018) em EF pelo IFSULDEMINAS. No decorrer do curso atuou nos diferentes níveis de ensino básico, durante os estágios obrigatórios e atuando como bolsista do PIBID. Realizou trabalho de iniciação científica junto a uma escola da região de Muzambinho, a qual teve como tema o esporte, mas especificamente o ensino do futebol/futsal. Atualmente é mestranda em EF na área de Estudos históricos e socioculturais da EF, Esporte e Lazer na Universidade Federal do Espírito Santo.
P7	F	33 anos; atua na área privada (Sesc-SP) desde 2010. Bacharel em EF pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; especializações nas áreas de Psicomotricidade, aprendizagem e controle motor e pedagogia do esporte. Atua no Sesc SP, entre outras coisas, com uma turma de Futsal (16 a 59 anos) mista.
P8	M	Licenciado em EF pelo IFSULDEMINAS (2018)
P9	F	31 anos; formada há 11 anos na faculdade Claretiano de Batatais; pós-graduada em inspeção escolar e educação inclusiva, especializada em educação inclusiva. Atua na rede pública de Santo Antônio da Alegria, Ensino Fundamental e ensino médio na rede estadual de Minas Gerais.
P10	M	34 anos; leciona na rede pública do estado do Ceará e no município de Fortaleza há 10 anos; tem especialização em EF escolar e treinamento esportivo. Mestrando em EF escolar.
P11	F	33 anos; atua há 10 anos na educação pública em Minas Gerais. Licenciada em EF (UFJF) e atualmente leciona em turmas das séries finais do Ensino Fundamental e ensino médio na rede estadual de Minas. É de Juiz de Fora – MG.
P12	F	27 anos, mora atualmente em Boa Esperança – MG. Formada em Licenciatura em EF pelo IFSULDEMINAS – Campus Muzambinho (2016).



<b>Professor</b>	<b>Gênero</b>	<b>Caracterização</b>
P13	M	Licenciado em EF pelo IFSULDEMINAS (2017)
P14	M	40 anos; licenciado (2015) e bacharel (2016) em EF pelo IFSULDEMINAS; mora em Guaxupé, trabalha há dois anos na educação integral da rede pública do Estado de Minas Gerais.
P15	F	26 anos; Licenciada (2015) e Bacharel (2016) em EF pelo IFSULDEMINAS.
P16	F	23 anos; licenciada em EF pelo IFSULDEMINAS (2017). Foi bolsista do PIBID; nele tinha por objetivo discutir nas intervenções escolares a temática “gênero e sexualidade” dentro dos conteúdos da EF. Além de atuar como bolsista nesse programa, também participou do GEPEGIND (Grupo de estudos voltados à Dança e a Ginástica). Nessa experiência trabalhou com crianças do projeto social da Fundação do Amparo ao Menor (Muzambinho).
P17	M	Licenciado (2016) e Bacharel (2017) em EF pelo IFSULDEMINAS. Já trabalhou em várias escolas, de públicas a particulares. Foi instrutor educacional na rede municipal de Bebedouro-SP; estagiário do curso de EF, bolsista do PIBID e coreógrafo.
P18	M	22 anos; bacharel em EF pelo IFSULDEMINAS (2016) e atualmente mestrando em atividade física e saúde na UNESP de Rio Claro.
P19	F	41 anos; bacharel em EF pelo IFSULDEMINAS (2016) e licencianda pela mesma instituição.

**Fonte:** MOOC. Elaborado pelo autor (2019)

## ANÁLISE E DISCUSSÃO

### Consciência Histórica Tradicional (CHT)

Pudemos perceber esse tipo de CH na resposta de P2.

Com muita sinceridade, orientaria a Cristina a não investir muito no futebol feminino como carreira. Poderia tentar como atleta amadora apenas por lazer ou pelo prazer em jogar a modalidade em si, pois assim como estudei nesse curso sobre a história do futebol feminino no Brasil, muita coisa não evoluiu: os contratos continuam curtos, com baixos salários, poucas se destacam na modalidade e quando isso ocorre, precisam tentar a carreira fora do Brasil. O preconceito ainda é grande com a mulher nessa modalidade esportiva, infelizmente. A mídia também não dá muito apoio e muito menos as federações da modalidade em nosso país (P2).

O professor apresenta sua percepção sobre o passado na frase “como estudei nesse curso sobre a história do futebol feminino no Brasil, muita coisa não evoluiu”. As características negativas se mantiveram na enumeração das condições atuais da modalidade. Apesar de identificar que passado e presente eram momentos históricos diferentes, P2 não manifestou uma visão de mudança de qualidade para o investimento na carreira. O tempo foi interpretado como permanência do passado no presente, o que, por sua vez, não gerou uma expectativa de futuro diferente da “sina” das futebolistas, representada pela falta de perspectiva de sucesso. O desencorajamento

para a vivência do futebol profissional foi a orientação para a vida prática que se desdobrou da interpretação da experiência no tempo. Configurou-se uma síntese entre espaço de experiência e horizonte de expectativas, tal qual enunciou Koselleck (2006), para as CHs Tradicionais.

### Consciência Histórica Crítica (CHC)

As narrativas de P<sub>9</sub> e P<sub>19</sub> assumiram uma CHC. Segundo Rüsen (2007, p. 56) “a representação do contexto temporal é a ruptura da continuidade”, situação identificada nos textos abaixo quando minimizam a influência da história familiar sobre a perspectiva de futuro de Cristina no futebol:

Meu conselho para Cristina seria que cada um tem seu tempo e sua história; não é porque não deu certo com o pai e com a irmã que pode ser assim com ela (P<sub>9</sub>).

Eu orientaria Cristina a ir atrás do seu desejo. O passado do seu pai e de sua irmã não devem ser exemplos para que desanime, e sim instrumento de força para fazer diferente e ajudar a família (P<sub>19</sub>).

Observou-se a rejeição ao espaço da experiência anterior para a abertura de um novo horizonte de expectativas (ALVES, 2011), indicando outros significados de interpretação para o tempo. A competência de orientação apresentou-se na construção simultânea de nova possibilidade profissional: no caso de P<sub>9</sub>, o estudo dentro da área para se tornar técnica ou preparadora física:

Por outro lado, além de se dedicar ao treinamento, também fazer uma graduação ao mesmo tempo. Com tantos escândalos envolvendo o esporte hoje, principalmente o olímpico, com abusos, sempre é bom ter um plano b, que seria uma graduação em Educação Física se por acaso a carreira de atleta não der certo. Ela pode tentar de treinadora ou até mesmo preparadora física, já que ela ama tanto esse esporte (P9).

Para P19 a competência de orientação materializou-se na indicação para o cuidado com a preparação física e o conhecimento do cenário dos clubes.

Que ela se prepare bem fisicamente e pesquise por clubes, histórico e trabalhos que estes clubes realizam com o futebol feminino (P19).

Para ambos, a experiência dos pais foi lição; em P19, acrescentaram-se sugestões para minimizar os riscos de novo insucesso na família.

### Consciência Histórica Genética (CHG)

A CHG é a forma mais elaborada de interpretação da experiência no tempo na perspectiva ruseniana. O autor elucida as suas características:

No centro dos procedimentos para dar sentido ao passado encontra-se em si mesmo a mudança. Nessa estrutura, nosso argumento é que “os tempos mudam” [...]

aceitamos a história, mas a localizamos em uma estrutura de interpretação dentro da qual o tipo de obrigação em relação a acontecimentos passados mudou, de uma forma pré-moderna para uma forma moderna de moral. Aqui a mudança é a essência e o que dá à história seu sentido. Assim, o velho tratado perdeu sua validade principal e tomou uma nova; em consequência, nosso comportamento necessariamente difere agora do que teria sido no passado distante: se constrói dentro de um processo de desenvolvimento dinâmico (RUSEN, 2010, p. 69).

Manifestaram esse tipo de CH 16 professores: P1, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P10, P11, P12, P13, P14, P15, P16, P17 e P18. Há muitas diferenças entre eles no que diz respeito às competências de orientação. Para fins de organização das respostas, respeitou-se a centralidade do argumento utilizado, tendo como amparo: o histórico familiar de Cristina, o histórico geral do futebol praticado pelas mulheres ou a conciliação de ambos. Como as explicações sobre a CHG são as mesmas, foram arroladas somente uma resposta de cada tipo, a fim de reduzir o tamanho final do texto.

### HISTÓRICO FAMILIAR DE CRISTINA

Entre os professores que manifestaram uma CHG, somente P1 utilizou esse argumento centralmente:

Obviamente, ponderaria sobre todas as questões que envolvem essa decisão, perguntaria mais detalhes

sobre a vida dela e das pessoas envolvidas, o que acarretaria tentar ou não ser jogadora, discutiria com ela quais opções ela provavelmente teria se não seguisse o sonho e, quais ela teria se seguisse, mais que isso, a incentivaria a criar um plano “B” caso ela repetisse a história de sua família e não tivesse êxito em se tornar uma atleta profissional [...] Dando ênfase é claro que ela tinha chances reais de se tornar uma atleta. Deixaria claro pra ela também que às vezes somente se esforçar e ter mérito não é o suficiente, a própria família dela é um exemplo disso, existe toda uma materialidade histórico-social que às vezes nos impede de determinadas coisas, por mais que tentemos dizer que só nossa força de vontade é determinante seria irresponsabilidade de minha parte (P1).

O passado foi reportado como algo a ser compreendido e considerado para que se traçasse o caminho futuro. Negou-se o fracasso como característica da experiência familiar, ainda que não se desconsiderasse que a possibilidade existia. A História foi tratada como um processo a ser construído, com os sujeitos podendo ser protagonistas. No caso Cristina deveria ser precavida a ponto de cercar-se de cuidados para que pudesse ser bem-sucedida, caso a carreira não prosperasse. Houve percepção da mutabilidade temporal, de que as condições do presente não eram as mesmas do tempo vivido pelos familiares; ela poderia refletir sobre os riscos e uma outra perspectiva de futuro poderia ser vislumbrada. Como aponta Koselleck (2006), nas CHGs observa-se uma relação dinâmica entre espaço de experiência e horizonte de expectativas.

## Histórico geral do futebol praticado pelas mulheres

Com ênfase na história geral do futebol praticado pelas mulheres encontraram-se as respostas de P3, P4, P5, P7, P11, P12, P13, P18. Como exemplo foi escolhida a resposta de P11:

Ter um sonho, uma perspectiva profissional com essa idade demonstra responsabilidade e é algo positivo, porém, não é um caminho fácil diante das enormes dificuldades que a juventude encontra. [...] No futebol, ainda mais no feminino, dado às dificuldades históricas de consolidação da modalidade, não é diferente. Nesse sentido, é importante que se planeje qualquer inserção no mercado de trabalho, inclusive no Esporte, sem perder de vista a importância de dar continuidade aos estudos como forma de assegurar uma formação mais ampla e totalizante, até para dar maior segurança e conhecimento sobre as escolhas a serem tomadas em qualquer profissão que seja. Além disso, é importante evidenciar a importância e coragem de uma garota se propor a enfrentar o preconceito e querer se dedicar a uma profissão ainda tão pouco valorizada, mas que vem conquistando espaço ao longo da história a partir da resistência de meninas como ela. É importante que ela saiba que, se de fato fizer essa opção, terá que enfrentar uma situação de condições precárias de trabalho por conta dos baixos investimentos e desvalorização e terá que fazer parte da história de reivindicação e consolidação de direitos e melhores condições de trabalho na modalidade (P11).

A história das lutas da mulher pela prática do futebol foi bastante acionada na narrativa citada e colocada em confronto com as condições do presente, ainda difíceis, mas na qual se vislumbram conquistas a partir de novas lutas. Acessar e compreender o passado torna-se indispensável para poder se colocar ativamente nos processos pró-futebol praticado pelas mulheres no Brasil. Nesse caso ela é Genética ao ser “um processo contínuo de mudança em prol de um futuro melhor, respeitando as diferenças por meio da alteridade inserida na forma perspectivada e temporalizada de pensamento” (ALVES, 2011, p. 73).

### História familiar e geral conciliadas

Utilizaram ambos os argumentos os professores P6, P8, P10, P14, P15 e P17. Para fins de explicação da CHG, foi selecionada a resposta de P6:

Por muito tempo nós mulheres fomos proibidas de muitas coisas, de muitas vivências, nosso corpo foi tratado como objeto, não tínhamos o poder sobre nossas próprias vidas, o esporte, o futebol em questão, era algo impensável para nós. Porém existiram mulheres que resistiram, que lutaram e que sonharam, para que hoje o futebol de mulheres pudesse chegar no patamar dos dias de hoje. Mulheres essas que muito provavelmente sentiam o mesmo que você sente hoje. [...] Mas muito dos avanços alcançados pela sociedade foram conquistados com muita luta, sofrimento e dor,

porém os louros vieram e trouxeram também alegrias. [...] Você deve trilhar seus próprios passos, [...] não pense nas dificuldades e barreiras enfrentadas pelos seus entes, porém não se iluda com o sonho do futebol, mantenha sempre os seus pés no chão, afinal seu pai e sua irmã são os exemplos mais próximos de você, do quanto o futebol pode ser cruel. [...] Não se esqueça também que a vida no futebol é curta, não deixe de investir em você, na sua saúde, na sua educação e formação pessoal. [...] NUNCA deixe de lutar pelo que acha justo e pelos seus sonhos (P6).

Na Narrativa selecionada, a trajetória de luta das mulheres pelo direito de jogar futebol foi evidenciada, bem como se fez menção ao fracasso familiar. Tais argumentos foram mobilizados em comparação com as condições do presente. Cristina se beneficiou das lutas das ex-jogadoras e pode se apropriar da trajetória construída até então, além de poder avaliar o que deu errado na história de seu pai e irmã. O futuro poderia ser outro, desde que ela aprendesse as lições do passado, se engajasse e se cobrisse de cuidados para com sua carreira, caso não fosse bem-sucedida nos campos. Na resposta de P6 percebeu-se uma série de características da CHG elencadas por Alves:

Desenvolver a consciência histórica genética é amadurecer, é se compreender e perceber os outros como sujeitos do processo histórico. [...] Enfim, é despir-se de pré-conceitos por colocar-se como sujeito que participa de um processo histórico no qual anterior, simultânea

e posteriormente, pessoas das mais diversas características socioculturais, políticas e econômicas igualmente participaram, participam e participarão com suas virtudes e limitações. É ter identidade no respeito à alteridade (ALVES, 2011, p. 73).

### COMPETÊNCIAS DE ORIENTAÇÃO

Entre as CHGs foi possível identificar competências de orientação que apontaram diferentes alternativas para o futuro: investimento em projetos paralelos, carreira no mercado externo, engajamento pela modalidade, dúvida sobre o que fazer etc. Os apontamentos são cuidados a serem tomados por Cristina para que pudesse seguir seu sonho de ser jogadora profissional. Ou seja, todas as Narrativas foram claras em reafirmar que Cristina seguisse seu desejo de jogar futebol profissionalmente.

Entre os professores que orientaram que Cristina investisse em planejamento e projetos paralelos, juntamente com a carreira de atleta, estiveram P1, P3, P6, P7, P11 e P16.

P1 alertou que a possibilidade de ser bem-sucedida não estava relacionada somente a sua força de vontade e capacidade esportiva, pois “existe uma materialidade histórico-social que às vezes nos impede de determinadas coisas”. Dessa forma, seria necessário “criar um plano B, caso ela repetisse a história de sua família e não tivesse êxito em se tornar uma atleta profissional”.

P3 apontou que “caso sua escolha seja continuar no esporte lhe indico que não pare de estudar e que se esforce bastante para que

consiga uma oportunidade em meio a tantas dificuldades”. Chamou a atenção a ênfase na vitória como conquista individual, diferindo de P1. O combate ao preconceito também foi aludido por P3. Mas a tarefa não foi caracterizada como uma batalha lutada coletivamente, ainda que o MOOC gerador da resposta tenha abordado histórias coletivas de combate à proibição da prática do futebol pelas mulheres, principalmente na década de 1980. Com maior destaque do que em P3, as respostas de P4, P15, P17 e P18 trouxeram a participação na luta pelos direitos da mulher pela modalidade como indispensável. Dados os limites do texto, transcrevemos somente algumas delas:

[...] a possibilidade que ela tem de jogar hoje é devido a intensos esforços de algumas mulheres do passado, que precisaram desconstruir estereótipos de uma sociedade conservadora e machista. [...] É um sonho que merece ser vivido em nome de todas as mulheres que um dia sonharam em pelo menos poder “escolher jogar”. É uma luta de décadas, sobre a valorização do futebol praticado por mulheres com qualidade e competência. Cristina, vá! Se não ocorrer o esperado... você tentou e se reafirmou enquanto mulher que joga o bom futebol! [...] A sua luta nunca será em vão para tantas outras meninas que sonham o mesmo que você e precisarão em algum momento vestir a sua coragem e mostrar para o mundo o que vieram fazer em campo (P4).

Sua mãe é um excelente exemplo de resistência, afinal pode ser que a princípio você tenha que lidar com multitarefas em desrespeito ao futebol e todas as outras estâncias da sua vida. A história de sua mãe é parecida

com a história de muitas jogadoras que deram força ao início do movimento do futebol praticado por mulheres. Existe a necessidade de você saber que o Futebol praticado por mulheres ainda é algo cheio de machismos, questões de sexualidade, salários complexos diante de nossa atual sociedade, porém, é um caminho muito interessante e mais promissor fora do nosso país, e como você já tem contatos como os da sua irmã, isso pode ajudar demasiadamente. Se você quer e sonha com isso, corra atrás e saiba que tudo pode acontecer entre questões boas e ruins [...] As meninas que batalharam para essa prática se dar atualmente passaram por infinitos momentos de reivindicação e “violências” e mesmo assim continuaram firmes (P17).

A vida, as situações, até mesmo do futebol feminino foi e é assim, pois imagina se as mulheres tivessem desistido naquela época da dificuldade? Imagina se elas tivessem parado de jogar? Não haveria futebol feminino, você não teria essa vontade ou ela seria suprimida. Por isso, lute, vença algumas barreiras, medos e caminhe em frente (P18).

Histórias de engajamento foram divulgadas ao longo do MOOC: o exemplo da árbitra Lea Campos (final de 1960 e início de 1970), os campeonatos europeu e mundiais, à revelia da FIFA (em 1969, 70 e 71), a CPI da “questão da mulher”, no Congresso Nacional brasileiro (anos 70), a atleta Rose do Rio – presidenta da Associação de Futebol Feminino do Rio (anos 80), a artista Rute Escobar (Festival Nacional Mulheres nas Artes) etc. Tais exemplos parecem ter sido incorporados enquanto possibilidade e até como responsabilidade para Cristina.

P6, P7 e P13 apontaram a continuidade dos estudos, entre outros cuidados, como algo indispensável:

Não se esqueça também que a vida no futebol é curta, não deixe de investir em você, na sua saúde, na sua educação e formação pessoal. Isso é importante também pra quem deseja o sucesso em qualquer esporte. Não se iluda minha querida, mas também NUNCA deixe de lutar pelo que acha justo e pelos seus sonhos. Um forte abraço! (P6)

A minha orientação para Cristina é que se este é o sonho dela, que siga em frente. Porém, não de forma cega e inocente. No momento, ainda a considero muito nova, provavelmente tendo que se dedicar aos estudos do ensino médio. Que saiba que profissão seguir após (ou caso a carreira de profissional do futebol não dê certo) e também estude muito para construir algo que possa ser o seu futuro. Quando possível, oriento que se dedique a estudar (na teoria e prática) todos os elementos que cercam a carreira de uma jogadora profissional (aspectos técnicos, táticos, físicos, nutricionais, questões contratuais, patrocínios etc), acompanhando as mudanças e avanços do futebol feminino em relação a isto. Que conheça a trajetória do futebol feminino no Brasil para entender por quais processos passará e se preparar para eles. [...] Que discuta sua opção com sua família, que ponha no papel os bônus e os ônus da decisão que tomar e que peça a ajuda e o apoio deles, pois acredito que essa base é estritamente importante. Que planeje, ao longo do tempo (montando um cronograma), quais

metas deseja atingir e quais caminhos percorrerá para alcançá-las, escolhendo momentos estratégicos para reavaliar o andamento do processo. [...] Que esteja preparada para o sucesso no futebol ou não. [...] Que tenha consciência que apesar dos avanços, o futebol feminino no nosso país ainda engatinha e, por vezes, retrocede em certos aspectos. Mas que procure e conheça profissionais comprometidos com o que é correto e se cerque deles. Que leia muito e se mantenha sempre informada. Que não tenha medo de enfrentar mudanças em qualquer altura da vida, pois o ser humano tem um cérebro extremamente plástico, capaz de aprender a qualquer momento e de muita flexibilidade para se transformar num ser feliz (P7).

Eu sugeriria que você investigasse clubes que oferecem uma melhor qualidade de vida para as atletas e se for de seu interesse, tente! Mas em última análise, gostaria que você não abandonasse os estudos (P13).

P11 agregou várias das orientações elencadas no início do item: plano de carreira, estudo e engajamento:

Ter um sonho, uma perspectiva profissional com essa idade demonstra responsabilidade e é algo positivo, porém, não é um caminho fácil diante das enormes dificuldades que a juventude encontra. [...] Nesse sentido, é importante que se planeje qualquer inserção no mercado de trabalho, inclusive no Esporte, sem perder de vista a importância de dar continuidade aos estudos

como forma de assegurar uma formação mais ampla e totalizante, até para dar maior segurança e conhecimento sobre as escolhas a serem tomadas em qualquer profissão que seja. [...] É importante que ela saiba que, se de fato fizer essa opção terá que enfrentar uma situação de condições precárias de trabalho por conta dos baixos investimentos e desvalorização e, terá que fazer parte da história de reivindicação e consolidação de direitos e melhores condições de trabalho na modalidade (P11)

P8 e P10 colocaram o mercado externo como alternativa de sucesso.

Ela poderia, sim, ir atrás do seu sonho e fazer o que gosta, porém, infelizmente é quase senão impossível viver de futebol feminino no Brasil enquanto atleta, mas se ela se dedicar, poderia tentar carreira no exterior e, quem sabe, no futuro, se ela gostar mesmo do futebol, poderia trabalhar ainda na área, mas, como uma técnica (P8).

Falaria para jovem citada no depoimento que devemos ir atrás dos nossos sonhos, mesmo sabendo que diversas batalhas iremos encontrar no caminho. Outro fator para você continuar em busca dos seus sonhos é a maior possibilidade de jogar fora do país, e principalmente, jogadoras brasileiras que tem uma boa aceitação do mercado internacional (P10).

Por sua vez, P12 e P14 prescreveram o prosseguimento da carreira a Cristina, mas P14 alertou para o risco do arrependimento:

Apesar de todas as dificuldades relatadas por você e de toda a sua família, a tentativa frustrada de seu pai ser jogador e da sua irmã, o que eu poderia lhe dizer que o esporte de alto nível é assim mesmo, nem todos conseguem viver a vida no esporte, mas acredito que você deve sim tentar, pois a realidade do futebol feminino melhorou nas últimas décadas as condições de se firmar no esporte são melhores do que seus antecessores. Outro motivo no qual acredito que você deverá tentar é que mesmo com todas as experiências negativas, eles tentaram. Se houve algum tipo de arrependimento foi por coisas realizadas, o insucesso foi consequência; mas o pior arrependimento é a dúvida. Se você tentar e mesmo assim não conseguir você não dará a margem para a dúvida de que talvez você poderia ter conseguido, sendo assim meu conselho é que vá até o fim (P14).

A leitura das NH indicou diferentes perspectivas de orientação elaboradas a partir de suas interpretações da experiência no tempo. Como apontara Rösen (2010), as CH são expressões de apropriações pessoais da História; aqui interessava compreender a expressão num dado caso, que pudessem ser exemplos para a ruptura com um ensino voltado para a fixação de datas, fatos e sujeitos.

A expressão de CHG depende da forma com que o ensino se dá, mas também se relaciona com as intenções humanas para com o futuro. Se se vislumbra um cenário que abra novas possibilidades para a prática do futebol pelas mulheres, há que se reconhecer como as barreiras do passado ainda influenciam para o sucesso da empreitada.

Compreender os obstáculos trazidos e os caminhos percorridos para a obtenção de algumas vitórias, mesmo que parciais, é necessário para estabelecer novos desafios para o futuro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo investigar as CH e competências de orientação dos professores de EF concluintes do MOOC “Histórias do futebol praticado pelas mulheres no Brasil”. A partir das respostas à questão-problema relacionada à dúvida da jovem Cristina, foram analisados 19 textos à luz da teoria da aprendizagem histórica de Jörn Rüsen.

Diferentemente das pesquisas realizadas por Alves (2011) e Balestra (2015), que também investigaram as CHs de estudantes (portugueses, no primeiro caso; brasileiros e argentinos, no segundo caso), encontrando majoritariamente CHs Tradicionais e Exemplares, a CH Genética foi maior em nossa investigação. Essa CH também foi mais presente no trabalho de Pacievitch e Cerri (2010) que, como nós, trabalharam com professores, ainda que de componentes curriculares diferentes (Educação Física e História, respectivamente). Tal dado é relevante para indiciar que sujeitos cuja escolarização é maior podem mobilizar uma CH mais elaborada (CHC ou CHG). Não se trata de afirmação inequívoca, visto que entre os concluintes do MOOC houve um que manifestou uma CH Tradicional. Também não é algo que possa ser universalizado, pois Alves (2011) e Balestra (2015) afirmam que a expressão de CH depende do tema em questão.

Diversas competências de orientação foram explicitadas: a necessidade de continuar os estudos caso a carreira no futebol não prosperasse está nas NH de P1, P3, P6, P7, P9, P13, P16 e P19; do engajamento para que outras meninas pudessem encontrar um cenário na modalidade mais próspero, estiveram entre os encaminhamentos de P4, P15, P17 e P18; a priorização do mercado externo como lócus para a profissionalização vieram de P2, P8 e P10. P11 agrega várias das orientações elencadas no início do item: plano de carreira, estudo e engajamento.

P12 indica genericamente a possibilidade de inserção de Cristina na modalidade em desenvolvimento. Elementos de ordem pessoal como a motivação e o medo do arrependimento foram perspectivas consideradas por P14.

As diferentes possibilidades manifestadas pelos professores mostram que a expressão da CH não é um arbítrio homogêneo e previsível. As vivências e os valores individuais pautam os posicionamentos acerca da utilização da História como referência para o dia a dia.

Urge que os cursos de Educação Física possam se apropriar desse cabedal teórico e considerem a expressão da CH como referência para a elaboração de suas perspectivas de ensino e para repensar o papel assumido por eles na formação atual da área. As carências de orientação da vida prática têm se colocado constantemente no horizonte dos diferentes campos de atuação profissional da educação física, vide os desafios da conjuntura postos pelo momento atual: o esvaziamento da disciplina nos documentos nacionais, especialmente na Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio, os dilemas da formação profissional, o desmonte da política esportiva

fomentada pelo Estado brasileiro, o desafio da equidade das mulheres no Esporte e nas aulas de educação física escolar. Como agir diante dos desdobramentos dessas questões?

Cabe aos sujeitos históricos, ao se apropriarem dos conhecimentos trabalhados pela História enquanto campo disciplinar, a busca de respostas para as questões do presente. É importante considerar, entretanto, ser ilusório imaginar que a simples compreensão e aplicação dos conceitos cunhados por Rüsen assegurem a ruptura com uma prática cotidiana descomprometida com avanços nesse cenário. Os desafios enfrentados na “quadra de aula” são diversos e complexos. Se o campo não tem como responder o questionamento outrora levantado pode, ao menos, apresentar elementos que contribuam para a orientação dos caminhos a percorrer. Espera-se, com a tarefa inicial de apropriação desse referencial para a educação física, contribuir para a busca de soluções para os problemas que se apresentam.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Ronaldo Cardoso. *Aprender história com sentido para a vida: consciência histórica em estudantes brasileiros e portugueses*. 2011, 322 p. Tese (Doutorado em Educação – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011).

BALESTRA, Juliana Pirola da Conceição. *O peso do passado: currículos e narrativas no ensino de história das Ditaduras de Segurança Nacional em São Paulo e Buenos Aires*. 2015, 226 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

BOMFIM, Aira. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)*. 2019, 217p. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.

CERRI, Luis Fernando Didática da História: uma leitura teórica sobre a História na prática. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 15, n. 2, p. 264-278, 2010.

DARIDO, Suraia Cristina. Futebol Feminino no Brasil: Do seu Início à Prática Pedagógica. *Motriz*, Rio Claro, v. 8, n. 2, p. 1-7, 2002.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? : Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 143 -151, 2005.

KOSELLECK, Reinhardt *Futuro passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto. 2006.

MOURA, Eriberto José Lessa de. *As relações entre lazer, futebol e gênero*. 2003. 167 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Márcia. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 26, n. 2, p. 73-86, 2005.

PACIEVITCH, Caroline, CERRI, Luis Fernando. Guerrilheiros ou sacerdotes? Professores de História, consciência histórica e construção de identidades. *Pro-posições*, Campinas, v. 21, n. 2 (62), p. 163-183, maio/ago. 2010.

PEREIRA, Mateus Camargo. *Futebol Praticado por Mulheres no Brasil: experiências de ensino a distância e presencial baseadas na teoria da aprendizagem histórica de Jörn Rüsen*. 2019. 371p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2019.

LIMA, Amanda Cristina dos Santos; PINHEIRO, Thaís Gabrich Gueiros. “Deixa as garota brincar”: a resistência na prática do futebol feminino frente a sua proibição (1941-1965). *Aurora*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 49-56, jan./jun. 2018.

RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica*. Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica. Brasília. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. UnB, 2001.

RÜSEN, Jörn. *Reconstrução do passado*. Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. UnB, 2007.

RÜSEN, Jörn. *História Viva*. Teoria da História III. Formas e Funções do conhecimento histórico. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. UnB, 2010.

RÜSEN, Jörn. Desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral. *In: Jörn Rüsen e o Ensino de História*. SCHMIDT, M. A.; BARCA, I.; MARTINS, E. de R. (org.). Curitiba: Ed. UFPR, 2011. p. 51-77.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tânia Maria Braga. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 25, n. 67, p. 297-308, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 18 nov. 2018.

SILVA, Giovana Capucin. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação*. 2015. 144 p. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2015.



## **SEGUNDO TEMPO**

# FUTEBOL DE MULHERES E A MÍDIA

## CAPÍTULO 5

### ENTRE FALHAS E BATALHAS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA COBERTURA DA TV GLOBO NA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO DE 2019

THALITA NEVES<sup>1</sup>  
LETÍCIA DE CASTRO<sup>2</sup>

#### INTRODUÇÃO

A oitava edição da Copa do Mundo de Futebol Feminino suscitou várias questões sobre as relações de gênero no esporte, principalmente no que diz respeito ao futebol brasileiro, ampliando debates significativos sobre a modalidade no país. Considerando-se que a imprensa esportiva brasileira, desde o início da prática do futebol feminino no país, tem tratado com desigualdade mulheres e homens nas coberturas esportivas – priorizando o futebol masculino e assim promovendo certa invisibilidade do futebol de mulheres –, a decisão da maior emissora de televisão do país, a Rede Globo, de transmitir pela primeira vez na história uma Copa do Mundo de

1 Bacharela em Jornalismo (UFOP), Mestra em Jornalismo (UFSC) e Doutoranda em Comunicação (UERJ). E-mail: thalitanevesufop@gmail.com

2 Bacharela em Jornalismo (IELUSC) e Mestranda em Jornalismo (UFSC). E-mail: leticiaa-decastro@gmail.com

Futebol Feminino é “um acontecimento importante e surge como fato inédito e relevante no comportamento do jornalismo esportivo brasileiro em relação à participação feminina no futebol do Brasil” (CASTRO, 2020, p. 2).

A emissora líder de audiência no país obteve o domínio dos direitos de exibição de todas as partidas da Copa de 2019, transmitindo os jogos da Seleção Brasileira na TV aberta e os outros 96% da competição no *SporTV* – canal pago pertencente ao Grupo Globo. Com os direitos de transmissão, os canais do Grupo Globo passaram a veicular diariamente em seus programas jornalísticos televisivos uma série de reportagens sobre a Seleção Brasileira Feminina e sobre o Mundial. Além disso, houve divulgação de diversos conteúdos informativos seis meses antes da competição, com o intuito de introduzir seus telespectadores à temática que se aproximava. Foi a primeira vez que o público brasileiro pôde acompanhar, através do maior conglomerado de mídia brasileiro, a Seleção principal feminina representar o Brasil no maior campeonato futebolístico do mundo, o que, segundo Castro (2020), contribuiu para consolidar a Copa de 2019 como um marco na história da modalidade no Brasil no que diz respeito à audiência e à repercussão jornalística.

Na edição anterior do Mundial, realizado no Canadá em 2015, a quantidade de partidas transmitidas foi bem menor: a emissora pública TV Brasil transmitiu os jogos da Seleção Brasileira desde a fase de grupos até as oitavas de final, e a Band exibiu apenas o jogo da Seleção nas oitavas de final. Nesse sentido, o maior esforço de expansão da cobertura esportiva do futebol de mulheres foi impulsionado pela dedicação de blogs e perfis nas redes sociais

que há anos fazem a cobertura da modalidade de forma independente e voluntária, a exemplo do portal Dibradoras. Percebendo a mobilização acentuada e a atuação de uma audiência potente, “a grande mídia deu uma chance para ouvir do público a resposta para uma afirmação que há muito ecoa entre os aficionados mais conservadores: futebol feminino não dá público” (JANUÁRIO; LIMA; LEAL, 2020, p. 51).

Os dados oficiais da FIFA mostram que 19,7 milhões de brasileiros acompanharam Brasil x Jamaica no dia 9 de junho de 2019. A partida contra a Itália (terceira da fase de grupos), em plena terça-feira em horário comercial para os brasileiros, somou 22,6 milhões de espectadores na audiência. E, para fechar, o Brasil finalmente emplacou um novo recorde no Mundial das mulheres: 35 milhões assistiram ao jogo entre a Seleção Brasileira e a França nas oitavas de final, maior audiência da história do torneio em todo o planeta. Esses números demonstram o quão impactante foi a transmissão dos canais Globo, possibilitando que comecemos a compreender como a modalidade é percebida e consumida pelo público brasileiro, particularmente em termos de novas e diferentes perspectivas em relação a estrutura, investimentos, patrocínios e visibilidade jornalística.

A Copa de 2019 contribuiu não só para a popularização do futebol de mulheres no Brasil como também abriu espaço para que as atletas reforçassem suas queixas em prol de valorização e igualdade, principalmente diante da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) – queixas essas que já vinham de um histórico de lutas e denúncias bem antes da primeira transmissão ao vivo do torneio. Os recordes de audiência e a explosão no número de notícias nos principais

sites especializados no país, mais do que uma simples resposta, “confirmaram que o mercado para o futebol de mulheres tornou-se uma realidade”, (JANUÁRIO; LIMA; LEAL, 2020, p. 58), além de ter resultado em mudanças significativas quanto à administração e à estrutura da modalidade no Brasil – embora ainda estejamos longe de considerar que este é um processo que ocorre de forma homogênea ou livre de contradições.

Diante desse cenário – e evidenciada a representatividade recém-conquistada pelo futebol de mulheres no Brasil, manifestada a partir da primeira transmissão e cobertura jornalística da oitava edição do Mundial Feminino pela Rede Globo – este capítulo se propõe a analisar os discursos construídos durante as transmissões televisivas dos jogos da Seleção Brasileira feminina ao longo de sua participação na Copa de 2019. A análise se ancora em métodos discursivos com o objetivo de identificar quais sentidos foram produzidos pelas narrações e comentários dos profissionais envolvidos na cobertura do torneio. Se, por um lado, a transmissão da Rede Globo significou um marco para a modalidade em termos de infraestrutura e visibilidade, por outro lado foram evidenciadas algumas construções discursivas estereotipadas e veladamente machistas que dificilmente vemos na cobertura de jogos do futebol masculino.

## GÊNERO E FUTEBOL NO BRASIL

A história da inserção das mulheres nos diversos papéis que envolvem o futebol não foi vista como possibilidade, diferentemente do modo em que se deu a relação dos homens com esse esporte. Nas

décadas iniciais do século XX, o futebol não era uma modalidade considerada adequada às mulheres. As representações normalizadas de gênero atuantes naquele período – as quais demonstram também que na construção de noções de corporalidade feminina entrelaçavam-se relações de classe e raça (ADELMAN, 2003, p. 446) – limitavam tanto a circulação das mulheres no espaço público quanto os usos de seus corpos (GOELLNER, 2020). Não à toa, a participação das mulheres brancas da elite no futebol brasileiro era considerada uma ameaça à hierarquia vigente, por isso, a modalidade feminina foi oficialmente proibida no país por quase 40 anos: em 1941 foi instituído um decreto-lei (3.199, art. 54) que, de forma geral, apontava que as mulheres não deveriam praticar esportes que não fossem adequados “à sua natureza”, entre eles o futebol.

É como se, no discurso moral do Estado Novo, os corpos das mulheres passassem a ser objeto de toda a nação, carregando a responsabilidade social de gerar uma prole saudável. Para além dos supostos danos físicos que esse esporte poderia causar – legitimados pelo discurso médico da época, o qual se ancorava nas premissas biologizantes para afastar as mulheres e seus corpos dos espaços desportivos –, havia o receio de que a prática pudesse masculinizar as mulheres, sobretudo, em relação à aparência, o que soava como uma afronta ao imaginário social da mulher “bela, maternal e feminina” (GOELLNER, 2003). Essa feminilidade, como argumenta Adelman (2006, p. 12), impunha a domesticidade como “norma” – embora essa de fato tenha sido “privilégio” de raça e classe – e implicava em fortes controles sobre os corpos das mulheres, “sua sexualidade, sua liberdade de movimento, e seu uso do espaço urbano no qual o

esporte e as atividades físicas tornavam-se uma forma de lazer cada vez mais visível” (ADELMAN, 2006, p. 12).

Nesse sentido, a relação das mulheres com o futebol vem sendo construída, desde o início da modalidade no Brasil, de forma censurada, carregada de críticas e dificuldades, o que, conforme Castro evidencia uma representação essencialista dos gêneros, segundo a qual “a cada sexo correspondem algumas características que lhe são inerentes, e estas os definem” (CASTRO, 2020, p. 126). Sendo assim, podemos dizer que gênero é uma categoria importante não somente para o entendimento da sociedade, mas também das relações entre sujeitos esportivos. Para Goellner (2013), o esporte não é apenas uma prática social sexuada, é também generificada (com masculinidades e feminilidades históricas e provisórias). O gênero, defende Scott (1989), também significa relações de poder. Foucault (1985) escreve que o poder em todas as sociedades está fundamentalmente ligado ao corpo, uma vez que é sobre ele que se impõem as obrigações, as limitações e as proibições. Esse poder, pontua o filósofo, é uma prática social constituída historicamente – e que se refletiu no esporte.

A partir dessa discussão, cabe também levantar um pouco da história da presença feminina no jornalismo esportivo. É somente na década de 1990 que jornalistas mulheres começam a ter destaque nesse cenário. Como aponta Januário, até pouco tempo não se ouvia falar de mulheres árbitras, bandeirinhas ou assistentes: “Era dado ao homem o poder do entendimento tático e técnico do esporte” (JANUÁRIO, 2015, p. 2). Righi (2006) afirma que a atuação das mulheres no jornalismo esportivo ainda hoje se restringe a determinadas

áreas. Para a autora, poucas pessoas podem comentar sobre esporte, emitir suas impressões e opiniões ou, até mesmo, narrar eventos esportivos – especialmente no futebol. Vale lembrar que foi somente em 2019 que, pela primeira vez na história da maior emissora do país, uma mulher assumiu a posição de comentarista na transmissão de um jogo de futebol masculino na TV aberta: a jornalista Ana Thaís Matos estreou em maio daquele ano, numa partida disputada entre Santos e Athletico Paranaense, válida pela 18ª rodada do Campeonato Brasileiro.

Segundo o relatório *Mulheres no Jornalismo*<sup>3</sup>, da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI) e do portal de mídia alternativa *Gênero e Número*<sup>4</sup>, concluído em 2017, entre 477 jornalistas entrevistadas, apenas 20 atuavam nas editorias de esporte. Foram avaliadas colunas esportivas dos dez jornais de maior circulação dos estados brasileiros e dos líderes de audiência e mostrou que menos de 10% dessas colunas são assinadas por elas. Um estudo feito pelo Monitoramento Global de Mídia (QUAL O LUGAR..., 2018) avaliou 18 mil notícias esportivas publicadas em 23 países em 2011 e mostrou que apenas 11% desse conteúdo foi escrito por mulheres. As diferenças de tratamento dos dirigentes e atletas com as mulheres jornalistas e a destinação de pautas sobre esportes amadores para elas trabalharem reforça a visão de Bourdieu (2005) sobre a divisão no

---

3 Recuperado de <https://www.mulheresnojornalismo.org.br/> em janeiro de 2020.

4 A *Gênero e Número* é uma empresa social que produz e distribui jornalismo orientado por dados e análises sobre questões urgentes de gênero e raça, visando qualificar debates rumo à equidade, a partir de linguagem gráfica, conteúdo audiovisual, pesquisas, relatórios e reportagens multimídia.

mercado de trabalho, fortemente sexuada, mostrando a dominação masculina inscrita nos corpos femininos.<sup>5</sup>

Se, no contexto proibitivo que perdurou de 1941 a 1979<sup>6</sup> – que, importa enaltecer, muito contou com a atitude transgressora das mulheres para se findar –, o corpo feminino era visto como símbolo de uma genitália saudável para cumprir suas funções reprodutivas, a década de 1980 em si dá voz a outro discurso discriminatório, também fomentado pelo jornalismo: o da erotização dos corpos das mulheres atletas (GOELLNER, 2005). As primeiras notícias que pautam o futebol feminino brasileiro são conduzidas de forma apelativa à beleza das jogadoras e à espetacularização de seus corpos, sob o argumento de que, se as atletas forem bonitas, atrairão público para os estádios e, portanto, ampliarão os recursos captados com os jogos. Novamente objeto do olhar de outrem, “o corpo erotizado no e pelo esporte, inventa uma imagem da atleta contemporânea que, mesmo

---

5 Em março de 2018 foi lançada nas redes sociais a campanha “Deixa Ela Trabalhar” – “um manifesto contra o assédio e o machismo nos estádios, nas redações, no ambiente de trabalho e onde quer que aconteçam!”, como descrito na campanha. A iniciativa foi de 52 jornalistas que trabalham com esporte, entre apresentadoras, repórteres, produtoras e assessoras de vários veículos e emissoras. A ideia surgiu com a jornalista Bruna Dealtry, do canal *Esporte Interativo*, após ela ter sido beijada à força por um torcedor durante uma transmissão ao vivo.

6 Em 1941, o Conselho Nacional de Desportos (CND) instituiu o Decreto-Lei 3.199 (Art. 54) que, até 1979, proibiu às mulheres a prática de algumas modalidades específicas, entre elas o rugby, o pólo aquático e o futebol.

Ou seja, por quase 40 anos as mulheres foram proibidas de jogar futebol no país, muito em consequência do Golpe de Estado de 1930, que simbolizava um governo em vigília e, portanto, atento a tudo que pudesse soar uma ameaça à moral, então considerada o bem maior de uma nação.

exercitada fisicamente, inscreve no seu corpo marcas que o tornam absolutamente desejável” (GOELLNER, 2005, p. 147).

Assim percebemos com clareza como opera, no atual mundo do esporte espetacularizado, a reprodução de um padrão estético e comportamental que é reforçado também em muitos espaços do cotidiano e disseminado pela mídia – sobre “o que é uma mulher” – um corpo com determinadas proporções e dimensões, uma mulher desejável e invejável nos termos de uma feminilidade determinada pelo olhar masculino e heterossexista e que se mantém como discursivo hegemônico, agindo sobre as meninas e as mulheres, moldando identidades e subjetividades aos seus desígnios (ADELMAN, 2006, p. 25).

Todavia, com o passar dos anos a cobertura do futebol de mulheres não se tornou frequente na agenda do jornalismo esportivo brasileiro. E, ainda hoje, “seria ingênuo supor que o jornalismo trata as mulheres, em seu envolvimento com o futebol, de forma similar ao tratamento dado aos homens” (CASTRO, 2020, p. 5), mesmo diante das visíveis conquistas coletivas e individuais dos clubes e da Seleção Brasileira, além da representatividade de figuras como Marta, que em 2018 ganhou da FIFA seu sexto troféu como melhor jogadora do mundo. Vale lembrar que, entre as principais competições internacionais, a Seleção Brasileira Feminina é heptacampeã da Copa América, tricampeã dos Jogos Pan-Americanos, tem duas medalhas de prata em Jogos Olímpicos e, das oito edições disputadas do Torneio Internacional de Futebol Feminino, a Seleção Brasileira conquistou sete.

## JORNALISMO ESPORTIVO E FUTEBOL DE MULHERES

Os estudos de Goellner (2005) também apontam para o pouco espaço conferido ao futebol de mulheres no jornalismo esportivo brasileiro. Essa editoria é essencial no papel de imprensa não divulga as informações, elas ficam restritas apenas a quem tem relação direta com a modalidade (atletas, comissão técnica, direção etc.). Como evidencia Hall (1999), a mídia simboliza a primeira – e muitas vezes a única – fonte de informação sobre muitos acontecimentos. Nessa perspectiva, é inegável que a imprensa esportiva exerce um papel significativo para a representatividade e o desenvolvimento do futebol de mulheres no país. Mourão e Morel complementam que a narrativa de jornais e revistas é um dos fatores constitutivos da identidade feminina e do futebol nacional, de modo que “essa construção dimensionada pela mídia impressa tornou-se um divisor de águas do futebol feminino” (MOURÃO; MOREL, 2005, p. 84) no Brasil. Prova disso é que o interesse midiático da Rede Globo em transmitir e cobrir a Copa de 2019 mobilizou o público em torno do assunto, retirando essa pauta da quase completa invisibilidade. E, a partir do retorno da opinião pública sobre essa cobertura, refletido em recordes de audiência, pôde-se comprovar que o interesse popular pela modalidade existe, jogando por terra os “argumentos superficiais que costumavam ser dados por muitos para justificar a falta de visibilidade para o futebol feminino” (CASTRO, 2020, p. 14).

Fazendo um breve resgate histórico, podemos dizer que a representação do futebol como um símbolo de expressão da cultura brasileira se deu, sobretudo, através da Copa do Mundo de Futebol. O maior campeonato futebolístico do planeta, como explica Guedes

(2002), tornou-se durante o século XX um verdadeiro ritual para os brasileiros – ocasião propícia para a celebração da brasilidade e a construção simbólica da identidade nacional. Porém, apesar de o Brasil representar toda uma nação, as diversas esferas do nosso futebol ainda demonstram abarcar majoritariamente um público específico: o masculino. Conforme apresentado anteriormente nesse capítulo, a história do futebol brasileiro foi socialmente associada à naturalização de distinções entre os sexos biológicos. Contudo, e considerando-se que a consolidação da imprensa esportiva brasileira se deu simultaneamente à profissionalização da modalidade no país (MARQUES, 2003), é justificável o papel do jornalismo esportivo na constituição do gosto do brasileiro pelos esportes em geral, especialmente o futebol – masculino, no caso – ainda que, como bem pontua Costa (2006), mesmo que o futebol seja corriqueiramente associado aos homens nos mais diversos setores da sociedade, existam dimensões extras em torno do conceito de masculinidade que tornam esse grupo bem menos homogêneo do que se supõe:

Sendo assim, para continuarmos a repetir que “futebol é coisa de homem”, é necessário especificar qual tipo de homem estamos falando, pois se quisermos questionar essa máxima é necessário lançar novas perspectivas e olhares em torno do nosso conceito de masculinidade na tentativa de compreendê-la como uma dimensão menos homogênea do que costumamos supor. O aumento da participação feminina no universo futebolístico tem sido importante, por contradizer noções de feminilidade ainda predominantes e culturalmente aceitas como

ideais. Do mesmo modo que Virginia Woolf questionou uma série de verdades que giravam em torno da mulher, é igualmente importante fazer o mesmo em relação aos homens. Pois, assim, será possível lançar novas perspectivas sobre os estudos que enfoquem a relação de gênero na cultura contemporânea (COSTA, 2006, p. 23-24).

Não à toa, é justamente o futebol masculino a pauta que mais recebe a atenção do jornalismo esportivo brasileiro, gerando discursos carregados de componentes que contrariam ou reforçam certas representações. No entanto, partindo do pressuposto de que “jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 13), os critérios de noticiabilidade aplicáveis à editoria de esportes são os mesmos utilizados pelos jornalistas de outras áreas. A cobertura esportiva é realizada com ferramentas gerais do jornalismo (as regras gerais de noticiabilidade valem para todas as editorias), mas também com ferramentas específicas do esporte, de modo que o jornalismo, para ser jornalismo esportivo, acaba incorporando fatores característicos do esporte, “como a descrição da ficha técnica, expressões características do campo competitivo: linguagem agonizante, de combate, mais despojada, em função do campo ser, sobretudo, de entretenimento” (BORELLI, 2002, p. 10).<sup>7</sup>

7 A criação do conceito de infotenimento está ligada à crescente associação do jornalismo à indústria do entretenimento. De acordo com a pesquisadora Fabia Angélica DEJAVITE, na tese de doutorado “O Jornal Diário Impresso e a Prática do Infotenimento” esse termo ganhou notoriedade na década de 1990, como uma “especificidade do jornalismo de conteúdo estritamente editorial voltado à informação

Todavia, essas particularidades do fazer-notícia no caderno esportivo nada têm a ver com as desigualdades de gênero que, não raro, comprometem não só a visibilidade das modalidades femininas, mas também das próprias jornalistas que, como dito nos tópicos anteriores, até hoje travam batalhas para serem reconhecidas e valorizadas profissionalmente nesse espaço majoritariamente masculino – ainda que homens e mulheres jornalistas tenham exatamente a mesma potencialidade teórica, técnica e criativa para desenvolverem seu ofício em qualquer área do jornalismo. A antropóloga norte-americana Sherry Ortner (1979) aponta três fatores principais que justificam essa associação da figura feminina a papéis sociais secundários. São eles: a ideologia cultural e as colocações informativas que explicitamente desprestigiam as mulheres, suas tarefas e seus produtos, quando comparadas a funções masculinas correlatas; esquemas simbólicos que implicitamente as avaliam como inferiores; e as classificações socioestruturais que automaticamente excluem as mulheres da participação ou sequer do contato com áreas dominantes ou funções de poder na sociedade.

Nesse sentido, o jornalismo esportivo brasileiro é apenas mais um desses campos no qual o homem exerce seu domínio sobre a mulher – muitas vezes silenciando-a ou a colocando como mera figura decorativa no papel de leitora de e-mails dos internautas (FREITAS; MONTAGNANA; CARNEIRO, 2016, n.p.) – ainda que elas estejam ali desempenhando exatamente as mesmas funções do que eles: pautar,

---

e ao entretenimento, tais como: comportamento, hobbies, esporte, moda, celebrações...” (DEJAVITE, 2003, p. 173).

apurar, informar e comentar. Essas relações de poder e dominação se refletem também dentro do campo quando, por exemplo, narradores e comentaristas associam atletas ao papel de musa, ressaltando atributos físicos em detrimento das habilidades esportivas mostradas pelas jogadoras. É isso o que se viu em determinados momentos das transmissões ao vivo dos jogos da Copa do Mundo de Futebol Feminino em 2019. Ainda que pese o pioneirismo da Rede Globo na transmissão do Mundial pela TV aberta, o jornalismo esportivo da emissora ainda é um cenário de constantes batalhas em busca da afirmação do futebol de mulheres enquanto modalidade que carece ser trabalhada segundo os mesmos princípios com os quais se cobrem os jogos masculinos.

### MARCAS DISCURSIVAS NA COBERTURA DOS JOGOS DA SELEÇÃO BRASILEIRA NA COPA FEMININA

A cobertura jornalística da Seleção masculina de futebol pela Rede Globo segue certos padrões editoriais em suas diferentes plataformas, que incluem TV aberta e fechada, site, jornais impressos e programas radiofônicos. Às vésperas da Copa do Mundo de 2018, por exemplo, a TV Globo apresentou uma série de conteúdos que tinham como objetivo “preparar o terreno” e engajar a audiência para o evento que estava por vir. Programas como o Globo Esporte e o Esporte Espetacular, que fazem parte da grade de programação aberta da Globo, transmitiram quadros específicos para apresentar os jogadores, suas respectivas carreiras e famílias, com entrevistas realizadas na casa dos atletas e até mesmo uma espécie de *reality*

*show* denominado *As Matrioskas*, no qual as protagonistas eram as mães dos jogadores Neymar, Gabriel Jesus e Fernandinho em passeios turísticos pela Rússia, país sede daquela Copa.

Um detalhe interessante é que essa pauta envolvendo as mães dos jogadores foi comandada pela jornalista Glenda Kozlowski – talvez porque os jornalistas homens estivessem envolvidos em outras pautas que abordassem o futebol em si. Inclusive, nesse âmbito, fica evidente o apelo da Rede Globo à ética do cuidado e aos ideais da maternidade ao selecionar uma jornalista mulher para a condução do *reality* com as matriarcas. Esse discurso reforça o quanto as mulheres ainda são colocadas enquanto objetos e/ou cuidadoras nos campos considerados de domínio masculino – ainda que a ex-atleta e então apresentadora Glenda Kozlowski seja dotada de capital simbólico suficiente para conduzir pautas que tenham o esporte e as técnicas desportivas como angulação principal.

Outro padrão comum na transmissão ao vivo dos jogos do Mundial 2018 eram as entradas ao vivo de repórteres durante o *Show do Intervalo* em meio a torcedores nas várias capitais brasileiras ou mesmo na residência dos familiares dos atletas, fomentando um clima de euforia nas torcidas – o que também se viu na cobertura da Copa do Mundo de Futebol Feminino em 2019. Contudo, tanto em relação ao número de profissionais enviados pela Globo para a cobertura dos eventos nos países-sede quanto em relação ao número de conteúdos exibidos no pré-Copa, é notório que a Copa masculina mobilizou mais pautas do que o Mundial feminino. Exemplo disso é que o programa *Central da Copa*, que ia ao ar nos pós-jogos da Seleção masculina na Copa da Rússia – trazendo

análises, reportagens e comentários de jornalistas e convidados especiais – não teve uma nova versão para ser exibida após as partidas da Seleção feminina na Copa de 2019.

Essas diferenças no trato jornalístico do futebol masculino em relação ao futebol feminino seguiram marcantes ao longo da cobertura dos jogos no Mundial feminino, a começar pela opção da Rede Globo em não escalar narradoras mulheres para a transmissão das partidas. Nos quatro jogos disputados pela Seleção feminina, três consagrados narradores da emissora comandaram as transmissões: Galvão Bueno, Cléber Machado e Luís Roberto. Galvão narrou a estreia vitoriosa da Seleção no dia 9 de junho, um 3 x 0 sobre a Jamaica no *Stade des Alpes*, na cidade francesa de Grenoble. No dia 13, Cléber Machado comandou a transmissão de Austrália 3 x 2 Brasil. No dia 18, Luís Roberto narrou a terceira e última partida da fase de grupos, na qual o Brasil venceu a Itália por 1 x 0. Classificadas para as oitavas de final da competição, as brasileiras ainda enfrentariam a França, em nova atuação do narrador Luís Roberto: uma derrota de 2 x 1 para as donas da casa, que culminou na eliminação do Brasil no torneio.

Além da emissora líder de audiência, a Band e o *SporTV* (pertencente ao Grupo Globo) também transmitiram as partidas da Copa de 2019. Porém, do total de 38 profissionais globais escalados para a cobertura – entre narradores, comentaristas e repórteres – 31 eram homens. Das 7 mulheres que trabalharam no evento, não havia nenhuma no posto de narradora. No sinal aberto da Globo, duas repórteres acompanharam a Seleção feminina na França pela emissora – Carol Barcellos e Lizandra Trindade – enquanto os repórteres Raphael de Angelis e Guido Nunes trouxeram as notícias das

demais seleções participantes do Mundial. O *SporTV* transmitiu ao vivo 49 dos 52 jogos da competição, sendo os outros três transmitidos pelo portal *globoesporte.com*. No total, dez narradores homens comandaram as transmissões pelo canal fechado da Globo: Luiz Carlos Jr., Gustavo Villani, Milton Leite, Bruno Fonseca, Daniel Pereira, Eduardo Moreno, Jader Rocha, Jota Júnior, Julio Oliveira e Sergio Arenillas.

Quanto aos comentaristas, Ana Thaís Matos e Caio Ribeiro assumiram o posto pelo sinal aberta da Globo. Outras duas mulheres comentaram os jogos pelo *SporTV*: Nadja Mauad e Milene Dominguez. Entretanto, a disparidade foi grande, já que dez profissionais homens completaram a equipe de comentaristas no canal fechado da emissora: Raphael Rezende, André Loffredo, Carlos Eduardo Lino, Grafite, Lédio Carmona, Mauricio Noriega, Paulo Nunes, Sergio Xavier e Wagner Vilaron. Na *Central do Apito* – quadro clássico das transmissões globais – apenas homens faziam as análises. Eram eles os ex-árbitros e já contratados da Rede Globo: Paulo César Oliveira, Sálvio Spínola e Sandro Meira Ricci.

A ausência de narradoras mulheres foi bastante criticada pela audiência nas redes sociais, especialmente no Twitter, junto da postura excessivamente didática de Galvão Bueno para explicar lances típicos de jogo e da gafe cometida pelo narrador no início da etapa complementar entre Brasil x Jamaica, quando ele recorreu ao seu corriqueiro bordão “autoriza o árbitro” para anunciar o segundo tempo do jogo comandado pela árbitra alemã Riem Hussein. Ao perceber a gafe, o narrador se enrolou com o bordão e acabou dizendo “autoriza o árbitra” (destaque nosso). Vale lembrar que, na Copa de 2019, a

arbitragem é quase toda de mulheres – a exceção fica por conta de alguns homens escalados como árbitros de vídeo. Na edição 2019, participaram ao todo 27 árbitras e 48 auxiliares mulheres. Importante ressaltar ainda que, pela primeira vez na história das Copas Femininas, um trio feminino completo representou o Brasil no apito: a juíza Edina Alves e as auxiliares Neuza Back e Tatiane Sacilotti.<sup>8</sup>

A superficialidade dos discursos repletos de lugares comum, o constante apelo ao melodrama e as recorrentes comparações com a Seleção masculina nas falas de Galvão Bueno também foram alvo de críticas da audiência. A matéria do portal torcedores.com (VIEIRA, 2019), intitulada “Galvão é detonado na web após fazer comparações entre seleções masculina e feminina na estreia do Brasil na Copa” reúne *tweets* que reagem à conduta do narrador e, inclusive, sugerem a contratação da jornalista Fernanda Gentil para assumir o expediente no lugar dele. A matéria do Observatório da TV (vinculado ao portal Uol), intitulada “Galvão Bueno é criticado na web após narrar jogo da Seleção feminina na Copa do Mundo”, segue na mesma tônica, trazendo alguns *tweets* que ilustram as críticas da

---

8 A árbitra brasileira Edina Alves Batista, que integrou a arbitragem da FIFA na Copa de 2019, também já teve experiências no futebol masculino apitando jogos do Campeonato Brasileiro. Outro ponto positivo é que a árbitra Edina e a auxiliar Neuza Back foram escaladas para compor as equipes de arbitragem no Mundial de Clubes da FIFA em 2020. A dupla brasileira integrou a equipe auxiliar da final da competição, disputada entre Bayern de Munique e Tigres. Ainda no Mundial de Clubes, as brasileiras se tornaram as primeiras mulheres a comandar uma partida masculina profissional da FIFA: Edina Alves foi árbitra no duelo entre Ulsan Hyundai e Al Duhail SC, válida pela disputa do quinto e sexto lugares na competição. No trio 100% feminino que arbitrou o jogo, Edina e Neuza tiveram a companhia da auxiliar Mariana de Almeida, da Argentina.

audiência, como quando o narrador compara a atacante Cristiane ao jogador português Cristiano Ronaldo, ressaltando que a brasileira já marcou mais gols em Copas e Olimpíadas do que ele e, por conta disso, poderia ser chamada de “Cristiane Ronaldo”. Em resposta ao comentário, uma internauta desabafa: “Cristiane eleita a segunda melhor do mundo, já marcou 2 gols só na estreia, e Galvão Bueno falando de Cristiano Ronaldo. Ah meu filho tenha dó, ninguém quer saber!” (VIEIRA, 2019b, n.p.).

Outras marcas discursivas corriqueiras na cobertura dos jogos da Seleção feminina que normalmente não aparecem na transmissão das partidas masculinas são as alcunhas estereotipadas utilizadas pelos jornalistas para se referirem a determinadas atletas como “musas da Copa”, reforçando o lugar-comum da erotização e hipersexualização dos corpos das mulheres no esporte – um discurso que, como apontado nos tópicos anteriores, perdura há décadas nas coberturas de modalidades femininas. Um exemplo é a transmissão da partida entre Itália e Austrália comandada por Jota Júnior e Maurício Noriega no canal *SporTV*. Em determinado momento do jogo, Noriega fez um comentário que fugia totalmente do contexto da partida, sobre a atleta italiana Giuliani: “Além de ser excelente goleira, ela tem potencial para ser musa da Copa” (NORIEGA E JOTA JR..., 2019, n.p.). Jota Júnior, parceiro de transmissão, ainda corroborou o comentário do colega: “Certeza que vai pintar um concurso de mais belas. Nada mais justo. Mulheres bonitas têm que ser valorizadas” (NORIEGA E JOTA JR..., 2019, n.p.).

Especialmente em relação a esse segundo comentário, nota-se que não há qualquer referência esportiva à atleta, de modo que a

frase até pudesse “fazer sentido” em diversos outros contextos, mas não em uma transmissão de Copa do Mundo. Tanto é que uma matéria do portal torcedores.com ilustrou esse fato com o *tweet* de uma internauta que indagava: “Comentarista Noriega do @SporTV falou sobre ‘a beleza da goleira da Itália’. Fez o mesmo tipo de comentário na Copa masculina?” (VIEIRA, 2019a, n.p.). No mesmo tom crítico, outra internauta questiona: “Já pensou que ótimo seria se o tal ‘potencial pra musa da Copa’ fosse deixado de lado e o talento das meninas fosse suficiente para os comentaristas dos jogos dessa Copa?” (NORIEGA E JOTA JR..., 2019, n.p.).

O estereótipo de atleta-musa não ficou restrito à TV fechada. Na transmissão aberta da Rede Globo, o comentarista Caio Ribeiro – que dividia a bancada justamente com uma mulher, a comentarista Ana Thaís Matos – também reforçou esse estereótipo ao exaltar atributos físicos da jogadora brasileira Andressa Alves após a seguinte fala de Galvão Bueno (depois de um cruzamento perfeito da meia-atacante): “Bate bonito na bola a Andressa. Caio, você não batia bonito na bola assim, não é?”. Caio responde de prontidão: “Ela é muito mais bonita do que eu, batendo na bola também” (CAIO RIBEIRO..., 2019, n.p.). O comentário de Caio foi outro que repercutiu negativamente na internet, levando novamente os internautas a se perguntarem se algum profissional responsável por comentar tecnicamente os jogos falaria isso em lances parecidos da Seleção masculina. A matéria do portal Uol Esporte intitulada “Caio Ribeiro exalta beleza de jogadora brasileira e web corneta” ilustra essa repercussão com uma série de *tweets* que criticam a postura do comentarista. Muitas dessas postagens, inclusive, são assinadas por homens, como essa: “Ela é

*muito mais bonita do que eu*’. Comentário técnico de Caio Ribeiro durante Brasil x Jamaica. E vocês ainda acham que machismo não é intrínseco” (CAIO RIBEIRO..., 2019, n.p).

De fato, o machismo não só é intrínseco à sociedade como também é refletido nas mais variadas esferas da vida social. Não é à toa que em determinados momentos nas transmissões a jogadora Tamires, lateral-esquerda da Seleção Brasileira, era referenciada como “a única mamãe da Seleção”, em uma conduta que veladamente associa a figura da mulher ao papel maternal. Esse tipo de construção, ao que parece, não é comum na cobertura de modalidades masculinas. Até mesmo a própria Ana Thaís Matos, em dado momento da transmissão Brasil x Jamaica, atenta para esse fato em relação à Tamires. No entanto, a informação levantada pela comentarista poderia ter sido o pontapé para uma discussão social mais ampla: o desafio de assumir a maternidade quando se está no auge da carreira, considerando-se por vezes a ausência de benefícios previdenciários – como licença maternidade – e os baixos salários aos quais estão submetidas muitas atletas que atuam em nível profissional.<sup>9</sup>

---

9 As vencedoras da Copa do Mundo de Futebol Feminino 2019, conquistada pela Seleção dos Estados Unidos, levaram para casa mais do que apenas o troféu. Também houve um prêmio em dinheiro de 4 milhões de dólares, o equivalente a 15,4 milhões de reais na cotação atual. Isso é mais do que o dobro do que a equipe feminina dos Estados Unidos recebeu na Copa do Mundo anterior, em 2015, edição da qual também foram campeãs. Apesar do salto, é importante comparar essa quantia com o que o vencedor da Copa do Mundo masculina embolsou em 2018: a equipe francesa ganhou 38 milhões de dólares pela vitória, o equivalente a 146,5 milhões de reais. Na Seleção brasileira, está claro quem são nossos maiores atletas: Marta e Neymar. Ainda a título de comparação, a brasileira que joga no Orlando Pride, time dos Estados Unidos, recebe 340 mil euros por ano, o equivalente a 1,47 milhão de

Ainda sobre a comentarista Ana Thaís Matos, interessa trazer à discussão também a matéria publicada no portal Uol Esporte logo após a transmissão do primeiro jogo da Seleção feminina na Copa de 2019, intitulada “Ana Thais Matos faz estreia discreta, porém eficiente no Mundial na Globo”. O adjetivo “discreta”, em nosso ponto de vista, desqualifica a atuação da comentarista que, lembrando, foi a primeira mulher a comentar uma transmissão de futebol ao vivo na Globo. Paradoxalmente, a mesma matéria aponta que “No geral, ficou claro que Ana Thaís tinha muito mais informação e conhecimento sobre os times e as jogadoras que o colega”, referindo-se ao companheiro de bancada Caio Ribeiro (SILVA, 2019, n.p.). Além disso, o portal contabilizou as intervenções de cada um deles durante a partida e evidenciou praticamente um empate técnico: foram 28 intervenções de Caio e 26 de Ana Thaís. Este trecho do blog Dibradoras nos ajuda a compreender por que a representatividade de Ana Thais Matos enquanto comentarista de futebol – feminino ou masculino – na Rede Globo é algo tão importante:

Se a gente parar pra pensar, chega a ser ultrapassado comemorar que apenas em 2019 chegamos ao ponto de ter uma mulher comentando jogos na principal emissora do país. Mas antes tarde do que mais tarde. Esse sempre foi um território tão masculino que, por muito tempo, sequer “reparamos” na ausência de mulheres nessa área. Foi sempre tão “natural” ver homens narrando,

---

reais. Já Neymar, atuando pelo Paris Saint Germain, da França, recebe cerca de 91,5 milhões de euros anuais, o equivalente a 396 milhões de reais.

comentando, jogando, apitando, treinando, que nunca se questionou por que não havia mulheres ali. E isso ajuda muito a explicar por que esse território permaneceu tão masculino por tanto tempo (MENDONÇA, 2019, n.p.).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa discussão que mesclou debates teóricos e análise empírica de matérias envolvendo a Copa do Mundo de Futebol Feminino 2019, pudemos identificar marcas discursivas que sugerem o quanto o machismo ainda está presente quando se trata de mulher e esporte, sobretudo no futebol. Mesmo que seja inegavelmente positiva a repercussão midiática desse torneio transmitido pela primeira vez pela maior emissora do país, nos interessa fazer o exercício de repensar determinados discursos e suas significações que, ora demonstram empatia e resistência ora reforçam o machismo estrutural enraizado em nossa sociedade. No primeiro caso, acreditamos que a conduta da Rede Globo ao transmitir integralmente todas as partidas da Seleção Feminina em seu canal aberto e as demais no canal fechado SporTV e portal globoesporte.com é, por si só, um ato de resistência – ainda que os níveis recordes de audiência obtidos com a transmissão do Mundial também possam estar por trás da decisão da emissora em comprar os direitos televisivos do torneio.

No segundo caso, percebemos que o caminho para uma cobertura pautada pelos mesmos princípios com os quais se cobrem a Seleção masculina é bastante longo. Até porque, a todo momento a

matriz futebolística de homens reafirma a masculinidade hegemônica e a sexualização dos corpos de mulheres, com a imposição da necessidade de adaptação à feminilidade normativa. Em muitas ocasiões, isso ficou evidente nas falas dos comentaristas e narradores, a exemplo das representações que correlacionavam o desempenho das atletas à performance de outros jogadores e das sorrateiras alcunhas de musa em clara alusão aos atributos físicos de certas jogadoras – o que não só coloca veladamente à prova as habilidades técnicas das atletas, mas também notoriamente as subjuga enquanto figuras de mero apelo sexual, moldadas para satisfazer o olhar de outrem.

Nesse sentido, este capítulo cumpriu seu propósito de refletir sobre a cobertura do Mundial pela Rede Globo como um importante marco na batalha pela visibilidade e representatividade das mulheres no esporte, muito embora as falhas evidenciadas nas transmissões demonstrem que ainda há muito a se percorrer em relação às práticas jornalísticas – além, é claro, em relação à profissionalização do futebol feminino no Brasil. As representações estereotipadas das jogadoras, historicamente moldadas pelas relações de poder homem-mulher e constantemente reforçadas pelo jornalismo esportivo, além de justificarem as perspectivas da causa feminista, justificam também a necessidade latente de uma reformulação midiática.

Se, ao longo da história, as mulheres que jogam futebol foram capazes de se estruturar para transgredir decretos, discriminações e preconceitos, por que os profissionais da imprensa – homens e mulheres dotados de respaldo teórico e técnico para assumirem a função de informar e comentar – não podem fazer parte desse movimento e contribuir para essa luta diária? Nesse cenário de constantes

batalhas, também é dever da imprensa ampliar os debates esportivos para além do círculo dos homens brancos heterossexuais que ainda hoje dominam o território futebolístico. Retomando o que disseram Mendonça (2019, n.p) em as Dibradoras sobre a representatividade das comentaristas mulheres: “o futebol é (ou deveria ser) de todos”.

## REFERÊNCIAS

ABRAJI; GÊNERO E NÚMERO. *Mulheres no Jornalismo Brasileiro*. 2018. Disponível em: <https://www.mulheresnojornalismo.org.br/>. Acesso em: 10 mai. 2019.

ADELMAN, Miriam. Mulheres Atletas: Ressignificações da Corporalidade Feminina. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 445-465, 2003.

ADELMAN, Miriam. Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades. *Revista Movimento*. Porto Alegre, v. 12, n. 01, p. 11-29, 2006.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. *Manual do jornalismo esportivo*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BORELLI, Viviane. O esporte como uma construção específica no campo jornalístico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., 2002, Salvador. *Anais [...]*. Salvador, 2002.

CARNEIRO, Leandro; FREITAS, Bruno; MONTAGNANA, Laís. “Intrusas” no gramado, *Uol Esporte*, São Paulo, 27 dez. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3ai6wgS>. Acesso em: 10 fev. 2021.

CASTRO, Letícia de. Futebol Feminino não dá audiência? O acontecimento no Jornalismo Esportivo sobre a Copa do Mundo Feminina da França pelo projeto *dibradoras*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 43., 2020, Salvador. *Anais [...]*. Salvador, UFBA, 2020.

CASTRO, Letícia de. Gênero e esporte na pesquisa de graduação em Jornalismo. In: MEDITSCH, Eduardo; KRONBAUER, Janaíne; BEZERRA, Juliana

Freire (org.). *Pedagogia do jornalismo: Desafios, experiências e inovações*. 1. ed. Florianópolis: Editora Insular, 2020. E-book.

COSTA, Leda Maria. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. *Revista Esporte e sociedade*, v. 02, n. 04, p. 01-31, 2007

DEJAVITE, Fábila Angélica. *O Jornal Diário Impresso e a Prática do Infotainment: o caso da Gazeta Mercantil*. 2003. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade. A vontade de saber I*. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FREITAS, Bruno; MONTAGNANA, Laís; CARNEIRO, Leandro. “Intrusas” no gramado, Uol Esporte, São Paulo, 27 dez. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3ai6wgS>. Acesso em: 10 fev. 2021.

GÊNERO e número. *Gênero no esporte*. 2016. Disponível em: <http://www.generonumero.media/genero-nas-colunas-esportivas/>. Acesso em: 10 mai. 2019

GLOBO contrata Renata Silveira, primeira narradora da história da emissora, *globoesporte.com*, São Paulo, 07 dez. 2020. Disponível em: <https://globo/2OsUpoL>. Acesso em: 10 fev. 2021.

GOELLNER, Silvana Vilodre. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. São Paulo, v. 19, n. 02, p.143-151, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. *Revista Tempo*. Rio de Janeiro, v. 19, n. 34, p. 45-52, 2013.

GOELLNER, Silvana Vilodre. As mulheres do futebol: visibilidade para as mulheres do futebol. *Portal Ludopédio*, São Paulo, v. 131, n. 09, mai. 2020. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/as-mulheres-do-futebol-visibilidade/>. Acesso em: 4 abr. 2022.

GUEDES, Simoni Lahud. O Brasil nas Copas do Mundo: tempo “suspenso” e história. *In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA*, 23., 2002, Gramado. *Anais [...]*. Gramado, 2002.

HALL, Stuart. A produção social das notícias: o mugging nos media. *In: TRAQUINA, Nelson (org.). Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa, 1999.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. Modos de ver: a (in)visibilidade feminina enquanto profissional do esporte. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 38., 2015, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro, 2015.

JANUÁRIO, Soraya Barreto; LIMA, Cecília Almeida Rodrigues; LEAL, Daniel. Futebol de mulheres na agenda da mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros. *Revista Observatório*, Lisboa, v. 14, n. 04, p. 42-62, 2020.

MARQUES, José Carlos. A falação esportiva: o discurso da imprensa esportiva e o aspecto mítico do futebol. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 25., 2003, Salvador. *Anais [...]*. Salvador, 2003.

MENDONÇA, Renata. Ana Thais na Globo: por que é importante ter mulheres comentando futebol?, *Dibradoras*, 09 set. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/37fnPoi>. Acesso em: 10 fev. 2021.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 26, n. 02, p. 73-86, 2005.

NORIEGA e Jota Jr falam em “musa da Copa” e são criticados por internautas, *Uol Esporte*, 09 jun. 2019a. Disponível em: <https://bit.ly/3jMTzrk>. Acesso em: 10 fev. 2021.

CAIO Ribeiro exalta beleza de jogadora brasileira e web corneta, *Uol Esporte*, 09 jun. 2019b. Disponível em: <https://bit.ly/2OuFomm>. Acesso em: 10 fev. 2021.

ORTNER, Sherry B. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: ROSALDO, Michelle e LAMPHERE, Loise (org). *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

QUAL o lugar da mulher na imprensa quando se trata de esporte?, *thinkolga*, Disponível em: <https://thinkolga.com/2018/06/18/qual-o-lugar-da-mulher-na-imprensa-quando-se-trata-de-esporte/>. Acesso em: 10 fev. 2021.

RIGHI, Anelise Farençena. *As Donas da Bola: Inserção e atuação das mulheres no jornalismo esportivo*. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) – Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, 2006.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Nova York: Columbia University Press, 1989.

SILVA, Chico. Ana Thais Matos faz estreia discreta, porém eficiente no Mundial na Globo, *Uol Esporte*, 09 jun. 2019b. Disponível em: <https://bit.ly/2OFTIbV>. Acesso em: 10 fev. 2021.

VIEIRA, Cido. Galvão é detonado na web após fazer comparações entre seleções masculina e feminina na estreia do Brasil na Copa, *torcedores.com*, 09 jun. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3rUtssM>. Acesso em: 10 fev. 2021.

VIERA, Cido. Web detona Noriega e Jota Jr após comentários em jogo da Copa do Mundo

FEMININA, *Torcedores.com*, 09 jun. 2019a. Disponível em: <https://bit.ly/3qn-mFaq>. Acesso em: 10 fev. 2021.

VIEIRA, Renan. Galvão Bueno é criticado na web após narrar jogo da Seleção feminina na Copa do Mundo, *Uol Esporte*, 09 jun. 2019b. Disponível em: <https://bit.ly/3rThLm6>. Acesso em: 10 fev. 2021.

## CAPÍTULO 6

### ANÁLISE DA COBERTURA ESPORTIVA DA FOLHA DE S. PAULO SOBRE A SELEÇÃO BRASILEIRA EM 1999

BRUNO JOSÉ GABRIEL<sup>1</sup>

MIGUEL ARCHANJO DE FREITAS JUNIOR<sup>2</sup>

---

#### INTRODUÇÃO

Os esportes claramente sobrepujam os limites territoriais dos espaços dos confrontos por meio de práticas sobre esses realizadas. As coberturas jornalísticas são profícuas nesse sentido, construindo realidades sociais, revestidas de sentidos (BORELLI, 2002, 2005), desdobradas em identificações, identidades, mitos, representações, significados, *status*. (GABRIEL, 2020).

Nesse sentido, as coberturas jornalísticas esportivas do futebol de mulheres, no Brasil, tiveram dois perfis generalistas em suas

---

1 Doutor em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), tendo as coberturas jornalísticas do futebol feminino como objeto. Professor do Colégio Emília Erichsen.

2 Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da UEPG, orientando dissertações e teses sobre o objeto em questão.

abordagens qualitativas. O primeiro oscilou entre ressaltar a sexualização<sup>3</sup> das jogadoras e as menosprezar, e os desempenhos delas, conforme Ferretti et al. (2011), Januário, Cardoso e Veloso (2016), Martins e Moraes (2007), Mourão e Morel (2005), Salvini e Marchi Júnior (2013a) elucidaram.

As pesquisas de Gabriel e Freitas Junior (2016), Lourenço *et al.* (2019) e Salvini e Marchi Júnior (2013b) constataram um perfil distinto. Este enfatizou os desempenhos das equipes e das futebolistas e as exaltou.

A partir dessa contextualização inicial, o objetivo desse estudo foi analisar como o caderno *Esporte da Folha de S. Paulo* descreveu a seleção brasileira em 1999. Para tanto, optou-se pelo método da Análise de Conteúdo (AC), por esse ser um guia para análises de diversos tipos de discursos, entre esses o discurso jornalístico.

## PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS E TEÓRICOS

A AC está organizada em torno de três polos cronológicos, quais sejam: 1) A pré-análise; 2) A exploração do material; e 3) O tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Segundo Bardin (2011), a pré-análise é a fase de organização propriamente dita, normalmente constituída por três tarefas, que não são sucedidas, obrigatoriamente, em uma ordem cronológica. A escolha dos documentos a serem analisados, a formulação das

---

3 Segundo Duncan e Messner (1998), a aparência, em geral, e a beleza especificamente constituem essa categoria.

hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final.

Essas três tarefas são realizadas por meio dos procedimentos das cinco subfases pré-analíticas. A primeira é a leitura flutuante, designação atribuída ao contato inicial e ao conseguinte conhecimento textual do documento a analisar pelo estudioso, que se deixa invadir por impressões e orientações, a autora completa.

Ao objetivar analisar como a seleção brasileira foi descrita por coberturas jornalísticas, em 1999, a *Folha de S.Paulo* foi escolhida como o único veículo a ser analisado. A justificativa da escolha foi aliçada na sua legitimidade, um dos diários de abrangência nacional mais influentes no período.

A legitimidade da *Folha de S.Paulo* foi constatada nos *rankings* de circulação de jornais feitos pelo Instituto Verificador de Comunicação (IVC). O jornal assumiu a primeira posição do *ranking* em 1986, mantendo-a durante 24 anos.<sup>4</sup>

Além dos dados de circulação, Santos *et al.* ressaltaram que esse jornal é “um potente formador de opinião de pessoas formadoras de opiniões” (SANTOS *et al.*, 2019, p. 191). Por conseguinte, a *Folha de S.Paulo* está entre os veículos com influência dominante no Brasil, tipo que é determinante no condicionamento da opinião pública nos diferentes países, segundo Pardo e Bodin (2012).

O contato inicial e o conhecimento textual da *Folha de S.Paulo* ocorreram por intermédio do acervo virtual do jornal, que disponibiliza todas as suas versões impressas digitalizadas apenas para os

---

4 Sobre isso, ver Cabral (2013).

assinantes. Inicialmente, várias edições do ano objetivado foram lidas na íntegra, direcionando as decisões da segunda subfase pré-analítica, denominada de escolha dos documentos.

Com a ratificação da escolha, optou-se por definir um *corpus* para este estudo. Por meio dos conhecimentos gerados pela leitura flutuante e pela teoria, textos dos gêneros jornalísticos informativo e opinativo foram definidos. As colunas, entrevistas, notas, notícias e reportagens publicadas no caderno *Esporte*, de 01 de janeiro a 31 de dezembro de 1999.

Os critérios de inclusão foram os textos que abordaram a seleção brasileira, ou os assuntos correlatos (as seleções adversárias, comissão técnica, competições, dirigentes) de modo específico. Já as abordagens mistas (clube e seleção ou vários esportes) foram excluídas.

A justificativa da baliza temporal foi alicerçada em fatos significantes no futebol de mulheres mundial. Em 1999, a *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) organizou a terceira edição da Copa do Mundo, nos Estados Unidos. O Brasil a disputou, conseguindo a terceira colocação, o seu primeiro resultado histórico na competição, e Sissi se legitimou como uma das principais jogadoras da modalidade.

Já a delimitação do caderno *Esporte* do jornal foi definida por dois motivos interdependentes. O primeiro foi o seu escopo, alimentado pelo jornalismo esportivo, que estruturou estilo próprio na construção da realidade social,<sup>5</sup> caracterizado por manifestações

---

5 Borelli (2005) esclareceu que uma das duas direções das teorias do jornalismo o reconhece como uma prática simbólica que não é neutra. A sua tarefa seria apontar as

subjetivas (BORELLI, 2002; GASTALDO, 2006; LEISTNER, 2006; ROJAS TORRIJOS, 2012). As especificidades produtivas dos jornais também influem na realidade construída, singularizando-a, podendo efetivar múltiplos acontecimentos a partir de fatos únicos, Borelli (2001, 2005) alertaram.

Já o segundo motivo foi a alta significância do caderno perante os leitores e o jornalismo, reforçando a sua influência pedagógica nas práticas dos brasileiros. Essa seção era uma das mais lidas<sup>6</sup> e premiadas<sup>7</sup> entre todas as que constituíam a *Folha de S.Paulo*.

As práticas precedentes, em associação com a literatura do objeto em questão,<sup>8</sup> influíram na terceira subfase pré-analítica, quando o objetivo geral desse estudo e uma hipótese foram definidos. A hipótese foi que a cobertura esportiva do jornal enfatizou os desempenhos (coletivos e individuais) da seleção brasileira, e não a sexualização das jogadoras, nem as menosprezou, em 1999.

Segundo Bardin (2011), se os textos forem considerados manifestações discursivas constituídas por índices, a serem evidenciados pela análise, esses precisam ser escolhidos e depois organizados em indicadores. Por isso, na quarta subfase, o índice, as temáticas e os indicadores, presença (ou ausência) e frequência, foram definidos.

---

realidades por meio de pontos de vista específicos. Nessa, essa prática é construtora e ofertante de realidades, revestidas de sentidos.

6 A *Folha de S.Paulo* publicitou por meio do site dela, durante muito tempo, que o caderno *Esporte* era um dos mais lidos.

7 O site *PublicidadeFolha* afirmou que o caderno *Esporte da Folha de S.Paulo* era um dos veículos de jornalismo esportivo mais premiados do país.

8 Sobre a literatura nacional das coberturas jornalísticas esportivas impressas do futebol feminino, ver Gabriel *et al.* (2020).

Para finalizar a quinta subfase, as coletas dos textos, sem a ajuda de mecanismos auxiliares, e as preparações desses foram realizadas. Se as definições da Pré-análise forem corretas, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, fases seguintes, serão apenas a administração sistemática dessas práticas.

Para explorar documentos é preciso tratá-los. Tratar os dados empíricos significa codificá-los. A codificação corresponde às transformações dos dados brutos do texto, embasadas em regras. Transformações que, recortando, enumerando e agregando, permitem que as representações dos conteúdos ou das suas expressões, suscetíveis de esclarecer as características textuais, que podem servir de índices, sejam atingidas.

A organização da codificação corresponde a três definições: 1) O recorte: determinar a unidade de registro (UR) e a unidade de contexto (UC); 2) A enumeração: estabelecer as regras de contagem; 3) A classificação e a agregação: estipular as categorias analíticas.

A UR é a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento do conteúdo textual considerado basilar, objetivando a contagem frequencial e a categorização. A natureza e as dimensões da UR são variáveis, mas esta normalmente representa um recorte semântico. A partir dessa explicação e das UR possíveis, o tema foi definido como a UR desse estudo. Em aplicação, os temas nucleares abordados pelos textos delimitados.<sup>9</sup>

---

9 Os títulos, sobretudo, foram basilares para apontar os temas nucleares abordados pelos textos delimitados. “Os títulos e os subtítulos têm a finalidade de dessacar o núcleo da informação, aquilo que, na perspectiva da edição, deve ser valorizado no momento em que se lê um texto.” (PONTES; SILVA, 2012, p. 68).

Já a UC é o espaço de compreensão para codificar a UR e corresponde ao segmento da mensagem, cuja dimensão (superior à da UR) é também necessária para compreender a significação exata da UR. Então, os corpos dos textos foram definidos como UC da UR.

Definidas a UR e a UC, aquela foi contada (a UR é normalmente contada), embasada nas regras de enumeração (os modos de contagem) chamadas presença (ou ausência) e frequência simples, e alocadas em categorias. O critério de categorização semântico (categorias temáticas), não apriorístico, foi adotado. Assim, os títulos das categorias foram definidos a partir dos temas das UR.

Todas as categorizações fornecem, por condensações, representações simplificadas dos dados brutos, auxiliando os tratamentos, as inferências e as interpretações, a terceira fase da AC. O tratamento dos resultados refere-se à descrição analítica, que funciona segundo procedimentos sistemáticos e objetivos.

A inferência, possível a partir da descrição analítica, é a dedução de conhecimentos sobre a fonte (o emissor da mensagem e o seu contexto) ou os efeitos da sua mensagem. Essa prática é lógica, pois resulta desse raciocínio específico, pelo qual uma proposição é aceita em razão da sua ligação com outras já aceitas como verdadeiras.

A dedução confere relevância teórica ao método AC, porque implica ao menos uma comparação, já que a informação puramente descritiva do conteúdo tem pequeno valor. E permite a passagem, explícita e controlada, à interpretação, referente à significação das características das mensagens, Bardin (2011) completou.

As aplicações dessa fase foram materializadas no tópico subsequente. Os corpos dos textos das UC referentes às UR seleção

brasileira, alocadas na categoria *equipe*, foram analisados. No entanto, essa delimitação não impediu que textos específicos de outras categorias complementassem as análises.

A cronologia das publicações, “pedaços” da realidade, conforme Traquina (2005, p. 20), foram respeitadas, objetivando a inteligibilidade integral da cobertura esportiva.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 1999, a Copa do Mundo foi organizada pela FIFA de 19 de junho a 10 de julho. Durante aquele ano, 36 textos foram publicados e alocados em oito categorias (Tabela 1).

Tabela 1. Categorização dos textos publicados em 1999

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
<b>Adversárias</b>	-	1	-	-	2	-	5	-	-	-	-	2	10
<b>Brinquedo</b>	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
<b>Competições</b>	-	3	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	6
<b>Equipe</b>	-	-	-	-	1	6	6	-	-	1	-	-	14
<b>Esporte</b>	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
<b>Instituições</b>	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
<b>País</b>	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	2
<b>Transmissão</b>	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
<b>Total</b>	-	4	1	-	3	7	18	-	-	1	-	2	36

Fonte: O autor

Em maio, no dia 22, um texto informou que a seleção enfrentou alguns times masculinos antes de viajar aos Estados Unidos, onde finalizaria a sua preparação para a Copa do Mundo. Bueno escreveu:

A seleção brasileira de futebol feminino chegou na quarta-feira aos EUA para iniciar sua preparação final para o Mundial.

A equipe, que integra o Grupo B do torneio, com Alemanha, Itália e México, treinou no Brasil contra equipes masculinas. Perdeu de 2 a 0 do juvenil do Fluminense. Empatou em 1 a 1 outro jogo. E venceu por 3 a 0 um time de Teresópolis.

‘Jogamos contra homens, pois não há um rival à altura entre mulheres’, disse Luiz Miguel Estevão.

Depois do amistoso de hoje, a seleção enfrenta equipes norte-americanas e as seleções de Austrália e Canadá, antes do Mundial.

A seleção, dirigida pelo técnico Wilson Riquieles, está reunida desde março, quando fez testes físicos em São Paulo. Em abril, o time começou a treinar na Granja Comary. A estreia no Mundial será no dia 19, contra o México (BUENO, 1999a, p. 11).

Um dos objetivos desses amistosos era simular a dificuldade da competição, e, então, foram disputados porque os dirigentes da CBF a consideraram muito superior aos times nacionais. Nesse contexto, São Paulo era o centro do futebol de mulheres no país, com apenas três times, o São Paulo, o Palmeiras e a Portuguesa, onde atuavam dezessete das vinte convocadas. (BRUM; NASCIMENTO; PEREIRA, 2019).

Esses cediam todas as suas principais jogadoras à seleção, gerando o desequilíbrio técnico entre as equipes.

Por isso, o Brasil também enfrentaria equipes de mulheres fortes do exterior. Os Estados Unidos, times americanos, a Austrália e o Canadá. Depois, o México, na estreia do torneio no qual tinha o *status* de zebra,<sup>10</sup> que no futebol significa ser tecnicamente inferior, teoricamente sem chance de título (QUEIROZ, 2005).

Em junho, no dia 19, Bueno (1999b, p. 11) informou que a seleção era basicamente constituída por jogadoras do São Paulo e da Portuguesa, oito de cada. Ou seja, os dois times mais qualificados cederam a maioria das suas titulares, enfraquecendo-os demasiadamente.

No entanto, os “nomes mais badalados”, Sissi e Pretinha, jogavam no Palmeiras e no Vasco, respectivamente. Freitas Junior e Gabriel (2014) disseram que essa construção valorativa de destaques individuais é uma prática comum dos jornalistas esportivos, influenciando a instituição de ídolos e heróis, agentes centrais para a identificação das pessoas com o esporte.

No dia 20, um texto informou que o Brasil goleou pela primeira vez em Mundiais. Vejamos:

O Brasil conseguiu ontem sua primeira goleada na história do Mundial feminino. A seleção brasileira venceu o México por 7 a 1 em sua estréia na competição.

Somando as duas primeiras edições do Mundial feminino, em 1991 e 95, o Brasil havia feito quatro gols. Em

10 Sobre isso, ver Gabriel (2020).

nenhuma partida, a equipe havia feito mais de um gol. Com a goleada de ontem, o Brasil lidera o Grupo B do Mundial, que acontece este ano nos EUA (BRASIL..., 1999, p. 6).

O resultado foi considerado marcante, pois, além do número significativo de gols, esses sobrepujaram as marcas de todas as vitórias da equipe nas edições anteriores da competição. Ademais, colocou-a na liderança do Grupo B, seguida por Alemanha e Itália, que empataram (1 a 1), e o México, na lanterna.

No dia 21, um texto construiu outra realidade a partir desse fato, reforçando que o Brasil venceu o México por goleada (7 a 1), e acrescentou que “Pretinha e Sissi fizeram três gols cada”, e a Itália seria a próxima adversária (BRASILEIRAS..., 1999, p. 6). O jogo seria realizado três dias depois.

No dia 24, um texto informou que a seleção poderia conseguir a classificação antecipada para a fase eliminatória. Vejamos:

A seleção brasileira feminina de futebol pode conseguir hoje, de forma antecipada, a classificação para as quartas-de-final do Mundial, que acontece nos EUA.

A equipe, que goleou na estréia o México por 7 a 1, enfrenta a Itália em Chicago. Se conseguir uma vitória e a partida entre México e Alemanha terminar empatada, o Brasil estará matematicamente classificado para a segunda fase.

[...] A meia Sissi e a atacante Pretinha são as artilheiras. Ambas fizeram três gols na estréia.

Os próximos jogos do Brasil, porém, serão contra rivais mais difíceis [...] (SELEÇÃO..., 1999, p. 15).

Para tanto, a Itália, uma das adversárias mais difíceis, teria de ser derrotada. Isso porque as italianas eram vice-campeãs da Euro de 1997 e campeãs do “Grupo 2 das eliminatórias da Europa”, permitindo a inferência da significância dos resultados nas considerações subjetivas da imprensa esportiva. Nesse sentido, Sissi e Pretinha foram reforçadas como destaques, pois os gols de outrora renderam a elas a artilharia da competição até então.

O Brasil venceu a Itália (2 a 0), e a Alemanha o México (6 a 0), garantindo a classificação antecipada (6 pontos, 8 gols de saldo). As alemãs (4 pontos, 6 gols de saldo) e as italianas (1 ponto, -2 de saldo) disputariam a segunda vaga do grupo. Já as mexicanas (sem ponto, -12 de saldo) estavam eliminadas.

No dia 27, um texto informou que o Brasil tentaria a primeira colocação do Grupo B contra a Alemanha na última rodada da fase grupal. Observemos:

A seleção brasileira tenta hoje assegurar a primeira colocação do Grupo B do Mundial feminino de futebol, que acontece nos EUA.

No encerramento da primeira fase, enfrenta a Alemanha, em Washington, precisando apenas de um empate para terminar como primeira colocada de sua chave.

Com seis pontos ganhos e duas vitórias (7 a 1 contra o México e 2 a 0 contra a Itália), o destaque da equipe

brasileira vem sendo a meia Sissi, artilheira da competição, com cinco gols marcados.

A passagem para as quartas de final da competição ficou garantida com a vitória sobre as italianas, assim como uma vaga para os Jogos de Sydney, em 2000 (BRASIL..., 1999, p. 5).

Para isso, o empate já era suficiente para a equipe que tinha Sissi como o principal destaque, pela artilheira isolada. Por outro lado, a vaga do Brasil nos Jogos Olímpicos de 2000 estava indefinida, pois as sete melhores seleções do Mundial a conquistariam, e a colocação da Austrália nesse torneio influenciaria nesse processo.

No dia 28, um texto informou que o Brasil garantiu a liderança do grupo, escapando dos Estados Unidos nas quartas de final. Vejamos:

O Brasil empatou ontem com a Alemanha por 3 a 3 em Maryland, no Mundial feminino de futebol, disputado nos EUA.

Com o resultado, que garantiu o primeiro lugar no Grupo B, o Brasil evita o confronto com a temida equipe da casa, favorita ao título, nas quartas-de-final.

[...]

A seleção brasileira, que pela primeira vez avançou à segunda fase da competição, deve enfrentar agora a segunda classificada do Grupo A, a Nigéria.

[...]

No jogo de ontem, a Alemanha abriu a contagem aos 8 min, com um gol de Birgit Prinz. Sete minutos depois, o time brasileiro empatou com um chute longo de Kátia.

Jogando no ataque, o Brasil virou o placar aos 20 min., numa cobrança de falta bem executada por Sissi.

O time alemão voltou melhor no segundo tempo e em 15 minutos passou novamente à frente no placar, com gols marcados por Bettina Wiegmann (cobrando pênalti) e Steffi Jones.

Aos 45 min, Sissi cobrou falta e lançou a bola na área. Após dois toques de cabeça, a bola sobrou para Maicon, que chutou no canto do gol de Silke Rottenberg (BRASIL..., 1999, p. 3).

Tal colocação resultou do empate (3 a 3), com alternâncias performáticas. A Alemanha abriu o placar, virado pelo Brasil, que jogava no ataque, na etapa inicial, e retornou melhor ao segundo tempo, passando novamente à frente. Maicon o igualou no final, o que evitou os temidos Estados Unidos, favoritos ao título, significando a subjetividade do alívio com o que seria uma iminente eliminação na fase seguinte.

Em julho, no dia 01, um texto informou que o Brasil enfrentaria a Nigéria nas quartas de final, e definiria a sua classificação ou não para os Jogos Olímpicos de 2000. Bueno escreveu:

A seleção brasileira feminina de futebol enfrenta hoje a Nigéria, em Washington, pelas quartas-de-final do Mundial, que acontece nos EUA. Em jogo, mais do que uma vaga nas semifinais da competição, estará o direito de participar da Olimpíada de Sydney, em 2000.

[...] A Fifa, entidade que comanda o futebol, decidiu que não haverá Pré-Olímpico e que os oito melhores times do Mundial irão à Olimpíada.

Mas a Austrália, sede dos Jogos, não passou da primeira fase do Mundial. Como o time australiano tem vaga garantida na Olimpíada como anfitrião, o oitavo colocado do Mundial não irá aos Jogos.

O time que sofrer a derrota por maior placar nas quartas será considerado o oitavo colocado.

Por isso, o técnico brasileiro Wilson Riça comemorou muito a primeira colocação de sua equipe no Grupo B do torneio, que evitou um duelo com os EUA nas quartas.

[...] A seleção brasileira terá que enfrentar a seleção mais violenta do Mundial. A Nigéria faz, em média, 25 faltas por partida – o Brasil faz 10,3 faltas por jogo [...]

Três brasileiras foram indicadas para a seleção do Mundial: a meia Sissi, artilheira, com seis gols, e as atacantes Pretinha e Kátia (BUENO, 1999c, p. 13).

Isso porque a eliminação da Austrália na fase grupal influenciou na classificatória olímpica, como foi supracitado. O oitavo colocado do torneio não teria vaga em Sydney, o que seria definido pelo saldo de gols. Por isso, Wilson Riça estava também aliviado por não enfrentar as americanas, e sim as nigerianas, inferiores tecnicamente, mas praticantes demasiadas do que Murad (2012, p. 9-12) chamou de “violência do futebol”. Por fim, a indicação de Sissi, artilheira do Mundial, Pretinha e Kátia Cilene ao *All-Star Team* da FIFA foi visibilizada.

No dia 03, um texto informou que o Brasil venceu a Nigéria (4 a 3), na morte súbita, garantindo vagas na semifinal e nos Jogos Olímpicos de 2000. Observemos:

A seleção brasileira feminina de futebol venceu a Nigéria por 4 a 3, na morte súbita (prorrogação que termina quando acontece um gol), garantindo vaga nas semifinais do Mundial dos EUA e na Olimpíada de Sydney, em 2000.

Após abrir vantagem de 3 a 0 no primeiro tempo, com dois gols de Cidinha e um de Nenê, o Brasil permitiu o empate na segunda etapa. Na prorrogação, Sissi cobrou falta com perfeição aos 14 min da etapa inicial e definiu a classificação, em Washington, anteontem.

Pela primeira vez na história, uma seleção brasileira venceu na morte súbita em torneio importante. Em 1996, nos Jogos de Atlanta, a equipe masculina perdeu da mesma Nigéria, pelo mesmo placar com essa regra.

As semifinais serão amanhã. O Brasil enfrenta os EUA, grande favorita ao título. E a Noruega, atual campeã, joga contra a China (NA MORTE..., 1999, p. 13).

A vitória estava praticamente garantida, com três gols de superioridade, mas as brasileiras vacilaram, permitindo a igualdade do placar, desempatado por Sissi. Apesar desse significado, essa construção positivou o fato, ressaltando que elas efetivaram o primeiro êxito do Brasil na morte súbita em torneio significativo, o que os homens não conseguiram, enfrentando o mesmo adversário, em 1996.

A exaltação da remissão dos fracassos dos homens pelas mulheres era ocasional na cobertura esportiva do jornal. Tal prática já tinha sido constatada por Gabriel (2020) quando a seleção masculina perdeu do Japão (0 a 1), e a feminina não (2 a 0), na Olimpíada de Atlanta.

No dia 04, um texto informou que a seleção e a Sissi poderiam conseguir a “consagração mundial” contra os Estados Unidos, na semifinal. Bueno (1999d, p. 8) escreveu:

A seleção brasileira feminina de futebol e, em especial, a meia Sissi podem conseguir hoje, no jogo com os EUA, às 17h30 (horário de Brasília), a consagração mundial. O Brasil já faz a sua melhor campanha em Mundiais, mas ainda não decidiu nenhum torneio importante e não integra o grupo dos melhores do planeta.

Uma vitória contra as norte-americanas, principais favoritas ao título, que jogam em casa – no mesmo Stanford Stadium, em San Francisco, onde o Brasil venceu os EUA por 1 a 0 na Copa-94, também em um 4 de julho, dia mais celebrado pelos norte-americanos –, daria ao Brasil o direito de jogar a final contra Noruega ou China, que fazem a outra semifinal hoje, mas, mais do que isso, põe a seleção nacional na elite.

Sissi vem sendo o grande destaque individual da competição, rivalizando com a atacante norte-americana Mia Hamm, considerada a melhor do mundo.

A brasileira é a artilheira do torneio, com sete gols. Mia Hamm, que soma 110 gols em jogos internacionais, fez seis, somando os três mundiais que disputou. Este ano, marcou só duas vezes (BUENO, 1999d, p. 8).

As brasileiras teriam de derrotar as “principais” favoritas ao título, já consolidadas no futebol de mulheres, na casa delas, no Dia da Independência, para entrar na “elite” da modalidade. Isso significou que o jogo foi sentenciado subjetivamente como um ritual de instituição,

embasado no poder do jornalismo, ratificado por Gastaldo (2003), e da *Folha de S.Paulo*, constatado nos *rankings* de circulação de jornais.

Segundo Bourdieu (1996), os ritos de instituição são ações efetivadas por agentes socialmente legitimados para instituir diferenças sociais, criando categorias de percepção dicotômicas. Legitimação que o jornal no qual o repórter trabalhava tinha.

No dia 05, um texto informou que os Estados Unidos venceram o Brasil (2 a 0), vingando a derrota dos americanos em 1994. Bueno escreveu:

Os EUA venceram ontem o Brasil por 2 a 0 nas semifinais do Mundial feminino, no Stanford Stadium, em São Francisco.

A vitória das norte-americanas foi uma espécie de desforra da derrota sofrida pelo time masculino na Copa-94, quando o Brasil venceu por 1 a 0, gol de Bebeto, nas oitavas-de-final. Ambas as partidas aconteceram em 4 de julho, Dia da Independência dos EUA.

[...]

O time dos EUA, que desde o início era apontado como o maior favorito ao título, venceu com gols de Cindy Parlow e Michelle Akers.

Logo aos 5 min. da primeira etapa, Cindy marcou de cabeça, após aproveitar um cruzamento e uma falha da goleira brasileira Maravilha, que não agarrou a bola.

As brasileiras demonstraram nervosismo. No primeiro tempo, a zagueira Tânia e a meia Sissi, artilheira do torneio com sete gols, levaram cartão amarelo.

No segundo tempo, o Brasil melhorou. A principal chance da equipe aconteceu em um chute de Nenê,

salvo pela goleira Scurry, que acabou sendo a grande figura do jogo na etapa final da partida – tirou uma bola quase em cima da linha do gol e suportou a pressão do time brasileiro.

A atacante Mia Hamm, considerada a melhor jogadora do mundo, fez a jogada que resultou no segundo gol dos EUA. Ela invadiu a área e foi derrubada. O juiz deu pênalti, que foi convertido por Michelle, aos 35 minutos do segundo tempo.

Michelle é a maior goleadora da história dos Mundiais – já fez 12 gols e foi a artilheira da primeira edição do evento, com 10 gols (BUENO, 1999e, p. 4).

A seleção americana abriu o placar aproveitando o nervosismo inicial da brasileira e uma falha de Maravilha. Todavia, essa retornou melhor ao segundo tempo, mas não empatou porque Scurry se transformou na “grande figura” do jogo, impedindo os gols. Tal ênfase significou que os Estados Unidos venceram por méritos, ampliando o placar no final com Michelle Akers, artilheira histórica dos Mundiais.

Nesse dia, outro texto construiu uma realidade distinta da anterior a partir do fato, informando que o Brasil não tinha mais a chance de conquistar o título, mas conseguiu o seu “principal objetivo”, a classificação para as Olimpíadas de 2000. Bueno escreveu:

A seleção brasileira não conseguiu pela terceira vez o título mundial, mas obteve ao menos seu principal objetivo na competição: a classificação para os Jogos Olímpicos de Sydney, no ano que vem.

[...]

O Brasil perdeu para o time que é considerado o melhor do mundo e alçoz da seleção. A história registra 11 confrontos entre brasileiras e norte-americanas. Foram nove vitórias dos EUA, um empate e só uma vitória do Brasil – em dezembro de 1997, em São Paulo.

No Mundial de 1991, na China, os EUA golearam a seleção por 5 a 0. No principal amistoso de preparação do Brasil para o Mundial desse ano, poucas semanas antes de começar o torneio, as norte-americanas venceram por 3 a 0 (BUENO, 1999f, p. 4).

Além disso, as brasileiras tinham perdido para as melhores do mundo, algozes nacionais, vitoriosas em 9 dos 11 jogos entre elas. A linguagem utilizada significou que o jornalista reforçou os méritos das americanas no jogo e positivou a campanha do Brasil.

No dia 10, um texto informou que o Brasil buscaria o terceiro lugar contra a Noruega, e a conseguinte ascensão no seu *ranking* no Mundial. Bueno escreveu:

A seleção brasileira de futebol feminino luta hoje pela terceira colocação do Mundial. A equipe enfrenta a Noruega, atual campeã do torneio, em Los Angeles.

Apesar da derrota de 2 a 0 para os EUA na semifinal, a equipe está motivada. Já conseguiu vaga na Olimpíada de Sydney, no ano que vem, e obteve a melhor colocação de sua história em Mundiais.

O time feminino pode repetir a trajetória da equipe masculina em Mundiais. A seleção só teve destaque em sua terceira Copa – ficou em terceiro lugar no Mundial de 1938, e Leônidas foi o artilheiro (BUENO, 1999g, p. 11).

A ascensão seria efetivada porque as brasileiras repetiriam a trajetória dos homens nessa competição, que também conseguiram o terceiro lugar na terceira Copa do Mundo disputada, em 1938, e o artilheiro. Essa linguagem claramente significou que a campanha teria mais positividade, agregando esse feito a melhor campanha da equipe nessa competição e a classificação aos Jogos Olímpicos.

Nesse dia, em outro texto, Bueno (1999h, p. 11) informou que a Sissi foi escolhida como uma das 16 atletas de “mais destaque” do Mundial. Ela, que ainda disputava a artilharia, foi escalada na “seleção ideal do torneio”, o *All-Star Team* da FIFA, acumulando mais valor, estruturante do *status* de ídolo, também dependente desse tipo de visibilidade, enfatizando os feitos performáticos da atleta.

Segundo Helal *et al.* (2011), talento e conquistas legitimam o ídolo no esporte, embora a midiaticização seja essencial nesse processo, alimentando a relação entre esse agente e os fãs. Isso significa que a mídia não institui ídolos a seu bel-prazer, o atleta precisa ter os requisitos para adquirir esse *status*, Helal (1998) reiterou.

O terceiro lugar e a final terminaram 0 a 0 e foram decididos nos pênaltis. O Brasil venceu a Noruega por 5 a 4. Os Estados Unidos venceram a China pelo mesmo placar.

Em outubro, no dia 04, um texto informou que o Brasil perdeu para os Estados Unidos (2 a 4), dessa vez na final da *US Cup* feminina. No entanto, o Brasil foi o adversário mais difícil deles, que tinham goleado a Coreia do Sul, 5 a 0, e a Finlândia, 6 a 0 (EUA..., 1999, p. 4), o que também significou positividade subjetiva, apesar da derrota.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluiu-se que o caderno *Esporte da Folha de S. Paulo*, em 1999, aborda os treinos da seleção brasileira, que enfrentou times masculinos nos amistosos para a Copa do Mundo porque havia desequilíbrio técnico com os times locais de mulheres. A sua constituição, que tinha oito jogadoras do São Paulo e oito da Portuguesa, mas os destaques individuais, Sissi e Pretinha, atuavam em outras equipes, construção valorativa influente na instituição de ídolos.

Depois, os seus jogos na Copa do Mundo e na *US Cup*, inicialmente divulgando-os, quando os possíveis efeitos dos confrontos foram enfatizados. Seja a classificação antecipada para as eliminatórias antes de enfrentar a Itália. A liderança do Grupo B, se não perdesse da Alemanha. As vagas na semifinal do torneio e nos Jogos Olímpicos de 2000, contra a Nigéria. A consagração mundial da equipe e de Sissi, artilheira, um dos destaques da competição, no duelo semifinal com os Estados Unidos, e a ascensão performática do Brasil na história das Copas, se vencesse a Noruega na disputa pela terceira colocação.

A escolha de Sissi para integrar o *All-Star Team* da FIFA foi também abordada. Visibilidade que é influente na estruturação do *status* de ídolo.

Depois, os resultados e os seus adendos foram ressaltados. A goleada marcante no México. A efetivação da liderança do grupo, evitando os Estados Unidos nas quartas de final. A vitória sobre a Nigéria na morte súbita das quartas de final, o que a seleção masculina não conseguiu em 1996. A derrota justa para os Estados Unidos na semifinal, e a positivação do resultado, considerando a vaga na Olimpíada de Sydney e força do adversário.

A derrota do Brasil para os Estados Unidos na final da *US Cup* foi também positivada. Isso porque aquela equipe foi considerada o adversário mais difícil dessa no torneio.

Ou seja, a seção enfatizou os desempenhos da seleção brasileira, sem os menosprezar. Ao contrário, essa os positivou em alguns momentos, inclusive perante a equipe masculina, alocando a sua cobertura no segundo perfil das coberturas esportivas do futebol de mulheres, no Brasil.

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BORELLI, Viviane. Cobertura midiática de acontecimentos esportivos: uma breve revisão de estudos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. *Anais [...]* Campo Grande: INTERCOM, 2001. p. 1-15.
- BORELLI, Viviane. O esporte como uma construção específica do campo jornalístico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 25., 2002, Salvador. *Anais [...]* Salvador: INTERCOM, 2002. p. 1-22.
- BORELLI, Viviane. Jornalismo como atividade produtora de sentidos. *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior*, Covilhã = 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/>>. Acesso em: 30 dez. 2017.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- BRASIL busca 1o lugar hoje contra alemãs. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, ano 79, n. 25.652, 27 jun. 1999. Esporte. p. 5.
- BRASIL dá 1a goleada no Mundial feminino. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, ano 79, n. 25.645, 20 jun. 1999. Esporte. p. 6.
- BRASILEIRAS vencem em estréia no Mundial. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, ano 79, n. 25.646, 21 jun. 1999. Esporte. p. 6.
- BRASIL garante primeiro lugar e 'escapa' dos EUA no Mundial. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, ano 79, n. 25.653, 28 jun. 1999. Esporte. p. 3.
- BRUM, Monique Ferreira; NASCIMENTO, Diego Ramos do; PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. Trajetória profissional das atletas da seleção brasileira

de futebol feminino. *Arquivos em Movimento*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 95-110, ago./dez. 2019.

BUENO, Rodrigo. Seleção faz preparação contra homens. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, ano 79, n. 25.616, 22 mai. 1999a. Esporte, p. 11.

BUENO, Rodrigo. Paulistas são base do Brasil. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, ano 79, n. 25.644, 19 jun. 1999b. Esporte. p. 11.

BUENO, Rodrigo. Seleção feminina decide hoje vaga para Olimpíada de 2000. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, ano 79, n. 25.656, 01 jul. 1999c. Esporte. p. 13.

BUENO, Rodrigo. Brasil e Sissi buscam consagração no 4 de julho. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, ano 79, n. 25.659, 04 jul. 1999d. Esporte. p. 8.

BUENO, Rodrigo. EUA batem Brasil no Mundial feminino. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, ano 79, n. 25.660, 05 jul. 1999e. Esporte. p. 4.

BUENO, Rodrigo. Brasileiras se contentam com Olimpíada. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, ano 79, n. 25.660, 05 jul. 1999f. Esporte. p. 4.

BUENO, Rodrigo. Brasil busca terceiro lugar e ascensão. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, ano 79, n. 25.665, 10 jul. 1999g. Esporte. p. 11.

BUENO, Rodrigo. Sissi integra a 'seleção ideal'. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, ano 79, n. 25.665, 10 jul. 1999h. Esporte. p. 11.

CABRAL, Nara Lya Simões Caetano. Um jornal a serviço do Brasil? – A Folha de S.Paulo e as rearticulações sobre censura e liberdade de expressão. *Parágrafo*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 125-134, jan./jun. 2013.

EUA vencem Brasil na US Cup feminina. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, ano 79, n. 25.758, 11 out. 1999. Esporte. p. 4.

FERRETTI, Marco Antônio de Carvalho. et al. O futebol feminino nos Jogos Olímpicos de Pequim. *Motriz*, Rio Claro, v. 17, n. 1, p. 117-127, jan./mar. 2011.

FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo de; GABRIEL, Bruno José. Quando o herói se torna humano: a visão do caderno de esportes da Folha de S.Paulo sobre o jogador Ronaldo na Copa do Mundo de 1998. *Tempos Gerais*, São João del-Rei, v. 3, n. 6, p. 47-66, jul./dez. 2014.

GABRIEL, Bruno José; FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo de. O discurso acerca da seleção brasileira presente na Folha de S.Paulo durante o ano de realização da “*Germany World Cup*”. *Rev Bras Educ Fis Esporte*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 371-383, abr./jun. 2016.

GABRIEL, Bruno José. et al. Revisão crítica da literatura brasileira sobre coberturas jornalísticas esportivas do futebol feminino. *Rev Bras Educ Fis Esporte*, São Paulo, v. 34, n. 3, p. 499-512, jul./set. 2020.

GABRIEL, Bruno José. *O futebol da seleção brasileira feminina: uma análise das coberturas esportivas da Folha de S.Paulo (1991 – 2016)*. 2020, 227 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2020.

GASTALDO, Édison. Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo. *Caderno IHU Idéias*, São Leopoldo, v. 1, n. 10, p. 1-28, 2003.

GASTALDO, Édison; LEISTNER, Rodrigo. “A mais gaúcha de todas as Copas”: identidades brasileiras e imprensa esportiva na Copa do Mundo. *Interin*, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 1-16, jul./dez. 2006.

HELAL, Ronaldo. Cultura e idolatria: ilusão, consumo e fantasia. In: ROCHA, Everardo. (org.). *Cultura e imaginário: interpretação de filmes e pesquisa de idéias*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998. p. 135-150.

HELAL, Ronaldo. et al. A construção de um ídolo futebolístico na imprensa: estudo de caso. *Organicom*, São Paulo, v. 8, n. 15, p. 234-246, jul./dez. 2011.

JANUÁRIO, Soraya Barreto; VELOSO, Ana Maria da Conceição; CARDOSO, Laís Cristine Ferreira. Mulher, mídia e esportes: a Copa do Mundo de futebol feminino sob a ótica dos portais de notícias pernambucanos, *Éptic*, São Cristovão, v. 18, n. 1, p. 168-184, jan./abr. 2016.

LOURENÇO, Nathalia Lutt. et al. As mulheres entram em campo? A cobertura do Jornal Gazeta do Povo referente às Copas do Mundo de futebol feminino dos anos de 2007 e 2015. *Publ. UEPG Appl. Soc. Sci.*, Ponta Grossa, v. 27, n. 1, p. 83-94, jan./abr. 2019.

MARTINS, Leonardo Tavares; MORAES, Laura. O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata. *Pensar a Prática*, Goiás, v. 10, n. 1, p. 69-81, jan./jun. 2007.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. *Rev. Bras. Ciên. Esporte*, Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, jan. 2005.

MURAD, Mauricio. *A violência no futebol*. São Paulo: Saraiva, 2012.

NA MORTE súbita, Brasil garante vaga na semifinal e em Sydney. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, ano 79, n. 25.658, 03 jul. 1999. Esporte. p. 13.

PARDO, Rodrigo; BODIN, Dominique. Análisis de prensa de los casos de dopaje de Marta Domínguez y Alberto Contador: ¿héroes o villanos? *Historia y Comunicación Social*, Madrid, v. 17, p. 297-316. 2012.

PONTES, Felipe Simão; SILVA, Gislene. Mídia noticiosa como material de pesquisa: recursos para o estudo de produtos jornalísticos. In: BOURGUIGNON, Jussara Ayres; OLIVEIRA JUNIOR, Constantino Ribeiro de Oliveira. (Orgs.).

*Pesquisa em Ciências Sociais: interfaces, debates e metodologias*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2012. p. 49-77.

QUEIROZ, João Machado de. *Vocabulário do futebol na mídia impressa: o glosário da bola*. 2005. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras e Ciências de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2005.

ROJAS TORRIJOS, José Luis. La futbolización de la información deportiva: un estudio de casos de cuatro diarios deportivos europeos. *Comunicação & Cultura*, Lisboa, n. 13, p. 77-95, 2012.

SANTOS, Silvan Menezes dos. et al. Mídia e jogos Paralímpicos: a cobertura da Folha de S.Paulo entre 1992 e 2016. *Rev Bras Ciênc Esporte*, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 190-197, 2019.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Uma história do futebol feminino nas páginas da revista Placar entre os anos de 1980-1990. *Movimento*, Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 95-115, jan./mar. 2013a.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. O futebol de Marta na revista Placar: recortes de uma história. *Espaço Plural*, Cascavel, v. 14, n. 29, p. 298-233, jul./dez. 2013b.

SELEÇÃO feminina tenta vaga nos EUA. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, ano 79, n. 25.649, 24 jun. 1999. Esporte. p. 15.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são*. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005.

## CAPÍTULO 7

### SELO MARTA DE QUALIDADE: A PROMOÇÃO MIDIÁTICA DE MARCAS E VALORES NA FIGURATIVIZAÇÃO DE UMA JOGADORA DE FUTEBOL

MAGNOS CASSIANO CASAGRANDE<sup>1</sup>

PHILLIPP DIAS GRIPP<sup>2</sup>

ADA CRISTINA MACHADO SILVEIRA<sup>3</sup>

#### INTRODUÇÃO

A Copa do Mundo de Futebol de Mulheres de 2019, realizada na França, representou um marco na luta pela igualdade de gêneros no âmbito futebolístico. Durante a edição foi possível observar o exercício de empoderamento feminino e uma variedade de afirmações e posicionamentos feministas, os quais evidenciaram, entre outras problemáticas sexistas, que a discrepância no tratamento dado ao

---

1 Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria e Bacharel em Publicidade e Propaganda pela mesma instituição. [magnoscassiano@yahoo.com.br](mailto:magnoscassiano@yahoo.com.br).

2 Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestre em Comunicação pela mesma instituição. Bacharel em Comunicação com habilitação em jornalismo pela Universidade Federal do Pampa. [phidgripp@gmail.com](mailto:phidgripp@gmail.com).

3 Professora Titular da Universidade Federal de Santa Maria e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da mesma instituição. Doutora em Jornalismo pela Universitat Autònoma de Barcelona. [adac.machadosilveira@gmail.com](mailto:adac.machadosilveira@gmail.com).

futebol praticado por mulheres em relação àquele praticado por homens ainda é enorme<sup>4</sup>.

Em números, a Copa do Mundo de 2019 foi a edição que recebeu maior visibilidade desde a realização da primeira, em 1991. O relatório *Global Broadcast and Audience Report* mostra a evolução em termos de consumo/audiência da Copa do Mundo de 2019 em relação à de 2015. A edição alcançou 993,5 milhões de indivíduos únicos por pelo menos um minuto na transmissão televisiva, um acréscimo de 30% em relação à Copa do Mundo de 2015, realizada no Canadá. Quando a métrica passa a ser 20 minutos ou mais, a competição atingiu 540,7 milhões, um aumento de 64,9%. Considerando todas as plataformas (incluindo as digitais), projeta-se um alcance total de 1,12 bilhão de pessoas. Estima-se também que 481,5 milhões de pessoas acessaram a cobertura da Copa do Mundo de 2019 através de plataformas digitais.

O relatório aponta que a final entre Estados Unidos e Holanda foi a partida mais vista da história das Copas do Mundo de Futebol de Mulheres, com uma média de 82,18 milhões de pessoas assistindo à partida ao vivo, número 56% maior que na edição de 2015. Ademais, 263,62 milhões de pessoas foram alcançadas durante a transmissão da final, um acréscimo de 22,9%. A média de telespectadores por jogo (observando-se todas as partidas) também teve considerável aumento, mais de 105%, passando de 8,39 milhões em 2015 para

---

4 Futebol de Mulheres (FM) é a expressão adotada por Barreto Januário; Lima; Leal (2020) com a finalidade de evitar a utilização de “futebol feminino” e sua condição biológica que o acompanha. No presente capítulo, faz-se uso da mesma expressão (Futebol de Mulheres), corroborando a justificativa apresentada.

17,27 milhões em 2019. A Tabela 1 a seguir apresenta as dez partidas com as maiores audiências em 2019:

**Tabela 1.** As dez maiores audiências nos jogos da Copa do Mundo de Futebol de Mulheres de 2019

Rank	Match				Stage	Global Live Av. Audience (millions)	
1	United States		v.		Netherlands	Final	82.18m
2	France		v.		Brazil	Round of 16	60.67m
3	England		v.		United States	Semi-Final	43.16m
4	Italy		v.		Brazil	Group C	42.33m
5	France		v.		United States	Quarter-Finals	35.78m
6	Netherlands		v.		Sweden	Semi-Finals	33.61m
7	Australia		v.		Brazil	Group C	32.16m
8	Brazil		v.		Jamaica	Group C	30.47m
9	Germany		v.		Sweden	Quarter-Finals	25.56m
10	Italy		v.		Netherlands	Quarter-Finals	24.62m

Fonte: FIFA (2020).

Como é possível observar na tabela, dos dez jogos, quatro envolveram a Seleção Brasileira. No Brasil, os números de audiência também tiveram notável crescimento. Estima-se que 108 milhões de pessoas foram impactadas em 2019, frente a 42 milhões em 2015 (BARRETO JANUÁRIO; LIMA; LEAL; 2020). Autoras e autor discutem o futebol praticado por mulheres como um elemento recente na agenda midiática, que se potencializa a partir da “construção de um público mobilizado” (2020, p. 44). Ainda afirmam que os interessantes números da audiência e a cobertura midiática realizada em 2019 revelam uma evolução, demonstram o interesse por parte dos veículos de comunicação e sugerem um cenário mais propício à compreensão e visibilidade da

categoria. Porém, o aspecto evolutivo não eliminou o contraste entre o futebol praticado por mulheres e por homens. Em várias esferas, as mulheres sempre tiveram que lutar para gerar fissuras em estruturas e ambientes dominados majoritariamente por homens e sabe-se que no âmbito esportivo é totalmente desproporcional a atenção dada por dirigentes, federações, confederações e mídia.

A invisibilidade ou insuficiente visibilidade dada ao futebol de mulheres, inclusive pela mídia esportiva, é reflexo de um histórico de proibições que revela vícios, estereótipos e preconceitos pautados em “relações de poder de ordem política, paternalista e patriarcal” (BARRETO JANUÁRIO; LIMA; LEAL, 2020, p. 44-45). Barreto Januário (2019) menciona o apagamento da participação do futebol praticado por mulheres na construção futebolística nacional, fato que conduz o termo *Futebol* a ser associado quase que exclusivamente àquele praticado por homens. Além da falta de patrocínio, apresentam-se como razões para o apagamento supracitado: a suposta masculinização feminina, a exploração de estereótipos ligados a conotações negativas (KNIJINIK, 2010) e a conexão imperiosa entre “mulher, feminilidade e beleza” (GOELLNER, 2005, p. 143). Curiosamente (ou não), é a falta de patrocínio que motiva uma das principais ações desempenhadas pela jogadora brasileira Marta, ao longo da Copa do Mundo de 2019.

Com a finalidade de encaminhar o foco do presente capítulo, concorda-se com Goellner quando afirma:

[...] em se tratando de um país como o Brasil, onde o futebol é discursivamente incorporado à identidade nacional, torna-se necessário pensar o quanto este ainda

é, para as mulheres, um espaço não apenas a conquistar, mas, sobretudo, a ressignificar alguns dos sentidos que a ele estão incorporados de forma a afirmar que esse espaço também é seu. Um espaço de sociabilidade e de exercício de liberdades (GOELLNER, 2005, p. 143).

Marta, da Seleção Brasileira de Mulheres, é amplamente reconhecida como a maior jogadora da história, detentora de seis conquistas de melhor do mundo, recordista de gols pelo Brasil e maior artilheira das Copas do Mundo (de homens e de mulheres). Na edição de 2019, além do futebol praticado, o ativismo por igualdade de gênero pautou suas ações e posicionamentos dentro e fora do campo de jogo.

Nesse contexto, surge o interesse em analisar aspectos políticos e representacionais do protagonismo publicitário e midiático de Marta durante a Copa do Mundo de 2019. Desenvolvem-se diversas faces de Marta, a exemplo de mulher, feminista, jogadora de futebol, garota-propaganda e edificadora de sua marca pessoal. Diante disso, questiona-se como o lugar de fala de Marta é exercido para promover: 1) marcas patrocinadoras; 2) discurso contra o sexismo; e 3) a si mesma como uma marca. Trabalha-se com a hipótese de que assumir e fazer valer seu lugar de fala sustenta a consolidação de Marta como uma marca de relevante importância no cenário futebolístico, carregada de atributos diversos.

A base teórica aciona a noção de lugar de fala (RIBEIRO, 2017; FOUCAULT, 1979; 2013), sistematizada por Gripp e Silveira (2021), bem como a noção de marca pessoal (*Me Brand*) organizada por

Maggioni, Casagrande e Hönig (2020). Para a base metodológica, recorre-se ao aporte da semiótica discursiva greimasiana, com ênfase na exploração dos processos de tematização e figurativização, pertencentes ao nível discursivo do percurso gerativo de sentido, e à sistematização proposta por Scott (1995) acerca da utilidade da categoria gênero para a análise de discursos. Já a base empírica se orienta pela presença midiática de Marta no campo de jogo, em entrevistas e publicidades.

Em termos de estrutura, o presente capítulo é composto por quatro seções: a primeira, intitulada “Entre lugar de fala e marca pessoal”, apresenta a fundamentação teórica do estudo; a segunda, “Delimitações metodológicas e empíricas”, na qual são apresentados o método de análise e o material empírico; a terceira é voltada à análise do material empírico e recebe o título “Análise da categoria de gênero no dispositivo semiótico-discursivo de figurativização”; já a quarta, “Marta: a consolidação de uma marca com valores feministas”, apresenta uma discussão e interpretação dos resultados ao observar o alinhamento entre a jogadora, seu lugar de fala e a concepção de marca pessoal.

## ENTRE LUGAR DE FALA E MARCA PESSOAL

A noção de lugares de fala ganhou repercussão e popularidade nos últimos anos, principalmente nas redes sociais digitais, devido seu uso por parte das militâncias de movimentos sociais. Ribeiro (2017) conta que a recorrência da expressão nas redes a motivou a intervir no debate sobre a noção. Ela aponta a carência de sua determinação

epistemológica e que sua origem é imprecisa, mas aposta que seu advento ocorreu entre os estudos do ponto de vista feminista, da diversidade, da teoria racial crítica e do pensamento decolonial. A autora demonstra que há um esvaziamento sobre o debate conceitual, o que gera diversas críticas, dúvidas e polêmicas sobre os lugares de fala.

Quando Ribeiro (2017) assume o uso da noção “lugar de fala” como ferramenta política que visa romper a ordenação estabelecida de que apenas poderiam falar as pessoas que tivessem prévia autoridade para tal, embasando a tomada de autorização discursiva para si, percebe-se a importância de também associá-la a uma teorização sobre relações de poder. Por isso, este artigo se respalda em um alinhamento dos lugares de fala ao pensamento pós-estruturalista, tendo em vista a correlação produzida por Foucault (1979; 2013) entre discurso e poder, conforme articulado por Gripp e Silveira (2021).

Ao destacar, pela via foucaultiana, que através da análise dos discursos se torna possível evidenciar como as relações de poder estão estruturadas nas sociedades, Gripp e Silveira (2021) encadeiam a noção dos lugares de fala como uma estratégia enunciativa que se fundamenta no exercício das relações de poder e na produção enunciativa vinculada às identidades adscritas ao enunciador. O debate teórico articulado em Gripp e Silveira (2021) fundamenta a noção a partir de uma dupla linha de argumentação: 1) de um lado constata-se que o debate desenvolvido por Foucault (1979; 2013) problematiza, mas não se encerra na vigência de práticas discursivas que permitem ou proíbem que um sujeito fale e seja ouvido no contexto das relações de poder; 2) de outro lado, baseado em Butler (2017) e Hall (2000), reflete-se sobre como os sujeitos, sobretudo minoritários/

subalternos, assumem identidades temporariamente através de performatividades. Ademais, Gripp e Silveira demonstram a complexidade comunicacional acionada pela noção dos lugares de fala:

[...] quando um sujeito enuncia em uma situação comunicacional, direcionando-se a outro/a que assume a escuta, e se posiciona com base na adscrição identitária previamente reconhecida como seu lugar social, de modo a tentar conduzir o reconhecimento desse lugar e gerar respaldo a sua fala em um contexto de relações de poder, ele está assumindo a estratégia enunciativa prevista pelo “lugar de fala” e por ela instaurada (GRIPP; SILVEIRA, 2021, p. 7).

Diante disso, ressalta-se que a estratégia enunciativa dos lugares de fala contribui para a resistência à opressão e aos estados de dominação no contexto das relações de poder, pois viabiliza que sujeitos subalternos, sem voz e invisibilizados socialmente possam levantar suas vozes e serem ouvidos, através de uma ordenação discursiva que se sustenta pela via de uma performatividade indenitária que é assumida temporariamente (GRIPP; SILVEIRA, 2021).

A noção dos lugares de fala, então, é empregada nesse artigo com o objetivo de evidenciar de que modo a jogadora de futebol Marta se posiciona com base em descrições indenitárias reconhecidas e midiaticadas previamente como lugares sociais ocupados por ela (a saber: mulher e melhor jogadora de futebol do mundo) para reforçar o ativismo feminista no âmbito futebolístico, além de promover marcas por meio da intersecção entre gênero e futebol. A análise

procura, então, os traços discursivos tematizados e/ou figurativizados em diferentes produtos midiáticos que produzem o reconhecimento político-representacional às falas de Marta, tendo em vista que ela enuncia sobre assuntos associados ao seu lugar de fala.

Acredita-se que fazer valer seu lugar de fala reforça a concepção de Marta como uma marca pessoal. Maggioni, Casagrande e Hönig (2020) ambicionam mostrar como se desenvolvem as marcas na contemporaneidade, principalmente as marcas pessoais, denominadas *Me Brands*. Uma marca só se estabelece a partir da conjunção de diversas variáveis. Porém, a individualidade, ao reforçar a face ativa, afetiva e intencional do sujeito, é fundamental para sua construção e para construção do próprio sujeito. Parte-se do princípio de que uma marca pessoal reúne aspectos da esfera sensível, é influenciada por contextos e valores e efetiva-se por meio de construções discursivas e manifestações corporais que recebem o suporte de recursos do ambiente midiático.

É fundamental e necessário, para a existência de uma marca, externalizar uma intencionalidade: “Em marca, os sujeitos revelam, por sua performance, valores que são caros a determinados públicos [...]. Há comunhão de valores numa relação bem-sucedida, e só há comunhão pela relação de comunicação desenvolvida” (MAGGIONI; CASAGRANDE; HÖNIG, 2020, p. 53). Afirmam-se uma visão de mundo e perspectivas de quem enuncia pelos valores que geram identificações ou afastamentos.

Cada sujeito é único, conseqüentemente, seus modos de transformação em marca também são. Trata-se de um processo que sofre influência do ambiente social, da autonomia e iniciativa do sujeito, dos

recursos simbólicos e técnicos de que dispõe, da conexão entre manifestações e intenções, do contexto discursivo e de sua posição social (MAGGIONI; CASAGRANDE; HÖNIG, 2020). A exposição ao público ocorre de forma discursiva com a finalidade de buscar reconhecimento. Havendo empatia ocorre legitimação pela audiência:

A Me Brand volta de sua exposição enriquecida pelas avaliações geradas sobre ela. Os mecanismos de mídia e propaganda, quando tentam aportar seus valores, investem nela, potencializam sua visibilidade e enaltecem seu discurso. Nesse momento, além da legitimidade, há um ganho exponencial no valor de discurso. Em seguida, a marca volta à exposição pública, potencializada (MAGGIONI; CASAGRANDE; HÖNIG, 2020, p. 80).

Forma-se um ciclo de “exposição discursiva, ganho e nova exposição”, denominado pelos autores de retrodiscursividade. Cada nova aparição comporta valores assegurados ou manifestados em aparições anteriores e gera expectativas diante do que já fora consolidado.

### DELIMITAÇÕES METODOLÓGICAS E EMPÍRICAS

Aos destinatários e ao contexto, são os enunciados, materiais ou imateriais, que se tornam perceptíveis. Cada enunciado revela traços discursivos atinentes à jogadora Marta e a seu processo representacional de um determinado grupo social. Cada manifestação de Marta e sobre Marta se apresenta com uma pequena estrutura semiótica, sobre a qual se aplica uma análise do investimento

temático-figurativo. Tal investimento integra o nível discursivo do percurso gerativo de sentido no âmbito da semiótica greimasiana. Três níveis compõem o percurso, assim resumidos por Barros:

[...] a primeira etapa do percurso, a mais simples e abstrata, recebe o nome de nível fundamental ou das estruturas fundamentais e nele surge a significação como uma oposição semântica mínima [...] no segundo patamar, denominado nível narrativo ou das estruturas narrativas, organiza-se a narrativa, do ponto de vista de um sujeito [...] o terceiro nível é o do discurso ou das estruturas discursivas em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação (BARROS, 2010, p. 13).

No nível discursivo é que ocorre o investimento de traços que caracterizam e dão concretude às narrações e aos valores; onde as performances e intencionalidades assumem ou recebem uma materialidade verbo-visual que as enunciam. Valores, ideias, pensamentos e ideais, todos num plano abstrato, aproximam-se do real a partir da figurativização.

Nesse processo, “[...] as figuras concretizam sensorialmente os temas e dão a eles ‘corporalidade’”, ou seja, os temas recebem um investimento constituído por “[...] traços ‘sensoriais’ de cor, de forma, de cheiro, de sons etc.” (BARROS, 2004, p. 13). A figurativização corporifica as relações entre enunciador e enunciatário. Concepção essa, vinculada à exposição de intencionalidades e aos valores afetivos discursivizados.

Ao observar a utilidade da categoria gênero para análises que objetivam atentar a sistemas de significações, a exemplo da abordagem

semiótica desenvolvida nesse capítulo, na contextura das relações de poder, percebe-se como a sistematização proposta por Scott (1995) pode ser profícua para apreender os sentidos propiciados pelos discursos. A autora ressalta que a categoria de gênero é uma referência necessária para observar como as relações de poder têm sido concebidas, legitimadas, criticadas e como as sociedades se servem do gênero para articular regras nas relações sociais. Assim, o gênero:

[...] não apenas faz referência ao significado da oposição homem/mulher; ele também o estabelece. Para proteger o poder político, a referência deve parecer certa e fixa, fora de toda construção humana, parte da ordem natural ou divina. Dessa maneira, a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se parte do próprio significado de poder; pôr em questão ou alterar qualquer de seus aspectos ameaça o sistema inteiro (SCOTT, 1995, p. 92).

Scott (1995) argumenta que as significações de gênero e poder se constroem reciprocamente. Entende-se que ao se observar como os posicionamentos de Marta incorporam aspectos do debate da luta contra o sexismo e pela igualdade de gêneros em sua prática discursiva, permite-se, por consequência, a própria constatação do exercício das relações de poder vinculada diretamente à categoria de gênero. Considera-se, então, a relevância de articular a pesquisa à definição de gênero de Scott:

Minha definição de gênero tem duas partes e diversos subconjuntos, que estão interrelacionados [*sic*], mas

*devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1995, p. 86).*

No que se refere à primeira proposição, Scott (1995) distingue quatro elementos inter-relacionados pelos quais ela se desdobra, que devem ser levados em conta durante as análises:

1. Os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas (e, com frequência, contraditórias) – este desdobramento demonstra a importância de indicar quais representações simbólicas são invocadas nos textos;
2. Conceitos normativos que expressam interpretações dos significados dos símbolos, que tentam limitar e conter suas possibilidades metafóricas – este desdobramento se apresenta na expressividade conceitual de doutrinas religiosas, científicas, políticas ou jurídicas sob a forma categórica e inequívoca de uma oposição binária fixa (homem/mulher, masculino/feminino), o que permite destacar como afirmações normativas são rejeitadas ou reproduzidas nos textos;
3. A análise dessas significações deve apontar para concepções políticas com referências às instituições e organizações sociais (o que inclui o mercado de trabalho, educação, sistema político);

4. Identidade subjetiva, que propõe uma reflexão sobre as formas pelas quais são estruturadas as identidades generificadas.

Vale constar que Scott (1995) explica que esses quatro elementos que compõem a primeira proposição não podem operar isoladamente ao mesmo tempo em que não são meros reflexos uns dos outros. Enquanto isso, a segunda proposição dá importância aos aspectos em que o gênero permite ver o exercício das relações de poder.

Seria melhor dizer: o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado. O gênero não é o único campo, mas ele parece ter sido uma forma persistente e recorrente de possibilitar a significação do poder no ocidente, nas tradições judaico-cristãs e islâmicas (SCOTT, 1995, p. 88).

No âmbito empírico, optou-se por buscar não apenas informações e valores que circulam sobre Marta, mas também materiais em que ela se apresenta e se utiliza dos meios de comunicação para se posicionar, promover causas e marcas e se autopromover como uma marca. Diante disso, o recorte empírico é composto por três agrupamentos: 1) pela fala de Marta após o jogo do Brasil contra a França na Copa do Mundo de 2019, que eliminou o time brasileiro da competição<sup>5</sup>; 2) pelas capas dos jornais *Estado de Minas* (Minas

5 YOUTUBE. Marta desabafa após derrota para França, pelas oitavas de final da Copa 2019. Youtube, 2019. Disponível em: <<https://cutt.ly/jkRN8Fg>>. Acesso em 14 ago. 2020.

Gerais) e *O Dia* (Rio de Janeiro) – publicados após a partida entre Brasil e Itália (19/06/2019), quando Marta marcou o gol da vitória e se tornou a maior artilheira da história das Copas – e, pela capa do jornal *Correio*\* (Bahia) – publicada após a eliminação da equipe (24/06/2019)<sup>6</sup>; e 3) dois audiovisuais promocionais da marca de cosméticos e produtos de beleza Avon, nos quais Marta foi garota propaganda durante a Copa do Mundo de 2019.<sup>7</sup>

Na Figura 1, a seguir, pode-se observar as capas dos jornais analisados.

Figura 1. Capas dos jornais impressos analisados



Fonte: Jornal Estado de Minas; Jornal O Dia; Jornal Correio.

- 6 Capas dos jornais Estado de Minas, O Dia e Correio, disponíveis respectivamente, em <<https://cutt.ly/3kRiKi4>>, <<https://cutt.ly/KkR1112>> e <<https://cutt.ly/okRo6GD>>. Acesso em 20 jan. 2021.
- 7 AVON. Campanha “Veio Pra Ficar”, que marcou o lançamento do batom Power Stay de Avon. YOUTUBE AVON. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=23&v=oZM37QHIS2o&feature=emb\\_logo](https://www.youtube.com/watch?time_continue=23&v=oZM37QHIS2o&feature=emb_logo)>. Acesso em 20 jan. 2021.

Nas Figuras 2 e 3, a seguir, pode-se observar trechos dos 2 audiovisuais promocionais analisados no artigo.

Figura 2. Trechos do primeiro audiovisual analisado



Fonte: conforme nota explicativa 7.

Figura 3. Trechos do segundo audiovisual analisado



Fonte: conforme nota explicativa 7.

A entrevista foi escolhida por ser emblemática, pois raras vezes se observou posicionamento tão incisivo logo após uma partida do futebol de mulheres diante das câmeras. Quanto às capas de jornais, entre várias possibilidades, optou-se pelas capas de *Estado de Minas* e *O Dia*, pois são aquelas que dão maior destaque ao feito alcançado por Marta (maior artilheira das copas), inclusive com a presença de manchetes que a situam no âmbito da discussão sobre gênero. A capa de *Correio*\* entra para análise pois é a única que atende à característica de ser majoritariamente monotemática, relevante indicador de importância de um acontecimento no âmbito jornalístico (CASAGRANDE, 2019). Por fim, os dois audiovisuais da marca Avon foram escolhidos pois é da marca de cosméticos que possui um produto “anunciado” por Marta no transcorrer de jogos da Copa do Mundo de 2019, o batom roxo *Power Stay*.

### ANÁLISE DA CATEGORIA DE GÊNERO NO DISPOSITIVO SEMIÓTICO-DISCURSIVO DE FIGURATIVIZAÇÃO

Com atenção aos elementos propostos por Scott (1995), pode-se apontar que os símbolos disponíveis na fala de Marta em entrevista após o jogo do Brasil contra a França, que eliminou o time brasileiro da Copa do Mundo de 2019, evocam uma figurativização emocionada que visa o estímulo do público feminino para o âmbito futebolístico, pois ela direciona sua fala em um pedido às “meninas” de valorização, pois “o futebol feminino depende de vocês [delas] pra sobreviver”. Enquanto isso, nota-se uma expressividade conceitual no âmbito esportivo que ressalta a oposição binária entre homens e

mulheres e reproduz afirmações normativas ao propor um comportamento de mais valorização e mais esforço das mulheres para aperfeiçoar a performance em campo. Ressalta-se a problemática sexista referente ao mercado de trabalho futebolístico que desvaloriza as mulheres. Nesse contexto, a fala de Marta reflete principalmente a exploração sexista de um sistema de dominância patriarcal-capitalista, que condiciona uma prática de enaltecimento do futebol de homens e desprestígio do de mulheres.

Nas capas dos jornais *Estado de Minas* e *O Dia*, aponta-se que os símbolos disponíveis evocam os triunfos de Marta e atentam à comparação em relação aos jogadores homens. Vale indicar que o jornal *O Dia* dá atenção especial ao uso do batom por Marta durante o jogo. A expressividade conceitual no âmbito esportivo ressalta a oposição binária entre homens e mulheres e contradiz afirmações normativas de um imaginário machista ao destacar que Marta superou os homens e se tornou recordista como artilheira. Ressalta-se a problemática sexista que visibiliza mais o futebol praticado por homens, mesmo que uma mulher seja recordista com mais gols em copas do mundo tanto de homens como de mulheres. Assim, as falas dos jornais *Estado de Minas* e *O Dia* sobre Marta refletem o destaque para as conquistas da jogadora e os recordes alcançados por ela em comparação aos homens que também jogam futebol profissionalmente, além de revelar certa imprevisibilidade sobre o uso de maquiagem por parte de uma jogadora de futebol.

A capa do jornal *Correio\**, que trata da eliminação da equipe brasileira da Copa do Mundo de 2019, apresenta Marta como um símbolo que representa o time das mulheres como um todo, além

de dar destaque ao jogo feminino com uma foto da jogadora que compõe a maior parte da capa, enquanto os jogos de futebol de homens que aconteceram no mesmo dia estão elencados abaixo em duas manchetes pequenas e sem fotos. Observa-se a oposição binária que contradiz afirmações normativas de um imaginário machista geralmente midiaticizado, pois destaca o jogo de futebol de mulheres na capa. A referência institucional se volta à seleção brasileira de futebol de mulheres representada na figura de Marta. Com isso, a fala do jornal *Correio*\* dá destaque ao futebol jogado por mulheres em detrimento daquele praticado por homens, o que é percebido como raridade na mídia esportiva brasileira, figurativizando a seleção através da imagem de Marta.

Nos audiovisuais promocionais da marca de cosméticos e produtos de beleza Avon, os quais apresentam Marta como garota propaganda durante a Copa do Mundo de 2019, os símbolos disponíveis atentam, de um lado, para o embelezamento através do uso de cosméticos (principalmente o batom) e o profissionalismo de Marta como jogadora de futebol, e, de outro modo, para a tentativa de quebra de estereótipos da feminilidade, negando a fragilidade e acentuando a competência das mulheres no futebol. Observa-se a oposição binária que contradiz afirmações normativas de um imaginário machista que procura estereotipar as mulheres através de uma desvalorização profissional e por uma sensibilidade que as tornaria frágeis. Destaca-se a problemática sexista evidenciada no mercado de trabalho para mulheres, sobretudo no âmbito futebolístico, ao figurativizar o profissionalismo de Marta aliado ao cuidado com a beleza através do uso de maquiagem. Diante disso, as falas da

marca Avon refletem a exploração sexista sustentada pelo sistema dominante patriarcal-capitalista, que menospreza as mulheres no mercado de trabalho, sobretudo no âmbito futebolístico, e apontam para a comoção sobre o uso de maquiagem por parte de jogadoras de futebol.

### MARTA: A CONSOLIDAÇÃO DE UMA MARCA COM VALORES FEMINISTAS

Marta detém amplo reconhecimento pelos resultados obtidos no campo de jogo. Entre eles, seis conquistas de melhor jogadora do mundo, recorde de gols pela Seleção Brasileira e artilharia da história das Copas do Mundo (feminina e masculina) após os gols marcados na edição de 2019. Ademais, durante a Copa do Mundo de 2019, ela assumiu uma posição de ativista na luta pela igualdade de gênero e empoderamento feminino.

As performances de Marta assumidas em entrevistas e pronunciamentos, discursivizadas por veículos jornalísticos e especializados, as contadas, construídas ou reescritas pela publicidade, além de todas as supracitadas, constituem um cenário que propicia pensá-la como uma marca. Nesse panorama ocorre o desenvolvimento e consolidação de uma marca pessoal, seja pelo que é dito sobre ela, seja pelo que é dito por Marta quando toma a iniciativa de falar ou é instigada a falar desde lugares sociais adscritos a ela. Rogenski (2019), integrante do portal *Meio & Mensagem*, especializado em comunicação, *marketing* e publicidade no Brasil, compartilha posicionamento semelhante quando afirma que Marta

consolidou sua marca, baseada em valores como habilidade, resiliência e engajamento.

Num ambiente de promoção marcária constante, a exemplo de uma Copa do Mundo de Futebol, Marta promove posicionamentos que pesam a favor do argumento aqui apresentado. Assumir e fazer valer seu lugar de fala, ser considerada e considerar-se sujeito representativo dentro de determinado grupo social encaminham Marta a uma posição diferenciada e de relevante importância para o futebol, especialmente aquele praticado por mulheres. A análise pôde destacar o modo como o discurso de Marta está envolvido pela prática feminista, ao considerar o feminismo como “um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão”, conforme argumenta bell hooks (2018, p. 17).<sup>8</sup>

Com base nas ponderações sobre feminismo visionário de hooks (2018), pode-se destacar que as enunciações de Marta direcionadas à responsabilidade das meninas para sustentar o futebol praticado por mulheres estão alinhadas à noção de sororidade entre mulheres, a qual se fundamenta no comprometimento entre elas para acabar com a injustiça patriarcal, com atenção a ultrapassar limites de subordinação de raça e classe. Além disso, a autora sustenta que sujeitos, mulheres e homens, não nascem com valores feministas e, por isso, devem aprender sobre eles, o que se observa ser um objetivo que embasa a discursividade de Marta. Vale atentar que, de acordo com hooks (2018, p. 42):

---

8 Vale constar que a grafia em letras minúsculas de bell hooks é uma opção ortográfica e intelectual sugerida pela própria autora como um manifesto contra convenções linguísticas e acadêmicas, visando dar ênfase ao conteúdo de sua obra e não a sua pessoa.

Em oposição aos estereótipos populares, professoras de Estudos de Mulheres não menosprezavam e não menosprezam trabalhos feitos por homens. Intervimos em pensamentos sexistas mostrando que o trabalho de mulheres é frequentemente tão bom e tão interessante, se não mais, do que trabalhos de homens.

A diferença de classes entre homens e mulheres é uma pauta debatida desde o início dos movimentos feministas e ainda é motivo de luta pela igualdade de gênero ao redor do mundo. As falas de Marta e sobre a jogadora estão permeadas pelo contexto da disparidade salarial no âmbito futebolístico e a valorização dos jogadores profissionais em relação às mulheres que também jogam profissionalmente, o que explicita aspectos da exploração sexista de um sistema de dominância patriarcal-capitalista.

Sistemas de valores orientam as práticas humanas de linguagem, bem como a utilização de traços discursivos em situações de comunicação específicas. Tais sistemas possuem conexão com o contexto vivenciado pelos sujeitos, especialmente em situações de comunicação. Pode-se dizer que na constituição marcária engendram-se questões que pertencem a outros discursos, porém, não menos relevantes para a constituição de um sujeito como marca.

Diante da falta de visibilidade midiática do futebol praticado por mulheres, especialmente dos problemas enfrentados, Marta precisa julgar, avaliar e refazer estratégias discursivas. Tratam-se de complicações que atravessam sua constituição, ao passo que possibilitam que uma marca se encontre “[...] em constante elaboração retrodiscursiva, apreendendo os juízos externos e empregando-os como

recursos para sua continuidade” (MAGGIONI; CASAGRANDE; HÖNIG, 2020, p. 15). Nesse panorama Marta sustenta um discurso de luta contra o sexismo no âmbito futebolístico, visando, sobretudo, maior valorização do futebol praticado por mulheres.

Em Marta vê-se uma conjunção entre os condicionamentos externos que influenciam suas atitudes diante das câmeras com aquilo que vem de sua própria moral. Sua história passa a falar e seus desejos de ver um futebol feminino mais valorizado, além da súplica para que as outras jogadoras continuem a se esforçar, moldam entrevistas e se tornam mote temático para campanhas publicitárias, tomando por base valores como sororidade, habilidade, resiliência e engajamento. Nota-se um imbricamento de situações que interferem na consolidação de um sujeito como marca. Ocorre o diálogo entre o que é artificialmente projetado e o que representa a própria personalidade da jogadora.

Um dos grandes diferenciais de Marta aparenta ser a naturalidade, que possibilita demonstrar seus pensamentos no ambiente em que as coisas acontecem, no campo de jogo, antes, durante ou após as partidas, diante de uma estrutura que seguidamente é falha e insensível ao futebol praticado por mulheres no contexto brasileiro: “O objetivo ético-social chega em uma perspectiva contemporânea, quando algumas marcas escolhem não falar em defesa do produto ou dela própria explicitamente [...] mas das necessidades do próximo ou da sociedade” (MAGGIONI; CASAGRANDE; HÖNIG, 2020, p. 41). Marta reconhece sua importância. Outra jogadora, sem as conquistas e feitos individuais de Marta, enunciando o mesmo discurso, possivelmente receberia uma atenção menor. Em razão disso,

customiza-se sua imagem diante da sociedade em que a afeição principal da visualização está na relevância de seu lugar de fala.

Marta possui, assume e desenvolve atributos que são postos reiteradamente em comunicação a partir de seu lugar de fala como feminista e melhor jogadora profissional de futebol. Cada nova ação apresenta resquícios de outras desenvolvidas anteriormente, num processo chamado de retrodiscursividade (MAGGIONI; CASAGRANDE; HÖNIG, 2020). Exemplo disso é o que ocorre nas partidas que sucederam uma demonstração de Marta de desconforto e de descontentamento diante da disparidade de valores ofertados a ela pelas marcas fornecedoras de material esportivo em relação ao futebol praticado por homens. Com a finalidade de lutar por salários menos díspares, Marta utilizou apenas a marca da campanha *GoEqual* em suas chuteiras, apontando para ela após a marcação de seus gols. Utilizando-se desse contexto de visibilidade, a jogadora firma parceria também com a marca Avon para utilizar um de seus produtos durante as partidas, contrariando estereótipos sexistas que envolvem padrões de beleza e feminilidade.

É interessante, por fim, ressaltar que hooks (2018, p. 58) aponta que “Inicialmente, investidores capitalistas da indústria de cosméticos e moda temiam que feministas fossem destruir seus negócios”. Disso se desenvolveram campanhas midiáticas que reforçaram um imaginário estereotipado de que feministas seriam hipermasculinizadas, feias e desleixadas. hooks (2018) salienta que o feminismo luta, por outro lado, pelo exercício do poder de escolha das mulheres sobre seu corpo e sobre o que usar. A ênfase no uso de cosméticos, sobretudo o batom, por Marta nas publicidades da marca Avon e em

campo durante os jogos chama atenção por ir contra os estereótipos de beleza e padrões de feminilidade na prática de jogadoras de futebol e feministas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Copa do Mundo de Futebol de Mulheres de 2019 representou um marco de ruptura em silenciamentos de diversas ordens, em especial aquelas relativas a questões de gênero. A competição apresentou recordes de audiência no âmbito brasileiro e mundial, além de escancarar que possui enorme potencial de crescimento e evolução e que muito ainda precisa ser dito, mostrado, repensado e construído em relação ao Futebol de Mulheres.

O presente capítulo se dedicou ao objetivo de mostrar como a principal jogadora do futebol mundial (já que é recordista de gols independentemente de gêneros e eleita seis vezes como a melhor jogadora profissional de futebol), a brasileira Marta, atraiu para si os holofotes midiáticos não apenas pelo qualificado futebol que pratica, mas, também, pelo engajamento na luta pela igualdade de gêneros, valorização salarial das jogadoras e luta contra o sexismo. Marta colocou em campo sua intencionalidade e seu lugar de fala e ajudou a promover discursos antissexistas, ações de uma empresa patrocinadora (Avon), além de consolidar-se como marca com base em valores feministas.

Percebeu-se que a consolidação de Marta como uma marca origina-se de seu objetivo, bem como de recursos e estratégias de que dispõe, de suas próprias escolhas e da escolha de quem potencializa

suas ações, posicionamentos e valores defendidos. Nota-se que Marta se adaptou a diferentes situações de comunicação na promoção de: 1) seu lugar de fala feminista, através de um discurso empoderado(r); 2) de sua marca pessoal, por meio da midiatização de sua imagem, e 3) da patrocinadora Avon, pelo uso de cosméticos, principalmente o batom, em peças publicitárias e em campo durante os jogos. Vale salientar que a luta contra a exploração sexista em um sistema de dominância patriarcal-capitalista perpassa o discurso de Marta nas três situações, o que evidencia seu esforço feminista voltado a estimular mudanças em prol da igualdade de gênero no esporte.

Constatou-se que valores como habilidade, sororidade, resiliência, engajamento e ideais feministas passam por um processo de figurativização no discurso de Marta e assumem formas concretas e conexão com a realidade da luta contra a exploração sexista. Com isso, deslocam-se do plano abstrato ao concreto e contribuem para a edificação de Marta como marca pessoal em um lugar de fala feminista. O objetivo, os traços discursivos e as escolhas da jogadora atuam em prol de sua promoção, além de criarem as condições para que o “selo Marta de qualidade” se desenvolva e se consolide.

## REFERÊNCIAS

BARRETO JANUÁRIO, Soraya. *Mulheres no campo: o ethos da torcedora pernambucana*. São Paulo: Fontenele, 2019.

BARRETO JANUÁRIO, Soraya; LIMA, Cecília Almeida Rodrigues; LEAL, Daniel. Futebol de mulheres na agenda da mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros. *Observatório Journal*. v. 14, n. 4, 2020, p. 42-62.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2010.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Publicidade e Figurativização. Rio de Janeiro. *Alfa*. n. 48, v. 2, 2004, p. 11-31.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CASAGRANDE, Magno Cassiano. *Futebol, jogo e paixão: a Copa do Mundo de 2014 em capas de jornais*. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2019.

FIFA. *Global Broadcast and Audience Report*. 2020. Disponível em: <<https://img.fifa.com/image/upload/rvgxekduqpeo1ptbgcng.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GOELLNER, Silvana. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. São Paulo, v. 19, n. 2, 2005, p. 143-151.

GRIPP, Phillipp; SILVEIRA, Ada Cristina Machado. A ambivalência discursiva e representacional dos lugares de fala. *Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso*, v. 21, n. 1, 2021, p. 44-61.

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

KNIJINIK, Jorge. *Gênero e Esporte: Masculinidades e Feminilidades*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MAGGIONI, Fabiano; CASAGRANDE, Magnos Cassiano; HÖNIG, Rafael. *Me Brand: os processos de desenvolvimento de marcas na contemporaneidade*. Santa Maria: Facos-UFSM, 2020.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROGENSKI, Renato. A vitória de Marta como produto midiático. *Meio & Mensagem*. Disponível em: <<https://cutt.ly/skOiazA>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, v. 15, n. 2, 1990, p. 5-22.

## CAPÍTULO 8

### O QUE APONTAM OS NÚMEROS: O FUTEBOL DE MULHERES EM TRÊS DÉCADAS NA REVISTA PLACAR

DANIEL LEAL<sup>1</sup>

GIOVANA BORGES MESQUITA<sup>2</sup>

---

#### INTRODUÇÃO

Devido ao Decreto-lei<sup>3</sup> n<sup>o</sup> 3.199 de abril de 1941, em pleno Estado Novo no Brasil, ditadura do governo Getúlio Vargas, as futebolistas ficaram oficialmente 38 anos impedidas de entrar em campo no Brasil, relegadas à clandestinidade. A diferença entre a primeira Copa de Mundo masculina e a primeira feminina foi superior a seis décadas (com homens a partir de 1930 e mulheres, 1991); a futebolista profissional esteve ainda por quase um século fora dos Jogos

---

1 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco. Integrante da Rede Nordestina de Estudos em Mídia e Esporte (ReNEme). E-mail: danielleal87@gmail.com.

2 Professora Doutora da pós-graduação e do curso de Comunicação da UFPE. Coordenadora do Grupo Dinâmicas do Jornalismo. E-mail: giovana.mesquita@ufpe.br.

3 O Conselho Nacional de Desportos (CND) afirmava, no artigo 54, que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas”.

Olímpicos da era moderna – com homens desde 1900 e mulheres, 1996 (MIRAGAYA, 2002).

Sem a criação de uma cultura de cobertura contínua da mídia, o futebol de mulheres foi, gradualmente, permeado por contornos de invisibilidade, silenciamento (GOELLNER, 2003; BARRETO JANUÁRIO; VELOSO, 2019). Barreto Januário (2019), por sua vez, acrescenta que, por décadas, a modalidade não só foi esquecida e silenciada pela mídia, mas também naturalizada em estruturas associadas à construção da masculinidade e virilidade.

De acordo com Dunning, o desporto é “tradicionalmente uma das mais importantes áreas reservadas masculinas e, por esse motivo, de potencial importância para o funcionamento das estruturas patriarcais” (DUNNING, 1992, p. 390). Quase 30 anos depois, sobre a presença de “valores patriarcais” no esporte, as pesquisadoras Barreto Januário e Veloso não apenas ainda corroboram com a afirmação do sociólogo britânico, como acrescentam que “a objetificação, erotização e espetacularização do corpo feminino é aceita e, muitas vezes, incentivada em determinados locais e esferas sociais. O futebol é um desses espaços” (BARRETO JANUÁRIO; VELOSO, 2019, p. 66). Especificamente entre a relação da mídia com os esportes, Knijnik e Souza ainda observam que:

Quase sempre a cobertura da mídia sobre o esporte praticado por mulheres é acompanhada por uma trivialização e sexualização, constituindo uma negação do poder esportivo dessas mulheres. Essa negação dá suporte a ideia de que o esporte praticado por mulheres é menos

poderoso e valioso do que o esporte praticado por homens (KNIJNIK; SOUZA, 2004, p. 207).

Além da ideia de que o esporte praticado por mulheres é menos poderoso, as notícias foram permeadas por uma inegável predominância de padrões idealizados de feminilidade (KNIJNIK; SOUZA, 2004; GOELLNER, 2003) e uma série de “valores andriarcais” (DUNNING; MAGUIRRE, 1997, p. 323). O crescimento do interesse da mídia em torno das mulheres futebolistas, confirmada pelas audiências e do número de notícias recordes sobre a Copa do Mundo 2019 (BARRETO JANUÁRIO; LIMA; LEAL; 2020), tem despertado cada vez mais a atenção de pesquisadores, especialmente nas duas últimas décadas (GOELLNER, 2000; 2003; 2005; KNIJNIK; SOUZA, 2004; MOURÃO; MOREL, 2005; COSTA, 2006; 2017; BARRETO JANUÁRIO; 2019; MCLACHLAN, 2019).

A pesquisadora Leda Costa afirma que a maior parte das notícias envolvendo o futebol de mulheres aponta para uma mídia que, historicamente, não colaborou para o respeito à temática. “Ao contrário, diversos estudos mostram o quanto as representações midiáticas fizeram uso de estereótipos para a representação da mulher atuando nos gramados de futebol, perpetuando, dessa forma, preconceitos que dificultaram demasiadamente o desenvolvimento da modalidade” (COSTA, 2017, p. 495). Nesse cenário, o futebol de mulheres sempre sofreu os reflexos da nossa sociedade, com a proibição de 38 anos, por lei, a fim de “proteger a natureza feminina” e ratificar uma retrógrada lógica biologizante e, por conseguinte, inquestionavelmente misógina.

Nesse sentido, é importante reforçar que, no processo de construção social, a mídia incorporou e disseminou valores sociais, pois “ela não está isolada da sociedade, é uma complexa teia de circulação, recepção e interação de informações. A mídia impressa informa e noticia, influencia e é influenciada com desdobramentos da sociedade” (MOURÃO; MOREL, 2005, p. 78). O futebol de mulheres sofreu, em diferentes momentos, fases e contextos sociais com uma imprensa que atuou de maneira desconexa na disseminação de informações que colocavam em xeque a saúde e até a fertilidade feminina, com discursos biologizantes e misóginos (GOELLNER, 2005). Muito disso ainda reflexo da herança deixada por uma ação governamental de 80 anos atrás.

Apontada pelo pesquisador André Ribeiro como “a maior e melhor revista esportiva do Brasil” (RIBEIRO, 2007, p. 208), a *Placar*, objeto deste artigo, nasceu em 1970, ainda durante o processo de proibição das mulheres no futebol. A revista demorou mais de uma década para tocar no tema, com os primeiros registros surgindo apenas a partir dos anos 1980, quando a cobertura às mulheres futebolistas passou a existir, ainda que de maneira irregular e estereotipada.

O objetivo deste artigo é olhar para os números que envolvem a relação entre a *Placar* e o futebol de mulheres, a partir da primeira edição da Copa do Mundo Feminina, em 1991<sup>4</sup>, até 2019, e apre-

---

4 Não envolvemos o ano de 1991 na pesquisa porque a *Placar* fechou por alguns meses em 1990 e teve publicações irregulares justo no ano do primeiro mundial de mulheres. Além disso, nossa principal fonte de pesquisa, o *Google Books*, sofre de uma relevante

sentar um levantamento histórico. Analisaremos as alterações no quantitativo de produção das notícias sobre o futebol de mulheres. Destacaremos as conotações das publicações (sexual, técnica, pejorativa ou neutra) década a década. Além da Análise de Conteúdo, essa pesquisa também entrevistou jornalistas que passaram pela *Placar*, como Juca Kfourri e Paulo Vinícius Coelho.

### A PLACAR E AS FUTEBOLISTAS MULHERES

Desde o nascimento, a *Placar* revolucionou o noticiário dos esportes no Brasil. Com suas “reportagens mais elaboradas, inteligentes, escritas por feras do jornalismo esportivo” (RIBEIRO, 2007, p. 208), passando também pelo fato de ser multicolorida (uma novidade para o início da década de 1970), a revista lançada pela *Editora Abril* surgiu no auge da efervescência política no país. E aproveitou-se de dois agentes cruciais: a proximidade da Copa do Mundo de 1970, no México, na qual o Brasil se sagraria tricampeão masculino, e a implantação da Loteria Esportiva no país, lançada sob o slogan “Aprenda a ficar tão rico quanto Pelé”.

Ribeiro (2007) afirma que logo na primeira edição, vendeu 500 mil exemplares com uma capa dedicada a Pelé – versão contrariada por Chiarioni e Kroehn (2010), no livro *Onde o Esporte se Reinventa – Histórias e Bastidores dos 40 Anos de Placar*, que apontam uma tiragem de 120 mil. Seja como for, *Placar* nasceu forte.

---

lacuna, não disponibilizando 22 publicações, material veiculado entre as edições 1052 a 1074 (entre agosto de 1990 e maio de 1992).

De acordo com Coelho (2011), movida pelo bolão, com seção destinada a dicas e os tradicionais tabelões<sup>5</sup>, a *Placar* chegou a vender 250 mil exemplares por semana em 1972. Mas não era só isso. Na convergência do sucesso, vieram também o Campeonato Brasileiro em 1971 (anteriormente chamado Torneio Roberto Gomes Pedrosa<sup>6</sup>) e a criação do tradicional troféu Bola de Prata, no primeiro ano da revista, para premiar os melhores do Brasileirão. Com ambição de ser nacional, *Placar* tinha repórteres nas principais praças do país – no Recife, por exemplo, o jornalista Lenivaldo Aragão foi correspondente entre 1972 e 1986.

Com o futebol masculino como carro-chefe, a cobertura da revista ao futebol de mulheres tradicionalmente foi pomenorizada. De acordo com Marcelo Duarte (2019, INFORMAÇÃO VERBAL), editor da revista entre 1995 e 1998, as pautas relacionadas às futebolistas eram pouco debatidas e, quando surgiam, passavam longe do critério técnico.

Não existia o respeito que se tem hoje. Você ficava procurando para ver se tinha alguma jogadora bonita para fazer foto dela. Você não via o futebol, você tentava ver as jogadoras. “Tem alguma jogadora bonita? Tem, a fulana que era apresentadora de TV está no São Paulo. Ah, vamos fazer”. Você não dava respeito ao esporte, ficava procurando jogadoras. Hoje mudou totalmente. Ainda bem. Hoje,

---

5 O tabelão é um conhecido espaço de serviço esportivo, voltado aos resultados de partidas ou competições ou simplesmente às datas, aos horários e aos locais de diferentes disputas e modalidades.

6 Famoso “Robertão”. Desde 2010, a CBF trata-o como equivalente ao Campeonato Brasileiro, disputada entre 1967 e 1970.

you olha o futebol, you vê a competição, a performance. You não quer garota bonita, quer medalha, quer a que ganha troféu (DUARTE, 2019, INFORMAÇÃO VERBAL).

Salvini e Marchi Júnior (2016) observam, a partir da *Placar*, três momentos temporais dessa relação histórica: 1) o esforço para apresentar jogadoras em poses ou ações que lembrem a normatividade de gênero, na década de 1980; 2) a dicotomia na veiculação de informações e imagens de mulheres atletas e de modelos que jogavam futebol – década de 1990; e 3) o anseio pela profissionalização feminina nesse esporte, entre 2000 e 2010. Sobre este último período analisado, os autores acreditam que:

Essa década pode ser resumida principalmente pelo anseio da profissionalização, a participação com resultados significativos em eventos internacionais e a permanência do descaso para com a modalidade. É interessante perceber que, com o passar dos anos, as matérias vinculando a necessidade de demonstrações de beleza ou cuidados com a aparência ao futebol vão dando espaço para matérias que abordam questões relacionadas à falta de patrocínios ou mesmo o desempenho individual de Marta<sup>7</sup> (SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2016, p. 110).

---

7 Conhecida como a “Rainha do futebol”, a jogadora alagoana Marta possui seis prêmios de melhor do mundo da FIFA. Com 17 gols em Copas do Mundo, ela é a maior artilheira da história dos Mundiais entre homens e mulheres.

De fato, lentamente, observa-se uma mudança gradual da cobertura da mídia ao futebol de mulheres. A década de 2010 trouxe avanços singulares, alavancados por um conjunto de fatores. Anos de Copa do Mundo e Jogos Olímpicos, respectivamente, 2015 e 2016 ficaram marcados pelo avanço na luta e no engajamento de pautas feministas no país, “especialmente na mídia, num momento conhecido como uma nova primavera feminista (GRILLO, 2015) no Brasil” (BARRETO JANUÁRIO, 2019, p. 20). A Copa de 2019, por sua vez, foi marcada pela interatividade da audiência potente<sup>8</sup> (MESQUITA, 2014) e sua influência nos meios de comunicação (BARRETO JANUÁRIO; LIMA; LEAL, 2020).

Há uma sensível quebra de paradigmas na concepção de que “futebol é coisa de homem” (FRANZINI, 2005, p. 325) e, pouco a pouco, a mulher passa a permear o ambiente futebolístico, seja com maior assiduidade no noticiário e emplacando recordes de audiências em 2019 (BARRETO JANUÁRIO; LIMA; LEAL, 2020), ou comentando e noticiando os eventos.

Com mais de um bilhão de espectadores, o sucesso do último mundial feminino foi refletido no Brasil em números, com um crescimento, em relação à Copa de 2015, de 533% no volume das notícias publicadas durante a competição nos sites esportivos brasileiros (BARRETO JANUÁRIO; LIMA; LEAL, 2020). A mudança global foi acompanhada pela *Placar*.

---

8 De acordo com Mesquita (2014, p. 57), “quando nos referimos à audiência potente estamos falando de cidadãos e cidadãs que, de alguma forma, estabelecem uma relação ativa com os veículos de comunicação, envolvendo-se ou sendo envolvidos nos processos, práticas e nas rotinas jornalísticas”.

## NUMERALHA: O FUTEBOL DE MULHERES NA PLACAR

A *Placar* sempre se notabilizou por seções tradicionais nas suas páginas: “Tira-teima”<sup>9</sup>, “Mortos-vivos”<sup>10</sup>, “Tabelão”<sup>11</sup>, “Resumão”<sup>12</sup> e, entre outras, “Numeralha”<sup>13</sup>, que inspira o título deste artigo. Nessa seção, o periódico trazia sempre um apanhado de números, com estatísticas, revelações e, sobretudo, curiosidades sobre determinados temas. No artigo, a *Placar* é o alvo de uma verdadeira “numeralha” envolvendo o futebol de mulheres que nos ajudará a entender, a partir de uma Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), qualitativa e quantitativa, a cobertura da revista sobre o assunto. Além da AC, fizemos um levantamento bibliográfico e entrevistas semiestruturada em profundidade com jornalistas da revista. A técnica da entrevista auxilia, entre outros pontos, para que se evite buscar e valorizar apenas informações que confirmem nossos pressupostos (DUARTE, 2010).

9 Com slogan “*Placar* tira as dúvidas mais cabeludas”, a seção abriu espaço para perguntas dos leitores sobre temas históricos, curiosos e polêmicos. Era mais um meio de interatividade proporcionado na década de 1990.

10 Seção sobre personagens históricos do esporte já falecidos, mas presentes pelo legado.

11 De acordo com Cláudio de Souza (primeiro editor da *Placar*), em depoimento a Gonçalo Junior (2005, p.164), o “Tabelão”, uma das seções mais emblemáticas desses 50 anos da revista, trazia “os principais resultados esportivos da semana”. Era um conjunto de resultados e fichas técnicas.

12 A seção, lançada na passagem da revista pela *Editora Caras*, com slogan “O mais importante de cada dia no futebol” trazia notas curtas sobre os acontecimentos do mês, com informações separadas por data, dia a dia.

13 Seção com informações estatísticas, curiosidades, recordes e números ligados ao esporte.

Com base em Fonseca Júnior (2006), formulamos as duas tabelas que apresentaremos a seguir. Na Tabela 1, trazemos um panorama do apanhado histórico que realizamos nessa pesquisa. Foram 301 edições e 5.303 publicações avaliadas em três décadas distintas. Discriminamos a quantidade de informações avaliadas em quatro fases: entre 1992 e 2000; 2001 e 2010; 2011 a 2019; e, por fim, de maneira amplificada: de 1992 a 2019, conforme mostramos abaixo.

**Tabela 1.** Década a década: o interesse da *Placar* sobre o futebol de mulheres

	<b>Nº de Edições Analisadas</b>	<b>Nº de Publicações: notas, matérias ou reportagens</b>	<b>Participações da audiência: via cartas, e-mails ou redes sociais digitais</b>
<b>1992-2000</b>			
Números analisados na revista <i>Placar</i>	95	1.923	1.133
Inserções sobre futebol de mulheres	29 (30,5%)	32 (1,66%)	5 (0,44%)
<b>2001-2010</b>			
Números analisados na revista <i>Placar</i>	122	1.951	933

	<b>Nº de Edições Analisadas</b>	<b>Nº de Publicações: notas, matérias ou reportagens</b>	<b>Participações da audiência: via cartas, e-mails ou redes sociais digitais</b>
Inserções sobre futebol de mulheres	25 (20,49%)	26 (1,33%)	4 (0,42%)
<b>2010-2019</b>			
Números analisados na revista <i>Placar</i>	84	1.429	871
Inserções sobre futebol de mulheres	23 (27,38%)	46 (3,22%)	1 (0,11%)
<b>Números gerais: 1992-2019</b>			
Números analisados na revista <i>Placar</i>	301	5.303	2.937
Inserções sobre futebol de mulheres	77 (25,58%)	104 (1,96%)	10 (0,34%)

Fonte: próprios autores (2020)

Destacamos três informações como as mais relevantes deste quadro geral. Primeiro, podemos ponderar sobre a quantidade de

edições da *Placar* com alguma informação sobre o futebol de mulheres. A constatação de que 77 das 301 edições (25,58%) contêm notas, matérias ou reportagens sobre o assunto (ou seja, pouco mais de uma menção a cada quatro edições), poderia nos induzir a concluir que o tão amplamente discutido silenciamento (GOELLNER, 2003; BARRETO JANUÁRIO; VELOSO, 2019) ao tema seria uma falácia. Mas, definitivamente, não é.

Analisemos o todo com as informações a seguir. Dois pontos são cruciais nessa questão. Observaremos na Tabela 2, nas próximas páginas, que a maior parte das veiculações (46,16%) sobre o futebol de mulheres é fruto da categoria que destacamos como “Outros” – títulos que englobam publicações tais como: fotos-legendas, notas ou menções sobre o futebol de mulheres em colunas ou entrevistas. Em geral, são registros diminutos em um universo comumente superior a 100 páginas. O segundo ponto para justificar e endossar a questão do silenciamento é ainda mais simples e impactante: dos 5.303 conteúdos analisados em 28 anos de *Placar*, apenas 104 (1,96%) dizem respeito ao futebol praticado por mulheres. Significa que menos de duas a cada 100 notícias publicadas eram sobre o referido tema.

Os espaços destinados até 2016 para a audiência, denominados “A voz da galera” e “Tira-teima”, para os quais os leitores enviavam mensagens inicialmente por meio de cartas e fax, depois por e-mail e pelas redes sociais (essencialmente o *Twitter*), sempre tiveram boa adesão da audiência. Entre duas e quatro páginas eram de participação dos leitores, com perguntas, comentários e sugestões. Analisamos, uma a uma, 2.937 mensagens publicadas pela *Placar* entre 1992 e 2016 (quando o espaço foi encerado).

Apenas 10 mensagens (0,34%) eram sobre futebol de mulheres. Falta de interesse da audiência sobre o tema ou de maior espaço para sua discussão?

De acordo com Marcelo Duarte (2019, INFORMAÇÃO VERBAL), esse tipo de distorção acontecia por uma razão simples: o público-alvo da revista era o homem. Historicamente foi e ainda hoje<sup>14</sup> é assim. A revista sempre teve como o carro-chefe o futebol, mas apenas o masculino. Especificamente na fase *Futebol, Sexo & Rock and Roll*, na década de 1990, o jornalista justifica que o foco era voltado para o público masculino porque “nosso público-alvo era o jovem, o garoto. Era o adolescente... e o jovem adulto. Era justamente para pegar esse público masculino, a versão masculina dos leitores da (revista) *Capricho*<sup>15</sup>, que tinha um mercado consumidor muito grande” (DUARTE, 2019, INFORMAÇÃO VERBAL). Repórter da *Placar* no período, Paulo Vinícius Coelho (2019, INFORMAÇÃO VERBAL) discorda dessa visão.

A *Abril* chegou a vender 500 mil exemplares. E a *Capricho* tinha uma relação com a menina que a *Abril* entendia que era como uma irmã mais velha. A menina de 12, 13 anos tinha na *Capricho* uma referência de relação com o namorado, de maquiagem, de beleza,

14 De acordo com dados da *Editora Abril* em 2020, 90% da audiência da revista era composta pelo público masculino, enquanto os outros 10%, pelo feminino.

15 Lançada em 1952 pelo fundador da *Editora Abril*, Victor Civita, foi a primeira revista feminina do Brasil. De acordo com Coelho (2019, INFORMAÇÃO VERBAL), na década de 1990, o então vice-presidente da *Editora Abril*, Thomaz Souto Corrêa, via na revista *Capricho*, uma espécie de irmã mais velha de toda leitora.

de cabelo, de coisas de menina. E o Thomaz (Souto, diretor da *Abril*) falava assim: “Então, a gente quer que *Placar* seja o irmão mais velho do menino”. E eu pensei: “idiota!”. Ele não percebeu que isso já acontece. Porque *Placar* foi meu irmão mais velho nesse sentido dos meus 10 anos aos 21. (...) Eu achava o projeto uma merda, porque o projeto violentava minha relação umbilical com a revista. Agora, você pega a revista hoje tem muita matéria de altíssima qualidade. A equipe era muito boa. Tinha muita coisa legal, mas tinha um balanço que eu acho equivocado. Não era uma revista de futebol, era uma revista de comportamento (COELHO, 2019, INFORMAÇÃO VERBAL).

Para o jornalista Paulo Vinícius Coelho, a *Editora Abril* errou ao tentar equiparar a *Placar* à revista *Capricho* e focar na alteração da sua linha editorial para temas que circundavam o futebol (essencialmente, a vida dos atletas extracampo, em reportagens com ensaios fotográficos, longas entrevistas), mas deixava o esporte em segundo plano. No embalo da fase apontada por Coelho (2019, INFORMAÇÃO VERBAL) como “revista de comportamento”, a *Placar* versão *Futebol, Sexo e Rock & Roll* abusava também dos perfis sexualizados não só das futebolísticas, mas de todas as mulheres do meio esportivo.

É nessa época, por exemplo, que surgem seções como “Deusa”, caracterizadas pelo curto texto ilustrado com fotos enormes, em geral em página dupla, de mulheres seminuas; ou de eleições como “as leitoras mais gostosas” e as com o bumbum mais bonito, que aconteciam por meio da seção “Cartas” nos anos de 1996 e 1997.

É importante ressaltar aqui que nossa análise está focada no futebol de mulheres e não nas mulheres no futebol. Dessa forma, não analisaremos, por exemplo, as notícias envolvendo as árbitras, bandeirinhas ou torcedoras – essas, inclusive, alvo preferencial dessas seções, embora seja nossa obrigação pontuar a existência dessas publicações.

Na década de 1990, apenas cinco das 1.133 cartas publicadas, ou seja, 0,44% do todo, eram sobre o futebol de mulheres. O que não quer dizer necessariamente que o conteúdo das publicações se referia à parte técnica da mulher atleta em si. Em outubro de 1995, por exemplo, duas cartas deram espaço a leitores que lamentaram de maneira jocosa a transferência da atacante Bel do Internacional para o Oklahoma, dos Estados Unidos.

O tratamento dos leitores selecionados para a seção é equivalente àquele dado pela revista à Bel. A atleta aparece nas páginas da *Placar* desde 1984, ainda como revelação gaúcha, em reportagem com o título “O charme da conquista”. Aos 17 anos, a jogadora é descrita como “uma Cinderela do futebol” que oferece “seu pé – e sua beleza – para mostrar ao público a mais recente novidade do mercado de artigos esportivos do Brasil: uma chuteira especial para mulheres” (O CHARME..., 1984, p. 44). O exemplo, embora anterior a nosso *corpus* de pesquisa, serve para ilustrar, nos anos seguintes ao fim decreto que proibia as mulheres de jogar futebol, a construção da mulher atleta pela revista: desde então, como uma figura passível de objetificação, vítima de uma estrutura associada à masculinidade e ao machismo (BARRETO JANUÁRIO, 2019).

Na seção de cartas da edição 1108, de outubro de 1995, a revista abriu espaço para os comentários sobre o futebol de mulheres,

especificamente sobre a saída de Bel do Brasil. “Bel, a jogadora de futebol feminino, estava muito gata na edição de junho. Publiquem um *replay* com ela”, destacou um leitor. Outro participante da interação, do mesmo gênero, afirmou que “o futebol feminino vai perder a graça sem a presença da jogadora Bel, a mais provocante de todo o time”.

As cartas que trouxemos acima, porém, repercutiam exatamente a notícia veiculada na edição de junho de 1995, com a matéria intitulada “Ao seu bel-prazer”, que dizia o seguinte:

Por mais gols e grande jogadas que fizesse no Internacional e na Seleção Brasileira de Futebol Feminino, a atacante Bel sempre chamou a atenção por outros atributos. Pudera, com esses olhos esverdeados e medidas de modelo, ela era musa dos nossos gramados. (...) São pelo menos dois anos longe dos campos brasileiros (AO SEU..., 1995, p. 95).

Connell e Messerschmidt (2013) sistematizaram uma gama de ferramentas teóricas que nos possibilita observar narrativas que evidenciam elementos ocultos de dominação nas relações sociais e busca a manutenção das estruturas de poder. Sobre o exemplo da jogadora Bel, podemos observar uma recorrente objetificação do corpo feminino a partir da lógica “masculinidade hegemônica” trazida por Connell e Messerschmidt (2013). Os autores afirmam que os esportes comerciais são um foco das representações midiáticas da masculinidade. Se o futebol não era àquela altura propriamente comercial, o corpo das mulheres, sim, já era.

A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245).

Essa “normatividade” atribuída pelos autores certamente fizeram-se presente por diferentes fases da *Placar*. Um dos mais icônicos jornalistas da história da revista, Juca Kfourri (2019, INFORMAÇÃO VERBAL) acredita que ações como a objetificação da mulher, hoje reprovadas por ele mesmo, davam-se em um contexto cultural no qual a mídia não conseguia fazer um juízo das próprias ações que promovia. Concomitantemente diretor de redação da *Placar* e da revista *Playboy*<sup>16</sup> entre 1991 e 1995, o jornalista analisa o panorama da época com autocrítica.

A *Playboy* era claro e evidentemente que era uma revista machista por melhor que ela fosse como produto jornalístico, suas entrevistas, era uma revista que explorava o corpo da mulher. A *Placar* fez a mesma coisa. Lá não tinha nus, mas explorava essa coisa do

---

16 *Playboy* foi a mais famosa revista masculina brasileira. Versão brasileira da revista homônima americana, foi originalmente publicada pela *Editora Abril*, tendo sua edição inaugural em 1975, encerrada após 40 anos.

adolescente. Obviamente, não faria isso hoje (KFOURI, 2019, *INFORMAÇÃO VERBAL*).

O pensamento preconceituoso dado à mulher em diversas ocasiões, possivelmente, trata-se de um produto fruto da incorporação das relações de poder e divisões sexuais de trabalho expressas nas oposições fundadoras e estruturalmente dominantes e da ordem da masculinidade hegemônica (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Salvini, Souza e Marchi Júnior (2012, p. 405) observam por exemplo que “a legitimidade corporal feminina construída histórica e culturalmente não é a mesma exigida para a prática do futebol de alto rendimento”. A pesquisadora Silvana Goellner, por sua vez, ressalta que:

Criado, modificado, praticado, comentado e dirigido por homens, o futebol parece pertencer ao gênero masculino, como parece também ser de seu domínio o julgamento de quem pode/deve praticá-lo ou não. É quase como se à mulher coubesse a necessidade de autorização masculina para tal (GOELLNER, 2000, p. 81).

Sigamos a análise com os dados quantitativos, a partir da extensa Tabela 2, que apresenta minuciosamente as informações sobre futebol de mulheres, a partir dos gêneros (notícia, nota, reportagem etc.), presença de ilustrações (fotografias, infográficos etc.) e a conotação dos conteúdos veiculados pela *Placar* (sexual, técnica etc.).

Tabela 2. Década a década: A cobertura da Placar sobre o futebol de mulheres

Primeira década analisada: 1992-2000					
Gênero	Entrevista	Matéria	Reportagem	Outros	Inserções totais
		0	6 (18,75%)	7 (21,87%)	19 (59,38%)
Presença de Ilustrações	Não: 2 (6,25%)				
	Sim: 30 (93,75%)	Fotografia	Gráfico	Desenho	Infográfico
		30 (100%)	0	2 (6,66%)	4 (13,33%)
Conotação das publicações	Sexual	Técnica	Pejorativa	Neutra	
	19 (59,38%)	9 (28,13%)	1 (3,13%)	3 (9,37%)	
Segunda década analisada: 2001-2010					
Gênero	Entrevista	Matéria	Reportagem	Outros	Inserções totais
	1 (3,9%)	16 (61,5%)	0	9 (34,6%)	26
Presença de Ilustrações	Não: 5 (19,23%)				
	Sim: 21 (80,77%)	Fotografia	Gráfico	Desenho	Infográfico
		21 (100%)	0	0	0
Conotação das publicações	Sexual	Técnica	Pejorativa	Neutra	
	1 (3,84%)	20 (76,93%)	4 (15,39%)	1 (3,84%)	

Terceira década analisada: 2011-2019					
Gênero	Entrevista	Matéria	Reportagem	Outros	Inserções totais
		1 (2,2%)	22 (47,8%)	3 (6,5%)	20 (43,5%)
Presença de Ilustrações	Não: 12 (26,09%)				
	Sim: 34 (73,91%)	Fotografia	Gráfico	Desenho	Infográfico
		34 (100%)	0	0	5 (14,7%)
Conotação das publicações	Sexual	Técnica	Pejorativa	Neutra	
	5 (10,87%)	29 (63,04%)	1 (2,17%)	11 (23,92%)	
Números gerais: 1992-2019					
Gênero	Entrevista	Matéria	Reportagem	Outros	Inserções totais
	2 (1,93%)	44 (42,3%)	10 (9,61%)	48 (46,16%)	104
Presença de Ilustrações	Não: 19 (18,27%)				
	Sim: 85 (81,73%)	Fotografia	Gráfico	Desenho	Infográfico
		85 (100%)	0	2 (2,35%)	9 (10,59%)
Conotação das publicações	Sexual	Técnica	Pejorativa	Neutra	
	25 (24,04%)	58 (55,77%)	6 (5,77%)	15 (14,42%)	

Fonte: dos próprios autores (2020)

De acordo com Bardin (1977), uma boa categorização, como forma de impor organização às mensagens, deve possuir, entre outras características, a exclusão mútua: quando um elemento incluído na categoria X não pode ser incluído na categoria Z. Seguimos à risca a instrução. Como exemplo, podemos citar a análise de texto por meio da conotação da mensagem (FONSECA JÚNIOR, 2006). Em determinadas publicações havia uma mescla de informações técnicas, mas que traziam jogo de palavras com conotações pejorativas. Optamos sempre pelo elemento predominante da notícia. Vamos a um estudo de caso concreto.

Na edição 1119, de setembro de 1996, a *Placar* trouxe um dossiê de oito páginas sobre o futebol de mulheres com o título: “Valeu, meninas! E agora?”. A publicação repercutia o inédito quarto lugar da Seleção nas Olimpíadas de Atlanta daquele ano sobre vários aspectos eminentemente técnicos: entrevistas com dirigentes, com o técnico da Seleção, histórico de luta pela regularização da modalidade, personagens, exemplos internacionais de sucesso.

Mas, por outro lado, sem perder a oportunidade de explorar a objetificação da mulher, como no trecho que descreve a volante Duda, do Internacional, “com seus cabelos loiros e um corpo bem torneado” (DUARTE; GARCIA; LUZ, 1996, p. 47) ou no intertítulo denominado “Novas beldades” (p. 50). Optamos, nesse caso, por apontar a reportagem como “Técnica”, pela ampla predominância correspondente ao assunto. Sobre a conotação “Neutra”, conforme o nome preza, trata-se de notícias que não dizem diretamente respeito aos atributos técnicos das atletas nem fazem menções que sexualizam a mulher no futebol. Como exemplo, temos a matéria “As

donas da bola' no Museu do Futebol-SP", na edição 1411 (fev./2016), que traz uma exposição fotográfica com mulheres que jogam bola profissionalmente ou por diversão.

O critério de gênero da notícia também seguiu as orientações de Bardin (1977). Podemos utilizar mais uma vez o exemplo da edição 1119. O gênero "Entrevista", incluída a partir de um diálogo com o técnico Zé Duarte, foi preterido na nossa avaliação pelo gênero "Reportagem", mais abrangente e predominante. Ainda sobre o processo de categorização da Tabela 2, conforme já dito, a temática "Outros" incluiu publicações tais como: fotos-legendas, notas ou pequenas menções sobre o futebol de mulheres em colunas ou entrevistas com outros focos indiretos ao tema.

Na categoria "Ilustrações", observamos que em todas as veiculações que continham imagens, 100% reservavam a fotografia como ilustração ao tema abordado. Em alguns casos (precisamente 11 em um universo de 85), havia fotografia aliada a um infográfico ou a um desenho. Exclusivamente nesses casos, optamos por não seguir a recomendação de exclusão mútua de Bardin (1977) por entender que informar a soma de mais de um artifício ilustrativo agrega valor à pesquisa e não traz prejuízos para a finalidade do trabalho – pelo contrário.

Justificadas nossas ações para a criação da Tabela 2, seguimos para as análises dos números. A observação mais relevante nos remete às conotações das publicações sobre o futebol de mulheres pela *Placar*, ou seja, o conteúdo das notícias.

Na década de 1990, das 32 publicações sobre o futebol de mulheres, 19 (59,38%) tinham predominantemente uma conotação

sexual: a abordagem “Técnica” foi predominante em nove notícias (28,13%). Na década de 2000, as inserções totais sobre o assunto caíram de 32 para 26, mas, por outro lado, o tipo de abordagem das notícias com conotações sexuais teve uma queda abrupta para 3,84% – ou seja, uma notícia entre 26; a abordagem do futebol de mulheres passou a ser “Técnica” em 20 publicações (76,93%) – em números brutos, mais do que o dobro das nove notícias com mesmo formato da década anterior.

Por fim, entre 2011 e 2019, observamos um acentuado aumento no número de conteúdos envolvendo o futebol praticado por mulheres: de 26 nos dez anos anteriores para 46 no período atual. Um “retrocesso”, porém, é observado nas conotações das notícias sexuais, que voltaram a subir: dessa vez ficando em 10,87% (5 de 46).

Mas, quando a comparação é relativa aos anos 1990, observamos uma queda de quase 75% desse tipo de notícia com conotação sexual: 19 (59,38% do total) na década de 1990 contra 5 (10,87% do total) na década de 2010. Voltando à comparação entre as décadas de 2000 e 2010, o número de notícias “Técnicas” percentualmente caiu de 76,93% para 63,04%. Em contrapartida, em números brutos, novamente, houve um aumento desse tipo de informação: de 9, na década de 1990, para 20 na década de 2010 e, agora, para 29 – aumento superior a 200% em relação ao decenário de 1990 (1992-2000).

Essa evolução no perfil “positivo” das notícias, que ganhou uma conotação mais técnica em detrimento à sexualização do futebol de mulheres e de publicações pejorativas, é uma evidência numérica concreta de mudança dos valores-notícia que transitaram ao longo dos últimos 28 anos, período da nossa análise.

## A PLACAR NO CONTEXTO “EFEITO SANFONA”

Uma informação relevante acerca das notícias com conotação sexual na *Placar* é que elas não aparecem na revista desde 2014. Todas as cinco notícias com conteúdos que objetificaram mulheres na década de 2010 ficaram restritos até o distinto ano. Desde então, não houve mais registros na revista de notícias que deturpam a finalidade da mulher futebolista. A grande interrogação a partir de agora é a respeito dos próximos passos dessa relação: afinal, trata-se de uma fase ou de um momento isolado da história envolvendo mídia e futebol de mulheres?

Estudos anteriores apontaram recortes isolados dessa relação. Nos Jogos Olímpicos da Grécia (em 2004), Martins e Moraes (2007) apresentaram um estudo que apontou para o crescimento de mais de 2000% no número de inserções de notícias nos jornais *Folha de S. Paulo* e *Estado de S. Paulo* na medida em que transcorriam os Jogos. Além de identificarem que existiu uma diferença no tratamento e na quantidade de informações destinadas ao futebol dos homens e das mulheres (C.f. MARTINS; MORAES, 2007), os pesquisadores constataram uma tendência de valorização do futebol de mulheres que “mostrou-se de caráter transitório, sazonal e efêmero, atendendo apenas a uma demanda decorrente dos Jogos Olímpicos e da conquista que a equipe brasileira alcançou” (MARTINS; MORAES, 2007, p. 78).

No mesmo período, também no meio da primeira década desse século, Mourão e Morel já falavam em um “efeito sanfona” na relação mídia e futebol de mulheres. “A trajetória (...) revelou que esse esporte ainda não encontrou seu espaço permanente na vida e na mídia esportiva brasileira. O que verificamos são ondas que até o momento

oscilam, mas não garantem o fenômeno das marés” (MOURÃO; MOREL, 2005, p. 84).

Mais de dez anos depois, a pesquisadora Leda Costa basicamente repetiu o mesmo cenário em outro contexto, já mais próximo ao atual, ao afirmar (e prever) que “outros *booms* do futebol feminino poderão ser notados de tempos em tempos, mas a modalidade, até o momento da escrita do artigo, ainda não conseguiu de fato impor-se em termos esportivos e mercadológicos, permanecendo ainda sobre sombras e visibilidade moderada” (COSTA, 2017, p. 505).

Em outros países também pode-se observar cenários parecidos. Na Austrália, a pesquisadora Fiona McLachlan (2019) estuda oscilações semelhantes na cobertura sobre mulheres no esporte. Ela aponta o críquete, futebol, corrida de cavalos como modalidades femininas “celebradas” pela imprensa em razão de um “boom” observado entre os anos de 2015 e 2017. Porém, a autora critica essa análise de um recorte de momento da mídia recordando que, em outros momentos da história, a mesma imprensa já celebrara crescimentos que não propriamente se concretizaram à frente.

McLachlan cita, como exemplos, mulheres disputando competições de golfe, em 1912; futebol, em 1921; basquete e hóquei, em 1934; tênis, em 1936. Sempre noticiadas sob um viés positivo da ação. “Em resumo, o ano inacreditável ou as manchetes de *boom* e crescimento de 2015 a 2017 ignoram a história e, portanto, as alegações de mudança são deixadas flutuando, permitindo que sejam repetidas indefinidamente sem crítica” (MCLACHLAN, 2019, p. 13).

Apesar dos alertas, o ano de 2019, entretanto, deixa-nos uma perspectiva promissora acerca da postura revisionista adotada pela

*Placar*. Além de ter trazido a primeira edição inteira dedicada exclusivamente ao futebol de mulheres (edição 1457, de novembro), a revista trouxe em julho, na edição 1453, o título “A busca pela igualdade”: um pedido de desculpas histórico pela trajetória machista da revista ao noticiar, não só o futebol de mulheres, mas as mulheres no esporte.

*Placar* é uma revista de futebol, não há dúvida. Mas ajustes são necessários. Um deles é o espaço que a mulher ocupa em nossas páginas. Nas décadas de 1980 e 1990, olhávamos o futebol feminino com uma visão equivocada, quase objetificando as mulheres. Pedimos perdão por aquele período de ignorância e buscamos evoluir (A BUSCA..., 2019, p. 4).

O que se viu, desde então, foi a revista buscando parcerias com sites especializados no futebol de mulheres para trazer notícias mais aprofundadas sobre o tema e o apagamento dos tratamentos pejorativos às futebolistas. “A Copa do Mundo contribuiu definitivamente para reintroduzir o futebol feminino na pauta dos veículos de imprensa e mostrar que há sim interesse do público masculino e feminino pela modalidade” (AS MELHORES..., 2019, p. 61, grifo nosso). Resta saber se o tema se firmará ou será em breve vítima de mais um “feito sanfona”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após realizar um passeio histórico em três distintas décadas de coberturas da *Placar* olhando para o futebol de mulheres, concluímos

que a revista demonstra um anseio em deixar no passado um estigma machista que a definiu por muitos anos. Depois de passar por diferentes fases em que mesclou as publicações de cunho técnico com as de conotação sexual e pejorativa, a mais tradicional revista esportiva do país parece ter enxergado o contexto de transformação global acerca de temas sensíveis e relevantes, como o feminismo. Tratamentos sexistas como os de “musas” e “gostosas” e termos como “salivava” ou “secava” estão ficando cada vez mais no passado.

Dessa forma, essa última década, 2010, apresentou noticiabilidades que apontam para um tratamento ao futebol de mulheres com profissionalismo, caminhando para se equivaler ao masculino – porém ainda longe de reservar espaços iguais. Chegamos ao momento do espaço à militância das futebolistas, críticas ao sistema e atentas à busca por equidade de gênero. Com a objetificação aparentemente superada, a luta agora é por anseios igualitários, com valorização profissional e direitos iguais no mercado de trabalho, na mídia e onde quer que seja.

Nessa pesquisa, o nosso objetivo foi apontar as relações estatísticas entre a *Placar* e a construção das notícias relacionadas ao futebol de mulheres, a fim de trazer uma reflexão a partir dos números pesquisados, apresentando assim uma nova rede de significados que mostram como o feminismo adentrou o futebol nas últimas décadas, obrigando inclusive uma potência midiática como a *Placar* a fazer uma retratação histórica.

É impossível, então, ignorar os fenômenos que circundam essa mutabilidade entre o periódico e o tema estudado. Não podemos deixar de destacar fatores como cruciais para essa evolução, as

quais destacamos elementos como a influência das redes sociais e sua audiência potente, o sucesso da Copa do Mundo 2019 e a dita “primavera feminista”. Foi este o contexto que levou a revista a pedir desculpas por cobrir no passado o “futebol feminino com uma visão equivocada” (A BUSCA..., 2019, p. 4) e a sinalizar uma descontinuidade ou ruptura com o que ficou para trás.

## REFERÊNCIAS

A BUSCA pela igualdade. *Revista Placar*. São Paulo: ed. Abril, n. 1453, julho, 2019.

AS MELHORES. *Revista Placar*. São Paulo: ed. Abril, n. 1453, julho, 2019

AO SEU bel-prazer. *Revista Placar*. São Paulo: ed. Abril, n. 1104, junho, 1995.

AS DONAS da bola' no Museu do Futebol-SP. *Revista Placar*. São Paulo: ed. Abril, n. 1411, fevereiro, 2016.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRETO JANUÁRIO, Soraya. *Mulheres no campo: o ethos da torcedora pernambucana*. São Paulo: Fontenele, 2019.

BARRETO JANUÁRIO, Soraya.; VELOSO, Ana. Gênero, mídia e futebol: a cobertura midiática genderificada no Brasil. In: LIMA, Cecília; BRAINER, Larissa; BARRETO JANUÁRIO, Soraya (orgs.). *Elas e o futebol*. João Pessoa: Xeroca!, 2019.

BARRETO JANUÁRIO, Soraya; LIMA, Cecília.; LEAL, Daniel. Futebol de mulheres na agenda da grande mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019. *Observatório (OBS\*)*, v. 14, n. 4, 2020.

CHIARIONI, Bruno; KROEHN, Márcio. *Onde o esporte se reinventa: histórias e bastidores dos 40 anos de Placar*. São Paulo: Primavera Editorial, 2010.

COELHO, Paulo Vinícius. *Jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2011.

COELHO, Paulo Vinícius. *Entrevista concedida pelo jornalista, ex-repórter da revista Placar, aos autores desse artigo*. São Paulo, set., 2019.

CONNELL, Robert w.; MESSERSCHMIDT, James w. "Masculinidade hegemônica. Repensando o conceito". *Revista Estudos Feministas*, v. 21, n. 1, p. 424, jan./abr. 2013.

COSTA, Leda. *Maria-chuteiras x torcedoras “autênticas”*. Identidade feminina e futebol. XII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA ANPUH-RJ. Usos do passado. 2006. p. 1-11.

COSTA, Leda. O futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, n. 13, p. 493-507, 2017.

DUARTE, Jorge. Entrevista em Profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

DUARTE, Marcelo; GARCIA, Sérgio; LUZ Sérgio Ruiz. VALEU, meninas! E agora?. *Revista Placar*. São Paulo: ed. Abril, n. 1119, setembro, 1996.

DUNNING, Eric. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

DUNNING, Eric; MAGUIRRE, Joseph. As relações entre os sexos no esporte. *Revista de estudos feministas*. IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, p. 321-48, v. 5, 1997.

DUARTE, Marcelo. *Entrevista concedida pelo jornalista, ex-diretor de redação da revista Placar, aos autores desse artigo*. São Paulo, set., 2019.

FONSECA JUNIOR, Wilson Correa. Análise de Conteúdo. In: Duarte, Jorge; Barros, Antonio (Org). *Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação*. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho?”: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

GOELLNER, Silvana. Pode a mulher praticar o futebol? In: CARRANO, P.C. *Futebol, paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 79-94.

GOELLNER, Silvana. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na "Revista Educação Física"*. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

GOELLNER, Silvana. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem a história. *Pensar a prática* V.8 n.1 revisada. p. 65, 2005.

GONÇALO JÚNIOR. Gonçalo. *O Homem Abril*: Cláudio de Souza e a história da maior editora brasileira de revistas. São Paulo: Opera Graphica Editora, 2005.

GRILLO, Cristina; OLIVEIRA, Grazielle; BUSCATO, Marcela; RODRIGUES, Ana Helena; VARELLA, Gabriela; VISCONTI, Harumi; GARCIA, Sérgio. A Primavera das Mulheres – Uma nova geração de ativistas toma ruas e redes sociais – e cria o movimento político mais importante do Brasil na atualidade. *Revista Época*. Disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/11/primavera-das-mulheres.html>. Acesso em 27 de jan. de 2021.

KFOURI, Juca. *Entrevista concedida pelo jornalista, ex-diretor de redação da revista Placar, aos autores desse artigo*. São Paulo, set., 2019.

KNIJNIK, Jorge Dorfman; SOUZA, Juliana Sturmer Soares. Diferentes e desiguais: Relações de gênero na mídia esportiva brasileira; In: Antonio Carlos Simões, Jorge Dorfman Knijnik (orgs). *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho*. São Paulo, Aleph, 2004 (p. 191-212).

LÁBIOS de Bel. *Revista Placar*. São Paulo: ed. Abril, n. 1108, outubro, 1995b.

MARTINS, Leonardo Tavares; MORAES, Laura. Futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 1, n. 10, p. 69-81, 2007.

MCLACHLAN, Fiona. It's Boom Time! (Again): Progress Narratives and Women's Sport in Australia. *Journal of Australian Studies*, 43:1, 7-21, 2019.

MESQUITA, Giovanna. *Interfiro, logo existo: a audiência potente e as novas relações no jornalismo*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil, 2014.

MIRAGAYA, Ana. A mulher olímpica: tradição versus inovação na busca pela inclusão. In: DA COSTA, Lamartine; TURINI, Márcio. *Coletânea de textos em estudos olímpicos*. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002.

MOURÃO, Ludmilla; MOREL, Márcia. As narrativas sobre o futebol feminino: A diferença que faz uma medalha de prata. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 26(2), 73-86, 2005.

O CHARME da conquista. *Revista Placar*. São Paulo: ed. Abril, n. 718, fevereiro, 1984.

RIBEIRO, André. *Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. *Registros do futebol feminino na Revista Placar: 30 anos de história*. Motrivivência (Florianópolis); v.28, n. 49, p. 99-113, dez. 2016.



**PRORROGAÇÃO**

MULHERES NO CAMPO  
E NA ARQUIBANCADA

## CAPÍTULO 9

### MULHERES EM CAMPO: PRESENÇA FEMININA DENTRO E FORA DAS QUATRO LINHAS

NATHÁLIA FERNANDES PESSANHA<sup>1</sup>

#### ENTRANDO EM CAMPO

O futebol de mulheres no Brasil foi proibido por decreto, promulgado sob os auspícios do governo ditatorial de Getúlio Vargas, o Estado Novo, de número 3.199 de abril de 1941, que criava o Conselho Nacional de Desportos (CND) e determinava que a este conselho caberia regulamentar os desportos praticados no país<sup>2</sup>. Entre as funções do CND, como ficava determinado em seu artigo 54, caberia ao órgão estabelecer quais os desportos seriam compatíveis – ou não – ao corpo feminino.

Nesse mesmo período, o futebol masculino se profissionalizava e se tornava cada vez mais uma paixão nacional<sup>3</sup>. As arquibancadas cariocas, portanto, atraíam cada vez mais público para acompanhar o esporte bretão. Entre seus frequentadores, encontrava-se variada

1 Doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF). Mestre em História pelo mesmo programa. Email: nathalia-fp@id.uff.br

2 BRASIL. Lei 3.199 de 14 de abril de 1941. Essabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Diário Oficial da União, Brasília, DF.

3 Sobre os debates em torno da profissionalização do futebol e da sua associação com o projeto nacional, conferir FRANZINI, Fábio (2000); NEGREIROS, P. J. L. de Campos (1998).

presença feminina, que, de acordo com Melo (2012), fazia-se presente nas assistências desde o início do século, quando acompanhavam seus pais ou pessoas da família associadas ao clube. Essa presença feminina no início do século, segundo Malaia (2012), gerou, inclusive, o mito de criação do vocábulo torcida, pois a imprensa da época creditava às senhoras que torciam seus corpos a criação da palavra que hoje caracteriza os aficionados por futebol.

Com o passar dos anos as torcidas foram se tornando maiores e mais organizadas. E as mulheres, embora proibidas desde a década de 1940 por decreto de praticar o futebol, estavam presentes nas arquibancadas cariocas para torcer pelo futebol masculino. Contudo, a proibição, embora não se estendesse legalmente do campo para as arquibancadas, deixava legados no imaginário da sociedade, que construía a ideia de que o futebol, que cada vez mais estava associado à nacionalidade brasileira, era um esporte relacionado às premissas do que se considerava ser o universo masculino.

O cerceamento ao corpo feminino, intimamente ligado aos argumentos que levaram à proibição do futebol de mulheres<sup>4</sup>, se fez

---

4 O(a) leitor(a) vai perceber que ao longo do texto utilizo o termo futebol de mulheres ao invés de futebol feminino. Essa escolha não é aleatória, é uma escolha política. O termo traz consigo a percepção da necessidade de valorização do futebol vivenciado pelas mulheres não só dentro de campo, mas também em outras funções associadas aos esportes. Além disso, questiona a barreira estruturada de gênero que associa todas as características do feminino às mulheres, bem como engessa as mesmas a agir dentro daquilo que é considerado feminino. Sobre o termo futebol de mulheres, C.f. KRESSLER, Cláudia Samuel. Mais que Barbies e Ogras: Uma etnografia do Futebol de Mulheres no Brasil e nos Estados Unidos. Tese (Doutorado) UFRS, Porto Alegre, 2015

presente nos discursos e nas práticas governamentais ao longo de muitos anos e, a grosso modo, aparece até hoje, ainda que sob outras roupagens.

O presente artigo se dividirá da seguinte forma: primeiro, será apresentado um panorama sobre os discursos e os argumentos que embasaram o decreto que proibia a prática do futebol por mulheres no país, buscando-se pensar de que forma esses argumentos estavam presentes não só no campo esportivo, mas em toda a sociedade.

Depois, será apresentada, através de reportagens de periódicos, a continuidade da presença feminina no mundo do esporte, seja no campo ou nas arquibancadas, mesmo com os cerceamentos que recaíam sobre o corpo da mulher. Essa apresentação busca ratificar o argumento de que, apesar das limitações, a presença feminina nas arquibancadas existiu de forma perene durante o século XX.

Por último, será debatido de que maneiras os legados deixados pela proibição do futebol de mulheres influenciam as mentalidades e opiniões dentro e fora dos estádios ainda hoje sobre a presença feminina no campo e nas arquibancadas.

## O JOGO EM ANDAMENTO

### **Cartão vermelho: as mulheres expulsas da partida**

A valorização da prática dos esportes como importantes para a saúde física e mental se desenvolveu muito no século XIX e ao longo do século XX. No Brasil, desde o início do século XX, os esportes eram tidos como

práticas importantes para homens e mulheres, sobretudo das classes mais abastadas, para formação de corpos saudáveis que deveriam contribuir para a construção de uma nação forte. De acordo com Goellner,

Dentro dessa perspectiva, os exercícios físicos são apresentados como um poderoso instrumento modelador das formas e agente de ordenação dos corpos que, pela prática sistemática, aumentaria o capital-saúde da população. Em função dessa percepção, o esporte inicia, gradativamente, a adquirir importância no cenário cultural das cidades e a educação física é inserida como disciplina integrante do plano nacional de educação, cuja ação, no interior do contexto escolar, deveria desenvolver, ao máximo, as virtudes da raça e as aptidões hereditárias de cada indivíduo (GOELLNER, 2008, p. 3-4).

À medida que o futebol foi se tornando um esporte cada vez mais popular, sua importância ganha relevo. Ao longo dos anos 1930, por exemplo, os debates sobre a profissionalização do futebol masculino adquirem destaque na imprensa e entre especialistas do esporte, tendo a mesma sido considerada por muitos um marco no futebol brasileiro, segundo Plínio Negreiros (1998).

A prática do futebol por mulheres também se expande nas primeiras décadas do século XX, ainda que se possa considerar que os futebóis<sup>5</sup> praticados por elas no início do século se realizassem em

---

5 Uso o termo futebóis no sentido adotado por Arlei Damo, que diz respeito às diferentes formas e maneiras de praticar o esporte. Cf. DAMO, Arlei Sander. Senso de Jogo. Revista Esporte e Sociedade, n.1, nov2005/fev2006.

outros palcos, como por exemplo, no circo e no teatro. De acordo com Aira Bonfim,

De acordo com as fontes pesquisadas, dos primeiros fenômenos presenciados no teatro de revista do Rio de Janeiro, em 1921, até o ano de 1930, foi possível comprovar a presença do futebol feminino no Estado de São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Rio de Janeiro. A partir da década de 1930, a geografia desses deslocamentos ganhará a amplitude da Região Norte e Nordeste [...] Além do estado do Paraná (BOMFIM, 2019, p. 104-105).

No início dos anos 1940, o futebol de mulheres era notícia recorrente nos jornais, sobretudo se tratando do eixo Rio-São Paulo, muito embora ocorressem menções a partidas em outras regiões. O *Jornal dos Sports*, por exemplo, trouxe reportagens sobre partidas de futebol de mulheres que aconteciam no subúrbio do Rio de Janeiro, como é o caso da partida entre O S.C Brasileiro e o Casino de Realengo, realizada no campo do Casino e que contava com o intermédio do jornal para a convocação de suas jogadoras<sup>6</sup>. Em maio do mesmo ano, outra notícia do mesmo periódico anuncia um campeonato a ser realizado no campo do Bonsucesso, com a participação dos seguintes times femininos: Casino de Realengo, S. C. Brasileiro, Eva F.C e Valqueire F. Club. O jornal ainda concluiu afirmando que se tratava de uma “competição sensacional” (FOOTBALL FEMININO..., 1940a, p. 6).

6 Football Feminino. A equipe do SC Brasileiro jogará hoje em Realengo. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 03 de mar. de 1940, p.6

Esse incremento na prática e na divulgação do futebol de mulheres gerou reações diversas na sociedade e suscitou debates, inclusive realizados na imprensa, sobre os benefícios ou malefícios que poderia gerar ao corpo feminino. O jornal *O Imparcial*, por exemplo, em manchete intitulada “Football não é *sport* que deva ser praticado por mulher”, trouxe a opinião do professor Nery Machado, que afirmou condenar a “absurda inovação” que era a prática do futebol pelas mulheres. (FOOTBALL NÃO..., 1941, p. 14) O professor, que segundo a reportagem era médico ginecologista, defendia seu repúdio ao mesmo discorrendo sobre as incompatibilidades do corpo feminino com o esporte.

Esse discurso de incompatibilidade do corpo feminino com a prática de esportes como o futebol tem em suas bases uma tentativa de cerceamento do corpo feminino, que não é novidade do século XX. De acordo com Karla Carloni,

Tentativas de controle do corpo feminino vinham da medicina, das práticas jurídicas e da Igreja também. O discurso médico-sanitarista no Brasil desde meados do século XIX caracterizava a mulher a partir dos seus útero e ovários. Os humores, as doenças e o comportamento estariam ligados diretamente a esses órgãos que, por sua vez, definiam o único papel do gênero na sociedade: reproduzir (CARLONI, 2019, p. 96).

A associação da mulher com a maternidade afeta diretamente a sua inserção no mundo dos esportes. Ao mesmo tempo que sua prática era incentivada, sobretudo para mulheres brancas de classe alta, para a manutenção do corpo sadio, alguns esportes eram

considerados prejudiciais ao corpo e à saúde feminina, pois poderiam interferir no papel social da mulher: a geração de cidadãos saudáveis para o país. Além disso, de acordo com Goellner, “seu sucesso nessas práticas poderia infringir as leis da natureza pois, ao mostrarem-se mais fortes do que se supunha, seria fissurado o discurso das diferenças naturais cuja base estava assentada na sobrepujança física de um sexo sobre o outro” (GOELLNER, 2005, p. 145). Rompendo, ou pelo menos, anuviando as barreiras e os estereótipos do que era considerado como feminino.

Nesse sentido, portanto, os argumentos contrários à prática do futebol por mulheres iam ao encontro de discursos médicos e higienistas que, com a justificativa de preservação do físico da mulher, acabavam por cercear o corpo feminino e impedi-lo de praticar aqueles esportes considerados incompatíveis com o “sexo frágil”.

O governo do Estado Novo, que procurava regulamentar diversos âmbitos da vida social, via no esporte elemento importante de construção da identidade nacional. Conforme argumenta Fábio Franzini,

Para além do lugar comum, porém, a observação mais detalhada revela que o futebol, após se popularizar, torna-se um meio de sobrevivência e, enfim, uma forma reconhecida de trabalho, encontra sob o Estado Novo condições políticas propícias para iniciar sua transformação em patrimônio nacional (FRANZINI, 2000, p.58).

O futebol, portanto, era cada vez mais considerado como elemento definidor da nacionalidade brasileira, e as mulheres eram progressivamente alijadas desse processo. Culminando, em 1941,

no Decreto-lei 3.199 de abril de 1941 que, como já citado, cria o CND e estabelece que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”.<sup>7</sup>

Afastadas por lei dos gramados, as mulheres seguiram encontrando meandros para praticar o futebol, mesmo que sob os auspícios da proibição. Por outro lado, a versão torcedora da mulher não era legalmente proibida, desde que estivesse sempre acompanhada e se comportasse conforme estabelecia as regras da sociedade, o que acabava contribuindo para a construção de um discurso que promovia afastamentos. Importante mencionar que a torcedora que era valorizada, inclusive pelos jornais, como afirma Kelen Kátia Silva (2019), na década de 1930, não é a mesma torcedora dos dias atuais, que possuem pleitos e pautas diferentes e buscam por respeito e igualdade no ato de torcer, como será argumentado mais à frente.

Contudo, é interessante perceber que ao longo da década de 1930 a imprensa argumentava que nas arquibancadas o corpo feminino estava autorizado a circular. De acordo com Silva,

A mulher-torcedora era exibida pelo jornal como bela, graciosa, entusiasmada, apaixonada pela prática esportiva (compatível com a sua natureza) e por um time de futebol. A imagem da mulher no Jornal dos Sports delimitava os espaços permitidos para os seus corpos no futebol (SILVA, 2019, p.131).

---

7 Idem nota 2.

## Subterfúgios do vestiário: a permanência da prática e a ascensão nas arquibancadas

Durante os anos de proibição da prática do futebol por mulheres, ele continuava acontecendo. Essa atitude pode ser interpretada como de resistência por parte das mulheres que, a despeito do decreto, seguiam praticando as atividades físicas de sua preferência e realizando jogos de futebol.

O circo, por exemplo, continuou sendo local onde a prática do futebol de mulheres era realizada, e as apresentações eram anunciadas em jornais de grande circulação, como no caso da *Gazeta Esportiva*, em coluna assinada por do Tito Neto, chamada “No mundo Circense” (NO MUNDO..., 1956, p. 31). O jornal também trouxe notícias de outras apresentações, com publicações menores, no corpo do periódico (ESTREIA..., 1956, p. 27).

O futebol de vedetes praticados em campos ou em teatros também era anunciado nos periódicos, sobretudo do Rio de Janeiro e de São Paulo, como no caso da notícia “Vedetas do Rio e de São Paulo jogam essa noite no Pacaembu”, veiculada pelo jornal *Diário da Noite* (VEDETTAS DO..., 1959, p. 24). Importante levantar algumas hipóteses a respeito desse futebol. A primeira é sobre as jogadoras. O título de vedetes já pressupõe que essas mulheres estavam acostumadas a circular no espaço público. Eram, *grosso modo*, corpos públicos, que estavam fora das preocupações de cerceamento do Estado que visava a procriação da espécie e a preservação das “moças de família”. Em segundo lugar, tais jogos já traziam o escopo dos jogos beneficentes em seu meio, o que era outra forma de prática do futebol de mulheres que escapava aos olhos do CND.

Em 1961, por exemplo, foi noticiada uma partida de futebol beneficente, para crianças da casa André Luís, instituição que cuidava de crianças com deficiência, com reversão da venda de ingressos para a campanha. O tom da notícia do jornal, que afirmava que “nenhum paulista deve deixar de apoiar este movimento” permite inferir que não se percebia o jogo de caridade como uma prática a ser combatida, mas como algo em acordo com o papel feminino associado à maternidade e à benevolência (RADIALISTAS..., 1961, p. 11).

Todas essas apresentações, mesmo as destinadas à caridade, possuíam um caráter de *show* muito maior do que o de prática esportiva, o que acabava amenizando o cerceamento do CND, uma vez que cabia ao conselho regulamentar as práticas esportivas e não toda e qualquer forma de performance.

Após a segunda metade dos anos 1970 e início dos anos 1980, outra modalidade de futebol de mulheres ganhou fôlego, sobretudo na zona sul do Rio de Janeiro, o futebol de areia. Ainda que tenha iniciado sua prática antes de qualquer regulamentação do esporte, as notícias sobre as partidas também estavam presentes em jornais de grande circulação, como no caso do *Jornal do Brasil*, que estampava, já em 1976, a manchete “Futebol depois da louça lavada”, se referindo aos jogos de empregadas domésticas que aconteciam nas areias cariocas (O FUTEBOL..., 1976, p. 4).

Em suma, ao longo dos anos de proibição o futebol de mulheres seguiu acontecendo de diversas maneiras e em diferentes campos. Nesse ínterim, as arquibancadas também seguiam sendo ocupadas pelo público feminino. Importante salientar que as torcedoras que se fazem presentes nos anos 1950, 1960 e, sobretudo, a partir

dos anos 1970, com a consolidação de uma nova forma de torcer iniciada no Rio de Janeiro, as *Torcidas Jovens*, não são as mesmas torcedoras que estavam presentes nos estádios no início do século XX. Se antes a presença feminina nas arquibancadas era vista como uma forma de embelezar o espetáculo, ou como o cumprimento de uma etapa para a inserção da vida em sociedade, nas décadas vindouras e até os dias atuais, essas torcedoras ocupam seus espaços nas arquibancadas com o intuito de torcer pelo seu time e acompanhá-lo nas diferentes competições. É errôneo supor que as mulheres e, logo, as torcedoras, seguiram sendo categorias estáticas ao longo do tempo.

Além disso, é importante mencionar que embora o argumento central desse artigo seja o de que a proibição do futebol de mulheres por quarenta anos no Brasil influenciou as formas de ser torcedora – sobretudo no Rio de Janeiro, estudo de caso principal –, atualmente, as mulheres apareceram de forma perene nas arquibancadas, ora com maior ou menor destaque. Mesmo que enfrentando os mais diversos estereótipos e cerceamentos.

Já nos fins da década de 1940 e início da década de 1950 existiam torcedoras ganhando destaque nas arquibancadas cariocas. É o caso, por exemplo, de Dona Dulce Rosalina. Torcedora do Clube de Regatas Vasco da Gama que em 1956 assume a liderança da *Torcida Organizada do Vasco*, a TOV, de onde sai em 1976 para fundar uma nova torcida, a *Renovascão*, onde permanece até sua morte.

No fim da década de 1960 surge no Rio de Janeiro uma nova forma de torcer, as chamadas *Torcidas Jovens*. Criadas em sua maioria a partir de grupos de amigos, esses novos agrupamentos visavam

trazer para as arquibancadas o espírito contestador que permeava a sociedade da época. As antigas torcidas organizadas, representadas pela TOV ou pela Charanga Rubro-Negra, do Clube de Regatas do Flamengo, eram conhecidas pelo seu apoio incondicional ao clube e pela proximidade com dirigentes e cartolas. As *Jovens* trouxeram para as arquibancadas a possibilidade do questionamento e da vaia. De acordo com Bernardo Buarque de Hollanda,

O epíteto jovem passou a ser veiculado como uma espécie de mote associado a tudo o que considerado novo e moderno, com sua impregnação nas mais diversas áreas da sociedade. Ele denotava menos a condição biológica de uma faixa etária particular, definida de maneira arbitrária entre quinze e vinte e cinco anos, e mais a manifestação de um espírito livre, de um novo modo de ser e estar no mundo (HOLLANDA, 2010, p. 75).

É válido mencionar ainda que as décadas de 1960 e 1970 trouxeram modificações para os movimentos feministas e de mulheres ao redor do mundo. Com um mote mais voltado para as questões da liberação do corpo e da ocupação do espaço público, as mulheres pleiteavam cada vez mais estar em espaços considerados como masculinos, entre eles, a arquibancada.

O futebol de mulheres, proibido no país, ratificava no imaginário social e coletivo a ideia de que o espaço do futebol era masculino. E que para as mulheres, cuja prática estava vetada, cabia o espaço da assistência, e, ainda, esse espaço era permeado de cerceamentos, estereótipos e limitações.

Com o surgimento das *Torcidas Jovens*, as mulheres seguiram frequentando as arquibancadas e ocupando espaços nos meandros e nas entrelinhas do que era permitido ou cerceado. Embora se possa argumentar que nas décadas de 1960 e 1970, até o início da década de 1980, a presença feminina nas arquibancadas foi menor do que em décadas anteriores – seja porque o período político e cultural da época acabava esvaziando esses espaços<sup>8</sup>, seja porque os próprios agrupamentos nascentes afastavam as mulheres de seu interior – julgo importante mencionar o nascimento dessas torcidas, visto que são elas que, *grosso modo*, vão embasar – por proximidade ou oposição – os diversos agrupamentos torcedores presentes nas arquibancadas cariocas até hoje.

Diante disso é importante reafirmar que as mulheres se faziam presentes nas arquibancadas cariocas apesar de toda a dificuldade política e social enfrentada. Essa presença era narrada em reportagens de jornais. Em notícia intitulada “Vasco tem mil bossas” (VASCO TEM..., 1968, p. 8), o *Jornal dos Sports* trouxe uma reportagem na qual relatava uma disputa de torcidas entre os agrupamentos de Botafogo, liderados por Tarzan, e Vasco, liderados por Dona Dulce Rosalina. Nessa reportagem ganha destaque uma jovem torcedora, nomeada Kátia Sale, que teria sido responsável por compor a música da partida.

---

8 Durante a década de 1960 até 1980 o Brasil viveu sob a égide de um regime civil-militar que cerceou liberdades e cassou direitos. Os movimentos políticos se voltavam para o questionamento desse governo e o próprio movimento de mulheres tinha envolvimento na tentativa de libertação política. Nesse sentido, o ambiente da rua era um local de cerceamento de individualidades, o que acabava se refletindo nos estádios.

O mesmo jornal trouxe uma reportagem chamada “Fla cantou como nunca” referindo-se ao ocorrido nas arquibancadas em um jogo do Flamengo contra o Vasco (FLA CANTOU..., 1968, p. 10). A notícia narrava um episódio de assédio sofrido por torcedoras Flamenguistas e Vascaínas que buscavam espaço entre os torcedores. A nota, que encerra com a frase “É a turma rubro-negra esquece a guerra para brindar suas apetitosas torcedoras com os fiu-fius indispensáveis”, embora datada da década de 1960 e representativa do que se considerava aceitável à época, permite perceber também as dificuldades enfrentadas pelas torcedoras desde então – e que se mantém até hoje – para ocupar seu lugar na arquibancada.

Já na década de 1970, surge no Vasco da Gama a torcida feminina *Camisa 12*, formada por sócias do clube que decidiram se juntar para assistir aos jogos em local determinado da arquibancada (ELAS SÃO..., 1973, p. 3). O nascimento de uma torcida inteiramente feminina demonstra o interesse das mulheres pelo futebol, ainda que o masculino.

Muitos concursos de “rainha de torcida” também foram promovidos ao longo dos anos 1970 e 1980, seja pelo *Jornal dos Sports*, que tinha o hábito de promover diversos concursos de torcedores e torcida desde a década de 1940, seja pelo próprios clubes. (NA FESSA..., p. 1973, p. 5). Esses concursos premiavam, além da animação das torcidas, a beleza das torcedoras, já dando margem para uma prática que se tornará mais comum a partir da década de 1980, sobretudo depois da liberação da prática do futebol de mulheres: a sexualização e erotização dos corpos. De acordo com Silvana Goellner, após o fim do decreto proibitivo e com o retorno da prática do futebol de

mulheres, as jogadoras precisavam obedecer a certos padrões estipulados de beleza e comportamento para serem aceitas.

Não há dúvidas de que essa espetacularização não se localiza apenas nos espaços onde acontece a prática esportiva. Ela pode ser observada em outros locais sociais e, ainda, em diferentes instâncias culturais tais como revistas, propagandas, “outdoors”, programas televisivos, cartazes, filmes etc. Nesses e em outros lugares é possível identificar um processo educativo a produzir a espetacularização tanto de quem vê, quanto de quem é ou sente-se o próprio espetáculo, seja pela exibição de performances cada vez mais aprimoradas e pela construção de corpos comumente identificados como perfeitos, seja pela associação da sua prática com a aquisição de saúde e de beleza e a relação dessa com a erotização dos corpos (GOELLNER, 2005, p. 147).

Essa erotização e sexualização também alcança as arquibancadas, e a representação das mulheres torcedoras em jornais e revistas passa a apresentar corpos bem torneados e aparentes, representação essa que permanece até o século XXI.

Por outro lado, as torcedoras enfrentam ainda outras barreiras. Cito aqui mais duas delas: a invisibilidade e a velha lógica de que a mulher só ocupa o espaço masculino – das arquibancadas – para acompanhar alguma figura masculina efetivamente interessada no esporte.

Na década de 1960, o *Jornal dos Sports* passou a publicar uma coluna chamada “Elas no JS” (TORCIDAS..., 1989, p. 6). A coluna

trazia informações sobre moda, culinária, últimas notícias sociais e outras informações associadas ao feminino. Porém, nada sobre esportes. Em um periódico esportivo. O que essa publicação permite subentender, para além de todos os estereótipos de gênero, é que o esporte em si não é um campo feminino. Cabe à mulher saber da casa, da sociedade, de moda, mas não do mundo esportivo. Essa inviabilização, apenas exemplificada por essa reportagem, mas presente em outros campos, entre eles o da própria proibição, contribui para reafirmar no imaginário coletivo de que o esporte – e o futebol, em particular – não pertence ao âmbito do feminino.

A *Revista Placar*, por sua vez, trouxe uma charge representativa da ideia de que a mulher só ia ao estádio como acompanhante. A charge possuía quatro quadrinhos nos quais o marido, acompanhado da esposa que aparece amordaçada e de óculos escuros, conversa com um amigo<sup>9</sup>. O marido diz que trazia a mulher ao estádio, mas que não quer que ela veja ou ouça certas coisas e, ao ser questionado pelo amigo do porquê de levar a mulher, responde que ela precisava se divertir. A charge, que pode também ser interpretada como uma crítica por parte da revista, transparece a mentalidade da época de que caberia ao marido levar a esposa para se divertir – sempre cuidando para que ela não ouvisse nem visse coisas incompatíveis com o feminino – e que a mulher só estaria no estádio para acompanhá-lo.

Em suma, ao longo de todo o período no qual a prática do futebol de mulheres foi permitida por lei no Brasil, as mulheres seguiram encontrando meios de se fazer presentes no esporte, como jogadoras

---

9 Charge. Revista Placar, 06 de abr. de 1978.

e torcedoras, ainda que precisando enfrentar diversas barreiras, tanto legislativas como sociais, com a criação de estereótipos e cerceamentos que reafirmavam a lógica de que o futebol não era um campo feminino.

### APÓS OS NOVENTA MINUTOS: ESTEREÓTIPOS E REPRESENTAÇÕES FEMININAS DEPOIS DO FIM DA PROIBIÇÃO

Apesar do decreto que proibia a prática do futebol de mulheres no Brasil ter sido revogado em 1979, pondo fim à proibição, a regulamentação da modalidade só acontece em 1983, deixando o esporte em um limbo por quatro anos que, apesar de liberado e por não ser regulamentado, não tinha muito apoio de clubes, entidades e competições oficiais.

Essa demora na regulamentação do esporte é também um indício da consideração geral do futebol como um esporte masculino. Nos anos 1980, apesar da pressão internacional, a FIFA ainda caminhava na aceitação e regulamentação do futebol feminino. É somente em 1981, por exemplo, que em editorial de jornal institucional chamado *FIFANews*, o então presidente da instituição, João Havelange, manifesta interesse de colocar sobre o guarda-chuva da FIFA modalidades que estavam acontecendo fora dele, citando nominalmente o futebol feminino (FIFANEWS, 1981, p. 5).

Diante disso, o estereótipo de erotização seguia se impondo sobre as jogadoras, exigindo delas que um padrão de beleza fosse cumprido. O cabelo curto ou o corpo musculoso, questionava os estereótipos de gênero e fazia dessa jogadora o oposto do ideal de

feminilidade desejado. A *Revista Placar*, por exemplo, trouxe uma reportagem intitulada “A bela e as feras do futebol feminino” na qual trazia a imagem de uma jogadora branca de cabelos grandes e de biquíni, em pose sensual, segurando uma rosa com a boca, com a parte do título “A bela” no início da página. E, do lado, uma jogadora de cabelo curto e com a expressão fechada, com a parte do título “as feras” no topo da página (PLACAR, 1983). Segundo Caroline Almeida:

De todo, podemos afirmar que parte da imprensa teve importante papel na manutenção de estigmas relacionados à classe das jogadoras de futebol na década de 1980 na memória coletiva dos que acompanharam aqueles tempos. As matérias sobre o futebol de mulheres, enquanto produção de um sentido, trouxeram ao público discursos que fortalecem o preconceito, pois, ao mesmo tempo, conservavam e reforçavam estigmas. O discurso parece dividir as jogadoras entre o estigma de violentas, selvagens, homossexuais – “as feras” – e o estigma de “amadoras”, que não matam a bola no peito, que tem limitações devido a sua condição de natureza – “as belas”. Ambos não se desvencilham da ideia de futebol como *manly sport* (ALMEIDA, 2013, p. 97).

Essa reafirmação do futebol como espaço masculino ultrapassa os campos e chega às arquibancadas. Não só erotizando e estereotipando a imagem das torcedoras, como exigindo delas uma série de conhecimentos e performances para serem aceitas no meio.

Gustavo Bandeira (2019) argumenta que as arquibancadas, consideradas desde muito tempo lugar de homem, exercem uma espécie de pedagogia. De acordo com Bandeira,

Os estádios de futebol podem ser pensados como um contexto cultural específico, que ensina comportamentos, valores, formas “corretas” ou “adequadas” de práticas diversas por meio de seu desenho arquitetônico, cânticos repetidos e performances explicitadas. Os estádios se constituem como um artefato cultural, eles são produzidos, são feitos e são portadores de pedagogias. Os estádios são coisas concretas, não apenas porque são feitos de concreto, mas porque se constituem como artefatos portadores de pedagogias de gênero e de sexualidade, entre outras pedagogias culturais. É necessário passar por diferentes processos de aprendizagem para que os sujeitos possam ser introduzidos nesse contexto cultural. Essar em um estádio de futebol significa passar por diferentes pedagogias. É necessário aprender quando gritar, quando calar, o que gritar, o que calar, o que e como sentir (BANDEIRA, 2019, p. 116).

Diante dessa pedagogia, de acordo com Bandeira, os estádios acabam possuindo determinados currículos que devem ser seguidos pelos participantes daquele ambiente para se sentirem plenamente inseridos. Entre esses currículos, o currículo de masculinidade, do qual fala o autor, é aquele que mais claramente coloca as arquibancadas como um ambiente de predominância do masculino, na qual todos os seres desviantes do estereótipo de masculinidade considerado

padrão são tidos como inferiores e não pertencentes àquele espaço.  
Para João Moura,

Assim, internamente, os grupos que se apresentam no espetáculo do futebol seguem um perfil de ostentação e celebração da sua masculinidade. É com essa forma “homem” que podem fazer frente tanto no estádio em confronto com o adversário como ser percebido pela sociedade. O agir expresso dessa forma é comumente simulado nas manifestações coletivas, como se observa em cânticos popularmente disseminados com o intuito de insulto. Entoados pelos torcedores e jogadores, essas rimas e gritos chamam atenção para a colocação do sujeito homem adversário em um espaço sem masculinidade (MOURA, 2019, p. 48).

Essa lógica de que o futebol e, conseqüentemente, as arquibancadas, são lugar de homem traz reflexos também e talvez, sobretudo, nas representações que são feitas pelas torcedoras em diversos jornais e reportagens. Além das já citadas anteriormente, publicadas em décadas anteriores, trago também, a título de exemplo, reportagem mais recente, publicada pela extinta *Revista Ego*, pertencente ao Grupo Globo, que foi ao ar de forma *online* em 2014, no período da realização da Copa do Mundo de Futebol Masculino da FIFA no Brasil. A notícia, que se intitulava “Atuais e ex-‘Maria Chuteiras’ ensinam como conquistar os gatos da Copa” (BESSA, 2014), trazia ao longo do texto fotos de diversas mulheres que se consideravam maria chuteiras, em roupas curtas e poses sensuais, com textos que visavam ensinar as mulheres a se comportar como um maria chuteira e conquistar

um jogador<sup>10</sup>. A reportagem ainda apresenta, ao final da página, um desenho em que está representada a imagem de uma mulher, com curvas bem torneadas, pose sensual e usando roupas curtas, cercadas de dicas para conquistar “os gatos da copa”. A representação da mulher torcedora apresentada nessa imagem busca agradar o público que se considera como alvo do futebol: o masculino. Realizando, para isso, uma sexualização e erotização do corpo feminino.

Além disso, ainda em dias atuais é comum encontrar depoimentos e pensamentos que associem a ida da mulher ao estádio como acompanhante de alguma figura masculina, como já foi visto em reportagens de décadas anteriores. Por não ser considerado um esporte que desperte interesse das mulheres, o futebol é tido como algo que só pode ser entendido e apreciado por homens. Rosana Teixeira, ao realizar entrevistas entre torcedores organizados no Rio de Janeiro, percebeu que

Note-se que, apesar de afirmarem que não só aceitam como incentivam a participação feminina, os torcedores organizados parecem percebê-la de modo diferenciado quando comparado a atuação dos homens. Essa diferença estaria relacionada a uma certa dificuldade das próprias mulheres para essa atividade – “não se sentindo à vontade em papéis de liderança” –, ou ainda, por considerarem que elas não são tão unidas como eles, essando mais sujeitas a desavenças entre si mesmas. De algum modo, a convicção e a fidelidade torcedora ao agrupamento não

10 O termo “Maria Chuteira” é usado para se referir às mulheres que, grosso modo, acompanham o futebol em busca de relacionamento com jogadores.

seriam tão intensas, definindo-se muito mais pela relação que mantêm com os outros – namorados, irmãos, amigas. Vale considerar ainda que as mulheres não vivenciam o futebol do mesmo modo que os homens, ou seja, esse esporte não está presente em sua socialização de forma tão marcante (TEIXEIRA, 2003, p. 58-59).

Além disso, outra ação recorrente nos estádios com relação às torcedoras e outras mulheres envolvidas com o futebol, sobretudo o masculino, que tem relação direta, a meu ver, com o fato de que o futebol é considerado um *lugar de homem*, em que dentro dos limites associados à partida tudo é permitido, são os casos de assédio. Durante a Copa do Mundo de futebol Masculino da FIFA, realizada em 2018 na Rússia, por exemplo, algumas jornalistas, sofreram assédio de torcedores tanto brasileiros como de outras nacionalidades, e alguns casos acabaram ganhando uma grande visibilidade. Segundo reportagem do canal de esportes ESPN, a FIFA registrou 45 casos de assédio durante o mundial, sendo 15 deles contra repórteres que estavam trabalhando na cobertura do evento. A repórter do Grupo Globo, Julia Guimarães informou ter sido vítima de tentativas de beijos forçados durante o torneio (MUNHOS, 2018).

Os casos de assédio com torcedoras, como visto através de reportagem do *Jornal dos Sports* da década de 1960, ainda é recorrente nas arquibancadas do Rio de Janeiro e de todo o país, levando as torcedoras a criarem movimentos que visam parar os casos de assédio e buscar igualdade nas arquibancadas, como é o caso do *Vascaínas contra o Assédio*, no Rio de Janeiro, e o *Movimento Mulheres de Arquibancada*, a nível nacional. O que esses movimentos almejam,

*grosso modo*, é romper definitivamente com a lógica de que o futebol e as arquibancadas não são lugares de mulher.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proibição do futebol de mulheres por um decreto que durou quase quarenta anos no Brasil trouxe reflexos que se apresentam até hoje, tanto para a prática do esporte, como para as torcedoras. O que se buscou defender no presente artigo foi que essa proibição deixou de legado para a sociedade a ideia de que o futebol é um esporte masculino e que, portanto, somente homens entendem efetivamente de sua prática e regras e, somente eles estão realmente aptos para estar em sua assistência.

Essa lógica masculinizante coloca em posição inferior nas arquibancadas todos aqueles indivíduos que destoam do estereótipo desejado para um torcedor, sejam mulheres, homossexuais, transsexuais etc. Os currículos de masculinidade presentes nas arquibancadas muitas vezes se traduzem em atitudes preconceituosas como cantos machistas, racistas e homofóbicos.

Muitos movimentos, como os já citados *Mulheres de Arquibancada* e *Vascaínas contra o Assédio*, bem como iniciativas como o *Observatório da Discriminação Racial no Futebol*, e também ações punitivas de entidades gestoras como a CBF e a FIFA buscam detectar e punir atitudes discriminatórias, visando fazer das arquibancadas locais mais igualitários e romper com a lógica de que esse espaço é um espaço eminentemente masculino, reafirmando sempre que necessário que o futebol e as arquibancadas pertencem a todos.

## REFERÊNCIAS

A BELA e as feras do futebol feminino. *Revista Placar*, n. 700, p. 49-50, 1983.

ALMEIDA, Caroline Soares de. *Boas de bola: Um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980*. Dissertação (Mestrado em Antropologia social), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. *Uma História do Torcer no presente. Elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de futebol*. Curitiba: Appris, 2019.

BESSA, Priscila. *Atuais e ex- 'Maria chuteiras' ensinam como conquistar os gatos da Copa*. Rio de Janeiro, 27/05-2014. *Revista Ego*. Disponível em: <<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2014/05/atuais-e-ex-maria-chuteiras-ensinam-como-conquistar-os-gatos-da-copa.html>>. Acesso em: 03 de fev. 2021.

BONFIM, Aira. *Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução a proibição (1951-1941)*. Dissertação (Mestrado em História Política e bens culturais), Centro de Pesquisa e documentação de história contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2018.

CARLONI, Karla. "Requebrando os Quadris": jazz, gêneros e revistas ilustradas no Rio de Janeiro (1920). *Locus – Revista de história*, Juiz de Fora, v.25, n. 2, p.79-99, 2019.

ELAS SÃO 30 e a camisa é 12. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 05 de maio, p. 3, 1973.

FIFANWES, *Fifa*. n. 212, 1981.

FLA cantou como nunca. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 02 de maio, p. 10, 1968.

FOOTBALL feminino no campo do Bomsucesso. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 01 de maio, p.6, 1940a.

FOOTBALL não é sport que seja praticado por mulher. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 01 de janeiro, p.14, 1941.

FRANZINI, Fábio. *As raízes do Futebol no Brasil*. Estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950). Dissertação (Mestrado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

GOELLNER, Silvana Vilodre. *Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades*. Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.

GOELLNER, Silvana. “As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte”: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. *Recorde: Revista de História do Esporte*, Rio de Janeiro, 2008.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7letras. 2010.

MALAIA, João M.C. Torcer, torcedores, torcida (bras.): 1910-1950. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de.; MALAIA, João M.C; TOLEDO, Luiz Henrique de.; MELO, Victor Andrade. *A torcida Brasileira*. Rio de Janeiro, Editora 7letras, 2012.

MELO, Victor Andrade de. Sportsmen: os primeiros momentos da configuração de um público esportivo no Brasil. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque

de.; MALAIA, João M.C.; TOLEDO, Luiz Henrique de.; MELO, Victor Andrade de. (orgs.). *A torcida Brasileira*. Rio de Janeiro: 7letras, 2012.

MUNHOS, Mayara. FIFA confirma 15 casos de assédio sofrido por jornalistas na Copa do Mundo. *ESPN*, Rio de Janeiro, 11/07/2018. Disponível em: <[https://www.espn.com.br/espnw/artigo/\\_/id/4529929/fifa-confirma-15-casos-de-assedio-sofrido-por-jornalistas-na-copa-do-mundo](https://www.espn.com.br/espnw/artigo/_/id/4529929/fifa-confirma-15-casos-de-assedio-sofrido-por-jornalistas-na-copa-do-mundo)>. Acesso em 03 fev. 2021.

MOURA, João Carlos da Cunha. *Joguem como homens! Masculinidades, liberdade de expressão e homofobia em estádios de futebol no estado do Maranhão*. São Paulo: Paco Editorial, 2019.

NA FESSA do Fla, Vasco teve taça também. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 10 de maio de 1973, p.5 ; *Jornal Vasco*, ANO XII, novembro de 1978. Edição 54, p. 6. Documentação fornecida pelo Centro de Memória do Vasco da Gama.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. *A nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40*. Tese (Doutorado em História) PUC, São Paulo, 1998.

NO MUNDO circense. *A Gazeta Esportiva*, São Paulo, 09 de agosto, p. 31, 1956.

ESTREIA, no dia 23, o Gran circo Zaniccoti. *A Gazeta Esportiva*, São Paulo, 17 de dezembro, p. 27, 1956.

O FUTEBOL depois da louça lavada. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 de janeiro, p.4, 1976.

RADIALISTAS e teleatores de São Paulo vão ajudar as crianças da 'André Luis. *Diário da noite*, Rio de Janeiro, 16 de março, p.11, 1961.

SILVA, Kelen Kátia Prates. O jogo das letras. Práticas esportivas e futebol de mulheres nas páginas do *Jornal dos Sports* (1931-1941). Dissertação

(Mestrado em História), *Universidade Federal da Grande Dourados*, Dourados, 2019.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. *Os perigos da Paixão*. Visitando jovens torcidas cariocas. São Paulo: Annablume, 2003.

TORCIDAS elegem sua rainha. *Jornal Vasco*, ANO VII. p. 6, 1978.

VASCO tem mil bossas. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 28 de abril, p. 8, 1968.

VEDETS do Rio e de São Paulo jogam essa noite no Pacaembu. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 17 de agosto, p. 24, 1959.

## CAPÍTULO 10

### POR UM FUTEBOL UNIVERSITÁRIO PRATICADO POR MULHERES: A REDE DE SIGNIFICADOS DO P.E.P. FUTSAL FEMININO

ANA LAURA ECKHARDT DE LIMA<sup>1</sup>

RAQUEL PEREIRA QUADRADO<sup>2</sup>

JORGE KNIJNIK<sup>3</sup>

#### APRESENTANDO O P.E.P FUTSAL FEMININO

As universidades públicas federais são instituições de ensino superior que, entre outras funções, formam profissionais para atuar nas mais diversas áreas do conhecimento. Obter um diploma de graduação em uma dessas universidades é o objetivo de muitas pessoas dos mais variados extratos sociais; atingir essa meta, entretanto, exige uma carga de estudos intensa: são trabalhos, provas, seminários,

- 
- 1 Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação – PPGEDU da Universidade Federal do Rio Grande – FURG; Graduada em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. E-mail: analaura\_eck@hotmail.com.
  - 2 Doutora em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação (FURG); Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências (FURG).
  - 3 Professor Associado na School of Education, Western Sydney University (Austrália).

estágios, orientações, atividades em laboratórios e tantas outras demandas do cotidiano universitário que sobrecarregam estudantes, docentes, técnicos/as<sup>4</sup> e todos/as os/as profissionais que fazem uma universidade funcionar diariamente.

Para aliviar um pouco essa rotina estressante, as universidades contam também com espaços de convivência e lazer, que visam promover a socialização entre as pessoas que circulam pelos prédios e salas de aula todos os dias e que, muitas vezes, passam a maior parte do seu dia nesses locais. Esses espaços nada têm a ver com balbúrdia, pessoas nuas, consumo de drogas ilícitas, entre outras questões fantasiosas e sem algum lastro na realidade dos *campi* universitários públicos, recentemente levantadas pelo ex-ministro da educação<sup>5</sup>. Ao contrário, esses espaços promovem o compartilhamento de saberes, trocas de experiências, prática de atividades físicas e esportivas, momentos de descanso e relaxamento entre uma atividade e outra.

Na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), localizada no extremo sul do Brasil, há diversos espaços para socialização e prática de atividades que vão desde os famosos “laguinhos”<sup>6</sup>, onde os/as

---

4 Adotamos a flexão de gênero com o intuito de sermos mais inclusivas/os. Sabemos, no entanto, que a divisão binária entre homens e mulheres é restritiva e deve ser permanentemente questionada e reformulada.

5 Ver sobre: Os ataques de Weintraub às universidades da “balbúrdia”. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/os-ataques-de-weintraub-as-universidades-da-balburdia,c5f4988ad50a620e0cf0b0915a9272d6gcjhx8ci.html>. Acesso em: 05 fev. 2021

6 Como característica da cidade, a qual é rodeada por água, há alguns lagos no Campus Carreiros da FURG. O entorno desses lagos é muito procurado pelas pessoas que

estudantes sentam-se no entorno para conversar sob o sol ou relaxar numa sombra; o Centro de Convivência ou, simplesmente, CC, procurado por aqueles/as que desejam fazer um lanche ou apenas tomar um café; a pista de corrida do Centro Esportivo, destinada aos que desejam praticar uma atividade física, como caminhada ou corrida; até as práticas desportivas e projetos de extensão, que contam com atividades sistematizadas, entre outras tantas possibilidades de lazer.

As práticas desportivas são oferecidas pelos docentes do curso de Educação Física aos/às estudantes de graduação e pós-graduação da FURG, possuindo algumas vagas para a comunidade em geral. As matrículas são semestrais e ocorrem via sistema, contabilizando nota aos/às estudantes no final do período. Algumas das práticas já oferecidas foram futsal, futebol sete, basquete, vôlei, handebol, esgrima, boxe, taekwondo, ginástica, aerorritmos, dança de salão, alongamento, musculação, entre outras.

Para quem procura outras atividades ou não consegue vaga em alguma prática desportiva, há também os projetos de extensão do curso de Educação Física. Estes são ministrados por estudantes do respectivo curso, sob orientação e supervisão de um/uma professor/a, sendo destinados a toda a comunidade. Assim como as práticas desportivas, esses projetos se tornam espaços de trocas sociais, pois reúnem acadêmicos/as de diversos cursos e pessoas da comunidade do entorno que, muitas vezes, encontram nas atividades

---

frequentam a universidade, principalmente os/as estudantes. Como uma forma carinhosa, é comum chamá-los de “laguinhos”.

ofertadas pela universidade de modo gratuito sua única opção de lazer.

Diante desse cenário, no ano de 2017 foi criado<sup>7</sup> o Projeto de Extensão Prática de Futsal Feminino (P.E.P. Futsal Feminino) a partir da disciplina de Estágio Supervisionado I do curso de Educação Física da FURG. Para além de cumprir com os requisitos da disciplina, o projeto buscou garantir um espaço de prática de futsal para as mulheres estudantes, servidoras e funcionárias da FURG, assim como da comunidade em geral.

As atividades do P.E.P. Futsal Feminino ocorriam na quadra poliesportiva do Centro Esportivo da FURG, geralmente duas vezes na semana. Essas atividades tinham por objetivo tornar a prática do futsal possível, não se caracterizando como um treino. Em geral, o grupo se reunia apenas para jogar por uma ou duas horas, mas em alguns momentos foram propostas atividades sistematizadas com o intuito de ensinar e aperfeiçoar os fundamentos do jogo. Todos os encontros contavam com a presença de alguma estudante do curso de Educação Física responsável por ministrar as atividades sob a supervisão de um/uma professor/a. Estima-se que mais de 40 mulheres entre estudantes, servidoras e da comunidade externa participaram do projeto ao longo dos três anos de atividade, o qual teve de ser suspenso no ano de 2020 devido à pandemia<sup>8</sup> do novo Coronavírus.

---

7 O P.E.P. Futsal Feminino foi criado pela então estudante do curso de Educação Física e primeira autora desse texto, Ana Laura Eckhardt de Lima, em conjunto com um professor do curso de Educação Física.

8 Em virtude da pandemia, algumas medidas de distanciamento e isolamento social precisaram ser tomadas para conter o avanço do vírus. Entre elas, a suspensão das

A necessidade de se criar um espaço para a prática de futsal destinada às mulheres surgiu devido à carência de locais que viabilizassem a inserção das mulheres nesse esporte de forma efetiva dentro da FURG, isto é, espaços que garantissem não apenas a inserção, mas, sobretudo, a permanência dessas mulheres nas práticas como uma forma de lazer. Isso porque uma das possibilidades de as mulheres jogarem futsal na universidade era a Prática Desportiva Futsal, uma prática mista mas majoritariamente frequentada por homens.

Nesse espaço, embora muitas mulheres se matriculassem para participar, várias desistiam da modalidade antes mesmo do fim do período em virtude de frustrações e preconceitos que sofriam ao jogar com os homens. De piadas à invisibilidade em quadra, muitos eram os relatos de insatisfação dessas mulheres, e o espaço que deveria ser de lazer e socialização, terminava por ser um espaço de exclusão, de frustração e, em decorrência, de abandono do esporte, evidenciado também em outra pesquisa realizada com turmas mistas em uma escola de Belo Horizonte (ALTMANN, 1998). Conhecendo essa realidade e entendendo que a oferta de uma prática de futsal mista não era inclusiva, mas ao contrário, reforçava a segregação entre homens e mulheres nas quadras, a criação de um projeto de futsal de mulheres poderia ser uma possibilidade de romper com a barreira que, conforme nossas observações iniciais no *campus*, impedia o fomento

---

atividades presenciais nas universidades de todo o país e a adesão ao modelo de ensino remoto por um período emergencial. Como a situação inspira cuidados e ainda não há previsão de retorno das atividades, o P.E.P Futsal Feminino foi suspenso por tempo indeterminado.

do futsal de mulheres universitário enquanto uma prática de lazer no contexto da FURG.

Nesse sentido, este capítulo tem por objetivo analisar a rede de significados do P.E.P. Futsal Feminino<sup>9</sup> para as mulheres que participaram desse projeto em algum momento de sua realização ao longo dos três anos em que se manteve ativo. Assim, na sequência, apresentamos alguns apontamentos teóricos, pontuamos como se deu a pesquisa e discutimos os principais resultados.

### ENTRE GÊNEROS E ESPORTES

As mulheres, de uma forma ou de outra, sempre estiveram presentes no mundo dos esportes. Embora essa participação fosse, inicialmente, mais notável na assistência esportiva, com o passar dos anos elas foram conquistando cada vez mais visibilidade na própria prática. No Brasil, o cenário de inserção das mulheres em atividades físicas e esportivas começa a se constituir em meados do século XIX, mas é no início do século XX que essa participação se amplia (GOELLNER, 2005a). Isso porque, até a metade do século XIX, a estrutura extremamente conservadora da sociedade brasileira não permitia grandes projeções às mulheres em alguns ambientes sociais, como o esportivo, já que elas eram criadas para serem esposas e mães (GOELLNER,

---

9 Apesar de o futebol e o futsal serem modalidades diferentes com regras próprias, a prática de ambos em muito se assemelha e, nesse sentido, as dificuldades de inserção das mulheres é igualmente notada nas duas modalidades. Assim, para fins dessa pesquisa, vamos tratar o futebol e o futsal sem distinção, compreendendo futebol como jogos de bola com os pés.

2004; 2005a). Tal quadro, no entanto, passa por uma gradativa mudança, uma vez que o país começa a se preocupar em ser reconhecido pelas grandes nações do mundo, passando a incentivar consumo de bens e costumes advindos dos avanços da Europa, como afirma Silvana Goellner:

Com os ventos de mudança e inovação que vinham da Europa, chegam também os ecos das lutas femininas, que projetam novas perspectivas para as mulheres brasileiras, como, por exemplo, o cuidado com a aparência, com a saúde e com uma maior presença na vida social das cidades (GOELLNER, 2004, p. 365).

A autora ressalta, no entanto, que tal mudança foi mais significativa para as mulheres mais ricas da sociedade, as quais tinham maior acesso a bens culturais, escolarização e novidades que vinham do continente europeu. Assim, num país ainda em busca de sua identidade e da constituição de sua nação, a educação dos corpos dos/as brasileiros/as passou a ser entendida como essencial para o desenvolvimento e fortalecimento do povo, na medida em que era considerada como potencializadora de um gesto eficiente capaz de produzir mais com maior rapidez (GOELLNER, 2004). Desse modo, práticas culturais e esportivas se unem para desenhar um novo estilo de vida à população, qual seja: “[...] pública, coletiva, eufórica, cujas ofertas de diversão abraçam homens e mulheres, redimensionando hábitos e práticas cotidianas, acrescidas de inúmeras outras possibilidades” (GOELLNER, 2005a, p. 86). A rua passa a ser um espaço a ser conquistado nesses novos tempos, de modo que corpos e subjetividades

são colocados em ação por meio de práticas que promovem a exercitação física, sensorial e mental. Surgem, então, espaços específicos destinados à prática de atividades físicas e esportivas, ampliando as possibilidades de exibição de corpos e de diversão da população, sobretudo as que compunham a elite brasileira, muito embora se constituíssem em uma acessível opção de divertimento. Surgem, assim, clubes, agremiações, federações esportivas, campeonatos, exposições atléticas e tantos outros locais destinados à performance de corpos educados e desenhados pela exercitação física (GOELLNER, 2004).

No que tange às mulheres, no entanto, a preocupação, as recomendações e a educação dos seus corpos compunham um objetivo explícito: a maternidade. Isto é, a educação dos corpos das mulheres fazia parte de um projeto nacional em busca do embranquecimento e fortalecimento da raça, lançando mão de um conjunto de práticas profiláticas que tinham por objetivo definir, determinar, propor e impor um estilo de vida higiênico e saudável para os padrões da época (GOELLNER, 2005a). Assim, a inserção das mulheres no campo das práticas corporais e esportivas, num primeiro momento, está relacionada com o que na época era considerada a função primeira da mulher, a de ser mãe, e, por isso, não eram todas as atividades que a elas eram recomendadas e permitidas.

Ginástica, dança e natação estavam entre as atividades consideradas adequadas à biologia feminina, visando, desse modo, “à conservação das formas corporais em conformidade com a normatividade de gênero, a suavidade dos gestos e o condicionamento físico com vistas à manutenção e à promoção da saúde das futuras mães” (SALVINI, MARCHI JÚNIOR, 2016, p. 303). Por outro lado, o futebol,

assim como outras modalidades tidas como masculinas e masculinizantes, emerge como prática que poderia ferir uma representação normatizada de feminilidade ou “masculinizar” as mulheres, minimizando, por um longo período, possíveis atrevimentos (GOELLNER, KESSLER, 2018). Além disso, o sucesso das mulheres nessas práticas “poderia infringir as leis da natureza, pois, ao mostrarem-se mais fortes do que se supunha, seria fissurado o discurso das diferenças naturais, cuja base estava assentada na sobrepujança física de um sexo sobre o outro” (GOELLNER, KESSLER, 2018, p. 34), desestabilizando os discursos predominantes da época.

Compreendemos, deste modo, que os corpos das mulheres e o que se fala sobre eles são produtos dos discursos produzidos em sua época, pois como afirma Guacira Louro “os corpos são o que são na cultura. A linguagem, os signos, as convenções e as tecnologias usadas para referi-los são dispositivos da cultura”. Para a autora, o corpo “fala” por meio de códigos, adornos, cheiros, comportamentos e gestos que só podem ser significados no contato de uma dada cultura e, deste modo, os corpos são “lidos” (LOURO, 2003, n.p.) ou compreendidos em seu tempo e lugar, uma vez que os seus significados mudam de acordo com o tempo, o espaço e a cultura em que estão inseridos.

Em nossa sociedade, quando uma criança nasce há toda uma complexa rede de desejos e expectativas para o seu futuro que gira em torno de sua genitália (BENTO, 2011). Tais expectativas são estruturadas em uma complexa rede de narrativas que envolvem gostos e subjetividades, na maioria das vezes “empurradas” sobre os corpos infantis:

Os brinquedos, as cores das roupas e outros acessórios que comporão o enxoval são escolhidos levando-se em conta o que seria mais apropriado e natural para uma vagina e um pênis. No entanto, como é possível afirmar que todas as crianças que nascem com vagina gostam de rosa, de bonecas, de brinquedos que não exigem muita força, energia e inteligência? Aquilo que evocamos como um dado natural, o corpo-sexuado, é resultado das normas de gênero. Como afirmar que existe um referente natural, original, para se vivenciar o gênero, se ao nascermos já encontramos as estruturas funcionando e determinando o certo e o errado, o normal e o patológico? O original já nasce “contaminado” pela cultura. Antes de nascer, o corpo já está inscrito em um campo discursivo (BENTO, 2011, p. 550).

Gênero pode ser compreendido, assim, como uma construção cultural, tanto limitada pelos, mas também limitante dos corpos humanos (BUTLER, 2011). As meninas não nascem gostando de rosa, de bonecas e sonhando em ser princesas, assim como os meninos não nascem gostando de azul, de carrinhos e sonhando em ser jogadores de futebol. São as normas de gênero de uma dada cultura que criam essas expectativas sociais sobre os corpos sexuados. Para Judith Butler, gênero “não é nem resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo” (BUTLER, 2003, p. 24). Segundo a autora, esse “*status* construído do gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência

de que *homem* e *masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher* e *feminino*, tanto um corpo masculino como um corpo feminino” (BUTLER, 2003, p. 24-25).

No que se refere às atividades físicas e esportivas, portanto, compreendemos que as distinções impostas a homens e mulheres pautadas num discurso biológico são baseadas em normas de gênero da nossa cultura, isto é, nessa construção sociocultural que nos ensina desde a tenra infância o que é “coisa de menino” e o que é “coisa de menina” (BUTLER, 2011). No entanto, as performances atléticas das mulheres, seus corpos torneados pelo exercício físico e suas habilidades em determinados esportes, especialmente os tidos como culturalmente masculinos, colocam em xeque as normas de gênero hegemônicas no mundo esportivo (ANDERSON, MCCORMACK, 2018), assim como o suposto papel das mulheres como meras assistentes nos espetáculos esportivos, ao mesmo tempo que questionam tais características como essencialmente masculinas (SISJORD, KRISTIANSEN, 2009). Isto é, embora corpos musculosos e fortes sejam atribuídos “naturalmente” aos homens, da mesma maneira que a coragem, a virilidade e a competitividade, a crescente presença das mulheres em todos os cenários e arenas esportivas cada vez mais questiona a pretensa distinção homem/mulher feita pela “biologia”, ao mesmo tempo em que revoluciona os parâmetros de gênero em nossa sociedade (BUTLER, 2003; 2011; FERRETI, KNIJNIK, 2010).

No que diz respeito ao futebol praticado por mulheres, considerado um território permeado por ambiguidades, algumas

representações relacionadas aos corpos das mulheres foram colocadas em tensão, evidenciando ser o esporte um espaço generificado e generificador (GOELLNER, KESSLER, 2018). “Não porque seja assim em sua essência, mas porque é uma construção cultural à qual se agregam discursos, valores e práticas que acabam marcando representações de feminilidades e masculinidades que definem, também, posições sociais” (GOELLNER, KESSLER, 2018, p. 34). Em meio às disputas, as diferentes concepções acerca da relação entre as mulheres e as atividades físicas e esportivas fez com que houvesse, a partir de 1941, um movimento de proibição à participação delas em determinadas modalidades, como o futebol (KNIJNIK, 2003; MOURÃO, SOUZA, 2007).

É importante ressaltar que, embora as proibições tenham se tornado oficiais, a vida lhes escapa, como afirma Goellner (2004, p. 368): “As práticas esportivas seduziam e desafiavam muitas mulheres que, indiferentes às convenções morais e sociais, aderiram à sua prática independentemente do discurso hegemônico da interdição”. Assim, no princípio, ainda que incipiente, “a participação das mulheres no futebol representava uma transgressão ao hegemonicamente aceito como constitutivo da identidade feminina que tinha na imagem da mãe grande aceitabilidade” (GOELLNER, 2005b, p. 146).

Apenas na década de 1970, com o surgimento de movimentos sindicais e com o fortalecimento dos movimentos feministas no Brasil, tal proibição teve fim (GOELLNER, KESSLER, 2018). Ainda que não se possa negar que a prática recreativa tenha existido nesse período, as restrições às práticas competitivas e, em conjunto, o impedimento da realização de torneios oficiais barrou o processo de

profissionalização das jogadoras (GOELLNER, KESSLER, 2018). Além disso, a regulamentação da modalidade viria a ocorrer somente na década de 1980, quando começam a se formar as primeiras equipes de futebol de mulheres com maiores projeções nacionais.

Comprendemos, dessa forma, que embora

[...] a história oficial muitas vezes pouco se refira a determinadas formas de exercitação do corpo feminino, as mulheres há muito tempo protagonizaram histórias no campo das práticas corporais e esportivas. O fato de não terem muita visibilidade quando comparadas aos homens não significa que não tenham existido ou que estiveram ao largo de determinadas atividades esportivas. Pelo contrário, muitas delas foram tornadas invisíveis por conta de uma narrativa histórica, cinematográfica, iconográfica e documental que, ao referendar a representação hegemonicamente construída do esporte como um exercício de masculinidade, deixa nas zonas sombrias corpos e comportamentos que poderiam desagregar o que culturalmente se convencionou agregar e estabilizar (GOELLNER, 2004, p. 364).

Ainda que invisibilizadas e mesmo proibidas de praticar determinados esportes, muitas mulheres foram, ao longo da história, saindo das zonas de sombras, conquistando cada vez mais espaços no mundo esportivo (SOUZA, MOURÃO, 2011). No que diz respeito ao futebol, num movimento crescente ao longo das últimas décadas, podemos observar que a participação das mulheres tem aumentado significativamente, mas ainda é preciso cautela, uma vez que não podemos

afirmar que as condições de acesso e participação das mulheres, em comparação aos homens, sejam igualitárias no que diz respeito às práticas corporais e esportivas, tanto no alto rendimento quanto nas práticas de lazer ou, até mesmo, na educação física escolar (GOELLNER, 2005a; MOURÃO, MOREL, 2005).

### NOSSA TRAJETÓRIA DE PESQUISA

Compreendemos metodologia como um modo de perguntar, interrogar, formular questões e construir problemas de pesquisa, articulado com procedimentos de produção de dados e estratégias de descrição e análise (MEYER, PARAÍSO, 2014). Assim, nos questionamos: qual a relação das mulheres que frequentam o P.E.P. Futsal Feminino com o futebol? O que as levou a buscar o projeto como uma prática de lazer na universidade? Quais são os significados produzidos sobre o projeto? A partir de tais questionamentos, optamos por empregar algumas ferramentas metodológicas de grupo focal, por entender que: “O grupo focal permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados que, com outros meios, poderiam ser difíceis de se manifestar” (GATTI, 2012, p. 9). O grupo focal permite, também, compreender ideias partilhadas por pessoas no dia a dia e os modos pelos quais os indivíduos são influenciados uns pelos outros (GATTI, 2012).

Perseguindo os objetivos dessa investigação, realizamos dois encontros, nos meses de novembro e dezembro de 2019, com dez mulheres que participam ou participaram do P.E.P Futsal

Feminino ao longo de seus três anos de realização e que se dispuseram a contribuir com a pesquisa voluntariamente. Os encontros tiveram uma duração média de uma hora e foram realizados na quadra poliesportiva do Centro Esportivo da FURG, local onde elas se encontravam para praticar futebol. A partir do consentimento das participantes, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), os encontros foram gravados em áudio e, posteriormente, transcritos. Para disparar a discussão, formulamos blocos temáticos que permitissem a interação do grupo e a explicitação de pontos de vista sob o assunto tratado. Além disso, para a caracterização do grupo, aplicamos um questionário, com questões abertas e fechadas.

As participantes da pesquisa possuíam idade entre 18 e 34 anos, sendo estudantes da FURG e mulheres da comunidade. Em sua maioria, não são da cidade do Rio Grande, onde se localiza a universidade, e sim vindas de outras cidades do Rio Grande do Sul e do estado de São Paulo. Algumas são moradoras da casa do estudante da FURG, e a maioria possui renda *per capita* de até 0,5 salário-mínimo ou de 0,5 a 1 salário-mínimo. Em geral, jogam futebol de uma a duas vezes na semana.

Empregando uma análise temática para estudos de pequena escala (NOWELL *et al*, 2017), classificamos as conversas provenientes dos grupos focais em três grandes eixos: a inserção das participantes do P.E.P Futsal Feminino no futebol; suas relações com o futebol; e os significados produzidos sobre o projeto. O que segue são as histórias das participantes, analisadas a partir do referencial teórico aqui discutido.

## POR UM FUTEBOL UNIVERSITÁRIO PRATICADO POR MULHERES

### Eixo de análise 1 – inserção das mulheres no futebol

“[...] a minha relação com o futebol começou desde pequena, assim, na família. Eu sempre morei no sítio, a gente tinha um campo de futebol e sempre jogou lá. Primos e colegas, pais, todo mundo jogava junto.” (P610)

“Eu jogo futebol desde criança, assim. Eu fui criada numa vila, então a gente jogava no meio da rua. Eu era a única guria que jogava junto com os guris.” (P7).

“[...] minha relação foi que eu tinha dois irmãos mais velhos, então, tipo, quando a gente ia brincar sempre era de futebol. [...] eu sentia bastante falta de ter, sei lá, mulheres pra jogar junto, porque os homens são bem mais brutos, né, e a gente acaba tendo menos habilidades por não ter espaço pra treinar.” (P5).

“O meu contato com o futebol é desde sempre. A minha mãe jogou futebol, meu pai jogou futebol, meu irmão jogou futebol e eu sempre joguei na rua, assim, eu moro em condomínio, pé descalço, aquela coisa. Sempre joguei bola desde novinha.” (P1).

A partir dos recortes das falas acima, compreendemos que a trajetória de cada mulher que joga futebol, embora única, possui intersecções, cruzamentos e pontos em comum, de modo que, tais

10 Para garantir o anonimato, utilizamos a letra P (Participante) seguido do número recebido no dia da pesquisa para identificação.

como as suas “donas”, as histórias dialogam uma com a outra, em um grande jogo de futsal onde não faltam conflitos, choques – mas também muita harmonia. No caso das mulheres que participam do P.E.P. Futsal Feminino, o primeiro contato com o futebol, em sua maioria, ocorreu antes de ir para a escola, sobretudo no ambiente familiar com pais, irmãos, primos e tios. Outro espaço comum para a inserção das mulheres no futebol foi a rua ou a quadra do bairro/condomínio. Todas, sem exceção, jogavam em grupos majoritariamente masculinos e, por isso, a ausência de meninas no período de inserção no futebol também foi recorrente em suas falas. Estes relatos da presença masculina no início da prática informal do futebol repetem o que ocorreu com diversas gerações de futebolistas brasileiras (KNIJNIK, 2015; KESSLER, 2018).

A escola, principalmente as aulas de Educação Física, surge como continuidade de uma prática que começou antes da vida escolar, no entanto, em alguns casos se configura num primeiro espaço de inserção no esporte. O grupo relatou encontrar na escola outras meninas com quem jogar futebol, ainda que o incentivo e o espaço para a prática fossem escassos, visto que o predomínio masculino se mantinha. Como alternativa, e diferentemente do que relatado nacionalmente há duas décadas (MOURÃO, 1998) ou mesmo mais recentemente em nível internacional (CAUDWELL, 2011), contavam com o apoio das professoras de Educação Física para ter seu espaço de jogar em meio aos colegas. Nesse contexto, surgem, também, os campeonatos interclasses, municipais e estaduais. Sendo competições divididas por sexo, eram um incentivo às meninas, que se organizavam para formar equipes para a competição.

Muitas sinalizaram como o único espaço para jogar apenas com meninas. Outra questão recorrente apontada no grupo foi a habilidade como condicionante a jogar com os meninos, pois, como afirma P5:

“[...] se você queria jogar, você tinha que provar que você merecia tá ali [...]” (P5).

Para o grupo, os meninos “aceitam” uma menina em seu time se sabem que ela possui habilidade, do contrário elas precisam conquistar aquele espaço, mostrando a cada jogo que sabem jogar bola. Isso é ressaltado no grupo como uma atitude excludente, sobretudo às meninas que não possuem habilidade justamente por não terem oportunidade de jogar, tornando-se a questão um ciclo vicioso, tal como relatado por outras jogadoras de futebol ao norte do país (KNIJNIK, HORTON, 2013). Enquanto isso, o jogo de futebol entre mulheres é destacado pelo grupo como solidário, na medida em que inclui todas as mulheres que desejam jogar, independentemente do nível de habilidade.

## **Eixo de análise 2 – relações estabelecidas com o futebol**

Amor, alegria, prazer, diversão, brincadeira, alívio, socialização, válvula de escape... essas são algumas das palavras que emergiram do grupo quando o assunto era a relação com o futebol. São muitos os motivos que levam essas mulheres a procurarem um lugar para jogar futebol, mas são às emoções que elas recorrem para justificar o porquê jogam bola, assim como evidenciado por outra pesquisa

realizada com jogadoras de futsal na cidade de Santa Maria, também no Rio Grande do Sul (KESSLER, 2010). Para algumas, a cultura também possui um papel importante nessa escolha, já que o futebol é um esporte considerados por muitos como pertencente à cultura brasileira, embora sua origem seja inglesa (DAMATTA, 1994). Isso se torna mais evidente nas falas de P4 e P6:

“Acho também que é um esporte brasileiro né, então tá no nosso sangue, tá na nossa raiz.” (P4).

“[...] pessoas se juntam pra jogar futebol, se juntam pra assistir futebol, futebol une muitas pessoas.” (P6).

A P6 não se refere apenas ao contexto brasileiro, mas ao potencial que o futebol tem em unir pessoas em diferentes circunstâncias. Nessa mesma linha, P10, uma esportista que se identifica com várias modalidades, afirma que procura o futebol pois, por ser mais acessível, mais pessoas o praticam e, assim, torna-se mais fácil encontrar um espaço para jogar. De fato, o futebol possui uma grande popularidade no Brasil, sendo o esporte mais praticado do país (BELLOS, 2002). A facilidade de se encontrar um pedaço de chão e de confeccionar uma bola, se for o caso, promovem a prática desse esporte, que pode se dar na rua, na calçada, na terra batida, na grama ou no estádio. No entanto, o grupo rechaça a expressão “país do futebol”, em função da pouca valorização ao futebol praticado por mulheres:

“[...] o Brasil, ele é considerado o país do futebol, mas, tipo, não é o país do futebol, porque se fosse o país do

futebol seria o país do futebol total né, país do futebol que abrange homem, abrange mulher, abrange criança que, tipo, tem projetos pra isso, tem incentivo pra isso.” (P9).

“[...] é o país do futebol masculino né, porque a gente não tem uma base feminina. [...] Por mais que seja uma cultura do futebol, não é uma cultura do futebol feminina e sim masculinizada.” (P4).

O grupo destaca que o futebol praticado por mulheres possui pouco incentivo e visibilidade se comparado ao futebol praticado por homens. No entanto, para algumas mulheres há uma mudança em curso, indicada pela repercussão da Copa do Mundo da França de 2019; pelos recentes regulamentos da CONMEBOL e da CBF, que obrigam os clubes a manterem equipes de futebol de mulheres; pelas campanhas de clubes como o #RespeitaAsMinas do Sport Club Corinthians Paulista; pelo aumento das transmissões de campeonatos, como o Brasileirão e a Libertadores Feminina; além dos campeonatos estaduais, como o Paulista e o Gaúcho.

Para essas mulheres, entretanto, o “futebol feminino” acontece quando elas entram em quadra ou em campo, quando elas se reúnem para jogar umas com as outras, quando elas montam equipes para disputar campeonatos, isto é, quando elas jogam futebol juntas. Ali o futebol praticado por mulheres está vivo, está presente, está pulsando por visibilidade e respeito. Para este grupo, assim como em outras pesquisas realizadas nas últimas décadas (ALTMANN, 1998; KESSLER, 2010), o futebol ainda é um espaço a ser conquistado, mas que aos poucos vem sendo ocupado.

“[...] eu me identifico muito com as mulheres que jogam futebol, porque eu faço uma relação direta com mulheres da luta, com mulheres que desde pequena têm que conquistar seu espaço, mulheres que têm voz e que ocupam né, que mostram seu valor assim, que não baixam a cabeça.” (P1).

“Futebol feminino no Brasil é luta, é resistência, a gente tá jogando porque a gente gosta, mas a gente tá jogando pra dizer que a gente pode jogar.” (P7).

### Eixo de análise 3 – significados produzidos sobre o P.E.P. Futsal Feminino

O P.E.P. Futsal Feminino é um espaço livre para as mulheres que desejam jogar bola. Não há inscrição, matrícula, controle de frequência ou cobranças exageradas. Também não há custo, mas sim uma quadra, algumas bolas e uns coletes. Participa quem quer e quando quer. Depois do jogo, ainda é possível tomar banho no vestiário, jantar no restaurante universitário em frente e seguir para aula ou ir para casa descansar. Essas são as características destacadas pelo grupo, como podemos observar a partir da fala de P1:

“[...] ele [o projeto] ser institucionalizado também é importante, porque ele acaba sendo gratuito e isso também é bom, porque é na FURG, então a gente consegue ir antes da aula, entre uma aula e outra, entre um artigo e outro (risos). Vir aqui, já dá pra janta aqui mesmo, tem espaço pra tomar banho. [...] Então, eu acho muito

importante que seja aqui, que seja de graça, que seja da forma que é [...]” (Pi).

Para o grupo, o P.E.P. Futsal Feminino não é apenas um local para jogar bola, embora seja o esporte que as movem até lá. Mas as amizades que surgem em decorrência do jogar futebol fortalecem a socialização das participantes. Tal como evidenciado em pesquisas anteriores com equipes de futsal (SILVEIRA, STIGGER, 2013), as participantes aqui gostam de se encontrar para jogar futebol, mas também para conversar, rir, compartilhar momentos, falar sobre a vida acadêmica e tantas outras coisas. Esses vínculos criados por meio do futebol ultrapassam as linhas da quadra e se expandem para a vida pessoal de muitas delas, o que as faz convidarem amigas, conhecidas, colegas para participarem do projeto também. Em sua maioria, as mulheres que participam do projeto possuem uma relação de amizade, mas, sobretudo, de empatia para com as outras. Isso contribui para que novas jogadoras ingressem no grupo e sejam motivadas e incentivadas pelas mais antigas, tornando o espaço plural, formado por mulheres de todas as idades e tipos físicos, com diferentes níveis de habilidade: um verdadeiro caldeirão de diversidade sociocultural promovida e alavancada pelo jogo de futsal.

O grupo menciona, ainda, o P.E.P. Futsal Feminino como uma “válvula de escape”, como um espaço para tirar o estresse, se distrair e relaxar fazendo o que gostam. Por ser o único projeto destinado ao “futsal feminino” na FURG, ele se torna também, para muitas delas, o único espaço para jogarem bola, visto que a maioria pratica o esporte por lazer, sem intenção de competir, como é possível perceber nas falas abaixo:

“É um espaço de lazer e é um espaço que eu uso como válvula de escape por todo o estresse que a faculdade me causa.” (P6).

“[...] é o que elas falaram, tipo, uma válvula de escape. Às vezes a gente tá muito estressado com as disciplinas e com a vida em si, aí tu vem e joga futebol e descontrai, conversa com as gurias. É distração mesmo.” (P10).

Ainda sendo uma prática de lazer, o grupo elogia o empenho das mulheres e o aperfeiçoamento dos fundamentos ao longo do tempo. O crescimento como jogadora é algo que as motiva a continuar. Embora não tenham ambições profissionais na área, se sentem satisfeitas ao contar sobre seu desempenho individual e em grupo. Além de terem a possibilidade de jogar regularmente, elas ressaltam a importância de aprender umas com as outras, de modo que a diferença de habilidades se mostra como um ponto positivo para o grupo.

Outro aspecto discutido, foi a importância de espaços como esse em universidades públicas como a FURG, com destaque em dois pontos: como um retorno à comunidade e como uma forma de potencializar a presença das mulheres no futebol. Considerando que o P.E.P. Futsal Feminino é um projeto que se destina também à comunidade externa, ele se constitui numa possibilidade de aproximar mulheres que não possuem vínculo com a instituição a usufruir de um espaço público. Por outro lado, a presença das mulheres se torna potente na medida em que elas são as protagonistas da própria prática, isto é, são jogadoras e são professoras que tornam possível àquele espaço.

## TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Este estudo buscou analisar a rede de significados do P.E.P. Futsal Feminino para as mulheres que participaram desse projeto em algum momento de sua realização ao longo dos três anos em que se manteve ativo. Nosso intuito foi apresentar como o P.E.P. Futsal Feminino se configura como um espaço inclusivo e promotor da prática do futsal de mulheres no contexto da FURG e da comunidade em que se encontra inserido. A socialização fomentada nesse espaço cria novos vínculos afetivo-sociais entre as mulheres, ao mesmo tempo que reforça a prática do futsal, o qual amplia a socialização, num grande círculo virtuoso.

Compreendemos, assim, que as mulheres que participaram do P.E.P. Futsal Feminino (re)configuraram e (re)significaram esse espaço, o qual tornou-se não apenas um ato de resistência ao fato de serem discriminadas em alguns locais por serem mulheres e jogarem futebol; o projeto também propiciou uma série de atos de emancipação individual e coletiva, pois as mulheres se apoderaram de um espaço público para fortalecer a equidade e recriar possibilidades de jogar futebol. Um futebol que está para além de regras ou competição, mas que se joga com a leveza da empatia e do respeito para com a outra, com o sorriso de quem acertou um passe ou errou um chute mas ainda assim recebeu uma palavra de incentivo, com a felicidade de fazer um gol e ser aplaudida por todas em quadra num unísono. Um futebol que promove uma cadeia de reações que está para além de ganhar ou perder, mas jogar, sentir-se bem, fazer amizades, trazer amigas e se engajar com o esporte.

Por fim, acreditamos que, como um projeto de extensão de uma universidade pública, o P.E.P. Futsal Feminino se torna um incentivo

para o futsal de mulheres enquanto uma prática sociabilizante de lazer. O seu caráter público, gratuito e de amplo acesso valoriza e cria laços positivos entre a comunidade acadêmica e a externa à FURG, além de promover a equidade de gêneros no esporte.

## REFERÊNCIAS

- ALTMANN, Helena. *Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na Educação Física*. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.
- ANDERSON, Eric; MCCORMACK, Mark. Inclusive masculinity theory: overview, reflection and refinement. *Journal of Gender Studies*, v. 27, n. 5, p. 547-561, 2018.
- BELLOS, Alex. *Futebol: the Brazilian way of life*. London: Bloomsbury, 2002.
- BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549-559, mai./ago. 2011.
- BUTLER, Judith. *Bodies That Matter: on the discursive limits of sex*. New York: Routledge, 2011.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAUDWELL, Jayne. Gender, feminism and football studies. *Soccer and Society*, n. 12, p. 330-344, 2011.
- DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, n. 22, p. 10-17, 1994.
- FERRETTI, Marco Antonio de Carvalho; KNIJNIK, Jorge D. A luta não pode parar: gênero, sexualidade e a subversão corporal das atletas de esportes de combate. In: PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa; SILVA, Alan Camargo. (org.). *Educação Física, Esporte e Queer: sexualidades em movimento*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019, p. 105-125.
- GATTI, Bernadete Angelina. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Liber Livro, 2012.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a prática*, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 85-100, jan./jun. 2005a.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: fragmento de uma história generificada. In: SIMÕES, Antonio Carlos; KNIJNIK, Jorge D. (org.). *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero e desempenho*. São Paulo: Editora Aleph, 2004. p. 359-373.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, abr./jun. 2005b.

GOELLNER, Silvana Vilodre; KESSLER, Cláudia Samuel. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. *Revista USP*, São Paulo, n. 117, p. 31-38, abr./mai./jun. 2018.

KESSLER, Cláudia Samuel. “*Entra aí pra completá*”: narrativas de jogadoras do futsal feminino em Santa Maria – RS. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

KESSLER, Cláudia Samuel. No Marta, just ugly Betty: soccer in Southern Brazil. In: TSUYOSHI, Cu-Hullan; MILLER, Paul Chamness. (org.). *Queer voices from the locker room*. Charlotte: Information Age Publishing, 2018. p. 63-83.

KNIJNIK, Jorge. *A mulher brasileira e o esporte: seu corpo, sua história*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2003.

KNIJNIK, Jorge. Femininities and masculinities in Brazilian women’s football: resistance and compliance. *Journal of International Women’s Studies*, v. 16, n. 3, p. 54-70, 2015.

KNIJNIK, Jorge; HORTON, Peter. “Only beautiful women need to apply”: human rights and gender in Brazilian football. *Creative Approaches to Research*, v. 6, n. 2, p. 60-70, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. Corpos que escapam. *Labrys: Estudos Feministas*, n. 4, ago./dez. 2003. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys4/textos/guacira1.htm>. Acesso em: 17 nov. 2020.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. Apresentação à primeira edição – Metodologias de pesquisas pós-críticas ou Sobre como fazemos nossas investigações. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. (org.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 17-24.

MOURÃO, Ludmila. *A representação social da mulher brasileira na atividade físico-desportiva: da segregação à democratização*. 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Márcia. As narrativas sobre o futebol feminino: a diferença que faz uma medalha de prata. *Pensar a prática*, Porto Alegre, v. 1, p. 69-81, 2005.

MOURÃO, Ludmila; SOUZA, Gabriela C. Narrativas sobre o sul-americano de judô de 1979: a legalização do judô feminino no Brasil. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 15., Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2., 2007, Recife. *Anais [...]*. Recife: CBCE, 2007.

NOWELL, Lorelli S. *et al.* Thematic analysis: striving to meet the trustworthiness criteria. *International Journal of Qualitative Methods*, v. 16, n. 1, 2017.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino

brasileiro. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 303-311, abr./jun. 2016.

SILVEIRA, Raquel da; STIGGER, Marco Paulo. Jogando com as feminilidades: um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 179-194, jan./mar. 2013.

SISJORD, Mari Kristin.; KRISTIANSEN, Elsa. Elite women wrestlers' muscles: physical strength and a social burden. *International Review for the Sociology of Sport*, v. 44, n. 2-3, p. 231-246, 2009.

SOUZA, Gabriela. c.; MOURÃO, Ludmila. *Mulheres no Tatame: o judô feminino no Brasil*. Rio de Janeiro: MAUAD X/FAPERJ, 2011

## CAPÍTULO 11

### TORCEDORAS E CAMISAS OFICIAIS DO TIME: FORMAS DE PERTENCER NO FUTEBOL

PALOMA DE CASTRO<sup>1</sup>

---

#### INTRODUÇÃO

A indústria futebolística, no seu entendimento da prática e do consumo esportivo, vem desconsiderando o papel da mulher ao longo dos anos. A visão do esporte enquanto patrimônio masculino ainda é a que prevalece nos campos, nos clubes, na gestão e também nas arquibancadas. Apesar de as mulheres terem tido uma maior participação na torcida, ao considerar a origem do esporte, elas foram perdendo espaço com a profissionalização e o crescimento da atividade enquanto entretenimento. O que levou, inclusive, à proibição da prática entre elas (BRASIL, 1941).

A discussão da falta de visibilidade para o futebol feminino no Brasil e no mundo é vasta, mas o fato de as torcedoras ainda não

---

<sup>1</sup> Mestra em Comunicação pelo PPGCOM/UFPE, com trabalho intitulado “Compreendendo o Naming Rights: uma análise do patrocínio como estratégia publicitária no esporte”. Graduada em Publicidade e Propaganda pela UFPE. Email: palomadecastro.m@gmail.com

serem devidamente valorizadas enquanto consumidoras do time reforça a necessidade de discussão também dessa mulher que é torcedora do futebol masculino. Enquanto torcida elas também consomem serviços e produtos oficiais, como as camisas. E isso reflete no que os clubes e os patrocinadores entregam para o consumo desse determinado público. Por isso, é necessário compreender como a luta por representatividade em produtos oficiais do clube indica um posicionamento social e político das torcedoras enquanto consumidoras no ambiente esportivo. A pesquisa nos leva a pressupor que as marcas são omissas em relação a essa maior representatividade das mulheres no consumo esportivo e os clubes passam a ser coniventes com a realidade de seus fornecedores oficiais não oferecerem igualdade de produtos. De todo modo, haveria um movimento de preocupação de alguns clubes e patrocinadoras com os discursos e o poder de compra dessas consumidoras, devido à cobrança da própria torcida e dos movimentos femininos no futebol.

Para isso, foi preciso nos cercarmos de bibliografias relacionadas à Indústria do Esporte (PITTS; STOTLAR, 2002) bem como da relação das mulheres com o futebol (ECOTEN; CORSETTI, 2010; BARRETO JANUÁRIO, 2019) e mais precisamente das questões de consumo (BACCEGA, 2014) e consumo político (FEENSTRA, 2014). A exposição do caso do protesto das torcedoras do Sport Club Corinthians Paulista – nas redes sociais – em relação à Camisa II do time produzida pela Nike em 2017 e que não viria em versão feminina; além da pontuação de alguns movimentos de torcida feminina que se engajam politicamente, tanto fora, como dentro da esfera futebolística, são importantes para compreender como esse potencial de consumo pode

ser visto como posicionamento político para com o clube e marcas de material esportivo. A movimentação dessas consumidoras – que reforçam os critérios éticos e sociais como fatores decisivos para avançar ou rechaçar uma marca – a partir de notas de repúdio e “viralização” no ciberespaço pode ter influência na venda dos produtos de clubes e patrocinadoras, bem como na sua imagem e valor de marca.

### A INDÚSTRIA ESPORTIVA E A MULHER NO FUTEBOL

A passagem do esporte moderno para o esporte contemporâneo, no século XX, representou o entendimento potencializado desse universo como mercado. O desporto se fortaleceu ao longo dos anos a partir do aumento da oferta de diferentes esportes; aumento do tempo de lazer; aumento da exposição na mídia; da explosão do fitness em 1970; da profissionalização dos eventos; da gestão esportiva; entre outros fatores que influenciaram (PITTS, 1993 *apud* PITTS; STOTLAR, 2002). O processo de globalização e o próprio capitalismo fazem com que a atividade esportiva passe a ser organizada e, então, comercializada em diferentes formatos na sociedade.

A Indústria do Esporte movimenta considerável fatia na economia do Brasil e do mundo, sendo responsável pelo consumo não só de eventos esportivos, mas de todo um universo propriamente construído em torno de um esporte ou marca esportiva. Segundo a empresa Pluri Consultoria, em pesquisa realizada sobre o PIB do esporte (PIB..., 2012), a Indústria Esportiva brasileira movimenta cerca de R\$ 67 bilhões, dos quais R\$ 665 milhões são por conta do patrocínio (PATROCÍNIO..., 2013), principalmente no futebol.

Devido a sua grandiosidade e complexidade, alguns autores irão segmentar a Indústria do Esporte na tentativa de organizá-la por meio de diferentes objetivos e oportunidades, seja segundo o montante de dinheiro envolvido (COMTE; STOGEL, 1990 *apud* PITTS; STOTLAR, 2002); segmentos de carreira (PARKS; ZANGER, 1990 *apud* PITTS; STOTLAR, 2002); ou a partir do produto e tipo de consumidor (PITTS; FIELDING; MILLER, 1994 *apud* PITTS; STOTLAR, 2002). Este último modelo permite identificar – de forma simplificada – as possibilidades de utilização do esporte enquanto mercado. Com isso, há três segmentos: o de prática esportiva – oferecida ao consumidor como produto de participação ou entretenimento; o de produção esportiva – que se refere a produtos necessários ou desejados para a prática do esporte; e o de promoção esportiva – relacionado a produtos oferecidos como instrumentos para se promover o esporte, que está diretamente atrelado ao patrocínio de clubes e vendas de produtos licenciados dos times, por exemplo.

Wesley Cardia (2004) aponta o patrocínio como negócio único nas estratégias de *Marketing* Esportivo<sup>2</sup> pelo seu poder de associar uma marca ao esporte a partir da comunicação entre a realidade e o imaginário. Essa realidade de crescimento da Indústria do Esporte permite abrir espaços para uma maior participação das mulheres no consumo dos produtos e atividades (ESTUDO..., 2019), por mais que acreditamos ainda estar pouco atrelado às práticas e gestão es-

---

2 Segundo Bernard Mullin, Stephen Hardy e William Sutton (2004, p. 18) o *Marketing* Esportivo “consiste em todas as atividades designadas a satisfazer as necessidades e desejos dos consumidores esportivos através de processos de troca”.

portivas em comparação às oportunidades conferidas aos homens (GOELLNER, 2005). O esporte enquanto espaço de eventos e profissão ainda exclui a efetiva participação das mulheres em seus diversos níveis.

Enquanto no século XIX a participação das mulheres em eventos esportivos restringia-se basicamente à assistência e ao acompanhamento dos maridos, com pouca participação ativa nas provas, ela é hoje muito mais ampla e diversificada. Todavia, isso não significa afirmar que homens e mulheres tenham as mesmas oportunidades no campo esportivo ou que preconceitos quanto à participação feminina inexistam (GOELLNER, 2005, p. 96).

No futebol, objeto de análise da pesquisa e com grande difusão no Brasil, as mulheres – tanto na torcida, como no campo – ainda carecem de maior respeito e incentivo da sua participação no mercado. Enquanto atletas, o nível de desvalorização é alto, levando a necessidade de se obrigar, por meio de condições para o jogo masculino, a criação de times femininos nos clubes que disputam os campeonatos da Conmebol (LIMA, 2019), por exemplo. Esse fato não garante o investimento necessário para a equipe formada por mulheres visto que ainda há preconceitos e consideráveis diferenças nesses investimentos de patrocinadores e dirigentes dos clubes. Vimos a Guaraná Antarctica, patrocinadora desde o ano de 2001 da Seleção Brasileira de Futebol, criar uma campanha exclusiva com a seleção feminina pela primeira vez em 2019 para a Copa do Mundo, na qual reconhece o seu atraso na valorização das atletas e convida outras marcas a apoiarem o futebol feminino (GUARANÁ..., 2019).

Diante dessa dificuldade de inclusão das mulheres enquanto atletas, há um outro lado que representa uma porta de entrada para a valorização do gênero feminino no espaço futebolístico como um todo: as torcedoras dos clubes majoritariamente de times masculinos. Na atualidade, o discurso de que “futebol é coisa de homem” vem perdendo força, e as mulheres se fazem mais presentes nos estádios e na torcida. Cerca de 70% das mulheres brasileiras torcem por algum time de futebol (FERREIRA, 2012). Contudo “o que parece intrínseco a esse contexto é que independentemente do papel que ela eleja desempenhar no estádio de futebol, ela se torna alvo de estereótipos (BHABHA, 2013)” (MORAES; BONFIM, 2017, s/p). Os discursos pejorativos que enquadram a mulher que gosta de futebol em papéis como da “maria chuteira” ou da mulher masculinizada são legitimados pela desculpa relacionada aos aspectos físicos femininos e construções sociais que não permitiriam enxergar a mulher no ambiente futebolístico como atleta ou torcedora em equidade aos homens.

O futebol, então, estaria “[...] associado à masculinidade e ao poder físico do homem” (DEVIDE, 2005, p. 44). Sua atividade começou como uma das opções de lazer entre os homens, brancos e abastados do século XIX. A construção dessa prática esportiva no meio social reforçava os papéis de homens e mulheres, nos quais apenas os homens participavam efetivamente dos eventos, enquanto as mulheres possuíam a função de apoiar e acompanhar os jogos “torcendo” da arquibancada. Segundo Cappellano (1999 *apud* ECOTEN; CORSETTI, 2010) essa atividade de “torcer” ficou consagrada, justamente, pelas mulheres, pois elas levavam para os estádios lenços ou pedaços de pano para torcer durante os jogos, aliviando a tensão que

não deveria ser externada com gritos ou comportamentos histéricos. Sendo chamadas, então, de torcedoras.

A partir do desenvolvimento da prática futebolística e sua profissionalização, os clubes cresceram sendo comandados por essas famílias da alta classe, mas as mulheres foram sendo desencorajadas e excluídas da atividade. “[...] Quando o futebol começou a fazer parte do cotidiano da população negra e classes populares, a presença feminina foi descartada com a justificativa de que ‘Filhas de boa família não devem se misturar com jogadores de futebol’ (WITTER, 1990, p. 58)” (BARRETO JANUÁRIO, 2016, p. 138). Ao passar dos anos, a busca por mudanças desse tipo de visão do papel da mulher, não só no futebol, mas na sociedade no geral, configura uma luta de gênero que coloca as mulheres cada vez mais presentes nos diferentes setores sociais.

A mulher como-ser-que-torce vem se configurando em um perfil feminino cada vez mais comum, perfil que se manifesta por diferentes meios que vão desde as arquibancadas até os espaços virtuais da Internet. Em grupo ou isoladas, o fato é que as torcedoras de futebol vêm ganhando visibilidade, estimulando, desse modo, novas formas de composição identitária feminina, assim como criando um público apreciador e consumidor de futebol que traz para esse esporte diferentes demandas e significados (DA COSTA, 2007, n.p).

“As conquistas das lutas históricas feministas são inegáveis, e as relações estabelecidas no mundo do futebol também constituem esse processo, ou seja, esse progresso. Contudo avanços e

retrocessos se misturam” (MORAES; BONFIM, 2017, n.p). À mulher no futebol ainda requer conquistar o seu espaço como torcedora legítima, não associada a estereótipos e consciente do seu papel na cultura futebolística.

### CONSUMIDORA-TORCEDORA: FORMAS DE PERTENCER

Segundo pesquisa realizada em 2010 pela empresa *Sophia Mind* (DURÃO, 2010), 65% das mulheres torcedoras se queixam da falta de produtos esportivos para elas. Em breve busca no e-commerce da *Netshoes* e *Centauro*<sup>3</sup> encontramos a discrepância entre as quantidades de camisas de clubes de futebol de 1ª e 2ª divisão, entre outros produtos, oferecidas no modelo masculino e feminino. Na *Netshoes*, a partir de um filtro básico (camisa de time, gênero, futebol) são 1.412 resultados contra 436 para as mulheres. Já na *Centauro*, a partir dos filtros camisa/camiseta de time, gênero, futebol são 1.380 masculinas e 557 femininas.

O futebol enquanto espaço de representação de uma identidade social, para determinados grupos que o acompanham, também se manifesta por meio do consumo dos produtos e serviços ofertados nesse campo. O poder de consumir reflete no poder de pertencer àquele ambiente futebolístico, pois o esporte pode ser herdado pelo nosso próprio meio, assim como a língua ou a religião (HELAL, 1990).

---

3 Principais lojas de departamento que aparecem no buscador do Google ao procurar por artigos esportivos. Busca realizada em 04 de fevereiro de 2021.

A linguagem do consumo transformou-se numas das mais poderosas formas de comunicação social. O consumo é um dos indicadores mais efetivos das práticas socioculturais e do imaginário de uma sociedade. Manifesta, concretiza tais práticas. Revela a identidade do sujeito, seu “lugar” na hierarquia social, o poder de que se reveste (BACCEGA, 2014, p. 55).

O consumo, então, está além do simples ato de consumir no dia a dia. É necessário “[...] perceber o consumo como uma atividade estruturada que conduz e arquiteta muitos modos de pertencer a uma sociedade e que, portanto, merece ser tratada com tal relevância.” (RESENDE; COVALESKI, 2020, p. 210). Dessa forma, a torcida feminina também enxergará o consumo de produtos e serviços esportivos como forma de pertencimento e de conquista do seu espaço pouco respeitado nas arquibancadas dos estádios no Brasil e no mundo. O “[...] consumo de mercadorias relacionadas ao espetáculo futebolístico participa do processo de construção e transmissão de valores sociais dos partícipes dessa cultura futebolística.” (BARRETO JANUÁRIO, 2019, p. 15-16). Assim, consumir uma determinada marca patrocinadora do clube e os produtos licenciados ou até mesmo a ida aos jogos do time são ações que não podem ser desassociadas de um posicionamento social e político. Questões de gênero e de luta pelo seu espaço de direito fazem com que as mulheres torcedoras também repensem valores éticos e sociais ao consumirem marcas que valorizam ou não o poder delas enquanto consumidoras.

Ramon Feenstra (2014) traz a reflexão de que parece ter aumentado a dimensão ética e política entre os cidadãos, os quais irão

refletir também sobre os seus poderes e responsabilidades como consumidores. Esse poder diante do consumo de produtos e serviços numa sociedade contemporânea reflete consideravelmente o desejo do cidadão em fazer parte de e dar visibilidade a causas e valores que acredita. Nessa conjuntura, surge o termo Consumo Político cunhado por Michelletti e que se define “[...] como um conjunto de ações empreendidas por cidadãos que escolhem entre produtos e serviços por meio de critérios políticos, sociais e éticos” (MICHELLETTI, 2010 *apud* FEENSTRA, 2014, p. 120, *tradução nossa*). O Consumo Político pode se expressar por meio de diferentes níveis de consumo e de engajamento do próprio consumidor, que poderá abraçar certas causas em detrimento de outras. Nesse sentido, surge expressões como o *boycott* – que trata de rechaçar uma empresa – e *buycott* – que surge como movimento contrário pela necessidade de valorizar uma empresa.

Essas atitudes se tornaram cada vez mais comuns após o advento da Internet e o espaço midiático que uma pessoa pode obter sem uma interferência – a princípio – direta das marcas. A sociedade entende o seu poder como consumidora e, por isso, é mais claro de se encontrar uma atividade de observação do observador voltada a identificar campanhas publicitárias ou ações de empresas que merecem ser valorizadas ou condenadas devido aos seus valores sociais, éticos ou ambientais serem contrários ao interesse de determinado grupo social. No esporte, por exemplo, casos relacionados principalmente a questões éticas e sociais são constantemente destacados.

Em 2018, a empresa de material esportivo Nike sofreu boicote de consumidores nos EUA após utilizar a imagem de um atleta de

futebol americano que fez protestos contra o racismo anteriormente. O jogador Colin Kaepernick foi afastado da liga nacional de futebol após se ajoelhar diante do hino nacional estadunidense. Desde então, pessoas protestam contra o atleta que teria desrespeitado a bandeira do país. Ou seja, após o uso de sua imagem em campanha da Nike, muitos consumidores da marca (maioria identificados como eleitores do ex-presidente Donald Trump) fizeram campanha de boicote à marca nas redes sociais, postando vídeos queimando produtos da empresa. Apesar disso, a Nike arrecadou cerca de 24 bilhões de reais com a campanha (MÉGIA, 2018) e também recebeu mensagens de apoio de outros grupos sociais.

Outro fato também conhecido nos EUA diz respeito à ameaça de boicote da seleção feminina de futebol do país aos Jogos Olímpicos de 2016. As questões de gênero, já amplamente discutidas, levaram as jogadoras da seleção americana de futebol a se queixarem à federação do esporte no país pela desigualdade salarial em relação à seleção masculina. Em documento apresentado à federação, as principais jogadoras do time argumentaram que as mulheres geraram vinte milhões de dólares a mais de receita em 2015 do que os homens e que o seu futebol é tão popular quanto o masculino. Se tratando dos estadunidenses diríamos que até mais popular, já que têm quatro títulos de Copa do Mundo, enquanto a seleção masculina só chegou perto do título em 1930 (SELEÇÃO..., 2021).

Dessa maneira, entendemos que para as mulheres no futebol há uma importância em assumir o seu papel de consumidora-torcedora diante das entidades esportivas e demais torcedores. Por isso, identificamos uma consumidora política também no futebol, por meio

da luta por produtos e serviços voltados para elas, a fim de tratá-las de forma igualitária enquanto torcida. O esporte enquanto entretenimento e os seus produtos como significado de pertencimento também são políticos, portanto, seu consumo é político.

Em pesquisa publicada no E-book *Elas e o Futebol*, de 2018, pode-se perceber – a partir de resultados iniciais sobre as torcedoras dos três clubes da capital pernambucana – que elas estão presentes nos estádios e no consumo esportivo. Mas também ainda há um desafio em manter a presença desse público devido a violências nos estádios e o pouco investimento nos produtos esportivos destinados a elas.

Conseguimos perceber a importância da camisa em todos os grupos pesquisados, tanto as que frequentam os estádios quanto as que não frequentam citam como item essencial. Essa informação deve ser melhor trabalhada e os fornecedores devem se atentar a essa configuração. Entender e atender essa necessidade pode ser um diferencial para o fornecedor, mas deve ser tratado como portfólio básico (MELO; LIMA; DE CASTRO, 2018, p. 156).

É possível identificar, dessa forma, que a camisa do time – produto já tratado como principal entre patrocinador e clubes – é elemento essencial para as entidades se conectarem com os torcedores, pois se torna símbolo de pertencimento e de poder de consumo. Ou seja, uma quantidade reduzida ou falta de produtos voltados para a torcida feminina representam a invisibilidade desse público por todo mercado que fomenta a Indústria do Esporte, reforçando papéis sociais de cunho sexista, a fim de separar ambientes considerados

masculinos dos femininos. Porém, as mulheres na atualidade, enquanto tendentes ao Consumo Político, veem a falta de produtos do seu time como ameaça ao seu espaço já dificilmente ocupado no futebol e por isso precisam se movimentar enquanto grupo social a fim de enaltecer ações positivas e/ou rechaçar atitudes negativas de marcas patrocinadoras e clubes.

Esses movimentos femininos surgem como contraponto aos espaços muitas vezes negados no futebol pela própria torcida, pelo clube e pelas fornecedoras oficiais do time. Inicialmente, percebemos a presença das mulheres nas torcidas organizadas, a partir de facções femininas. Foi em 1956 que uma torcida organizada teve pela primeira vez uma mulher como líder: Dulce Rosalina, torcedora do Vasco da Gama (DA COSTA, 2007). Mas a própria violência nos estádios se torna um fator crucial para o afastamento, mais uma vez, de torcedoras das arquibancadas. Atualmente, para além das torcidas organizadas, cresce em todo o Brasil o movimento de grupos independentes que se beneficiam do ciberespaço para construir o seu papel de importância no espetáculo esportivo, a partir, também, de pautas feministas. O objetivo é ir além do apoio ao time, é debater as questões que as afligem, é ser um coletivo que procura equanimidade e luta pela inserção delas no futebol (BARRETO JANUÁRIO, 2019), nos estádios e no consumo esportivo. Mulheres que buscam ser ouvidas e reconhecidas pelo próprio clube e que lutam contra a violência.

Vale fazer um adendo aqui sobre a importância da Internet na construção desses grupos femininos no futebol. O ciberespaço torna-se ferramenta propulsora dos sentimentos de pertencimento no futebol, pois supera as limitações geográficas.

Essa é a descrição de uma característica das *arquibancadas virtuais*, definição proposta por Ary Rocco Jr. (2006), ao afirmar que as mídias sociais na cibercultura esportiva oferecem uma forma de consumo do clube que não se encerra ao fim de uma partida. Essa continuidade ao desejo de consumo do torcedor o faz manter o sentimento de pertencimento ao seu clube do coração de forma mais ativa, a qualquer momento, a alguns cliques de distância (RODRIGUES; COVALESKI, 2020, p. 428).

As Coralinas são um desses exemplos. Movimento criado em 2016 por torcedoras do Santa Cruz, time da capital recifense, que criaram o grupo com o objetivo de reunir mulheres para frequentar o estádio juntas, sem medo da violência contra mulher (BARRETO JANUÁRIO, 2019). Elas se intitulam “coletivo feminista de torcedoras do Santa Cruz FC/PE que luta pela representatividade e presença feminina no futebol e combate o machismo”<sup>4</sup>. As pautas desse grupo passam desde seu objetivo inicial já citado, como por projetos solidários e de intervenções no próprio estádio para melhorar a experiência das mulheres no local, como desenvolver medidas básicas de higiene nos banheiros femininos do Arruda.

Outro grupo de torcedoras que merece destaque é o Toda Poderosa Corinthiana. Segundo o perfil do grupo na rede social *facebook*<sup>5</sup>

4 Trecho retirado da rede social instagram do Movimento Coralinas. Disponível em: <https://www.instagram.com/movcoralinas/> Acesso em 02 fev. 2021

5 Trecho retirado da página do facebook do grupo Toda Poderosa Corinthiana. Disponível em: [https://www.facebook.com/movimentotodapoderosacorinthiana/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/movimentotodapoderosacorinthiana/about/?ref=page_internal) Acesso em 02 fev. 2021

O MTPC nasceu da vontade de um grupo de torcedoras de mudar o preconceituoso, sexista e segregatório mundo que é o futebol. Não somos uma torcida organizada, somos um coletivo de mulheres corinthianas de todas as torcidas, organizadas ou não, etnias, idades, estados e países que têm em comum os mesmos objetivos: justiça e igualdade nas arquibancadas.

Com o mesmo ideal de reivindicar pela igualdade de gênero nos estádios, o movimento se posiciona constantemente sobre os diferentes casos de machismo, racismo entre outras questões da sociedade e do futebol. As redes sociais surgem como palco para organizar manifestações e intervenções, sejam virtuais ou presenciais. No site da Toda Poderosa Corinthiana, o coletivo destaca três campanhas entre as realizadas: uma nota de repúdio à capa do jornal esportivo *Lance!* de 2016, que destacava a foto de uma mulher de forma sexualizada; uma campanha em parceria com o Departamento Social do Corinthians em homenagem aos 10 anos da Lei Maria da Penha; e a mobilização na Internet junto com outros coletivos feministas e torcedores em protesto para que a Nike produzisse a camisa II listrada no modelo feminino em 2017. Este último, mais voltado ao direto de apoiar o time por meio da compra de produtos oficiais, é o caso que iremos trazer a seguir.

### A FALTA DA CAMISA FEMININA: O CASO NIKE E AS CORINTHIANAS

A parceria da empresa fornecedora de material esportivo Nike e o Sport Club Corinthians Paulista é considerada de sucesso e já foi

renovada até 2029 (CORINTHIANS..., 2017). Enquanto patrocinadora do clube, a marca tem como deveres o valor investido e o fornecimento do material esportivo para obter como retorno a utilização dos espaços publicitários disponíveis – de forma geral – nos uniformes, principalmente, no estádio, centro de treinamento etc. Esse é um tipo de propriedade da cota de patrocínio bastante comum no futebol e que vem sendo utilizado principalmente para potencializar e divulgar a marca da empresa.

A cada nova temporada de jogos de um time de futebol, a patrocinadora dos uniformes costuma lançar novos padrões que serão utilizados pela equipe, de forma a gerar maior movimentação de vendas de camisas e também visibilidade diante da campanha de lançamento do novo padrão. É comum, também, a confecção de pelo menos dois padrões de uniforme para que o time reverse as cores quando necessário. Nesse contexto, como de praxe, a Nike lançou as novas camisas de jogo do Corinthians para a temporada de 2017, que continha as camisas I e II. Essa mais clássica em homenagem ao título de 1977, ou seja, também considerada comemorativa. Porém, ao lançá-las, a versão feminina só podia ser encontrada da camisa I, deixando a clássica comemorativa apenas em versões infantil e masculina. Este quadro tornou-se comum no futebol brasileiro, no qual muitas marcas patrocinadoras de material esportivo não oferecem – juntamente com o clube – os mesmos produtos ofertados em versões masculinas para as mulheres. Mesmo com o crescimento das mulheres nas torcidas dos clubes brasileiros (FERREIRA, 2012), a valorização dessa parcela de consumidoras ainda é mínima. Há uma resistência das entidades – de

hegemonia masculina – em integrar as mulheres nesse espaço do futebol. Quando não se omitem diante de questionamentos, alega-se a falta de poder aquisitivo individual das mulheres que seriam dependentes de pais, companheiros etc.

[...] alguns obstáculos são claros nessa inclusão, e o principal deles refere-se à legitimação da mulher como pessoa que não apenas compreende e gosta do esporte, como também é capaz de nutrir sentimentos de pertencimento a um determinado clube sem a prévia legitimação masculina. Ou seja, para agradar o namorado, marido, pai, etc. (BARRETO, 2016, p. 142).

Porém, tentando buscar mudanças a partir do poder de consumidora e também por meio da ascensão da Internet como espaço para manifestações, a torcida feminina do Corinthians, representada pelo Movimento Toda Poderosa Corinthiana, se posicionou diante do caso da não fabricação da Camisa II para elas. Primeiramente, algumas torcedoras indagaram a Nike, no seu perfil oficial no Twitter, se a empresa iria confeccionar as camisas em versão feminina. A marca, então, respondeu que não iria ser fabricado a Camisa II para elas alegando que haveria uma tendência de mercado no qual as mulheres apenas costumam comprar a Camisa I do time. Isso gerou uma repercussão por parte da torcida feminina e também de demais torcedores, no qual foi possível identificar o uso de *hashtags* como ferramenta de agrupar reclamações e protesto, além de dar visibilidade ao caso. O Movimento Toda Poderosa Corinthiana, então, escreveu uma nota de repúdio à marca patrocinadora e ao

clube juntamente com as *hashtags* #RespeitaAsTorcedorasNike e #RespeitaAsTorcedorasCorinthians. Um abaixo-assinado virtual também foi providenciado pelas corinthianas, o qual arrecadou 11.725 assinaturas pelo site *Change.org*<sup>6</sup>.

Figura 1. Captura de tela: Facebook do Movimento Toda Poderosa Corinthians



Fonte: <https://www.facebook.com/movimentotodapoderosacorinthiana/>

O protesto chegou aos portais de notícias que repercutiram a ação das torcedoras, dando visibilidade ao questionamento feito não só à marca, mas também ao clube representado. O ato de rechaçar a atitude da Nike e o silenciamento do Corinthians gerou ameaças de boicote, distanciamento de consumidores para com a marca,

6 Mais informações: [https://www.change.org/p/Nike-respeite-as-mulheres?recruiter=618644993&utm\\_source=share\\_petition&utm\\_medium=twitter&utm\\_campaign=share\\_twitter\\_responsive](https://www.change.org/p/Nike-respeite-as-mulheres?recruiter=618644993&utm_source=share_petition&utm_medium=twitter&utm_campaign=share_twitter_responsive).

o que pode prejudicar o relacionamento com o cliente. A *hashtag* #RespeitaAsTorcedorasNike foi mencionada entre consumidores-torcedores do time e outras pessoas que também se sensibilizaram com a causa. A outra *hashtag*, #RespeitaAsTorcedorasCorinthians, também foi mencionada, mas em menor expressão, nos fazendo pensar como esse tipo de atitude da empresa patrocinada acaba recaiando com maior visibilidade a ela mesma do que ao próprio clube. Os torcedores do Corinthians que não concordam com essa atitude passam a questionar o patrocínio ao clube, sugerindo a quebra de contrato com a marca.

Figura 2. Captura de tela: repercussão no Twitter e matérias encontradas nos resultados do Google



Fonte: <https://www.twitter.com> e Google

Em menos de dois meses da repercussão, a loja Poderoso Timão da Arena Corinthians, autorizada a vender produtos oficiais do

time e da Nike, anunciou a venda da camisa solicitada pelas torcedoras em versão feminina. A loja conseguiu um pequeno estoque de venda para suprir parte da necessidade do público. As vendas foram anunciadas pela loja oficial e depois a camisa já poderia ser encontrada no site oficial da Nike, segundo a patrocinadora (LOPES, 2017).

Figura 3. Captura de tela: post da loja do Corinthians



Fonte: [www.facebook.com/poderosotimaoarena](http://www.facebook.com/poderosotimaoarena)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Consumo Político proporciona aos cidadãos uma forma de se comprometer com assuntos públicos diferentes dos políticos e cívicos convencionais, como o voto e o voluntariado (BENNETT; ENTMAN, 2000; SHAH *et al.*, 2007: 217 *apud* LLOPIS-GOIG, 2011). O futebol também é um espaço político, pois enquanto pertencente a uma esfera pública, representa papéis sociais em diferentes questões éticas e cívicas. Não se pode entender a torcida separada do seu papel de cidadão e cidadã. Por isso, o caso das torcedoras que protestaram contra a falta da camisa em versão feminina produzida pela marca patrocinadora – a fim de não só resolver o problema, solicitando a produção das camisas, mas também gerar visibilidade para uma questão social na qual a mulher como consumidora-torcedora não ocupa devidamente seu espaço no futebol – pode ser visto como Consumo Político.

A partir do caso abordado, é possível perceber a omissão de entidades esportivas e patrocinadores diante da representatividade desse público em seus produtos e serviços. Ao alegar a não produção de uma camisa comemorativa e segundo uniforme da equipe por estar seguindo uma tendência de mercado, a Nike deixa de assumir um posicionamento a favor da inclusão igualitária das mulheres no campo e nas arquibancadas, além de perder oportunidade de venda. Já o Corinthians ameaça sua imagem com a própria torcida ao se calar diante da situação. Apesar disso, o próprio clube e outros pelo Brasil estão trabalhando ações, ainda que pontuais, para valorização da mulher no futebol, seja como torcedora ou jogadora. É devido às mudanças sociais de rumo político, cívico e também de consumo

que as entidades esportivas e também marcas patrocinadoras estão percebendo a necessidade de se preocupar mais em criar ações e campanhas que reforçam para as mulheres o seu espaço no futebol, local considerado até então majoritariamente masculino.

Com isso, surgem campanhas como a de combate à violência contra a mulher do Atlético-MG por meio de cartazes e faixas alertando para o assunto ou como também a ação do próprio Corinthians que entrou em campo no Dia Internacional da Mulher com a *hashtag* #RespeitaAsMinas estampada no uniforme e ainda foram distribuídas 10 mil tatuagens temporárias com a frase “Não é não” (PIRES, 2018). Porém, essas ações se tornam controversas e podem perder credibilidade quando o clube em si se omite de determinados posicionamentos relacionados às questões de gênero, como jogadores do time sendo acusados de estupro e marcas de material esportivo deixando de fabricar camisas no modelo feminino, caso aqui apresentado.

Infelizmente o que ainda se vê a cada ano são as torcedoras questionando e utilizando o ciberespaço como plataforma de manifestação diante do desejo de consumir os produtos oficiais e, assim, pertencer – tanto quanto os homens – às arquibancadas (físicas e virtuais) do mundo do futebol. Encontramos facilmente outros casos relatados em portais de notícias ou a partir de breve pesquisa por palavras-chave (Camisa feminina; torcedora) na rede social *Twitter*. Como o exemplo das torcedoras do São Paulo também em 2017 que por meio da *hashtag* #saopaulinasuniformizadas se manifestaram contra a falta de modelos femininos dos uniformes e receberam uma resposta do clube indicando o crescimento nos últimos dois

anos nas vendas dos produtos femininos, algo não esperado pelo clube e patrocinador (TORCEDORAS..., 2017). Já em 2019, as torcedoras do Sport Club do Recife também reclamaram dos uniformes produzidos pela Umbro, que entregou modelos femininos com acabamentos inferiores aos do masculino, principalmente do escudo, que em alguns modelos foram produzidos e impressos no tecido, ao invés do tradicional bordado. Tanto o Sport como a fornecedora oficial alegaram que o objetivo era entregar dois modelos, um igual ao uniforme oficial e outro com custo mais acessível e por isso a diferenciação. Porém, ambos se desculparam pela falha de comunicação ao não especificar essa diferença nos detalhes do material de cada modelo (POR 'FALHA...', 2020). A mesma torcida, com apoio do movimento feminino Elas e o Sport, precisou novamente protestar no ano seguinte, pois o padrão “Novo Reinado” divulgado em setembro de 2020 teve em seu início poucos modelos femininos à venda, deixando as mulheres mais uma vez atrás dos homens, que puderam encontrar os uniformes sem maiores dificuldades<sup>7</sup>.

Acreditamos que os movimentos de mulheres torcedoras em prol de ganhar voz no meio futebolístico e também de reivindicar espaços como o de consumidora-torcedora vem crescendo consideravelmente. O ciberespaço, inclusive, é devidamente aproveitado pelo público feminino no futebol (DA COSTA, 2007, n.p). Isso também indica “a existência de novos padrões no que diz respeito ao modelo consumo e à nova maneira como as mulheres são ou devem ser percebidas pelas organizações” (SALGUEIRO; MELO; CORREA, 2014, n.p). Com

---

7 Ver <https://twitter.com/elaseosport/status/1308023712713789442>

efeito, ainda que as marcas tenham resistência, é a resistência maior dentro das entidades esportivas que precisa ser quebrada para que mais ações, campanhas e atitudes básicas de valorização do torcedor e da torcedora sejam realizadas e possam, então, promover um maior engajamento do(a) consumidor(a)-torcedor(a) com o time e seus patrocinadores.

## REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação e Consumo. *In*: CITELLI, Adilson; *et al.* *Dicionário de Comunicação: escolas, teorias e autores*. São Paulo: Contexto, 2014. p.53-74

BARRETO JANUÁRIO, Soraya. A representação feminina na mídia esportiva: o caso Fernanda Colombo. *Observatorio (OBS\*)*, v. 10, n. 1, p. 137-149, 2016.

BARRETO JANUÁRIO, Soraya. *Mulheres no Campo: O ethos da torcedora pernambucana*. São Paulo: Fontenele Publicações, 2019.

BRASIL. *Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941*. Essabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Brasília, DF: Presidência da República, 1941. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm). Acesso em: 25 jan. 2021.

CARDIA, Wesley. *Marketing e Patrocínio Esportivo*. 1ª edição, São Paulo, Editora Bookman, 2004.

CORINTHIANS amplia contrato com a Nike até 2029. *Máquina do esporte*, 2017. Disponível em: <https://www.maquinadoesporte.com.br/artigo/corinthians-amplia-com-Nike-com-contrato-ate-2029>. Acesso em: 07 jan. 2018.

DA COSTA, Leda Maria. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. *Esporte e sociedade*, v. 2, n. 4, p. 1-31, 2007.

DEVIDE, Fabiano Pries. *Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

DURÃO, Marina. Pesquisa mostra que, no país do futebol, 80% das mulheres torcem para algum time. *O Globo*, 2010. Disponível em: <https://oglobo.com>.

globo.com/esporten.pesquisa-mostra-que-no-pais-do-futebol-80-das-mulheres-torcem-para-algum-time-2998020. Acesso em: 04 dez. 2018.

ECOTEN, Márcia Cristina Furtado; CORSETTI, Berenice. A mulher no espaço do futebol: um estudo a partir de memórias de mulheres. *Fazendo Gênero*, v. 9, p. 1-11, 2010.

FEENSTRA, Ramon A. El consumidor político: nuevo horizonte para la publicidad. In: FEENSTRA, Ramon A. *Ética de la publicidad. Retos en la era digital*. Madrid: Dykinson, 2014. p. 117-137.

ESTUDO irá analisar participação das mulheres na indústria do esporte. *Gazeta Esportiva*, 2019. Disponível em: <https://www.gazetaesportiva.com/futebol/estudo-ira-analisar-participacao-das-mulheres-na-industria-do-esporte/>. Acesso em: 30 jan. 2021.

FERREIRA, Fernando. *As maiores torcidas do Brasil, entre as mulheres*. 2012. Disponível em: <https://www.pluriconsultoria.com.br/wp-content/uploads/2016/09/PLURI-Pesquisas-torcida-mulheres.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2021

GUARANÁ Antarctica convoca marcas para apoiar futebol feminino no Brasil. *Hypeness*, 2019. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2019/05/guarana-antarctica-convoca-marcas-para-apoiar-futebol-feminino-no-brasil/>. Acesso em 15 fev. 2021.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a prática*, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2005.

HELAL, Ronaldo. *O que é sociologia do esporte*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

LIMA, Thaynara. Mesmo com pressão da Conmebol, planejamento de futebol feminino ainda é precário no Brasil. *Lance!*, 2019 Disponível em: <https://www.lance.com.br/futebol-nacional/clubes-serie-br18-nao-tem-equipes-femininas.html>. Acesso em 04 dez. 2018.

LLOPIS-GOIG, Ramón. *Consumo político y cosmopolitismo*. Un estudio de participación política postconvencional en España. Reis, p. 89-106, 2011

LOPES, Duda. Nike cede e passa a fornecer camisa II feminina do Corinthians. *Máquina do Esporte*, 2017. Disponível em: <https://www.maquinadoesporte.com.br/artigo/Nike-cede-e-passa-fornecer-camisa-ii-feminina-do-corinthians>. Acesso em: 16 jan. 2019.

MÉGIA, Carlos. Nike arrecada 24 bilhões de reais com campanha antirracista apesar de boicote. *El País*. Economia, 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/25/economia/1537883917\\_099829.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/25/economia/1537883917_099829.html). Acesso em: 09 jan. 2019.

MELO, Gabriela Lohana de.; LIMA, Lerynda; DE CASTRO, Paloma. Consumo delas: a presença nos estádios da torcida feminina dos três clubes da capital pernambucana. In: LIMA, Cecília Almeida Rodrigues; BRAINER, Larissa; BARRETO JANUÁRIO, Soraya. (Orgs.). *Elas e o Futebol*. 1ed. João Pessoa: Xeroca!, 2019, p. 141-161.

MORAES, Carolina Farias; BONFIM, Aira Fernandes. Mulher no Futebol-no campo e nas arquibancadas. In: V SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES. *Anais eletrônicos [...] Salvador: UNEB, 2017*. Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO\\_EV072\\_MD1\\_SAI8\\_ID1399\\_07082017191501.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO_EV072_MD1_SAI8_ID1399_07082017191501.pdf). Acesso em: 26 jan. 2021.

MULLIN, Bernard J.; HARDY, Stephen; SUTTON, William A. *Marketing Esportivo*. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2004.

PATROCÍNIO esportivo no Brasil movimenta R\$ 665 milhões. *Exame*, 2013. Disponível em: <https://exame.com/marketing/patrocinio-esportivo-no-brasil-movimenta-r-665-milhoes/>. Acesso em: 20 nov. 2018.

PIB do Esporte Brasileiro atinge R\$ 67 Bilhões. *Pluri*, 2012b. Disponível em: <http://new.pluriconsultoria.com.br/relatorion.pib-esporte-brasileiro-atinge-r-67-bilhames/>. Acesso em: 15 mai. 2018.

POR 'FALHA de comunicação' com a Umbro, Sport disponibiliza troca dos uniformes femininos. *Super Esportes*, 2020. Disponível em: [https://www.pe.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/sport/2020/06/04/noticia\\_sport,60385/por-falha-de-comunicacao-com-a-umbro-sport-disponibiliza-troca-dos.shtml](https://www.pe.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/sport/2020/06/04/noticia_sport,60385/por-falha-de-comunicacao-com-a-umbro-sport-disponibiliza-troca-dos.shtml). Acesso em: 06 fev. 2021.

PIRES, Breiller. Enfim, o futebol começa a ouvir o grito das mulheres de arquibancada. *El País*, 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/07/deportes/1520456402\\_790606.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/07/deportes/1520456402_790606.html). Acesso em: 22 jan. 2019.

PITTS, Brenda; STOTLAR, David. *Fundamentos de Marketing Esportivo*. São Paulo: Phorte, 2002.

RESENDE, Vitor Lopes; COVALESKI, Rogério. A interação entre consumidores e marcas nas mídias sociais: defesa de causas, posicionamento ou oportunidade?. In: COVALESKI, Rogério (org.). *Da publicidade ao consumo: ativismos, reconfigurações, interações*. Recife: Ed. UFPE, 2020, p. 205-221.

RODRIGUES, Marcella; COVALESKI, Rogério. O marketing esportivo digital dos clubes de futebol: a busca pelo cibertorcedor na arquibancada virtual. In: COVALESKI, Rogério (org.). *Da publicidade ao consumo: ativismos, reconfigurações, interações*. Recife: Ed. UFPE, p. 421-446, 2020.

SALGUEIRO, Andreza; MELO, Riklévio; CORREA, Rodrigo Stéfani. Estudo do perfil de consumo das torcedoras do Sport Club do Recife. GT 9-Comunicação, Discursos da Diferença e Biopolíticas do Consumo. *4º Encontro de GTs-Comunicon*. São Paulo, 2014.

SELEÇÃO feminina de futebol dos EUA ameaça boicote à Rio-2016 por desigualdade salarial. *Revista Placar*, 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/esporte/selecao-feminina-de-futebol-dos-eua-ameaca-boicote-a-rio-2016-por-desigualdade-salarial/>. Acesso em: 09 jan. 2019.

TORCEDORAS reclamam de falta de camisas femininas e SP promete reposição. *Uol Esportes*, 2017. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2017/11/07/torcedoras-reclamam-de-falta-de-camisas-femininas-e-sp-promete-reposicao.htm>. Acesso em: 06 fev. 2021.

## CAPÍTULO 12

### TORCIDA DE MULHERES EM CAMPO: RUPTURAS E CONQUISTAS NO AMBIENTE CLUBÍSTICO<sup>1</sup>

SORAYA BARRETO JANUÁRIO<sup>2</sup>

#### INTRODUÇÃO: REFLEXÕES INICIAIS SOBRE MULHERES, TORCIDA E FUTEBOL

Podemos afirmar que o futebol não se atém apenas a regras, táticas, sistemas de jogo e estratégias de campo, a modalidade tece nuances sociológicas e antropológicas mais complexas e profundas (ELIAS, 2005). Heloisa Reis e Thiago Escher (2006) afirmam que o futebol

1 O artigo apresenta um recorte de uma pesquisa mais ampla publicada no livro “Mulheres no campo: o ethos da torcedora pernambucana”, publicado em 2019 pela editora Fontanelle.

2 Pós-doutorado na *McGill University, Institute of Gender, Sexuality and Feminisms (IGSF)*, Montreal, Canadá. Doutora em Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, Portugal. Publicitária e professora do Departamento de Comunicação da UFPE. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos da UFPE- PPGDH/UFPE. Pesquisadora em temáticas ligadas aos Estudos de Gênero, Feminismos, Esportes e Mídia. Coordenadora do GT Comunicação e Gênero da Redor (Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações Gênero). Coordenadora do Observatório de Mídia: gênero, democracia e direitos humanos da UFPE. E.mail: soraya.barreto@ufpe.br

é um fenômeno sociocultural. Um fenômeno capaz de influenciar diversos segmentos da sociedade que vão desde a cultura à esfera econômica (ELIAS, 2005). Com efeito, é pertinente ressaltar a grande capacidade do futebol de estimular novas formas e comportamentos de consumo, no que podemos chamar da construção de uma cultura de consumo futebolística. Reis e Escher (2006) ratificam que o futebol tem tido função de relevância na era moderna visto seu poder de fomentar emoções e capacidade de influenciador de fãs. Dessa forma, é possível sugerir que o futebol absorve uma série de artefatos e elementos subjetivos, de ordem complexa, originando um sentimento de pertença social (BOURDIEU, 2005) e despertando paixões, medos, frustrações entre outros sentimentos. Essas características de ordem subjetivas fomentam ao tema futebol uma difícil tarefa de análise e mensuração fiel. O futebol é capaz mobilizar grandes massas, influenciar comportamentos e, por que não, influenciar os modos de consumo de seus torcedores (WERTHEIN, 2004).

Sabe-se que o futebol é um referencial de entretenimento e lazer para muitas pessoas, tanto na possibilidade do ato de jogar quanto o de “torcer”, e por isso manifesta-se como um fenômeno sociocultural. Com efeito, está presente no dia a dia de diversas esferas sociais na contemporaneidade. Uma dessas esferas se concentra no consumo de mercadorias relacionadas ao espetáculo futebolístico e participa do processo de construção e transmissão de valores sociais dos partícipes dessa cultura futebolística. Existe um envolvimento individual permeado por afeição e lealdade às equipes ou aos atletas. E ainda no processo de identificação e na representação de identidades (LEVER, 1983).

A autora que produz esse texto é uma torcedora frequentadora de estádio. Uma apaixonada pelo clube e pelo futebol. Ao compreender o futebol enquanto artefato cultural assumimos a mídia e seus processos também como parte da cultura, ao compreendê-la como uma pedagogia cultural (FISCHER, 2003). Com efeito, este artigo é fruto de um recorte do projeto de pesquisa que nasceu de uma inquietação da autora por compreender quem são as torcedoras pernambucanas e como consomem e se apropriam do futebol.

Mesmo assumindo uma relação emotiva, compreendemos o futebol como um fenômeno sociocultural que modela comportamentos, valores sociais e processos de consumo. Com efeito, podemos compreender que o futebol legitima e produz processos e marcas culturais e, muitas vezes, reproduz práticas sociais e preconceitos estruturados no âmbito social. É sabido que o futebol, ao longo do século XX, se constitui como um fenômeno de importância na cultura e identidade brasileiras. Quando nos referimos à palavra cultura, o fazemos de forma sinonímica à civilização, com gênese na tradição iluminista, no qual os agentes sociais e/ou históricos são interpretados, numa clara representação coletiva que visa definir normas e estruturas sociais. A sociedade se engendra numa teia simbólica de significados na busca continuada de uma construção cultural (ELIAS, 2005). Ao dialogar a respeito das culturas nacionais, Stuart Hall reflete que elas são compostas de simbologias e representações, para além das tradicionais instituições culturais, o autor afirma ainda que “uma cultura nacional é um discurso, um modo de construir sentidos que influencia e organiza[...] nossas ações [...] e a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 2005, p. 50).

Apesar do gosto amargo deixado na Copa do Mundo de futebol de homens de 2018, o sentimento propiciado pelo futebol e pela relação do/da brasileiros/as com esse esporte ultrapassa a racionalidade e perpassa a emoção (DAMATTA, 1985; DAMO, 2002). Superando a racionalidade e o próprio sentido de emoção, recorreremos para a teoria das pedagogias culturais trabalhados por Guacira Lopes Louro (2005) para fundamentar e refletir como o ambiente clubístico e os espaços futebolísticos, dos quais estádios e arenas de futebol fazem parte, constroem e exercem uma pedagogia particular, própria e legitimada por cada torcida. Num processo de socialização coletivo que engendra diferentes processos pedagógicos que determinam a hora certa de gritar, quando calar, os cânticos e gestos, o portar-se nessa esfera cultural.

Essas pedagogias compreendidas e apreendidas cotidianamente são reforçadas pelo processo de reiteração e legitimação do que se entende por masculinidades e feminilidades considerando as representações culturais a eles associados. São também produzidos por meio de processos de aprendizagem, o que Louro (1995) denomina de pedagogias culturais utilizadas pelas instituições disciplinares (FOUCAULT, 1979) e de controle presentes nas práticas escolares, na igreja, religiosos, midiáticos e por que não futebolísticos.

A cultura futebolística, os/as agentes e suas teias de significados ganham confiabilidade e força na medida em que conquistam mais seguidores, isto é, “torcedores e torcedoras”. Aira Bomfim (2019) argumenta que o termo “torcida” é originado em virtude da presença das mulheres nos estádios de futebol no início do século XX. A autora argumenta que as mulheres iam aos clubes vestindo roupas formais

da época como vestidos, luvas e chapéus. E devido ao calor tiravam as luvas e, quando ansiosas ou nervosas com a partida torciam as luvas em sinal de incentivo. Com efeito, esse foi um termo que as pessoas no Brasil começaram a atrelar ao ato de ir aos estádios “torcer” por seus times.

O protagonismo das mulheres na gênese da expressão “torcida” destinado às e aos expectadores das disputas ficou esquecido na história de construção de uma cultura futebolística por muitos anos, seguido por um enorme silenciamento sobre a presença das mulheres no futebol (GOELLNER, 2003). Todavia, a presença e participação das mulheres nos estádios de futebol nunca foi tão crescente e significativa como temos assistido nos últimos anos (BARRETO JANUÁRIO, 2019). Especialmente se considerarmos inclusive o outro lado da moeda, o futebol de mulheres e a recente visibilidade da Copa do Mundo da Fifa de Futebol Feminino, em 2019. Podemos sugerir, com ressalvas, uma importante ruptura na concepção sexista de que “futebol é coisa de homem”. A presença das mulheres nos campo e estádios, seja como torcedoras, jogadoras ou parte de comissões técnicas, e ainda fora do campo enquanto comentaristas, jornalistas esportivas e narradoras vêm crescendo e ganhando visibilidade mundial. Com efeito, diante de vários percursos possíveis escolhemos nos centrar nessa pesquisa na mulher enquanto torcedora.

As mulheres torcedoras vêm se legitimando em um perfil cada vez mais evidente nos espaços desportivos. Um perfil que se utiliza de um *mix* de meios para participar de debates no entorno do espetáculo futebolístico que vão desde as arquibancadas até as redes sociais virtuais. Através de torcidas organizadas, grupos ou individualmente,

as torcedoras de clubes de futebol vêm ganhando visibilidade e fomentando novas formas de composição indenitária feminina.

A presente pesquisa tem por objetivo compreender as apropriações das mulheres enquanto torcedoras de futebol da cidade do Recife/PE, nas suas vivências de lazer em estádios de futebol. Por fim, o nosso *corpus* de análise se centra nas torcedoras e sua relação com os respectivos clubes de futebol no intuito de traçar as motivações para o consumo dos/nos estádios de futebol dos três principais times pernambucanos: Sport Club do Recife, Santa Cruz Futebol Clube e Clube Náutico Capibaribe.

## DO PATRIARCADO AOS ESPAÇOS PÚBLICOS:

### O "FAZER-SE TORCEDORA"

Recorrendo às célebres palavras de Simone de Beauvoir (1980) “não se nasce mulher, torna-se”, é pertinente pontuar que compreendemos gênero enquanto construção social, cultural e política, partindo de um processo de legitimação social. Beauvoir (1980) se utiliza do verbo conjugado no futuro do presente simples “tornar-se”, na sugestiva intenção de um ato do “eu”, isto é, o ato de transformação que requer uma série de símbolos, artefatos e significados sociais e corpóreos. A célebre frase de Beauvoir (1980) nos impele a refletir sobre o compromisso coletivo de encaixe aos moldes socialmente legitimados, que sofre influência da cultura e da sociedade de um determinado tempo e espaço. Ao refletirmos sobre o recorte de gênero atrelado aos saberes de uma sociologia e antropologia dos esportes, encontramos um cenário a descortinar.

Os saberes esportivos são compreendidos como um dos grandes fenômenos socioculturais do século XXI (DAMATTA, 1985), de proporções tão autênticas que são capazes de influenciar e moldar segmentos e comportamentos sociais. A capacidade de permear diversas estruturas sociais é possível ser verificada nos fenômenos mais complexos, como na construção de uma identidade nacional (HELAL, 2003), até nas práticas mais cotidianas como o consumo e participação coletiva. Nesse sentido, os saberes incorporados aos estudos dos esportes e do futebol possui importante relevância no meio acadêmico nacional e internacional nas últimas décadas. Todavia, é no recorte de gênero que o tema ganha ainda mais relevância, visto o histórico de invisibilidade sofrida pela prática, presença e legitimidade da mulher nesse campo de saber (GOELNNER, 2003).

Na historicidade da construção de uma cultura futebolística no Brasil, o futebol foi, inicialmente, consumido por uma elite social demarcada por hierarquias de classe, gênero e raça. José Witter (1990) ressaltou que à medida que foi ocorrendo o processo de popularização da modalidade no qual homens negros e de classes populares começam a ser partícipes do desporto, a presença feminina foi proibida sob a ótica social da época no qual compreendia que “[...] filhas de boa família não devem se misturar com jogadores de futebol” (WITTER, 1990, p. 58). Com efeito, foi iniciado um processo de retirada das mulheres desses espaços e ao mesmo tempo ocorria o processo de naturalização da modalidade enquanto uma prática e gosto masculino (BARRETO JANUÁRIO, 2016). Importa ainda dizer que a ocupação e presença de mulheres em alguns esportes possui um caráter disciplinador em sua historicidade repleta de restrições

e proibições (GOELLNER, 2003), como é exemplo o decreto-lei que proibia a participação e presença das mulheres nos estádios de futebol promulgado em 14 de abril de 1941. O Decreto-Lei 3199/ art.54 determinava que as mulheres eram proibidas de praticar diversos esportes de contato, vindo a ser derrubado apenas no final de 1979.

Esse período de afastamento e proibições coincide com o processo de naturalização de certos esportes em narrativas e práticas associadas à ideia de masculinidade dominante e de virilidade (GOELLNER, 2013) e afastou gradualmente as mulheres seja na presença, seja na prática esportiva. Importa também lembrar que “a própria designação de futebol feminino se torna excludente ao determinar a necessidade de especificar apenas quando o desporto é praticado por mulheres [...] confere um significado universal [...] ao masculino, em detrimento do feminino” (BARRETO JANUÁRIO, 2017, p. 29). Esse processo de naturalização e legitimação do futebol enquanto “coisa de homem” nos insere nos questionamentos sobre os ideais dominante de masculinidade e feminilidade. Processos que se constroem sobre a égide de normativas disciplinares (FOUCAULT, 1979) e de práticas de proibição e coerção sob prerrogativas patriarcais. Dessa forma, ao lançarmos o olhar para o futebol sob uma perspectiva generificada, isto é, pela ótica dos estudos de gênero, recorreremos ao trabalho de Joan Scott (1990) ao argumentar que não há uma única forma de vivenciar as masculinidades ou feminilidades. Os ideais socialmente construídos de performances de gênero (BUTLER, 2003) são historicamente excludentes para as mulheres e são fomentados por relações de poder e violência simbólica (BOURDIEU, 2005). Essas normativas que norteiam moldes de comportamento

de cada grupo social são concebidas a partir de interesses específicos dos grupos dominantes atrelados às hierarquias de classe, gênero e raça (CRENSHAW, 1990). A história de inclusão das mulheres no esporte não foge a essa regra social. A historicidade da presença das mulheres no mundo dos esportes é relatada por algumas autoras (MIRAGAYA, 2002; GOELLNER, 2003; 2005; BOMFIM, 2019) como uma trajetória perpassada por relações de poder, dominação masculina, silenciamento e exclusão das mulheres. Para além das assimetrias de gênero na qual as mulheres sempre tinham papéis de submissão, objetificação e hipersexualização.

O mundo dos esportes, assim como ocorre na sociedade em geral, é tomado por estereótipos culturalmente e socialmente demarcadas que caracterizam certos padrões de gênero para quem os pratica. Algumas modalidades esportivas, como é o caso do futebol, carregam ideias preconcebidas em sua gênese que distingue esportes para homens e esportes para mulheres. Esses marcadores que delimitam as práticas esportivas ao gênero estão atrelados com um histórico de proibições e preconceitos (GOELLNER, 2003; BARRETO JANUÁRIO, *et al*, 2016). A permanência de preconceitos, seja na gestão esportiva, investimentos ou ainda, nos discursos circulantes, ganham caráter pejorativo como é exemplo o questionamento sobre a aparência e sexualidade das mulheres que praticam futebol ou são adeptas do futebol, numa clara referência a vigilância e controle disciplinar do corpo feminino (FOUCAULT, 2002).

Valter Bracht (1992) argumenta que essa repetição do pensamento dominante é socialmente construída e não possui neutralidade em sua construção. Dessa forma, é pertinente afirmar que esses

mecanismos funcionam como forma de controle social e disciplinar no processo de socialização e delimitação das modalidades e práticas esportivas demarcadas em torno das questões de gênero (BRACHT, 1992). Ao compreendermos que as masculinidades e feminilidades são construídas de forma relacional (SCOTT, 1990) e ocorrem simultaneamente em processos distintos que fundamentam as relações de poder e assimetrias de gênero. As relações de poder instituídas e reiteradas socialmente entre homens e mulheres – que demarcam as desigualdades de gênero – e também nas relações entre homens com outros homens – desigualdades baseadas nas interseccionalidades (CRENSHAW, 1990), que produzem hierarquias no processo de construção social, tais como questões de raça/etnia, classe social e sexualidade (CONNELL, 2005). Com efeito, sofrem o processo de controle, disciplina e vigilância em torno das práticas e narrativas. A presença, ocupação e participação dos sujeitos nos estádios de futebol foram distanciadas da ideia socialmente construída de feminilidade. Ao demarcar ambientes, como estádios e arenas, impróprios para as mulheres, torna-se evidente o uso da lei e das práticas sociais como mecanismos de disciplina, coerção e poder impostos às mulheres no afastamento do espaço futebolístico. Goellner (2003) afirma que a participação das mulheres nos esportes é um fenômeno social moderno e recente.

Arelada a essa ideia de cerceamento da ocupação de certos espaços, é possível afirmar que a inserção das mulheres nos esportes está associada à ideia amplamente debatida nas teorias e lutas feministas, especialmente no feminismo liberal, acerca da ideia de público/privado. No qual a ideia de “privado” é usada em referência

à esfera individual e familiar (doméstica), enquanto o “público” se refere a uma esfera compreendidas enquanto políticas e de coletivas. Os discursos circulantes no meio futebolístico naturalizado como masculino comumente reiteram e fomentam a ideia de um espaço violento, viril e repleto de comportamentos ditos “masculinos” auxiliando a legitimar um ambiente impróprio e hostil à presença de mulheres. Susan Okin (2008) explica que o debate entre a ideia de público/privado tão pertinente e recorrente no debate feminista e comparte em duas perspectivas dominantes. A primeira alocada na ideia de distinção entre Estado e sociedade, bem como de propriedade pública e propriedade privada. Já a segunda se refere à distinção entre vida doméstica e a vida não doméstica. A autora acrescenta que a primeira perspectiva deve ser entendida como pertencente ao “público” e a segunda, como integrante do mundo “privado”. Dessa forma, assim como Okin, optamos por utilizar a segunda ideia atrelada a essa dicotomia, “público-doméstico”, na medida em que compreendemos que na permanência da ideia de que doméstico é privado, a sociedade ignora a natureza política da família e a reduz a relevância da justiça na vida pessoal/doméstica, compactuando com as assimetrias e violências de gênero. O futebol claramente incorpora o universo público do qual as mulheres foram e são constantemente afastadas, silenciadas ou objetificadas para servir ao olhar e interesse do ser dominante desse espaço público, o homem.

É pertinente pontuar que foi no âmago do debate e crítica social e nas pautas dos movimentos sociais que questionavam as ideias atreladas a questões de classes, raça/etnia e sexualidade que nasceu o feminismo. Com efeito, foi através do debate e discurso feminista

que as relações de gênero conquistaram relevância no debate dentro dos espaços acadêmicos e sociais, refletindo sobre o apagamento e silenciamento das mulheres em diversas esferas sociais, entre elas o futebol. Hall (2005) argumenta que o debate feminista foi um dos cinco grandes avanços na teoria social e nas ciências humanas ocorridos na modernidade tardia. O autor acrescenta que a reflexão proposta pelo feminismo causou impacto na crítica teórica, bem como nos movimentos sociais, ao questionar ideias preconcebidas e a naturalização de temas universais tais como a família, a sexualidade, o mercado de trabalho, a esfera doméstica, entre outros. O discurso feminista teve um papel de grande relevância para no questionamento e na reorganização das relações sociais, movendo estruturas e rompendo paradigmas cristalizados na ideia de masculinidades e feminilidades (CONNELL, 2005). Na celeridade cotidiana fortemente demarcada pela rapidez e efemeridade do cenário social, os feminismos suscitaram uma atualização de pensamento e crítica social, bem como evidenciaram a reflexão em torno de espaços e estruturas antes proibidos. Espaços que foram conquistados pela luta de mulheres e dos feminismos no seio social, político e econômico na contemporaneidade.

Faz-se pertinente lembrar que o esporte foi socialmente construído através de critérios pautados na naturalização de algumas ideais preconcebidas socialmente que dialogam com as questões de gênero. Para Johanna Von Mühlen e Silvana Goellner (2012), o esporte, assim como qualquer prática cultural, é generificada. Isto é, a prática e compreensão de cada esporte é perpassada pela (re) produção dos ideais sociais atrelados às masculinidades (virilidade,

força, agressividade) e feminilidades (graça, leveza, precisão), transferindo padrões de gênero para a prática e gosto de determinadas modalidades esportivas (VON MÜHLEN; GOELLNER, 2012). Com efeito, a construção social de atividades associadas aos esportes ditos masculinos e femininos foi legitimada (GONÇALVES, 1998). Com efeito, o futebol, bem como outras modalidades, foi construído visando a dominação dos homens, colaborando para a naturalização de uma hegemonia masculina.

A crescente presença das mulheres em grupos ou torcidas organizadas caracterizam a presença feminina em ambientes, até pouco tempo, tidos como espaço públicos preferencialmente masculinos. Tais características são fundamentadas por grupos de torcedoras pernambucanas, tais como: Loucas por Futebol, Guerrilha Rubro-negra, Feminino Timbu, Timbuzeiras, Comando feminino Torcida Jovem, Torcida Feminina Inferno Coral. A existência e resistência desses movimentos de mulheres, alguns que se autodeclaram feministas, no âmbito das torcidas como o Movimentos Coralinas e o Elas e o Sport, é possível apontar para uma crescente conquista das mulheres, ocupando seu espaço como torcedoras, desafiando normas de gênero no espetáculo futebolístico.

Todavia, alguns entraves são evidentes na ocupação e conquista das mulheres no âmbito do futebol. Podemos sugerir que o principal desses entraves é associado à naturalização da ideia de que a mulher não compreende o futebol, como também é incapaz de nutrir sentimentos de pertença a um clube sem a prévia legitimação masculina. Isto é, para agradar os gostos e prazeres de homens de seu meio social como o pai, namorado, amigo, entre outros. A legitimação do

interesse e da paixão das mulheres pelo futebol, compreendendo os aspectos técnicos e táticos da modalidade, tem sido vista e construída ao longo dos anos com incredulidade e discursos jocosos e sexistas, os quais questionam a sexualidade, aparência e comportamento das mulheres do meio futebolístico. Sobre isso Goellner relata que:

A masculinização da mulher e naturalização de uma representação de feminilidade estabelece uma relação linear e imperativa entre mulher, feminilidade e beleza. [...] esses argumentos acabam por reforçar alguns discursos direcionados para a privação da participação das mulheres em algumas modalidades esportivas (GOELLNER, 2005, p. 143).

Outro aspecto pertinente a ser considerado é o ambiente futebolístico e clubístico. Com cânticos que numa maioria das vezes usam uma linguagem pornofônica, gestos de ordem sexual e em alguns casos violência, foi sendo construída a ideia de que esse seria um espaço masculino e de exaltação dos “atributos masculinos de potência, virilidade” (TOLEDO, 1996, p. 65). Delimitando esses ambientes impróprios para as mulheres, tais mecanismos, ao nosso ver, se configuram como processos evidentes de disciplina e poder (FOUCAULT, 1979). Dessa forma, o desafio dessa pesquisa é preencher uma lacuna em torno da visibilidade da imagem e presença feminina no espaço esportivo, especialmente, no futebol pernambucano. Conhecer e reescrever a história do futebol pernambucano agregando a participação da mulher e da torcedora como sujeito político desse processo histórico.

## APORTES METODOLÓGICOS

Ao considerarmos o histórico de proibições (GOELLNER, 2005) e de normativas abarcadas em valores ligados ao patriarcado, que ainda fomentam a imagem e percepção sobre a participação das mulheres no esporte. Faz-se necessária uma mudança de abordagem e um olhar preocupado em refletir sobre essa perspectiva na compreensão dos fatores e critérios que constroem representações sociais de gênero na mídia esportiva utilizando-se em crenças estereotipadas e deturpadas. Todavia, a invisibilidade das mulheres nos esportes tem ganho nos últimos anos destaque no debate dos saberes esportivos (GOELLNER, 2003; 2005; KNIJNIK; SOUZA, 2004; DEVIDE *et al*, 2011; BARRETO JANUÁRIO, 2016). Essas pesquisas têm observado a mídia esportiva, enquanto pedagogias culturais (LOURO, 2008) relevantes na construção das representações sociais, que tem por norma legitimado e reiterado uma forte assimetria no espaço destinado à veiculação, produção e cobertura da participação das mulheres nos esportes. Utilizando como critério de agendamento midiático a concepções sociais abarcadas nas ideias de masculinidades e feminilidades vigentes em uma clara hierarquia de gênero, em detrimento à prática das mulheres no qual se privilegia a aparência física das atletas e das torcedoras construindo a hipersexualização (MOTA-RIBEIRO, 2005). É comum ouvir nas narrações futebolísticas midiaticizadas discursos carregados de machismo e sexismo associado à presença da torcedora como um artefato “embelezador” do campo e da plateia no espetáculo futebolístico. Fato que não ocorre no masculino.

O teor discursivo que relata a presença da mulher como um mero artefato estético ajuda a legitimar e reforçar a imagem que se tem sobre a presença da mulher nos eventos esportivos, especialmente no futebol. Nessa perspectiva, o recorte que buscamos debater no presente artigo dialoga com essa lógica perversa de apropriação da imagem da mulher torcedora enquanto objeto embelezador, desprezando seu papel de partícipe, conhecedora e interessada no fato futebolístico. Buscamos compreender as motivações e percurso da mulher torcedora para chegar ao campo de futebol.

O estudo está embasado em trabalho de campo e virtual, no qual foram realizados 300 (trezentos) questionários semiestruturados com perguntas abertas e fechadas, aplicados presencialmente com mulheres torcedoras em dias dos jogos do campeonato pernambucano de 2018 (17 de janeiro de 2018 a 08 de abril de 2018), nos três estádios principais do Recife: Ademar da Costa Carvalho (Sport Recife), Eládio de Barros Carvalho (Náutico) e José do Rego Maciel (Santa Cruz). E ainda, o questionário aplicado de forma virtual com mulheres das torcidas femininas dos clubes supracitados, que estão na linha de frente do debate sobre a presença da mulher nos estádios. A pesquisa visou refletir sobre vários aspectos da presença, trajetória e motivações das mulheres torcedoras. O nosso foco de pesquisa era o de dialogar com as mulheres que vão efetivamente ao estádio, seja de forma frequente ou esporádica. O recorte metodológico e tratamento dos dados foi de natureza qualitativa e quantitativa realizado por meio de análise de conteúdo temática (BARDIN, 2009), que nos permitiu identificar algumas categorias de análise. No escopo da análise quantitativa, utilizamos a estatística

descritiva com distribuição absoluta e relativa dos resultados nas categorias investigadas.

Com efeito, para o debate e reflexão a serem apresentados neste capítulo, nos ateremos às questões focadas na motivação, trajetória e presença nas mulheres em campo. Dessa forma, abordaremos os resultados apresentados em três questões centrais da pesquisa, que auxiliaram na compreensão dessa trajetória que, normalmente, são permeadas por premissas sexistas e formatadas nas ideias de naturalização do futebol no âmbito do masculino. São elas: 1. Quem as influenciou a gostar/torcer por futebol? 2. Com quem vão ao estádio? 3. Quais papéis exercem na decisão de ir ao estádio, acompanham alguém, são acompanhadas, decidem a ida ao jogo? Compreendemos que tais questionamentos auxiliam no processo de compreensão do “fazer-se torcedora”.

## MOTIVAÇÕES E PRESENÇA DA MULHER NOS ESTÁDIOS PERNAMBUCANOS

Diante de um histórico de invisibilidades e opressões é sabido que as mulheres adentraram em espaços antes proibidos ou naturalizados enquanto masculinos através de lutas e embates iniciados com as reivindicações e conquistas alcançadas pelo movimento de mulheres e feminismos que possibilitou a presença de mulheres em novos espaços. Mulheres como Dona Maria José, torcedora ilustre do Sport Clube de Recife, se tornaram personagens reconhecidas no espaço clubístico e na mídia pernambucana. Na história da participação feminina, inicialmente foi usado o termo “Maria-chuteira”,

para denominar de forma preconceituosa e jocosa a presença das mulheres nos estádios (COSTA, 2006). Costa salienta ainda, que com o tempo:

Maria-chuteira passa a denominar uma camada específica no interior do público feminino, uma camada formada por mulheres que privilegiam a visão em detrimento de um envolvimento mais intenso com o futebol (COSTA, 2006, p. 13).

Essa nomenclatura vem sendo rechaçada pelas mulheres que frequentam os estádios, visto que na atualidade o termo se ressignificou para representar as mulheres que buscam namorar com jogadores de futebol, mais uma vez reforçando o imaginário coletivo do lugar sexualizado e objetificado da mulher no âmbito esportivo. Uma representação folclórica e depreciativa da mulher na sociedade. Com efeito, partindo para os resultados dos questionários partimos para duas categorias de análise: Rituais de iniciação e processos de influências; Mulheres e acompanhantes; Movimentos feministas de torcedoras.

### **Rituais de iniciação e processos de influência**

Os resultados da pesquisa confirmam nossas hipóteses iniciais de uma mudança de paradigma na participação e presença de mulheres no mundo do Futebol. Bem como, aponta que as mulheres têm sido gradualmente mais responsáveis pelos rituais de “iniciação” dos membros da família e amigas (os) na paixão pelo futebol, função que

majoritariamente era, e ainda é, compreendida como de responsabilidade da figura masculina da casa. Se os homens ainda representam a maioria nesse processo ritualesco de apresentar o futebol às suas filhas, com 51% das respostas, as mães aparecem em segundo lugar com 16%, seguidas dos avôs com 10% e avós com 6%. A assimetria de gênero nesse processo é evidente, mas se recorrermos aos debates travados na historicidade do futebol (GOELLNER, 2005) e da história da mulher enquanto torcedora (COSTA, 2006) torna-se evidente a expectativa em torno da existência de um diferença abismal. Todavia, se considerarmos que esses mais de 20% de presença feminina no ritual de apresentação do futebol às suas filhas associadas à sua história geracional no futebol com as invisibilidades, proibições e silenciamento, podemos sugerir um futuro promissor para as próximas gerações de mulheres no esporte.

Com uma maior presença de mulheres de todas as idades nos estádios, levando filhas (os), netas (os), amigas (os) e sobrinhas (os) para torcer por algum time, promovendo um novo processo pedagógico (LOURO, 1995) e olhar sobre uma série de rituais clubísticos como cantar o hino e os cânticos do clube.

Com efeito, um dado chama a atenção na indagação da escolha do time, 33,5% afirmam ter escolhido o clube baseado nos resultados do time nos campeonatos que participam. Ao cruzar esses dados com a faixa etária das torcedoras se torna evidente a presença maciça, cerca de 82%, de mulheres jovens entre 16 e 20 anos. Esse dado nos sugere uma evidente mudança no paradigma ritualesco, no qual as jovens estão mais atentas aos resultados e à participação dos clubes, efetivando uma nova lógica no consumo do esporte.

## Mulheres e acompanhantes

Quando indagamos acerca da presença efetiva das mulheres no campo, especialmente contrapondo a lógica sexista de construção de discursos de que as mulheres iriam ao campo por influência do pai ou namorado (COSTA, 2006), buscamos compreender como se dá a ida aos estádios por parte dessas mulheres. Foi possível perceber com mais clareza as mudanças do comportamento das mulheres no processo de presença em eventos de seus respectivos clubes. Rompendo com a lógica dominante cerca de 35% afirmam ir aos jogos com amigos e familiares, a ruptura do comportamento hegemônico se torna evidente quando afirmam que são elas que influenciam a ida ao estádio, isto é, elas que convidam. Em aproximadamente 22% dos casos elas recebem convites de amigos e familiares e os acompanham. Outro dado de importância é que 21,5% afirmam que vão aos jogos com amigas mulheres.

Nesse âmbito, 16% vão acompanhando seus namorados aos jogos. É pertinente destacar a ruptura e transgressão à norma hegemônica e sexista perpetrada por essas mulheres. Se numa lógica naturalizada em valores patriarcais as mulheres estavam submissas, sem poder decisório sobre suas vidas, os dados aqui revelados parecem apontar para um novo cenário social no âmbito futebolístico quando notamos o protagonismo das mulheres da escolha pela presença em campo, na iniciativa de convidarem outras pessoas. Tornase clara uma efetiva mudança na estrutura e lógica da dominância masculina naturalizada pelo futebol ao longo dos anos, na qual as torcedoras pernambucanas parecem subverter papéis e protagonizarem sua própria presença e participação no ambiente clubístico.

## MOVIMENTOS FEMININOS E FEMINISTAS DE TORCEDORAS

Como dissemos, a crescente presença das mulheres em grupos ou torcidas organizadas caracterizam a presença feminina em ambientes, até pouco tempo, tidos como espaço públicos preferencialmente masculinos. Parecem emergir três tipos de movimentos de mulheres que fomentam a presença e permanência feminina nos estádios de futebol pernambucano. O primeiro congrega a inclusão de alas femininas em torcidas organizadas, como “Bonde”, “Comando Feminino Torcida Jovem” (Sport), “Torcida Feminina Inferno Coral” (Santa Cruz). O segundo é a criação de torcidas femininas exclusivas, sem vinculação às torcidas dominantes, como é o caso de “Timbuzeiras” (Náutico). O terceiro é uma movimentação literal, o desabrochar da intersecção entre as pautas, bandeiras e conquistas dos feminismos e a ocupação de espaços antes negados para as mulheres, como é o caso do futebol. A existência de grupos de discussão e debates feministas no âmago das torcidas, do qual é exemplo o “Movimentos Coralinas” (Santa Cruz) e o “Elas e o Sport” (Sport), aponta para uma crescente incorporação da mulher na esfera do futebol enquanto torcedora. Na pesquisa emergiram dois movimentos que chamaram a nossa atenção pela autodenominação de movimento e de feminista. Conferindo um posicionamento político e de resistência ao quadro da hegemonia masculina no futebol.

### Elas e o Sport

O grupo Elas e o Sport foi criado em fevereiro de 2016, por um grupo de cinco mulheres. O grupo nasceu com o intuito de ter mais voz e de

expressar as necessidades, ideias e incômodos das mulheres torcedoras junto ao clube. Segundo as organizadoras do grupo era notável a estrutura machista presente no futebol e no ambiente clubístico. O *Elas e o Sport* parece ter sido fundamental para criar e fortalecer uma rede de torcedoras do clube, que juntas se apoiam e assim cada vez mais se inserem no mundo da bola, com participação e voz, inclusive, junto à diretoria do clube. O *Elas e o Sport* se consideram enquanto movimento de torcida feminina do Sport Club do Recife, movimento que vai além da torcida na arquibancada.

### **Lugar de mulher é onde o Santa estiver: Movimento Coralinas**

Primeiramente é pertinente salientar que o movimento Coralinas não se identifica enquanto uma “torcida organizada”. O movimento surgiu em agosto de 2016 quando um grupo de torcedoras do Santa Cruz, segundo elas, cansadas de sofrerem assédio no estádio, decidiu então, criar um grupo para que as mulheres pudessem frequentar o Arruda sem medo, indo juntas aos estádios e pensando em estratégias de prevenção e luta contra o assédio e contra a violência contra a mulher no campo. O lema do movimento é “Lugar de mulher é onde o Santa estiver”. O movimento cresceu e se desdobrou em muito mais do que um grupo de mulheres torcedoras indo ao estádio. Elas formaram uma frente de batalha contra o machismo no futebol e estádios, realizando campanhas como “Mulheres no Estádio”, que teve o intuito de incentivar outras mulheres a frequentarem o Arruda. Como estratégias de ação elas confeccionaram cinco modelos de lambe-lambes que foram colados nos entornos do estádio do Arruda

e no centro da cidade do Recife denunciando o assédio sofrido em campo, bem como reivindicando o espaço das mulheres no campo e nas políticas do clube. O movimento também foi responsável por organizar o evento *Mulher No Futebol: de coadjuvante à protagonista*, realizado em 2018, que contou com a presença de mulheres de outros movimentos e torcidas do Santa Cruz e de outros clubes pernambucanos, visando debater a presença e participação da mulher no futebol.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória percorrida pelas mulheres em busca de protagonismo e participação em espaços outrora negados e proibidos é real e legítima. É pertinente pontuar que o debate feminista que vem ganhando grande visibilidade nos meios de comunicação nos últimos anos, especialmente, em espaços e em artefatos culturais, como é o caso do futebol, tem sido um importante instrumento político e meio de reivindicação de direitos e conquistas de espaços antes negados. Especialmente, quando é possível encontrar grupos de torcedoras e movimentos que se autodenominam feministas. Se por um lado reconhecemos a naturalização do *ethos* futebolístico associado aos ideais de uma masculinidade hegemônica e dominante (CONNELL, 2005), assistimos ao questionamento e o romper dessas estruturas sob o olhar da presença crescente das mulheres nos estádios.

A lógica dominante continua inferindo nos discursos midiáticos uma hipersexualização da imagem feminina sob as adjetivações de musa, maria-chuteira ou mesmo pela ideia fixa da mulher enquanto

“agente embelezador” de arquibancadas. Ao refletir sobre as relações de poder presentes nos discursos e comportamentos sociais associados ao futebol (BARRETO JANUÁRIO, 2016), é possível notar ainda mais latente a necessidade de uma maior visibilidade da prática, da gestão e da presença das mulheres nos esportes e em suas representações sociais. Foi possível visualizar claras rupturas ao sistema hegemônico propiciado pelo questionamento e luta das mulheres e dos movimentos feministas contra os resquícios de patriarcalidade ainda tão presente nos esportes, especialmente no futebol. Ao percebermos que essa geração de mulheres que foi a juventude nas décadas de 1960/1970, hoje mães e avós, já iniciaram o processo de rompimento da dominação masculina (BOURDIEU, 2005) no futebol, permitindo que jovens da atualidade fossem iniciadas na paixão pelo esporte através de sua influência, o cenário parece otimista quanto à geração de mulheres jovens do presente na construção de uma visibilidade mais equânime e acessível às mulheres no futebol. Além disso, é pertinente pontuar o protagonismo das mulheres na presença e influência sobre a ida ao estádio e o acompanhar dos eventos clubísticos. Promovendo uma maior visibilidade e compreensão da contribuição da mulher em campo e desestruturando a lógica doméstica/pública (OKIN, 2008) legitimada pelo sexismo na estrutura social.

Por fim, é pertinente afirmar a urgência na disseminação de um discurso mais igualitário, equânime e simétrico acerca da participação e representação das mulheres num esporte de tamanho impacto nacional e mundial. É que mesmo em meio as adversidades, em diferentes parâmetros, sofridas pelas seleções nacionais de homens e mulheres, segue sendo de grande importância na identidade

nacional e regional. Entendemos que o futebol pode e deve exigir representações mais igualitárias e realísticas acerca da presença feminina em campo e no auxílio da promoção de uma mudança na cultura clubística e futebolística na sociedade brasileira. O caminho ainda é árduo e longo para a sonhada equanimidade, seja nas condições de prática esportiva, na representação ou mesmo a vivência da paixão pelo clube, mas certamente assistimos ao desabrochar de um novo paradigma da presença de mulheres no futebol.

## REFERÊNCIAS

BARRETO JANUÁRIO, Soraya. A representação feminina na mídia esportiva: o caso Fernanda Colombo. *Observatório (OBS\*)Journal*, v. 10, n. 1, p. 137-149, 2016.

BARRETO JANUARIO, Soraya. M.B. B., VELOSO, Ana Maria C., CARDOSO, Laís C. F. Mulher, Mídia e Esportes: A Copa do Mundo de Futebol Feminino sob a ótica dos portais de notícias pernambucanos. *Revista EPTIC* v.18,n.1, p. 168-184, 2016.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BONFIM, Aira Fernandes. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)*. 2019. Dissertação de Mestrado. Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais

BRACHT, Valter. *Educação física e aprendizagem social*. Porto Alegre: Magister, 1992.

BUTLER, Judith. Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Witting e Foucault (N. C. Caixeiro, Trans.). In BENHABIB, Seyla; CORNELL, Drusilla (Eds.), *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos. p. 139-154, 1986.

COSTA, Leda Maria da. Maria-chuteiras x torcedoras “autênticas”. Identidade feminina e futebol. *Usos do passado'xii encontro regional de história anpuh-rj*, p. 1-11, 2006.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color. *Stan. L. Rev.*, v. 43, p. 1241, 1990.

DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

DAMO, Arlei. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DEVIDE, Fabiano. Pires.; OSBORNE, Renata; SILVA, Elza ; FERREIRA, Renato; SAINT CLAIR, Emerson; NERY, Luiz Carlos P. Estudos de gênero na Educação Física Brasileira. *Motriz*, jan./mar, Rio Claro, v. 17, n. 1, p. 93-103, 2011.

FISCHER, Rosa. Maria Bueno. *Televisão & educação: fruir e pensar a TV*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graa, 1979.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. Curso no Collège de France, 1973–1974. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GOELLNER, Silvana. Vilondre. Bela, maternal e feminina: imagens da mulher *In: Revista Educação Física*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2003.

GONÇALVES, Eliane. Pensando o gênero como categoria de análise. *In: AMARAL, A. et al. (Orgs.). Estudos de gênero*. [S.l.]: Universidade Católica de Goiás, p. 41-60, 1998.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LEVER, Janet. *A Loucura do Futebol*. São Paulo, Record, 1983. LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, p. 99-108, 1995.

MIRAGAYA, Ana. The female Olympian. *In DaCosta, L. Olympic Studies Current Intellectual Crossroads*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.

MOTA-RIBEIRO, Silvana. *Retratos de mulher: construções sociais e representações visuais do feminino*. Porto: Campo das letras, 2005.

VON MUHLEN, Johanna e GOELLNER, Silvana. V. Jogos de gênero em Pequim 2008: representações de feminilidades e masculinidades (re)produzidas pelo site terra. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, Florianópolis, jan./mar v. 34, n. 1, p. 165-184, 2012.

OKIN, Susan. Gênero, o público e o privado. *In: Revista Estudos Feministas*, v. 16, n.2, p. 305-332. 2008.

KNIJNIK, Jorge. D; SOUZA, Juliana. S.S. Diferentes e desiguais: relações de gênero na mídia esportiva brasileira. *In: SIMÕES, Antônio Carlos; KNIJNIK, Jorge. D. O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho*. São Paulo: Aleph, p. 191-212, 2004.

REIS, Helena. *Futebol e violência*. Campinas, SP: Autores associados, 2006.

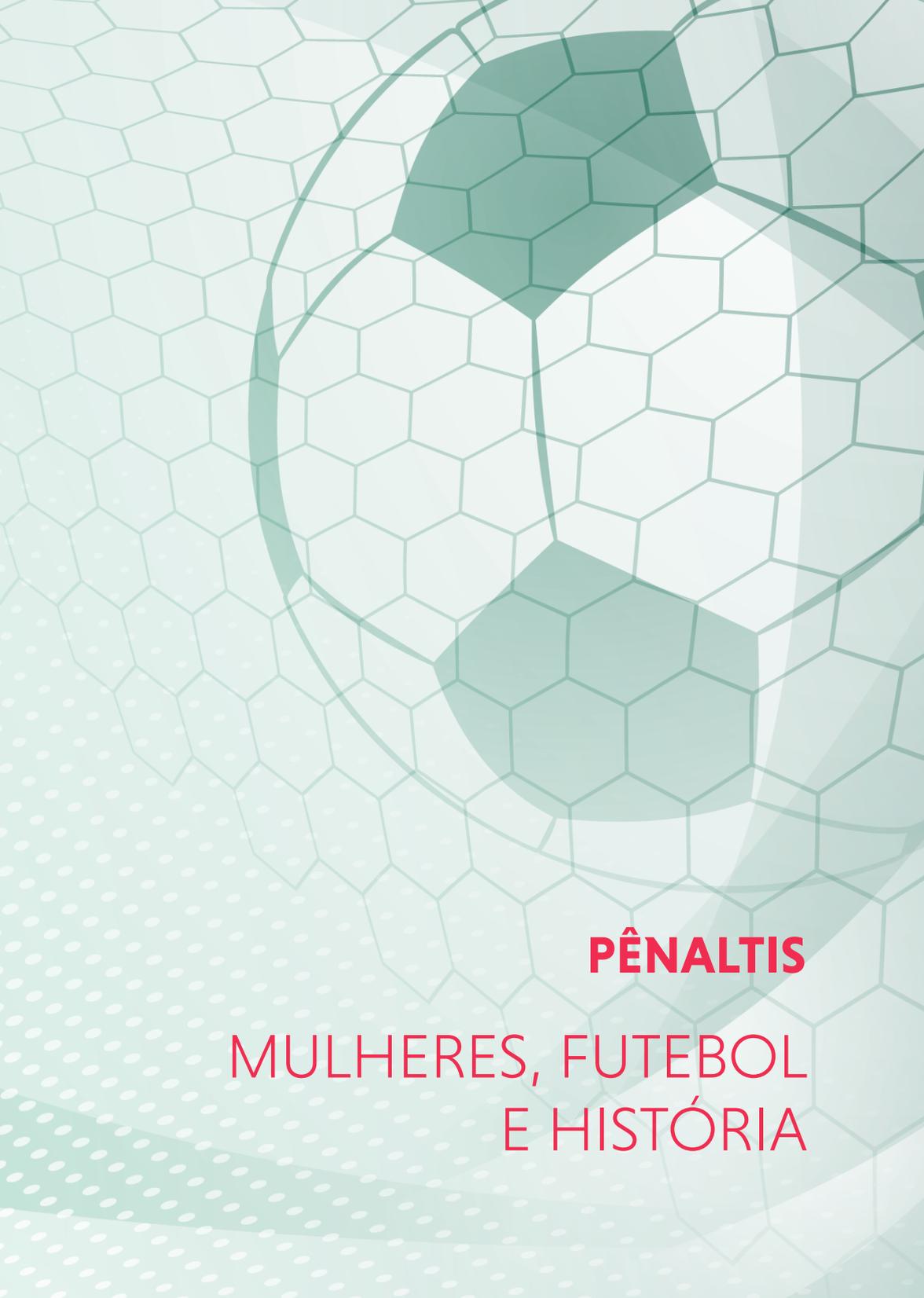
SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica* (C. R. Dabat & M. B. Ávila, Trans.). Nova Iorque, Columbia University Press, 1990.

TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas, Autores Associados/ANPOCS, 1996.

WERTHEIN, Jorge. *Esporte e Sociedade: ações socioculturais para a cidadania*. São Paulo: IMK Relações Públicas, 2004.

WITTER, José. *O que é futebol?* São Paulo, Ed. Brasiliense, 1990.



**PÊNALTIS**  
MULHERES, FUTEBOL  
E HISTÓRIA

## CAPÍTULO 13

### “UMA VERDADEIRA ONDA DE ADMIRADORES E ADMIRADORAS” AS IMAGENS DAS MULHERES NAS COMPETIÇÕES SUBURBANAS DE FUTEBOL (1907-1941)

GLAUCO JOSÉ COSTA SOUZA<sup>1</sup>

---

#### INTRODUÇÃO

A participação das mulheres no futebol brasileiro vai muito além da sua prática e pode ser percebida em diversos momentos da história desse esporte no Brasil. Todavia, nem sempre ao longo desse trajeto podemos perceber este processo sendo feito de forma justa. A vedação à prática futebolística pelas mulheres entre as décadas de 1940 e 1980 é um bom exemplo disso, mas não o único.

O desenvolvimento do esporte bretão no Rio de Janeiro pode ser registrado desde o começo do século XX e, no caso carioca, acompanhou de perto as dinâmicas da cidade e as formas como foram estabelecidas as relações de sociabilidade. Com a expansão de homens e mulheres para os subúrbios, por exemplo, o futebol passou a ser também jogado nessas áreas (SOUZA, 2018).

---

<sup>1</sup> Doutorando em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: glauco.josecosta@hotmail.com

A possibilidade para analisarmos as regiões suburbanas da Capital Federal e a sua relação com o desenvolvimento esportivo surgiram a partir daí, o que não excluía a presença das mulheres em uma prática majoritariamente masculina. Por apresentar essa configuração, a participação delas estava condicionada às visões da época acerca do seu papel social.

Ainda que seja dos anos 1930 e 1940 a organização de equipes de futebol de mulheres de forma regular, isto não exclui sua participação nas décadas precedentes. A pesquisadora Aira Bonfim nos mostra isto em sua dissertação de mestrado que tem como fontes jornais, revistas, acervos iconográficos institucionais e pessoais. Segundo ela, havia o “envolvimento de diferentes grupos sociais de mulheres que aderiram à prática, em diversos momentos históricos, desempenhando distintos papéis” (BOMFIM, 2019, p. 6) e que pode ser visto nos espaços “das festas esportivas, dos picadeiros circenses e dos campos suburbanos do Rio de Janeiro” (BOMFIM, 2019, p. 6).

Nosso trabalho segue essa linha e busca aprofundar algumas discussões sobre as imagens das mulheres que fora construída em torno das práticas esportivas suburbanas, especificamente no futebol. Por ser controlado majoritariamente por homens, não foram poucas as alusões à figura feminina e sua participação nas arquibancadas.

Partindo de alguns discursos construídos pela imprensa, buscamos traçar as imagens construídas em torno das mulheres no futebol suburbano. A escolha dos jornais como fontes de pesquisa ocorreu por neles ser possível perceber as intenções em determinados discursos, já que, muitas vezes, os periódicos oferecem uma visão

parcial e subjetiva dos fatos a que se referem, permitindo enxergar as limitações e possibilidades da época.

Não obstante, nossa análise não ficará restrita ao senso hegemônico do período. Buscaremos também demonstrar que desde os primeiros momentos do futebol e antes de sua prática ser sistematizada entre as mulheres, é possível encontrar manifestações que fogem à regra predominante de vedação à prática futebolística feminina. Essas são exemplos que não mudam a regra machista em torno da qual o futebol brasileiro foi estruturado, mas permitem refletir sobre as exceções que surgiram ao longo da história.

## OS SUBÚRBIOS DO RIO DE JANEIRO

O conceito do que vem a ser Subúrbios é importante para nos ajudar a delimitar a área em que estamos trabalhando. Segundo Giancarlo Livman Fabretti (2013), o subúrbio pode ser definido como “a área do entorno metropolitano no qual a classe trabalhadora proletarizada foi se estabelecer” (FABRETTI, 2013, p. 09). Essa definição vem ao encontro do que também analisa Maurício de Almeida Abreu (2010) ao ressaltar o fato de as regiões suburbanas terem sido ocupadas pelas camadas pobres da população carioca a partir das Reformas de Pereira Passos, as quais direcionaram um grande contingente da população carioca para os subúrbios.

Para a geógrafa Elizabeth Dezouart Cardoso, subúrbio pode ser definido como a área na cidade do Rio de Janeiro situada “em torno dos caminhos das estradas de ferro, englobando dezenas de bairros onde se localizavam moradias da maior parte as camadas de baixa

renda” (CARDOSO, 2014, p. 238). A pesquisadora destaca que, originalmente, o termo referia-se à área distante do Centro e com pouca densidade populacional, mas no caso do Rio de Janeiro a força desse termo foi tamanha que provocou um deslocamento para vinculá-lo a indivíduos de menor poder aquisitivo.

O trabalho de Leonardo Soares dos Santos corrobora este sentido ao destacar que “ainda na década de 1890, o subúrbio era habitado predominantemente por uma pequena classe média composta em sua maioria por funcionários civis e militares de baixo escalão, comerciantes e alguns operários” (SANTOS, 2015, p. 74), pois esses indivíduos podiam arcar com as despesas de traslado para o Centro da cidade. Não obstante, principalmente após as Reformas de Pereira Passos, essas regiões receberam um afluente de gente pobre que modificou o significado de seu termo. Segundo este autor, a modernização da Capital foi um fator que contribuiu para essa mudança, já que a urbanização, o saneamento e o alargamento das principais vias do Centro da cidade e da nascente Zona Sul davam às demais regiões suburbanas um aspecto rural, devido também à grande presença de fazendas, sítios e outros espaços agrícolas naquelas regiões. Contudo, essas paisagens também sofreram modificações nesse processo.

A valorização imobiliária ocorrida na área central do Distrito Federal não deixaria isentas suas áreas adjacentes, isto é, à medida que o preço do terreno foi aumentando e o número de cortiços, diminuindo, muitos moradores não tiveram como se manter nessa região. Alguns ocuparam os morros do Centro, mas outros não tiveram escolha a não ser buscar em localidades alternativas moradias mais condizentes com o seu poder aquisitivo. Assim, as áreas rurais

do que hoje se considera Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro se tornaram um grande polo de atração para essas pessoas, ao passo que para os donos desses terrenos também se tornara mais rentável dividi-lo em lotes a serem vendidos ou alugados.

Dessa forma, podemos perceber que no período que antecedeu a Reforma Urbana de Pereira Passos, os Subúrbios eram vistos como regiões em que “espessas matas de árvores gigantescas desenrolam-se às nossas vistas e suas garimpas parecem querer tocar no firmamento” (A VIDA...,1902, p. 3) – destacamos que optamos por reproduzir a fonte com a mesma grafia da época em que foi escrita. Posteriormente, essas belíssimas matas assim descritas deram lugar à alcunha de “Mato Grosso” (EM PROL...,1907, p. 02) ou “Sertão” (FERNANDES, 1995) e a região passou a apresentar aspectos bastantes diferenciados do que se via até então e que não se restringem apenas às questões físicas, mas também culturais. Com o deslocamento populacional mais intenso do Centro para este entorno da Capital Federal, algumas práticas outrora possivelmente restritas a uma região puderam se expandir para outras localidades. O esporte é um bom exemplo disso, dentro do qual destacamos o futebol.

### O FUTEBOL NOS SUBÚRBIOS

O futebol surgiu no Rio de Janeiro ligado à elite carioca, assim identificada como camada social composta por indivíduos de maior poder aquisitivo e reconhecimento social, todavia não ficou restrito a apenas um tipo de extrato das diversas camadas sociais ali presentes, bem como não se manteve preso a uma região específica. Por ter características

diversas de outros esportes da época, como o remo e o turfe, o futebol se inseriu mais facilmente nos hábitos das camadas médias e pobres, parcela considerável na composição socioeconômica da população que habitava os subúrbios cariocas, como indicaram Abreu (2010) e Fabretti (2013) ao estudarem o processo de ocupação dessas regiões.

A fundação de clubes como o Fluminense *Football Club*, na região das Laranjeiras, em 1902, tal qual do Botafogo *Football Club*, em 1904, por moradores de Botafogo, apontam para uma presença mais forte da prática futebolística naquelas localidades. Entretanto, não foi só ali que tal processo se desenvolveu. Em 1903, foi fundado o *Football & Athletic Club* por moradores do Andaraí (ASSAF; MARTINS, 2010). Mesmo mudando seu nome em para Associação Athletica Internacional, este clube estava longe de ser o único da região, já que em 1909 teve início a existência do Andarahy *Athletico Club*, tendo por objetivo “promover e facilitar o desenvolvimento *physico* de seus associados por meio dos *sports* atléticos em geral e, em particular, do futebol” (SANTOS JÚNIOR, 2012, p. 53). Tão denso quanto a composição social do espaço em que estava inserido, também era o quadro de associados do Andarahy, o qual continha a presença dos administradores e dos dirigentes da Fábrica Cruzeiro e não impunha restrições à participação dos proletários ali presentes (SANTOS JÚNIOR, 2012, p. 113).

A partir de 1906, é possível identificar a criação de diversos clubes nos arredores da região central do Rio de Janeiro. No bairro do Sampaio, por exemplo, foi fundado em 17 de junho o Sampaio *Football Club*. Um mês antes, mais precisamente em 3 de maio, surgiu o Pedregulho *Football Club*, na região de Benfica. Estes clubes tinham em comum o fato de serem fundados nas regiões suburbanas

do Rio de Janeiro. A existência de equipes de futebol em uma determinada região é um dos indicativos a respeito da difusão de sua prática. Nesse sentido, a criação de clubes como o Andarahy é de grande relevância, bem como a fundação do Athletic Manguera *Club* feita “por grande número de rapazes fortes e conhecedores desse salutar *sport* [futebol]” (FOOTBAL...,1907, p. 03) ou do *Sport Club* Manguera, da região da Tijuca, em 27 de julho de 1906.

Se por um lado o surgimento de instituições esportivas nos permitem identificar o crescimento dos esportes nas regiões em que elas são fundadas, a criação de uma competição a ser disputada por aquelas agremiações é uma evidência ainda maior dessa hipótese. A Liga Suburbana de Futebol, campeonato que oferecia prêmios para os 1º e 2º times, teve início em 05 de maio de 1907 e, sob a presidência do sr. Augusto José Teixeira, contou com uma comissão para a elaboração da lei orgânica da confederação das sociedades suburbanas nos mesmos moldes do que ocorria com a Liga Metropolitana de *Sports Athleticos* (LMSA) (LIGA...,1907, p. 03). A atitude dessa comissão, que teve Arnaldo Joppert como vice-presidente e Luiz Maia como tesoureiro, provocou, na visão do jornal *Gazeta de Notícias*, “bela impressão nos subúrbios, porque o *football* só terá a lucrar com a ideia em boa hora lembrada e posta em prática pelas ditas sociedades” (FOOTBALL NOS..., 1907, p. 04).

A criação da Liga Suburbana foi realizada pelos clubes Riachuelo F.C. e Nacional F.C. (fundado em 1º de agosto de 1906), ambos do bairro Riachuelo, Sampaio F.C. (fundado em 17 de junho de 1906), do bairro homônimo e S.C. Manguera (fundando em 27 de julho de 1906), do bairro da Tijuca. Sua edição inaugural contou com a participação dos

times fundadores e do Pedregulho F.C (fundado em 3 de maio de 1906). Um ponto que gostamos de chamar a atenção nesse ponto é a relação identitária entre os clubes suburbanos e os bairros onde foram criados, ao ponto de alguns, inclusive, trazem a mesma denominação.

Segundo Lysia M. C. Bernardes, os bairros suburbanos são a configuração resultante da expansão ferroviária que deu origem aos núcleos suburbanos (BERNARDES; SOARES, 1990). Entre os muitos bairros que surgiram nessas regiões, nenhum foi concebido de forma planejada, mas sim, como no caso da maioria das cidades brasileiras, “ao sabor das circunstâncias do momento, resultando o traçado, no mais das vezes, de adaptações dos sítios difíceis” (BERNARDES; SOARES, 1990, p. 86). Os bairros suburbanos, mais do que uma delimitação geográfica, se tornaram elementos identitários dos seus moradores, principalmente após as Reformas de Pereira Passos. Segundo Maria Therezinha de Segadas Soares:

A noção de bairro é uma noção de origem popular, tirada da linguagem corrente. Para o habitante de uma cidade constitui, no interior da mesma, um conjunto que tem sua própria originalidade. Apesar de administração municipal se aproveitar muitas vezes dessa noção para com ele rotular as circunscrições administrativas em que a cidade está dividida, não há, na maioria dos casos, coincidência entre a noção popular do bairro e as pequenas unidades administrativas ou fiscais. [...]

A noção popular de bairro é muito mais geográfica, mais rica e mais concreta. Ela se baseia num sentimento coletivo dos habitantes, que têm a consciência de

morarem em tal ou qual bairro. Esse reconhecimento global, que cada um tem de residir em determinado bairro, é fruto da coexistência de uma série de elementos, que lhe dão originalidade, uma individualidade, em meio aos outros bairros que o cercam (BERNARDES; SOARES, 1990, p. 105-106).

As relações identitárias estabelecidas nos bairros suburbanos buscavam diferenciar uns dos outros, isto é, destacar que cada região possuía características próprias, o que impede de caracterizar os subúrbios como um espaço monolítico. Por outro lado, os suburbanos possuíam entre si características que os aproximavam e, principalmente, os diferenciavam dos moradores das regiões Central e Sul.

As características objetivas que podem aproximar os subúrbios dos sertões estão associadas à escassez dos aparatos urbanos e recursos técnicos disponíveis naquele momento, a exemplo da falta de calçamento e iluminação pública, da precariedade em relação aos transportes, da ausência de saneamento básico, entre outros quesitos, que a partir do início do século XX ficaram restritos às áreas centrais do Rio de Janeiro, já prontamente modernizadas e civilizadas pela reforma de Pereira Passos (FERNANDES, 1995, p. 164).

A manifestação identitária dos subúrbios ocorria em diversos aspectos, como na denominação de sua principal competição futebolística criada em 1907: a Liga Suburbana de Futebol. Vista como uma consequência do desenvolvimento do futebol nas regiões

suburbanas, a competição era uma forma de sistematizar, isto é, ordenar e segmentar essa prática esportiva, pois não podemos esquecer que este é um período histórico no qual se buscava modernizar a cidade do Rio de Janeiro. Sua existência tem como marco inicial o ano de 1907 e conseguimos, apesar da escassez das fontes, encontrar vestígios de sua existência até a década 1920.

Importante destacar também que o fato de não ocorrer uma edição da Liga Suburbana está longe de significar a diminuição do futebol nos subúrbios cariocas, bem como ela não monopolizou a prática desse esporte na região. Clubes que não conseguiram ou mesmo não quiseram participar das suas edições continuavam jogando bola entre seus associados ou contra outras agremiações, como era o caso do Centro Sportivo do Engenho Velho.

Dia a dia mais se desenvolve no espírito da mocidade o gosto pelos sports que tanto têm concorrido para a resistência física e admirável robustez intelectual dos ingleses e americanos do norte. [...] No ex-Oriental Athletic Club e hoje Centro Sportivo do Engenho Velho, encontrarão as famílias do bairro Engenho Velho um centro de diversão e de desenvolvimento físico perfeito e completo para as crianças, rapazes e senhoritas desde que sejam estabelecidos todos os jogos ao ar livre de que cogitam os estatutos hontem aprovados (CENTRO..., 1907, p. 10).

A primeira edição da Liga Suburbana de Futebol, em 1907, teve como grande vencedor o Riachuelo, mas na seguinte o clube não quis continuar filiado à entidade. Longe de tal decisão significar uma

redução no desenvolvimento esportivo, o que se seguiu foi a concentração de suas atividades para atender aos interesses de seus sócios, que investiam financeiramente no clube para a construção de um campo próprio de futebol.

Vão muito adiantados os trabalhos da construção do ground desse club. O campo, que fica esplendidamente localizado em ângulo da rua Vinte Seis de Maio e Conselheiro Magalhães Castro, na estação Riachuelo, tem grande largura, maior comprimento. [...] Agora mesmo, no intuito de treinar os associados, visto como desligouse da Liga Suburbana, este club acaba de instituir o Campeonato Jupyra que será disputado annualmente somente pelos teams compostos de seus associados. Bravos ao Riachuelo! (RIACHUELO..., 1908, p. 8).

Apesar disso, precisamos destacar que o desenvolvimento esportivo suburbano foi feito em alinhamento às condutas sociais vigentes no Rio de Janeiro durante o primeiro quartel do século XX. Embora sua prática se desse em uma região composta majoritariamente por indivíduos de menor poder aquisitivo, ainda havia elementos excludentes, semelhantes aos encontrados na Liga Metropolitana de *Sports Athleticos* (LMSA), que deu origem ao que hoje consideramos o Campeonato Carioca de Futebol.

A elite estava presente no futebol suburbano. A apropriação que a elite carioca fez do futebol, isto é, o modo de fazer uso de tal prática, transcendia os limites geográficos da Capital da República, pois grupos aristocráticos estavam presentes em diversas localidades. Nos

subúrbios, por exemplo, eram eles os donos dos imóveis alugados e que haviam se valorizado com o aumento da demanda após o início da Reforma Urbana de Pereira Passos, bem como donos de comércios e fábricas.

Estes sujeitos, vivendo em um período no qual a cidade se modernizava, também buscaram participar dessa experiência. Se por um lado tal conjuntura contribuiu para o desenvolvimento futebolístico, o mesmo aconteceu de forma diferenciada a depender dos agentes sociais envolvidos, ao ponto que, para os menos abastados, ele podia ser praticado durante um horário qualquer em terrenos baldios ou mesmos nas vias públicas.

O próprio processo de urbanização e reforma da cidade do início do século XX foi decisivo para a difusão do futebol pelos subúrbios cariocas. A expansão urbana levava a população de baixa renda para os subúrbios, com espaço suficiente para a improvisação dos campos de futebol (SANTOS, 2008, p. 05).

Para os aristocratas o esporte deveria acontecer cercado de ritos que lhe dava características próprias e diferenciadas de outros sujeitos. Era preciso fazê-lo respeitando alguns códigos compatíveis com a sua posição dentro da hierarquia social da época, como, por exemplo, com a utilização de instrumentos típicos desse esporte que não era acessível a todos, dada à necessidade de possuir condições financeiras para tanto. Assim, entre estes, a aquisição de “artigos ingleses, calçados, bolas, caneleiras, bombas” (FOOTBALL, 1903, p. 01).

O historiador Leonardo Affonso de Miranda Pereira resume bem este aspecto ao comparar que o que se via na elite carioca era o desejo de ser moderno e se aproximar do que enxergavam do europeu.

A técnica reproduzida dos ingleses tornava-se ao mesmo tempo um grande critério de exclusão – ajudando a fazer do futebol um jogo restrito àqueles poucos conhecedores dos seus ditames – e um meio de definição de uma imagem moderna e sofisticada para os sócios dos clubes futebolísticos cariocas (PEREIRA, 2000, p. 39).

Na Liga Suburbana, estes elementos também se fizeram presentes nos regulamentos de algumas de suas edições, como em 1919, quando para fazer parte do torneio era necessário, entre outras coisas, “ter uma sede social e um campo ou local apropriado à prática do desporto” (A SUBURBANA..., 1919, p. 04) e haver pagado “a importância de 50\$000, valor da joia exigida” (A SUBURBANA..., 1919, p. 04).

O acesso a campos propícios para a prática futebolística não era algo que fazia sentido apenas do ponto de vista simbólico para as regiões suburbanas. Eles eram necessários para uma boa exibição dos jogadores, sendo a sua má qualidade um desrespeito aos regulamentos da Liga Suburbana (LIGA SUBURBANA...1907, p. 07), bem como também eram vistos como importantes fontes de renda quando alugados para clubes que não o possuíam.

O aluguel de campo era um fator de renda relevante também no futebol suburbano. Clubes em melhores condições estruturais cediam seus *grounds* para que outros pudessem mandar seus jogos. Em sua maioria, estes espaços estavam localizados próximos

às estações de trem, seguindo o caminho da própria configuração geográfica dessas regiões. O Engenho de Dentro *Athletico Club* tinha seu campo próximo à estação de Engenho de Dentro, assim como o Bomsucesso *Football Club*, que também tinha o seu perto da estação de trem de Bomsucesso (SANTOS, 2010, p. 103).

O Andaray *Athletico Club*, de quem falamos anteriormente e que era ligado à Fábrica Cruzeiro, possuía um campo próprio para a realização de seus jogos, graças ao apoio de empresários. Uma vez erguido, essa estrutura passou por reformas, mas já na década de 1920 o seu aluguel era considerado uma importante fonte de renda para o clube suburbano. Em 1922, o Andarahy *Athletico Club* fazia questão de cobrar pela utilização do espaço.

Illmo. Sr. Presidente do America Fabril *Foot-ball Club*.

Presente,

Em resposta ao officio de V.S. Cumpre-me informar que a Directoria desse Club resolveu cobrar a importância de Rs. 50\$000 (cinquenta mil réis) por cada jogo no presente campeonato desse grêmio. Aproveito a oportunidade para fazer sentir a V.S., que por motivos financeiros, exclusivamente, foram a razão que determinamos a Directoria a estipular a taxa supra. Sem mais, sou com estima e subida consideração. (Ass.) Mario C. Bacellar  
1º Secretario (ALUGUEL..., 1922, p. 5).

Embora tenha se desenvolvido nos subúrbios cariocas, o futebol cresceu em torno dos senso comuns de sua época que estavam – e ainda estão – presentes nas diferenças de gênero dos seus praticantes.

## AS MULHERES NO FUTEBOL

A mulher dentro do universo futebolístico se faz presente, no Rio de Janeiro, desde os primeiros chutes, mas o lugar que ela ocupou variou bastante ao longo do mais de um século que este esporte é praticado. Se pensarmos sobre o prisma de ser preciso haver uma “autorização oficial” para que elas pudessem jogá-lo, temos o ano de 1983 como o marco histórico (SILVA, 2015). Todavia, assim como para o futebol entre os homens, as datas e os responsáveis pelo nascimento esportivo são objetos de disputa por meio de discursos de agentes sociais em conflito, razão pela qual podemos encontrar a partir das pesquisas recentes a prática futebolística entre as mulheres desde a década de 1910.

Victor Melo (2007) enfatiza que a participação da mulher no universo esportivo sempre ocorreu, mas não nas mesmas funções. No turfe, por exemplo, esporte bastante disseminado no Rio de Janeiro durante o século XIX, a imprensa as colocava como parte do público que acompanhava as corridas de forma bastante animada, bem como também é possível encontrar registros de que atribuem a elas a decoração das arquibancadas. Ao mesmo, também há registros de praticantes desse esporte. Seu lugar, ainda assim, é majoritariamente acessório.

Percebemos, a partir de então, que é possível encontrar exceções a essa conjuntura. O mesmo pesquisador relata que há registros, ainda que em número reduzido, de atletas praticando esgrima, tiro ao alvo, críquete, atletismo, hipismo e até mesmo o remo, outro esporte muito ligado à figura masculina. Embora sejam atividades físicas, o quantitativo de mulheres que o fazia não é suficiente para eliminar a

imagem machista das práticas esportivas no início do século XX no Rio de Janeiro, ou seja, a exceção aqui só confirma a regra.

Um momento em que tal cenário fica evidente é a participação da mulher nas festas esportivas. Vistos como momentos de lazer, de confraternização, estes eventos contavam com atividades variadas em que envolviam a participação de crianças. O caráter lúdico e amistoso prevalecia, apesar das premiações e dos destaques dados aos vencedores, sendo, curiosamente, este o momento em que identificamos a participação em grande quantidade das mulheres no final do século XIX e início do XX.

A pesquisadora Aira Bonfim, por sua vez, ingressa nessa discussão trazendo um elemento novo e de grande relevância: a tentativa de criação de um time de mulheres em Vila Isabel, no ano de 1912. Segundo ela, não há fontes que comprovem o sucesso da iniciativa, mas sim indícios que denotam a “existência de um *team* de garotas nas festas esportivas de Villa Izabel” (BOMFIM, 2019, p. 54).

A sociedade esportiva brasileira dos anos 1900 não se mantinha completamente alheia ao debate sobre a participação da mulher no esporte. Um exemplo interessante para isso é o surgimento de jogadores travestido de mulheres em partidas amistosas e ou festivas (BONFIM, 2019). Ao mesmo tempo, times formados por jogadoras se exibiam em festivais, como nos bairros do Flamengo e do Catumbi.

O jogo de mulheres representantes do Hélios Athletic Club figura-se entre os mais antigos marcos introdutórios do futebol feminino no Brasil, antes mesmo do episódio apresentado em São Paulo, entre Tremembeenses

e Cantareirenses, em 1921. O debate público sobre esportes e mulheres aumentou exponencialmente na década de 1920. Mesmo notícias sobre o futebol de mulheres que acontecia em outros países passaram a ser divulgados pela imprensa nacional já no final da década (BONFIM, 2019, p. 64).

Há, nesse momento, um deslocamento pequeno da mulher que se limitava a decorar as arquibancadas para o campo esportivo, mas ainda assim restrito à excepcionalidade, ao caráter acessório do esporte majoritariamente controlado pelos homens. O Clube de Regatas Vasco da Gama, bastante conhecido junto ao público carioca em 1923, quando se sagrou campeão pela primeira vez na divisão principal da Liga Metropolitana (o atual Campeonato Carioca da 1ª divisão), possuiu um “*team* feminino fundado por torcedoras para disputar o campeonato” (CLUB..., 1923, p. 16), mas sem que possamos identificar que torneio seria esse e, principalmente, se houve a sua realização.

## O FUTEBOL E A INDÚSTRIA DE LAZER

O futebol surgiu como parte de uma indústria de lazer em expansão no Rio de Janeiro e, por isso, dialogou frequentemente com os demais divertimentos modernos que apareciam, em especial com o teatro e o circo. Ambas as atividades têm em comum o fato de serem ações lúdicas feitas para o divertimento do público, mas, ao mesmo tempo, precisavam trazer elementos que pertencessem ao cotidiano desses grupos, como a prática futebolística.

Nesse sentido, o trabalho de Aira Bonfim sobre o “Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)” se coloca como uma das grandes novidades da historiografia brasileira sobre o tema. Por meio dele podemos identificar como se deu essa aproximação entre o futebol jogado por mulheres e a sua inserção nos festivais artísticos esportivos, os quais muito se assemelham às festas que, excepcionalmente, traziam tal atração e, principalmente, permitam a prática do esporte por aquelas que passavam a maior parte do tempo nas arquibancadas.

O conjunto de fontes apresentadas nos faz supor que as atrações intituladas “Football Feminino” e performada por atrizes mulheres contribuíram ao longo da década de 1930 para a popularização da imagem de mulheres jogando futebol. O palco oferecido pelo picadeiro dava vista a um intercâmbio cultural do que existia de melhor em cada lugar do mundo e do Brasil, e entre essas opções foi oferecido ao público a exibição de um futebol praticado por mulheres. Todavia, esse futebol, o esporte reconhecidamente em voga em todo o território nacional, quando praticado por elas, com mais ou menos intenção técnica, não passava de uma atração, uma brincadeira, um chiste ou faz de conta (BONFIM, 2019, p. 110-111).

A falta de relação entre as jogadoras e os movimentos feministas existentes no período ajudam a entender os motivos que permitiram essa caracterização ao futebol praticado por mulheres no início do

século XX. Dessa forma, foi como atração que a iniciativa passou a se inserir nos subúrbios cariocas, seja para a presença delas dentro de campo ou fora das quatro linhas.

Clubes tradicionais dos subúrbios cariocas tinham mulheres jogando futebol, como foi o caso do Brasil F.C e do River F.C, tendo inclusive a presença de jogadoras negras. Bonfim considera que tais ações foram pioneiras no enfrentamento e na exposição do futebol de mulheres para o público, ao mesmo tempo em que observa as barreiras da época sendo erguidas de maneira cada vez mais forte. Para os que não concordavam com a prática do futebol de mulheres, a colocavam “como uma ameaça à masculinidade, uma vez que deslocava os papéis sociais da época, como, por exemplo, as obrigações ditas femininas representadas nos desenhos de um bebê e um avental” (BONFIM, 2019, p. 172).

A partir de 1941, o Conselho Nacional de Desportos referendou essa perspectiva por meio do Decreto-Lei nº 3.199 ao estabelecer que os “desportos violentos e não adaptáveis ao organismo feminino” (OS JOGOS..., 04/07/1941, p. 14) estavam proibidos de serem praticados pelas mulheres. Com isso, há a ruptura de um período de tensionamento a partir do futebol de mulheres para uma época em que essa prática, para sobreviver como sobreviveu, deveria ser feita de maneira clandestina.

## AS MULHERES NO FUTEBOL SUBURBANO

No futebol suburbano, as mulheres participaram das disputas em torno das experiências futebolísticas. Como mostramos a partir do

trabalho de Bonfim (2019), havia clubes permitindo que jogassem, mas na maior parte das vezes isto se deu dentro de um futebol lúdico e submisso às regras masculinas. Como Victor Melo (2007) apresenta, a própria prática do esporte nos eventos circenses traz consigo a vinculação a grupos sociais constantemente estigmatizados.

Dessa forma, perdurou majoritariamente (mas não em caráter exclusivo) nas regiões suburbanas a visão das mulheres como agentes pertencentes às arquibancadas por serem admiradoras dos clubes esportivos (MODESTO...,1918, p. 10). Em alguns casos, a imprensa dava destaque à quantidade do público feminino presente, chegando a atribuir a elas o maior número das pessoas que nas arquibancadas, como no duelo entre Engenho de Dentro 6 x O Modesto pela Liga Suburbana de *Football* de 1921. Segundo o jornal *O Paiz*, nem mesmo o mau tempo assim caracterizado por uma chuva torrencial que caiu naquele dia afastou a “numerosa assistência, na qual predominava o sexo gentil” (ENGENHO...,1919, p. 06) do campo dos Fantasmas Azuis.

O interesse das mulheres pelos jogos do Engenho de Dentro ou mesmo no seu campo nesse período é bastante pertinente, pois, quase uma década depois, se tornaria o local onde ocorreu “as organizações dos primeiros festivais de futebol com a participação das equipes femininas suburbanas no início da década de 1930” (BONFIM, 2019, p. 118).

Apesar disso, o futebol suburbano se caracterizou majoritariamente por apresentar as mulheres como parte do público que acompanhava os eventos esportivos e que o enriqueciam com a beleza típica do “bello sexo”, expressão que define a submissão à lógica de

reconhecimento e aprovação masculina, como assinala Victor Melo (2007). Tanto fora, quanto dentro do campo, as mulheres deveriam seguir ritos específicos e determinados para ela, como as vestimentas adequadas.

Há uma preocupação no período para que meninas sejam vistas como femininas, como uma categoria finita e fechada e, por essa razão, as suas próprias vestimentas não deveriam ferir essa feminilidade. Usa-se saia, vestidos e sapatilhas entre as competidoras das festas esportivas e não as mesmas roupas dos atletas – que por vezes tendiam à exposição pública do corpo (DONNELL, 2013, 154-157). As indumentárias esportivas femininas passaram a ser produzidas e vendidas apenas em 1920, já adequadas às modalidades esportivas em ascensão para mulheres. Roupas para velejadoras, tenistas, nadadoras e ciclistas começaram a ser vendidas nas lojas de departamentos esportivos. Além do contorno, tais produtos conferiam aos itens o *status* de elegância à altura de suas consumidoras, assim como a adequação de performance pública moralmente apropriada para esse corpo feminino (SOARES, 2017) (BONFIM, 2019, p. 51-52).

A segmentação a partir da roupa é um ponto que também traz distinções socioeconômicas, o que, nesse quesito, aproxima o futebol de mulheres da sua variante masculina. O conhecimento das regras do jogo era essencial entre os *sportsmen*, bem como a utilização de instrumentos típicos desse esporte que não era acessível a todos, dada à necessidade de possuir condições financeiras para tanto. Assim, entre estes, a aquisição de “artigos ingleses, calçados,

bolas, caneleiras, bombas” (FOOTBALL, 1903, p. 01) e de um livro contendo as regras do futebol, como os que eram comercializados pela Casa Clark, se tornou um fator de diferenciação.

A vinculação de produtos como condição necessária para participar de uma atividade esportiva também pode ser vista como uma característica socialmente excludente. A representação dos *sportsmen* bem trajados com indumentárias específicas para os esportes estava presente na infância e acontecia desde a tenra idade. A revista *A Essação*, em 1900, descrevia como um jovem deveria se vestir para o momento de se exercitar.

Costume para Sport (calção, camisa de sport, jaqueta aberta) para meninos de 13 a 15 annos – Calção de caze-mira azul ou branca, jaqueta de flanela lawn tênis lisrada azul e branco como forro de extrafort, adiante, fazendo dupla forrada de entretela sobre 13 cent. Collarinho recortado. Algibeiras pospontadas. Camiza de flanela branca com collarinho deitado e gravata marujo azul; cinto de sport azul; gorro de jockey de duas cores, meias azues e sapatos brancos (ROUPAS..., 1900, p. 8).

Ainda assim, se para o grupo com capacidade financeira de adquirir estes instrumentos a sua utilização fazia parte de um ritual social, no qual se diferenciavam dos que não podiam, os excluídos, por sua vez, davam um novo significado a isso por meio de sua postura e conduta em eventos esportivos. Não necessariamente, valeram-se do oposto ao que era visto em grupos mais endinheirados, como fica evidente na semelhança a respeito do futebol praticado por

mulheres, porém, criaram alternativas para reproduzirem também a prática esportiva.

### CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

A participação das mulheres no futebol, sobretudo no seu desenvolvimento suburbano do Rio de Janeiro, foi limitada pela visão da época. Houve, como indicamos a partir das leituras dos trabalhos de Victor Melo e Aira Bonfim a atuação delas no que consideramos prática esportiva, mas ainda bem aquém e restrita ao que se permitiu. Todavia, quando se aproxima dos anos 1940, em que se verifica uma maior difusão devido à criação em larga escala dos clubes femininos, o Estado decide acabar com o embate criando um instrumento legal para vedar a livre prática esportiva pelas mulheres.

Ao comentar uma questão do ENEM 2020 o presidente da República do Brasil, em 2021, Jair Messias Bolsonaro (Sem Partido) afirmou que o Estado não é responsável pela desigualdade entre os homens e as mulheres em torno do futebol. Segundo o mandatário, o que causa essa realidade são as regras da iniciativa privada, a qual remunera de maneira exacerbadamente melhor os jogadores masculinos em detrimento das atletas.

Pelo recorte que analisamos da história do futebol feminino, a afirmação presidencial em excluir a responsabilidade do Estado não se sustenta. O peso que o decreto o Decreto-Lei 3.199, de 1941, teve para sufocar a liberdade esportivas das mulheres foi tamanho que suas consequências são sentidas atualmente, por exemplo, na diferença de remuneração entre Marta e Neymar.

Apesar disso, não podemos ignorar o que as fontes históricas indicam a respeito da visão que se tinha sobre a mulher dentro do esporte no início do século XX: a mulher era considerada um elemento decorativo, alegórico e que deveria, essencialmente, abrilhantar com sua beleza as arquibancadas. Essa concepção acompanhou aqueles que jogaram o futebol entre a elite carioca, bem como os suburbanos, ainda que nesse caso seja possível encontrar maiores participações delas como sujeitos ativos dentro do campo esportivo – e não apenas fazendo parte da assistência que acompanhava os jogos

Dessa forma, conseguimos enxergar motivos históricos que fizeram o futebol praticado por mulheres chegar ao século XXI com visões e estereótipos semelhantes aos apresentados pelo Presidente da República, mas que, por outro lado – e este é o ponto principal – trazem novos elementos que nos permitem atribuir atenção ao esporte e, como na iniciativa desse livro, contribuir para a sua disseminação e difusão na sociedade brasileira.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPP, 2010;

ASSAF, Roberto e MARTINS, Clovis. *História dos Campeonatos Cariocas de Futebol – 1906/2010*. Rio de Janeiro: Maquinária, 2010.

A SUBURBANA. *O Imparcial*. Rio de Janeiro, p. 4, 1919.

ALUGUEL. *O Exemplo: Órgão da Associação dos Operadores da América Fabril*. Rio de Janeiro, p. 5, 1909.

A VIDA nos subúrbios. *Progresso Suburbano: órgão noticioso, recreativo e litterário*. Rio de Janeiro, p. 3, 1902.

BERNARDES, Lysia M. C. e SOARES, Maria Therezinha de Segadas. *Rio de Janeiro: Cidade e Região*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura. Departamento Geral de Doc. e Inf Cultural, 1990.

BONFIM, Aira. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)*. Dissertação (Mestrado) – Escola de Ciências Sociais, Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.

CARDOSO, Ellizabet Dezouzart. Representações e identidade na cidade na primeira metade do século XX – Os Subúrbios Cariocas. *URBANA*, v. 6, n<sup>o</sup> 9, ago-dez, 2014 – *Dossiê: Dimensões Simbólicas das Intervenções Urbanas* – CIEC/UNICAMP.

CENTRO Sportivo do Engenho Velho. *Jornal do Brazil*. Rio de Janeiro, p. 10, 1907.

CLUB de Regatas Vasco da Gama. *Careta*. Rio de Janeiro, p. 16, 1923.

EM PROL dos subúrbios. *O Suburbio*: jornal independente, noticioso, litterario e consagrado aos interesses locais. Rio de Janeiro, p. 1, 1907.

ENGENHO de Dentro derrota facilmente a equipe do Modesto pelo score de 6 x 0. *O Paiz*. Rio de Janeiro, p. 6, 1919.

FABRETTI, Giancarlo Livman. *A metropolização vista do subúrbio: Metamorfoses do trabalho e da propriedade privada na trajetória de São Caetano do Sul*. Tese (Doutorado em Geografia). São Paulo: USP, 2013.

FERNANDEZ, A. C. F. *Assim é meu subúrbio: o projeto de dignificação dos subúrbios entre camadas médias suburbanas de 1948 a 1957*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.

FOOTBALL. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, p. 1, 1903.

FOOTBALL nos subúrbios. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, p. 3, 1907.

LIGA Suburbana. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, p. 3, 1907.

LIGA suburbana 4<sup>a</sup> prova Riachuelo F. Club – versus- Pedregulho F. Club. *O Paiz*. Rio de Janeiro, p. 7, 1907.

OS JOGOS dos campeonatos amadores. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, p. 14, 1941.

MELO, Victor Andrade. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). *Revista Brasileira de História*, São Paulo v. 27, n. 54, p. 127-152, 2007.

MODESTO x Cascadura. *O Paiz*. Rio de Janeiro, p. 10, 1918.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902 -1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RIACHUELO Football Club. *O Paiz*. Rio de Janeiro, p. 8, 1908.

ROUPAS. *A Essação*. Rio de Janeiro, p. 8, 1900.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. *O futebol na cidade do Rio de Janeiro: microcosmo dos mecanismos de poder e exclusão no processo de urbanização das cidades brasileiras (1901-1933)*. In *Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão*. ANPUH/SP – USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. *O processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro: dos subúrbios à Zona Sul. A inserção dos negros, mestiços e brancos pobres na economia da Capital Federal (1914-1923)*. *Leituras de Economia Política*, Campinas, (13): jan./jul. 2008.

SANTOS, Leonardo Soares dos. *De arrabaldes a subúrbios: a geografia social do Rio de Janeiro a partir dos seus cronistas*. *Locus: revista de história*, Juiz de Fora, v. 20, n. 2, 2015.

SANTOS JUNIOR, N. J. *A construção do sentimento local: o futebol nos arrabaldes de Andaraí e Bangu (1914-1923)*. Dissertação (Mestrado em História). Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

SILVA, Giovana Capucim. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1941-1983)*. 2015. 135 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SOUZA, Glauco José Costa Souza. *Adiantam-se bastante nos subúrbios: o desenvolvimento do futebol na região suburbana do Rio de Janeiro (1907-1924)*. Dissertação (Mestrado em História). Niterói: UFF, 2018.

## CAPÍTULO 14

### ENTRE A PROIBIÇÃO E A LEGALIZAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE O FUTEBOL DE MULHERES (1965-1979)

VICTOR HUGO GONÇALVES BATISTA<sup>1</sup>

#### INTRODUÇÃO

O futebol é um campo social no qual as desigualdades de gênero são nitidamente perceptíveis, tanto no que diz respeito aos atletas, como também em relação às pessoas que fazem parte do meio futebolístico de forma indireta, ou seja, indivíduos vinculados à direção dos clubes, comissão técnica, quadro de arbitragem e jornalistas (GOELLNER, 2005); KNIJNIK, 2006). Nesse sentido, conhecer as trajetórias do futebol feminino no Brasil ao longo do século XX pode ser útil para nos auxiliar a compreender essa dinâmica de desigualdades.

O objetivo central desse trabalho é realizar uma análise do futebol de mulheres<sup>2</sup> no cenário nacional, entre os anos de 1965 e 1979,

---

1 Mestrando em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. E-mail: victorhugobatista@id.uff.br

2 O termo futebol de mulheres vem sendo empregado por pesquisadores desse campo de estudos no lugar de futebol feminino, com o objetivo de valorizar as mulheres que fizeram e fazem parte do mundo futebolístico. Nancy Fraser (2013), em um debate sobre redistribuição e reconhecimento de gênero, propõe a aplicação de “remédios” afirmativos para corrigir efeitos desiguais de arranjos sociais sem abalar as estruturas e

sendo alguns jornais impressos do Rio de Janeiro a principal fonte de investigação, tais como o *Jornal do Brasil*, o *Jornal dos Sports*, o *Fluminense* e a *Tribuna da Imprensa*. Por meio da Hemeroteca Digital, plataforma de pesquisa da Biblioteca Nacional,<sup>3</sup> foi possível identificar com o termo de busca “futebol feminino”, os jornais que contaram com a aparição de notícias referentes ao tema de maneira mais significativa e dessa forma estabelecer o critério de seleção.

Em 1965, o Conselho Nacional de Desportos (CND), por meio da Deliberação nº 7,<sup>4</sup> proibiu explicitamente alguns esportes para mulheres, como o *rugby*, o polo aquático, lutas de qualquer natureza e o futebol. Já no ano de 1979, as leis proibitivas foram revogadas, e o futebol de mulheres foi legalizado. No entanto, os campos considerados oficiais não podiam receber jogos de futebol feminino e, além disso, os clubes associados às federações também não poderiam contar com equipes formadas por mulheres (ALMEIDA, 2013). Assim, a prática passou a ser legalizada mas continuou sendo inviabilizada, em função da falta de espaços e de oportunidades para que fosse desenvolvida.

Traçando um breve panorama, a presença das moças no futebol pode ser identificada já nas primeiras décadas do século XX.

---

de “remédios” transformativos a fim de corrigir efeitos desiguais por meio da remodelação da estrutura. Nesse sentido, o uso do termo futebol de mulheres pode ser visto como um remédio afirmativo, já que valoriza a presença das mulheres no universo do futebol. Diante disso, utilizaremos o termo futebol de mulheres em primeiro plano e futebol feminino em segundo plano.

3 Ver o site: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

4 Deliberação nº 7 do Conselho Nacional de Desportos. Disponível em: <<http://cev.org.br/biblioteca/deliberacao-n-7-2-agosto-1965>>. Acesso em: 3 de out. de 2020.

De acordo com Aira Bonfim (2019), existem indícios da realização de uma partida de futebol feminino em 1915 entre meninas do Vila Isabel FC e um jogo entre rapazes e moças no campo do Progresso FC em 1919. No final da década de 1930 e início dos anos 1940, surgiram várias equipes de futebol feminino que se organizaram e realizaram partidas, principalmente no subúrbio carioca (FRANZINI, 2005); (BONFIM, 2019). Em um contexto no qual o futebol masculino passou a ser valorizado pela Ditadura do Estado Novo, se configurando como um dos principais elementos da cultura nacional, as mulheres buscaram se inserir nesse meio social (ALMEIDA, 2013). O futebol feminino parecia dar indícios de desenvolvimento, tendo o apoio do jornal esportivo mais importante do Rio de Janeiro, o *Jornal dos Sports*, e de outros meios de comunicação relevantes, como *O Imparcial* (MOURA, 2003).

Em 1941, contudo, o Conselho Nacional de Desportos emitiu o Decreto-Lei nº 3.199, que tinha o intuito de organizar as modalidades esportivas no país. No artigo 54 do capítulo IX, o documento proibia a prática de esportes incompatíveis com a natureza feminina<sup>5</sup>. Arelada a uma lógica biologizante, essa medida representava um pensamento da sociedade daquela época, que associava a mulher à feminilidade, maternidade e beleza, ao passo que esportes considerados violentos deveriam ficar longe da sua sociabilidade (GOELLNER, 2005). O principal argumento, defendido pelas auto-

---

5 Decreto-lei 3.199 de 14 de abril de 1941. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 1 out. de 2020.

ridades da medicina e da educação física, estava atrelado à eugenia do Estado Novo, que reservava à mulher o papel da maternidade (MOURA, 2003), de forma que o futebol e outros esportes eram vistos como possíveis causadores de lesões ao órgão reprodutor feminino e comprometedores da geração de filhos saudáveis para a nação. Além da questão física, também era utilizado o argumento de que o futebol era um esporte incompatível com as mulheres psicologicamente e moralmente.

Conseqüentemente, o desporto, que estava começando a se desenvolver, sofreu consideravelmente os impactos dessa medida; os jornais em um primeiro momento aderiram ao discurso da medicina, e as notícias de partidas entre as mulheres praticamente desapareceram (MOURA, 2003). Entretanto, no final da década de 1950<sup>6</sup>, a prática do futebol por mulheres começou a reaparecer com força, contando com o apoio de alguns periódicos, como a *Revista do Esporte*<sup>7</sup>, e preocupando as autoridades, que no intuito de reafirmar o Decreto-Lei de 1941, através do CND, emitiram a Deliberação nº 7/65, que basicamente estava pautada nos mesmos pressupostos.

Essa Deliberação não foi noticiada em nenhum dos periódicos pesquisados. Não é possível constatar definitivamente o motivo dessa ausência nas páginas dos jornais, contudo, sabe-se que “a

---

6 Em 1959, o futebol de mulheres reapareceu com força no cenário nacional, com desaque para as equipes femininas da cidade de Araguari, em Minas Gerais, que fizeram excursões por vários estados do país.

7 Na página 60 da edição de 19 de julho de 1959 em um espaço chamado “Nossas Opiniões”, o jornal defende abertamente o futebol feminino, ainda que com algumas diferenças a serem aplicadas no jogo.

imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público” (DE LUCA, 2019, p. 139). Nessa perspectiva, certamente existiam outras notícias naquele contexto que os jornalistas consideraram mais importantes ou então acreditaram que este fato não possuía relevância para ocupar um determinado espaço do jornal.

Entretanto, em janeiro de 1965, antes da Deliberação, a grande maioria dos jornais selecionados publicaram uma notícia sobre a denúncia de uma partida de futebol feminino em Santos, pelo vice-presidente do CND. O Jornal dos Sports intitulou a notícia da seguinte maneira, “CND Volta a Proibir Futebol de Mulheres” e relatou que:

O Conselho resolveu mandar uma circular aos governadores dos Estados, pedindo para que, por intermédio das Secretarias de Segurança, seja proibido a prática do futebol feminino. A deliberação foi tomada em base numa denúncia do vice-presidente Anibal Perlon, que alegou ter sido testemunha de um jogo realizado há pouco tempo em Santos (JORNAL DOS SPORTS, 1965, p. 3).

Apesar da notícia contar com o termo “deliberação”, ela não se equivale a Deliberação nº 7, a qual foi emitida em agosto. De todo modo, é interessante observar as diferentes instâncias e entidades que precisariam agir para coibir a prática da modalidade. Pode-se dizer que de alguma maneira isso contribuiu para que as mulheres conseguissem se articular e burlar a lei, tendo em vista que em algumas situações existia determinada falta de entendimento entre essas

instituições no que tange à repressão aos jogos de futebol feminino. Por outro lado, as articulações entre essas e outras instâncias do poder foram eficientes em certas oportunidades, conseguindo conter a prática e a evolução do futebol de mulheres.

### RELAÇÕES ENTRE A PROIBIÇÃO, O DISCURSO-MÉDICO E A IMPRENSA

A imprensa sofreu muitas mudanças ao longo dos anos e teve influência direta na evolução do futebol feminino e nas construções dos estereótipos das mulheres que jogam bola. Segundo Tania de Luca:

Contudo, a mudança de maior monta, e que de certa forma abarca as demais, residiu na forma de abordar a notícia, expressa no declínio da doutrinação em prol da informação. Consagrava-se a ideia de que o jornal cumpre a nobre função de informar o leitor o que se passou, respeitando rigorosamente a “verdade” dos fatos (LUCA, 2019, p. 138):

A autora se refere às mudanças ocorridas no meio jornalístico nos anos 1950, sendo o *Jornal do Brasil*, que é um dos selecionados para essa pesquisa, o principal expoente dessas reformas. Apesar da maneira dos jornais levarem a notícia até o público ter mudado, é evidente que essa pretensa imparcialidade almejada, em termos práticos, não é possível. Os meios de comunicação são empresas que possuem interesses políticos e econômicos, de maneira que o

simples fato de uma determinada notícia ser colocada em destaque já é um indício de parcialidade, uma vez que, entre as notícias selecionadas para compor uma edição, algumas foram julgadas como mais importantes.

A imprensa esportiva, em contrapartida, não seguiu à risca os moldes implementados por essas reformas técnicas e redacionais. O cronismo esportivo, por exemplo, ia na contramão, pois era alimentado pelas relações subjetivas e emotivas que o esporte poderia oferecer (COUTO, 2017). A partir das nossas investigações, observa-se que não só os jornais esportivos especializados seguiam essa lógica. Os outros periódicos pesquisados que davam espaço em suas páginas para o esporte e, especificamente, para o futebol feminino, por muitas vezes adotaram um posicionamento parcial, cedendo espaço para opiniões, paixões, críticas e preconceitos.

Um outro elemento que merece destaque nessa discussão é trazido por Ludmila Mourão e Márcia Morel ao escreverem que: “A mídia impressa informa e noticia, influencia e é influenciada com desdobramentos da sociedade” (MORÃO; MOREL, 2005, p. 78). A relação entre imprensa e sociedade, nesse sentido, é uma via de mão dupla, na qual uma influi sobre a outra em medidas distintas. No que se refere ao futebol feminino, é possível dizer que a imprensa é influenciada pelo poder médico-científico, o qual era muito forte naquele momento, ao reforçar os argumentos proibitivos, e ao noticiar os jogos entre mulheres, influencia as leitoras e leitores que poderiam se interessar por essa prática.

Como já foi mencionado anteriormente, o argumento utilizado pelas autoridades da medicina a respeito da proibição estava

associado à ideia de que o esporte era violento e poderia danificar o órgão reprodutor feminino. Até o século XVIII, o modelo científico dominante na sociedade ocidental acreditava na existência de um sexo único, de modo que os órgãos sexuais das mulheres seriam os mesmos dos homens, só que voltados para dentro, o que lhes fazia ser concebidas como inferiores e imperfeitas, pois faltava a força e a intensidade do calor vital, responsável pela evolução do corpo até a perfeição ontológica do macho. Já no final do século XVIII, os revolucionários franceses implementaram o modelo dos dois sexos<sup>8</sup>, que se tornou hegemônico, para validar os ideais igualitários republicanos, pois defendiam que os homens eram iguais, mas as mulheres eram frágeis, infantis e incapazes de exercer as tarefas intelectuais, científicas e políticas (COSTA, 2001 *apud* LAQUEUR, 2001). Em suma, o corpo dos indivíduos determinaria as suas possibilidades de atuação na sociedade, de maneira que as restrições impostas às mulheres ao longo da história no mundo dos esportes foram diretamente impactadas por essa noção de oposição entre os sexos. Na mesma perspectiva, Giovana Capucim e Silva afirmam que: “Nesse contexto, produziu-se cientificamente a ideia do que era um homem e do que era uma mulher ideal, assim como quais seriam seus papéis sociais” (CAPUCIM; SILVA, 2015, p. 4).

Carmen Rial (2013) questiona os argumentos utilizados pelos médicos levando em consideração o fato de o órgão reprodutor

---

8 Giovana Capucim e Silva (2013) chama atenção para a importância da descoberta da ovulação espontânea e do ciclo menstrual para a mudança de paradigma relacionada ao sexo e também escreve que a mudança aconteceu de forma gradual.

feminino ser interno, enquanto o órgão reprodutor masculino é externo e, portanto, muito mais propenso a ser machucado em uma partida de futebol. Seguindo essa lógica, a fertilidade masculina também deveria ser colocada sob suspeição, pelo fato dos homens terem um papel indispensável para a geração de crianças.

Contudo, a proibição do futebol para as mulheres ia muito além da questão reprodutiva. O sucesso das mulheres nos esportes poderia infringir as leis da “natureza”, quebrando o discurso das diferenças naturais que tinha a ideia da sobrepujança física de um sexo sobre o outro. Esse discurso valia apenas para os esportes entendidos como violentos e que demandam força física, pois algumas práticas corporais, tais como a natação e a ginástica, eram recomendadas às mulheres, a fim de fortalecer o corpo para torná-lo saudável e robusto, visando uma maternidade segura (GOELLNER, 2005).

Essa visão está atrelada aos ideais eugênicos das décadas de 1930 e 1940, a qual compreendia que a mulher caberia contribuir com o fortalecimento da nação e o melhoramento da raça, gerando filhos saudáveis (FRANZINI, 2005). Embora esses ideais eugênicos não apresentem tanta força na década de 1960 e não apareçam nos documentos oficiais do Estado, verifica-se a permanência de uma concepção associada a eles.

Tendo em mente que “o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1990, p. 84), percebe-se que é justamente a partir dessas diferenças que acontece a proibição do futebol para as mulheres. Por conseguinte, observa-se que a ciência está diretamente ligada

às relações de poder que se estabelecem entre os sexos e atua para conter e controlar as possibilidades de atuação dos corpos, tentando racionalizar e argumentar as restrições colocadas. Assim, o discurso médico-científico servia aos interesses dos grupos dominantes da sociedade.

Essabelecendo um diálogo com Pierre Bourdieu (2012), o qual compreende que a dominação masculina tem base nas instituições, a medicina pode ser vista como uma das que contribuem para subalternizar as mulheres e garantir aos homens a dominação dos espaços mais relevantes da sociedade. Não é de se estranhar, todavia, que figuras médicas sejam evocadas em matérias jornalísticas com o intuito de reforçar essa posição de diferença.

Em 1971, por exemplo, o *Jornal dos Sports* trouxe uma notícia que ligava o discurso médico ao futebol feminino. O médico do Vasco na época se posicionou de maneira contrária a presença feminina na modalidade e com o título de “Futebol embrutece” o jornal expôs:

O médico do Vasco, Arnaldo Santiago, manifestou-se contrário a prática do futebol feminino. E expôs sua contribuição ao afirmar que seria uma grande contribuição, para que as mulheres perdessem sua feminilidade – joia mais rara que elas possuem. Frisou que o futebol para mulheres seria uma forma de embrutecê-las e torná-las sobretudo viris (JORNAL DOS SPORTS, 1971, p. 10).

A ideia de feminilidade, assim como a ideia de masculinidade, na sociedade ocidental, está em grande medida vinculada aos atributos biológicos. Em outras palavras, seria como uma relação de

causa e consequência, ou seja, indivíduos do sexo masculino devem demonstrar masculinidade, enquanto pessoas do sexo feminino devem demonstrar feminilidade. No entanto, as noções de gênero não são dadas pela natureza, mas são construídas culturalmente (SCOTT, 1990). Esses preceitos estão estruturados de tal forma que são naturalizados pelas pessoas e se fortalecem ainda mais sendo reafirmados pelas autoridades da medicina.

De acordo com a ideia do médico do Vasco, a feminilidade seria algo comum a todas as mulheres, e o futebol faria com que qualquer uma que praticasse o esporte a perdesse. A análise feita está associada a uma visão binária, de maneira que a perda da feminilidade seria o ganho da masculinidade. Verifica-se nesse discurso, portanto, um medo da desconstrução binária das atitudes e dos comportamentos dos sujeitos de cada sexo e uma tentativa de conservar e delimitar as possibilidades de atuação nas esferas sociais, as quais se desenvolveram historicamente em termos sexistas.

A *Tribuna da Imprensa*, em setembro de 1973, em um espaço da página esportiva denominada “entidades”, trouxe a notícia de que a Federação Carioca de Futebol publicou em seu Boletim uma circular enviada pela Confederação Brasileira de Desportos. O jornal reproduziu a circular na íntegra, que em linhas gerais pedia o alerta da Federação às burlas que vinham ocorrendo ao Decreto-Lei nº 3.199/41 e a Deliberação nº 7 do CND, tendo em vista a realização de jogos de futebol entre mulheres noticiada pela imprensa. Nota-se, assim, a atuação de diferentes instituições no intuito de conter o avanço do futebol feminino, contando inclusive, com o apoio do jornal, que em seguida escreve:

A proibição do futebol feminino no Brasil surgiu depois que os médicos, únicos competentes para dizem [sic] sim ou não a esse esporte, se pronunciaram contrário e o porquê. É evidente que esse alerta deve ter surgido também por parte ou com a participação do CND. Aplausos a CBD, CND e ao presidente da FCF, que imediatamente mandou publicar em seu boletim oficial, para o conhecimento de todos. Os que de uma forma ou outra estão burlando, não só as leis esportivas, mas também decisão médica, que se acautelem. Muita gente, sem qualquer qualificação para tal, diz comumente: não há mal nenhum, outros países praticam. Mas isso aí é com os outros países (TRIBUNA DA IMPRENSA, Rio de Janeiro, 4 de setembro de 1973, p. 12).

A palavra dos médicos é colocada como inquestionável, mostrando a força e o poder que possui. Em certa medida, a autoridade médica é vista pelo jornalista como aparato fundamental da lei, quando é dito que as pessoas não estariam burlando só as leis, mas a decisão médica. Trata-se da articulação de diferentes instituições no sentido de tentar impedir as mulheres de jogarem futebol. Instituições que, evidentemente, tinham divergências em outros assuntos, mas que convergiam para tentar controlar as possibilidades de atuação do corpo feminino.

A partir desse trecho destacado, pode-se dizer que existiam pessoas naquele contexto, que defendiam a prática do futebol feminino, utilizando-se do argumento de que as mulheres jogavam futebol em outros países. De fato, o futebol de mulheres estava em ascensão, principalmente no continente europeu. Países como Itália e França contavam com equipes, campeonatos e seleções. Em 1970 e 1971,

por exemplo, foram realizados na Itália e no México, respectivamente, dois campeonatos entre alguns países chamados de “Copa do Mundo de futebol feminino”, embora não tenham sido organizados pela FIFA<sup>9</sup>. O questionamento que se levanta a partir dessas questões é o seguinte: onde estavam os discursos dos médicos europeus que não condenaram o futebol feminino? Aparentemente esse ponto não foi pensado pelo jornalista, ou talvez não se quis levantá-lo, de forma intencional. Ainda assim, tais elementos autorizam a constatação de que o discurso médico-científico não é universal. Ele se adequa às realidades sociais, às culturas e aos interesses dos grupos dominantes.

### A DEFESA DO FUTEBOL DE MULHERES

O jornal *O Fluminense*, de Niterói, assumiu um posicionamento interessante em algumas oportunidades sobre o futebol feminino, dando espaço para a opinião das jogadoras, noticiando os jogos e valorizando as atletas niteroienses. Um caso emblemático diz respeito à jogadora Verinha, que atuava pelo Guarani e seria integrante da seleção fluminense, e esteve na capa de uma edição de 1968, sendo chamada de “Pelé de Saias”<sup>10</sup>. Tendo em vista o local de produção

---

9 Naquele momento a FIFA ainda não tinha reconhecido o futebol feminino como modalidade esportiva. Contudo, o crescimento e a organização da prática, principalmente com a realização desses campeonatos mundiais, além da formação de instituições que estavam se beneficiando com esses eventos, como a Federação Internacional Europeia de Futebol Feminino, levou a entidade a comunicar-se com as federações filiadas para recomendarem e estimularem o esporte, a fim de manterem o controle.

10 *O Fluminense*, Niterói, 30 de setembro de 1968, p. 1

do jornal, pode-se compreender este fato, uma vez que, sendo de Niterói, buscava valorizar os sujeitos e as práticas culturais que aconteciam naquela localidade.

Na mesma direção, o jornal concedeu espaço para as jogadoras criticarem o Chefe do Serviço de Censura e Diversões Públicas, o qual tentava proibir o futebol entre elas, repercutindo da seguinte forma: “As meninas ficaram tão zangadas que consideraram o ‘autor da coisa como um alérgico a mulheres’. Também disseram que: ‘Se eles próprios repetem que o NEGÓCIO É NO CAMPO, por que não medir forças conosco antes de querer proibir que se brinque sem fazer mal a ninguém?’” (O FLUMINENSE, 1968a, p. 4).

As mulheres atribuíram a proibição ao fato de o Censor ser um alérgico a mulheres, ou seja, um homem que não sente atração por moças. Além disso, desafiaram os indivíduos por trás da proibição para resolver a situação dentro das quatro linhas. Nesse sentido, elas utilizaram discursos que fazem parte do universo heterossexual masculino, com o intuito de questionar as decisões tomadas por esses homens e defender a prática do futebol feminino. Um outro elemento interessante possui relação com a ideia de “brincar” sem fazer mal a ninguém, em uma tentativa de mostrar que elas queriam jogar por lazer e diversão, sem maiores pretensões de fazer do esporte um meio de vida.

Essa discussão continua três dias depois em outra edição, com o Censor se defendendo e dizendo que não era ele quem estava proibindo o futebol feminino, visto que este esporte já era proibido por lei. Ofendido com o que as moças disseram ele retrucou: “Não levei a sério o negócio de alérgico a mulheres, já que estou acima desse tipo de brincadeira”. E prosseguiu, revelando que se pudesse até serviria

como juiz em um “pega” entre “certinhas”. (O FLUMINENSE, 1968b, p. 6). Embora ele tenha dito que não levou a sério a fala das jogadoras, é visível que ele se sentiu afrontado, tentando provar e afirmar a sua masculinidade e a sua heterossexualidade.

Na continuação da matéria, o jornalista diz que o Guarani, principal time de Niterói naquele contexto, tinha “inúmeros jogos ‘clandestinos’ programados”. Os responsáveis pelos clubes e pelos jogos também não se intimidaram com as tentativas de reprimir a atuação das jogadoras. Pode-se questionar, nesse sentido, quais eram os interesses que esses sujeitos tinham na promoção de times e de partidas de futebol feminino. O aspecto financeiro certamente possui algum peso nesses investimentos, tendo em vista a lucratividade dos jogos envolvendo equipes femininas, em virtude da atração de público desses eventos.

As tentativas de repressão às jogadoras continuaram em 1969. Em matéria intitulada “Goleira de time feminino diz: proibição é absurda”, a atleta questiona a proibição utilizando o seguinte argumento: “Eu, que jogo no gol, posso dizer que um chute de outra moça não é tão violento a ponto de não poder aguentar, ou de poder causar maiores problemas” (O FLUMINENSE, 1965, p. 5). Parafraseando a goleira, Ivani disse que de maneira geral as mulheres seriam frágeis e, conseqüentemente, não possuíam força o suficiente para se machucarem jogando entre elas mesmas. Essa ideia de mulheres associada à fraqueza e à delicadeza, no entanto, está vinculada à violência simbólica e à dominação masculina, uma vez que ela reconhece e aceita essa condição de inferioridade construída socialmente. Apesar disso, por meio da noção de afastamentos e manipulações proposta por

Chartier (1995), ela se aproveita e se apropria desse discurso, usando-o em seu próprio favor.

Em 1972, o *Jornal do Brasil* concedeu espaço à jogadora Vera Lúcia Magalhães, a Verinha, a qual suspeitamos ser a mesma que apareceu em notícia do jornal *O Fluminense* citada anteriormente, pelo fato de ser considerada uma das melhores jogadoras do país. A notícia intitulada “O jogo proibido”, relata o II Campeonato Mundial de futebol feminino, no qual o Brasil não poderia participar pelo fato de a modalidade ser proibida. Diferentemente da goleira Ivani, a qual entendia que o futebol não era um esporte violento jogado entre mulheres, Verinha dizia: “Todo esporte é violento, o próprio basquete é mais perigoso que o futebol” (JORNAL DO BRASIL, 1971, p. 5). Nesse sentido, se todos os esportes são violentos, por que proibir só alguns?

Comparando os discursos de Ivani e Verinha, é interessante perceber a diferença de ponto de vista que as atletas tinham em relação ao esporte e mesmo assim defendiam um interesse comum: jogar futebol. De todo modo, o fato de o esporte ser concebido socialmente como um espaço masculino e virilizante, associado ao medo da perda de feminilidade por conta da masculinização das jogadoras, são elementos que estavam por trás dessa proibição de forma implícita (GOELLNER, 2005).

Na mesma matéria, o periódico conta com a opinião do médico da seleção brasileira, o Dr. Lídio Toledo. Segundo ele:

Anatomicamente, a mulher tem estrutura corporal frágil. Fisiologicamente, existem as alterações hormonais cíclicas da mulher, que não estão de acordo com um esporte

violento e estafante como o futebol. E psicologicamente o estado de espírito feminino não se adaptaria às exigências requeridas pelo jogo (JORNAL DO BRASIL, 1971, p. 5).

Apesar do espaço concedido à opinião da jogadora, a notícia é encerrada com a opinião de um médico, a qual possuiria um impacto e uma credibilidade maior na sociedade, tendo em vista o poder do discurso da medicina. É interessante ressaltar que para desautorizar a prática do futebol por mulheres, ele utiliza não apenas o aspecto físico, mas também o psicológico, como se as mulheres fossem dotadas de um espírito feminino incapaz de se adaptar a esse esporte. Os argumentos, no entanto, não possuem nenhuma base científica, de maneira que são simplesmente produtos de uma perspectiva de gênero binária, construída culturalmente e historicamente, na qual algumas atividades deveriam ser exclusivamente realizadas por homens e outras por mulheres. É válido notar, nesse debate, que as concepções sobre gênero estão em constante mudança, uma vez que em 2021 as ideias proferidas pelo médico já não se sustentam. No entanto, as relações de poder ainda permanecem intrinsecamente ligadas às discussões e às noções sociais referentes ao gênero, estando em constante disputa por agentes e instituições.

### O JOGO PROIBIDO ENTRE MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS

Os movimentos feministas da virada do século XIX para o século XX tinham como pautas principais os direitos sociais, tais como o direito ao voto e ao trabalho. Já os feminismos que emergiram nos anos

1960 até os anos 1980 reivindicavam políticas que o corpo ocupava um lugar central, como por exemplo os direitos de reprodução, aborto, prazer, contracepção e violência sexual (SOIHET, 1994).

O ano de 1975 foi definido como o Ano Internacional da Mulher pela ONU e teve como resultado a constituição do Centro da Mulher Brasileira<sup>11</sup> (PEDRO, 2006). Foi também em 1975 formado o Movimento Feminino Pela Anistia, o qual era composto por donas de casa, universitárias e profissionais liberais. Em linhas gerais, o principal objetivo do MPFA era estabelecer a paz e a conciliação nacional, trazendo de volta ao país seus filhos e o esquecimento dos crimes cometidos pela ditadura (CIAMBARELLA, 2011). A Lei da Anistia aprovada em 1979 foi marcada pelo silêncio sobre a tortura e os torturadores, pelo silêncio sobre o apoio da sociedade à ditadura e pelo silêncio sobre as propostas revolucionárias de esquerda, derrotadas entre 1966 e 1973. Esses silêncios eram uma forma de se desvencilhar de um passado que se queria recusar, um meio da sociedade (inclusive a imprensa) auto-absolver-se das cumplicidades com o regime (AARÃO, 2010).

Como o futebol de mulheres se relaciona com esse panorama? O fato de os movimentos feministas a partir da década de 1960 terem como foco principal os direitos do corpo é um indício que pode ser explorado. Tendo em vista que o argumento que sustentava a proibição do futebol feminino baseava-se na proteção do órgão reprodutor, é possível dizer que os ideais feministas iam na contramão dessa

---

11 O Centro da Mulher Brasileira foi um órgão institucionalizado que tinha como objetivo promover articulações no sentido de lutar pelos direitos das mulheres.

lógica, levando em consideração que o corpo da mulher deveria ser livre e não ficar a cargo dos interesses masculinos. Portanto, por mais que não se possa constatar que as jogadoras daquele contexto eram feministas, é plausível afirmar que as ideias do movimento que circulavam na sociedade influenciaram na prática do futebol e de outros esportes considerados impróprios às mulheres.

A antropóloga Carmen Rial (2013) menciona a Lei de Anistia de 1979, a qual promoveu a volta de feministas que lutaram contra a ditadura e promoveram discussões relacionadas ao corpo, direitos sexuais e reprodutivos e, além disso, associa o fim da proibição da modalidade no mesmo ano, com a Deliberação nº 10 do CND, às feministas ligadas ao âmbito da educação física. Contudo, a relação direta entre o fim da proibição do futebol feminino e as feministas é problemática, tendo em vista que os documentos e os trabalhos realizados até o momento não mostram indícios que essa era uma pauta do movimento. Por outro lado, a legalização do futebol feminino no Brasil é um processo que foi evidentemente influenciado pelas ideias feministas associadas ao corpo e aos questionamentos das desigualdades de gênero nos espaços sociais, por um movimento internacional de aumento na prática do futebol por mulheres, mas principalmente, pelas brasileiras que jogaram futebol apesar dos impasses e tentativas de restrições.

O declínio e o enfraquecimento do regime militar, assim como o esquecimento e o silêncio promovido pela Lei da Anistia, também são elementos relevantes nesse debate. As tentativas de impedir as mulheres de jogarem futebol apareceram nos jornais principalmente entre 1965 e 1973, por meio de articulações entre as instituições do Estado.

A partir de 1975, nota-se uma queda considerável na repressão aos jogos, tendo em vista as notícias de partidas de futebol feminino sem nem sequer citar a proibição. Em julho de 1977, a coluna do *Jornal dos Sports* chamada “Baixada”, que informava sobre os jogos de futebol de equipes da baixada fluminense, passou a contar com diversas notícias a respeito do futebol feminino local. Em uma das ocasiões o jornalista escreve que: “Ficou para hoje, às 12 horas, no campo do Cajueiros, na localidade de Vila Nova, em Nova Iguaçu, jogo de futebol feminino entre as equipes de As Panteras e Duas Vidas, atração promovida pelo clube da casa nos festejos de seu aniversário de fundação (JORNAL DOS SPORTS, Rio de Janeiro, 24 de julho de 1977a, p. 10). A mesma coluna noticiou o resultado do jogo 5 dias depois, citando a vitória do Duas Vidas por 1 a 0 sobre As Panteras e relatou que “Os torcedores vibraram com a exibição das garotas e as situações complicadas em que se viu metido o juiz Gilberto dos Santos para explicar diversos lances considerados faltosos” (JORNAL DOS SPORTS, 1977b, p. 8).

O mesmo jornal tinha entre os seus principais jornalistas o “Zé de São Januário”, um opositor ferrenho do futebol feminino, que em diversas vezes em sua coluna chamada “Uma Pedrinha na Chuteira” criticou e se posicionou contra o futebol de mulheres. Os escritos do jornalista contra o futebol feminino, contudo, cessaram, tendo sua última aparição em 1977. Jornalistas da coluna “Bate Bola”, que era um espaço do jornal destinado a cartas dos leitores, também se colocaram contra a promoção do futebol feminino no Rio de Janeiro, se opondo à sugestão de uma leitora no ano de 1970.<sup>12</sup> A

---

12 *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 6 de maio de 1970, p. 6.

partir de 1977 os jornalistas parecem ter entendido que já não havia mais espaço para esse tipo de postura, pois o futebol feminino era uma realidade. Assim, restou acompanhar o movimento e trazer as notícias sobre a modalidade que ganhava adeptos dentro e fora de campo. As notícias acima mostram como o futebol de mulheres estava em ascensão na Baixada Fluminense, tendo em vista a promoção de um jogo entre equipes femininas para comemorar o aniversário de um clube, as quais foram prestigiadas com uma torcida empolgada, que vibrou com o jogo. A coluna “Baixada” trouxe várias notícias sobre jogos de futebol feminino que aconteceram na região até 1979.

O historiador José D’Assunção Barros (2011), discutindo as noções de práticas e representações de Roger Chartier, conclui que práticas geram representações e vice-versa. Nessa perspectiva, como pode ser visto com o futebol feminino, uma mesma prática cultural gera representações sociais distintas (dos meios de comunicação) em função das mudanças políticas e sociais que aconteceram durante um determinado espaço temporal.

O esquecimento e o silêncio em relação ao passado ditatorial que se queria olvidar também pode ser notado em relação à proibição do futebol feminino. Os mesmos jornais que se posicionaram totalmente contrários ao esporte, sobretudo no período mais repressivo do regime militar, entre 1968 e 1974, como é o caso do *Jornal dos Sports* e do *Jornal do Brasil*, defendendo a proibição, a partir de 1977, passaram a adotar um tom de neutralidade, noticiando sobre o futebol feminino sem lembrar da proibição e nem mesmo o fim dela foi pautado pelos jornais. Diferentemente da regulamentação

da modalidade em 1983, que em pesquisas preliminares observou-se um processo de apoio e incentivo desses periódicos.

É verdade que a censura pode ter tido um impacto nesses apoios dos jornais a proibição do futebol feminino no período mais repressivo da ditadura. Em contrapartida, não se pode desprezar a cumplicidade e a conveniência dos jornais e dos jornalistas com o regime militar e com o pensamento dominante, tendo em vista a diferença e a mudança das abordagens e dos discursos do “auge” para o declínio da ditadura.

É importante ressaltar que esse não é um caminho linear que foi seguido por todos os jornais, pois compreende-se que a imprensa é um espaço social composto por indivíduos heterogêneos. Como foi visto em exemplos acima, o jornal *O Fluminense* noticiou a respeito do futebol feminino de maneira positiva no período chamado “anos de chumbo”. No caso do *Jornal do Brasil*, do *Jornal dos Sports* e da *Tribuna da Imprensa*, em menor proporção, no entanto, foi possível identificar um processo no qual os jornalistas que se posicionaram contrários ao futebol feminino deixaram de falar sobre o assunto, enquanto as notícias sobre a modalidade, sem citar a proibição, aumentaram.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências das mulheres envolvidas com o futebol no Brasil ao longo da história são muito ricas e diversas, mas ainda há muito a ser explorado. A proibição do futebol feminino, no país do futebol (masculino), durou quase 40 anos, levando em conta o recorte temporal

entre o Decreto-Lei de 1941, passando pela Deliberação nº 7 do CND de 1965, até a revogação desses em 1979 com a Deliberação nº 10. Ainda assim, muitas mulheres foram para os campos, para as quadras, para as areias e para as ruas jogar futebol.

A partir das fontes exploradas, torna-se nítido o papel que a medicina teve na proibição do futebol feminino, contando em muitas oportunidades com o apoio da imprensa para tentar impedir e justificar a impossibilidade das mulheres praticarem esse jogo. O argumento principal pautava-se em uma ideia de gênero binária, marcada pela oposição homem/mulher, a qual restringe os espaços e as práticas sociais de acordo com as diferenças anatômicas. Dessa maneira, a partir de uma lógica de poder, o discurso médico foi utilizado para tentar conservar um espaço social que foi construído como masculino desde a sua essência, sendo a presença feminina nesse lugar motivo de incômodo até hoje.

De diferentes maneiras e por meio de estratégias distintas, as jogadoras se manifestaram a favor do futebol de mulheres. Algumas decidiram confrontar os homens e chamá-los para resolver o problema dentro de campo, enquanto outras pensavam que o futebol era um esporte como outro qualquer. É fato que a proibição dificultou a prática e o desenvolvimento da modalidade no país, mas mesmo assim muitas mulheres passaram por cima da lei e defenderam o futebol de mulheres publicamente.

Nota-se também um diálogo bem próximo entre as pautas e os discursos dos movimentos feministas com o futebol feminino. Levando em consideração que as reivindicações dos movimentos estavam ligadas às políticas do corpo e também aos questionamentos

dos espaços sociais, o futebol poderia se enquadrar como uma expressão corporal e ao mesmo tempo como um lugar a ser ocupado.

Por fim, a mudança de abordagem de parte da imprensa a respeito do futebol feminino durante o recorte temporal selecionado é bastante evidente. Apesar de os jornais não possuírem um discurso homogêneo, de forma geral entre 1965 e 1973 a repressão ao esporte foi significativa, através de articulações entre as instituições no sentido de tentar coibir as mulheres de jogar futebol e em muitos momentos os periódicos ficaram do lado da proibição. Em contrapartida, sobretudo a partir de 1977, as tentativas de proibir os jogos praticamente desapareceram e as notícias referiam-se às partidas sem mencionar a proibição. Em linhas gerais, grande parte da imprensa agiu de forma conveniente, aderindo ao discurso da medicina e ao do regime militar até um determinado momento e no declínio da ditadura esqueceu e silenciou a proibição, em um movimento de esquecimento geral a tudo aquilo que fazia parte do governo militar.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Caroline Soares de. *Boas de bola: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980*. 2013. Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/106921/317840.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 27 jun. 2020.

BARROS, José D'Assunção. A Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 12, n.16, p. 38-63, 1 mai. 2011. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2011v12n16p38>. Acesso em: 30 set. 2020.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Lisboa: Sociedade Unipessoal, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2012.

CIAMBARELLA, Alessandra. “Anistia ampla geral a irrestrita”: a campanha pela anistia no Brasil (1977-1979). In: FERREIRA, J (org). *Repúblicas no Brasil: política, sociedade e cultura*. Niterói: Eduff, 2011. p. 243-262.

CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). *Cadernos Pagu*, n. 4, p. 37-47, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1761>. Acesso em: 7 abr. 2020.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Alges: Difel, 2002.

COSTA, Leda Maria da. O Futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 13, p. 393-507, 2017. Disponível em: <http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/o-futebol-feminino-nas-decadas-de-1940-a-1980/>. Acesso em: 9 mai. 2020.

COUTO, André Alexandre Guimarães. A imprensa esportiva carioca (décadas de 1940-1960). *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 13, p. 509-521, 2017. Disponível em: <http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/a-imprensa-esportiva-carioca-decadas-de-1940-1960/>. Acesso em: 10 mai. 2020.

DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/nTrFPPWwPkMTKPMmBmtRwCc/?lang=pt>. Acesso em: 24 nov. 2019.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, jun. 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590>. Acesso em: 20 nov. 2019.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do Jornal dos Sports entre 1930 e 1980. In: HOLLANDA, B.B e MELO, V. A. *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. p. 80-106.

KNJINIK, Jorge. *Femininos e masculinos no futebol brasileiro*. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/>

disponiveis/47/47134/tde-27032006-074510/pt-br.php Acesso em: 18 ago. 2021.

LAQUEUR, Thomas. Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. Resenha de: COSTA, J.F. O segundo sexo Laqueur. *Folha de São Paulo*, 25 mar. 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/875>. Acesso em: 21 ago. 2020.

MOURA, Eliberto José Lessa de. *As relações entre lazer, futebol e gênero*. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/acervo/650660/>. Acesso em: 20 mai. 2020.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Márcia. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v.16, n. 2, p. 73-86, jan. 2005. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/148>. Acesso em: 23 set. 2021.

PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 26, n. 52, p. 249-262, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/YJb8DgN6Kv4sNvRYkDkvBcP/?lang=pt>. Acesso em: 17 out. 2021.

REIS, Daniel. Aarão. Ditadura, anistia e reconciliação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 23, n. 45, p. 171-186, janeiro-junho de 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/gCspSTyRTXfzXMb6mzXND3D/?lang=pt>. Acesso em: 3 ago. 2020.

RIAL, Carmen. El invisible (y victorioso) fútbol practicado por mujeres en Brasil. *Nueva Sociedad*, Buenos Aires, n. 248, p. 114-126, nov/diec. 2013. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/el-invisible-y-victorioso-futbol-practicado-por-mujeres-en-brasil/>. Acesso em: 23 nov. 2019.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 71-99, 1990. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 12 fev. 2021.

SILVA, Giovana Capucim. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)*. 2015. Dissertação. (Mestrado em História Social) – Departamento de História-FFLCH-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-10092015-161946/pt-br.php>. Acesso em: 4 jun. 2020.

SOIHET, Rachel. Mulheres investindo contra o feminismo: resguardando privilégios ou manifestação de violência simbólica?. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 13, n. 24, p. 191-107, 2008. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/875>. Acesso em: 10 abr. 2021.

## CAPÍTULO 15

### A "EXPLOÇÃO FEMINISTA" E O FUTEBOL: APONTAMENTOS A PARTIR DA TAÇA LYUDMILA PAVLICHENKO

FLORA MORENA MARIA MARTINI ARAUJO<sup>1</sup>

FERNANDA RIBEIRO HAAG<sup>2</sup>

#### INTRODUÇÃO

Vivenciamos tempos em que os feminismos estão em pauta. Este fenômeno contemporâneo é abordado por Heloísa Hollanda (2018) e denominado "Explosão Feminista". Explosão que se dá em novas formas de organização autônomas, horizontalizadas, baseadas nas experiências e narrativas de si. Assim, os movimentos feministas alcançaram uma amplitude jamais verificada.

De que maneira essa explosão atinge um espaço hegemonicamente masculino como o futebol e marcado pela clara desigualdade de gênero? Os estudos sobre esporte mais recentes vêm dando

---

1 Doutora em História Moderna e Contemporânea pela Universidade Federal do Paraná com pesquisa sobre história do feminismo, escrita de mulheres e história das mulheres: E-mail: floramartini@hormail.com.

2 Doutoranda em História Social pela Universidade de São Paulo com pesquisa sobre o futebol de mulheres no Brasil e as relações de trabalho: E-mail: ferhaag@usp.br

visibilidade a histórias que muitas vezes ficaram nas sombras: de atletas, torcedoras, treinadoras, árbitras etc. Dentro de campo, mulheres estão atuando concretamente e produzindo novas versões dos esportes para elas mesmas, apoiando a perspectiva da prática esportiva como um processo criativo e constitutivo e apresentando o potencial das mulheres para transcender prática e simbolicamente as diferentes formas de opressão.

É na justaposição entre as novas práticas feministas e as possibilidades de subversão no esporte que encontramos nosso objeto: a Taça Lyudmila Pavlichenko. Torneio de futebol amador realizado em Curitiba (PR), organizado como um ambiente onde o futebol esteja atrelado às discussões políticas e pautas de esquerda e mulheres tenham a oportunidade de estabelecer sociabilidades e afetividades femininas e feministas. O artigo busca, assim, problematizar o futebol de mulheres enquanto um espaço político do feminismo e também de resistência.

Para realizar a pesquisa utilizamos a História Oral, considerando-a uma metodologia importante, pois estabelece e ordena os procedimentos de trabalho e funciona como uma ponte entre a teoria e a prática. O que não a classifica unicamente como prática, já que na área teórica, a História Oral permite suscitar e formular questões (FERREIRA.; AMADO, 1998). Como já possuíamos um tema preestabelecido e assunto específico partimos da História Oral Temática buscando o esclarecimento e/ou a opinião das entrevistadas sobre os processos analisados (MEIHY, 1996).

As entrevistas foram realizadas em maio de 2020, em meio virtual, devido à pandemia de COVID-19, e ocorreram com representantes de

três projetos/coletivos ligados a mulheres e futebol: JogaMiga, coletivA Perifeminas e Lyudmila Pavlichenko. Para este capítulo focamos na entrevista com Tamara Molin, jogadora da Taça Lyudmila Pavlichenko; as demais entrevistas foram importantes para compreendermos o contexto de novas práticas feministas no meio esportivo. Também utilizamos outras fontes, como documentos institucionais, postagens em redes sociais, o site do campeonato para complementar a análise.

Dessa forma, o capítulo está estruturado da seguinte maneira: começamos com a conceituação teórica da denominada "explosão feminista" e seus impactos atuais, para depois partir para uma problematização sobre as relações entre futebol, feminismos e os Estudos de Gênero, pensando casamentos e divórcios entre eles. A partir disso, propomos uma reflexão sobre a explosão feminista e o esporte aqui no Brasil, de uma maneira mais ampla. Para finalizar com a análise da Taça Lyudmila Pavlichenko, buscando compreender seus processos, a visão que a nossa entrevistada tem desse processo, pois a subjetividade é um elemento importante aqui, e de que maneira o torneio pode (ou não) se estabelecer como um espaço político feminista e quais seriam as implicações disso.

## A "EXPLOÇÃO FEMINISTA"

Atualmente, a crítica feminista tomou grandes proporções e se difundiu por diferentes gerações. Temos exemplos pontuais do grande número de discursos de cunho feminista que vemos surgir no Brasil e no mundo nos últimos anos; da conscientização crescente da situação de violência à qual as mulheres estão expostas e também da

tomada de consciência da importância política de ocuparem espaços e tomarem os discursos para si.

Este fenômeno contemporâneo é abordado por Heloísa Buarque de Hollanda (2018), que o denomina como “Explosão Feminista”. Além dele ter se disseminado e ganhado muita visibilidade, tem abarcado novas pautas, formas de ativismo e de organização política. Segundo ela, a explosão feminista se dá em novas formas de organização autônomas, horizontalizadas, sem representação ou liderança política, baseada nas experiências e narrativas de si. Nesses espaços e vivências singulares, coloca-se em discussão e na prática muitas das pautas que foram levantadas pelas gerações anteriores, como a interseccionalidade, a multiplicidade das demandas e das opressões sofridas pelas mulheres e por demais minorias. Por conta disto, Hollanda defende que os movimentos feministas – no plural – alcançaram uma amplitude jamais antes verificada, não estando mais reduzidos aos grupos universitários e/ou intelectualizados, demarcando uma ruptura com as manifestações do passado, formando, assim, a quarta onda do feminismo.

Partindo também do debate sobre os feminismos contemporâneos, Margareth Rago (2004) afirma que desde os anos de 2014 e 2015 o feminismo está na pauta política de diferentes sociedades. Para Rago, “o feminismo é pop”, está nas pautas televisivas, nas matérias de revistas, músicas, artes, na historiografia, nas mídias sociais, nas roupas, nos muros das cidades. Está efervescente e aparecendo. Tal progressivo destaque está transformando a forma como as feministas são vistas socialmente e, assim, contribuindo para a ruptura com estereótipos e preconceitos em relação às ativistas e ao próprio movimento.

Enquanto Hollanda defende a expansão, as mudanças de pautas e formas de ação do feminismo utilizando o termo “quarta onda”, Rago opta pelo termo “pós-feminismo” para designar tal movimento de expansão e transformação. Sendo caracterizado como “dobrar-se sobre si mesmo”, essa fase do movimento feminista, segundo ela, é na verdade composto por vários feminismos, nos quais a categoria mulher não é mais entendida como estável ou permanente. As múltiplas identidades e experiências levaram à pluralidade de pautas, que por vezes se aproximam e por outras se afastam, mas que trazem consigo novas lutas que partem de uma reflexão crítica sobre o próprio feminismo e sua historicização. Para Rago pensar historicamente o feminismo, bem como os conceitos com os quais opera e suas práticas, é essencial para os rumos do próprio movimento.

Nas últimas décadas tal debate tem ganhado outros desdobramentos e muitas feministas têm lançado luz a essa questão ao denunciar a fragilidade da categoria e mesmo do termo “Mulheres”, criticando as tentativas de instrumentalizá-la politicamente. Ao questionar a construção binária do masculino/feminino, Judith Butler afirma que assim como a categoria gênero é discursiva, o sexo também é. Que é na materialidade do corpo que ambos ganham signos a partir de uma cultura heteronormativa que insere tais corpos em um enunciado performativo binário sobre o gênero – uma categoria instável, ainda que tida como lógica. Que, por tal enunciação, tem de ser reafirmada constantemente e performatizada: “sente direito”, “comporte-se como uma mocinha”, “brinque de boneca”, “seja gentil”. Butler (2020) questiona o sujeito no feminismo; defende que os movimentos feministas não devem reafirmar o que combatem, os

essencialismos. Assim, segundo ela, os feminismos e os Estudos de Gênero devem “repensar radicalmente as construções ontológicas identitárias”, utilizando a

Construção variável de identidade como um pré-requisito metodológico e normativo, senão como um objetivo político. Determinar as operações políticas que produzem e ocultam o que se qualifica como sujeito jurídico do feminismo é precisamente a tarefa da genealogia feminista da categoria mulher (BUTLER, 2020, p. 25).

Essa discussão permite ver como há décadas o debate acerca do próprio sujeito do feminismo vem sendo objeto da atenção das teóricas feministas. No debate entre essencialismo/construtivismo em relação ao gênero, feministas de diversas áreas – como História, Antropologia, Sociologia, Psicanálise – jamais chegaram a um acordo. A categoria “Mulher” foi se mostrando insuficiente devido ao questionamento da própria existência de uma identidade feminina fixa. A crítica ao essencialismo, o reconhecimento da pluralidade das experiências, subjetividades e das formas do ser mulher e ser feminina, levou ao uso do termo “Mulheres” – no plural. Assim se reconheceu que essa é uma categoria histórica e heterogênea construída a partir de uma ampla gama de práticas e discursos.

## FUTEBOL, GÊNERO E FEMINISMOS

“O banco de questões do Enem não é do meu governo, é de governos anteriores. Tem questões ali ridículas ainda, ridículas [...]

Comparando mulher jogando futebol e homem. Por que a Marta ganha menos que o Neymar. Não tem que ter comparação. O futebol feminino ainda não é uma realidade no Brasil” (BOLSONARO..., 2021, n.p.). Essa foi a frase proferida por Jair Bolsonaro no dia seguinte à realização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) 2020, que contou com questões sobre o futebol feminino<sup>3</sup>.

Toda a situação – desde as perguntas no Enem com essa temática à reação do então presidente da República – nos permite problematizar alguns elementos sobre a relação entre o futebol e as questões de gênero. Primeiramente, corrigimos a informação errônea de Bolsonaro: o futebol de mulheres é uma realidade no Brasil desde pelo menos o início do século XX, quando temos os primeiros registros. Contudo, nesses mais de cem anos, essa não foi a primeira vez que se buscou alijar as mulheres do campo esportivo.

Bennett *et al.* (1987) abordam diferentes mecanismos sociais utilizados para privar mulheres de participação nos esportes: o silenciamento ou invisibilização; difamação ou abuso verbal; utilização de argumentos pseudocientíficos para justificar uma suposta inferioridade das mulheres no esporte; humor paternalista; práticas ritualizadas; ainda acrescentamos legislações e regulamentações institucionais. O argumento das autoras é que através da negação de oportunidades para desenvolver habilidades motoras, o patriarcado

---

3 II Uma das questões partia da comparação salarial entre os jogadores Neymar e Marta para tratar da desigualdade de gênero no futebol. A outra pergunta abordou os jogos eletrônicos, especificamente, o FIFA 16, primeiro jogo a incluir o futebol feminino, indicando que eles podem desempenhar funções importantes na disseminação da igualdade de gênero.

ganha controle sobre o corpo das mulheres, pois a separação da experiência que promove a habilidade motora é também separação de autocontrole.

Assim, esporte, lazer e jogos são meios para uma construção social dual: de mulheres como objetos e homens como sujeitos, em controle de si mesmos (BENNETT *et al.*, 1987, p. 370). Isso nos mostra que o esporte é uma atividade *generificada*, a qual recebe meninos e homens muito mais entusiasticamente que meninas e mulheres e também celebra valores marcados como masculinos (força, virilidade etc.), tornando-o um espaço de hegemonia masculina (BIRRELL, 2000, p. 61).

Ou seja, o esporte é um espaço privilegiado para produzir/fazer gênero, é um local que irá produzir, reproduzir e até modificar as relações de gênero existentes no mundo social. Relações, obviamente, construídas historicamente e não impostas por leis sociais, mas resultado da ação humana. Pfister e Hartmann-Tews afirmam que: “o esporte, contudo, é uma esfera social na qual o gênero pode ser não só produzido, mas também desconstruído e transformado” (PFISTER; HARTMANN-TEWS, 2003, p. 9).

As teorias feministas nos lembram que no esporte esse debate fica ainda mais latente pela questão do corpo e dos respectivos argumentos biologizantes que se seguem. Goellner afirma: “O gênero nos constitui, inscreve-se na nossa carne. Isso significa perceber que ‘[...] os corpos carregam discursos como parte de seu próprio sangue’ [...] Eles, os discursos, se acomodam no corpo e os generificam” (GOELLNER, 2007, p. 183). O “fazer-se” dos corpos enquanto femininos ou masculinos carregam marcas culturais, que conformam as

representações de masculino e feminino. Essas marcas são históricas, mutantes e permitem que os sujeitos sejam reconhecidos como pertencentes a determinadas identidades. Isso ocorre da mesma forma no esporte. Um dos efeitos possíveis dessas marcas é elas serem reclamadas a justificar ou legitimar a inserção, adesão e permanência de mulheres e homens em determinadas modalidades.

Contudo, da mesma maneira que os esportes serviram institucionalmente para impulsionar e reforçar uma ideologia de superioridade masculina ao longo do século XX, a participação e o movimento das mulheres dentro do esporte representam uma genuína busca por igualdade, autonomia sob seus corpos e, por isso, representa exatamente um desafio à ideologia da superioridade masculina. Ou seja, no esporte, ideologias são perpetuadas, da mesma maneira que podem ser desafiadas e contestadas (MESSNER, 1988).

O coletivo de mulheres que estamos analisando aqui e muitos outros – ainda que não pertençam à matriz espetacularizada do futebol, que gera uma maior repercussão – estão exatamente desafiando essa hegemonia masculina no campo esportivo e fazendo gênero de outra perspectiva a partir do esporte. Uma de nossas entrevistadas ao ser questionada se estar dentro das quadras é uma forma de resistência respondeu: “Acho que é conquistar espaços. Acho que qualquer ambiente que a mulher consiga se inserir e com outras mulheres ainda. Tendo voz, tendo uma participação ativa que eu acho que isso é o primordial. Não só estar no espaço, é conquistar o espaço. É tornar o espaço nosso também” (MOLIN, 2020).

O que vai ao encontro das reflexões de Hargreaves (1994) ao afirmar que há uma mudança em curso no campo esportivo e na

aproximação do futebol com os feminismos (e vice-versa). Para a autora o esporte cada vez mais estaria fazendo parte de um movimento mais amplo pelo desenvolvimento da autonomia feminina. Mulheres estão atuando concretamente e produzindo novas versões dos esportes para elas mesmas, apoiando a perspectiva do esporte como um processo criativo e constitutivo e apresentando uma visão otimista do potencial das mulheres para transcender prática e simbolicamente as diferentes formas de opressão nos esportes.

### A "EXPLOSÃO FEMINISTA" CHEGA AO FUTEBOL BRASILEIRO?

Percebemos nos itens acima que o esporte, enquanto espaço genericado, permite diferentes construções sociais, inclusive, articulações contra hegemônicas. Nesse sentido, as teorias feministas (ligadas aos Estudos de Gênero) têm cumprido um papel importante e funcionado como um terreno para germinar mudanças na práxis social. De acordo com Goellner “os feminismos reclamaram às mulheres a sua condição de sujeito no esporte, analisando-o como um espaço político e, conseqüentemente, um lugar de resistência e transformação das relações de gênero” (GOELLNER, 2013, p. 49).

É na esteira desse processo que o futebol de mulheres passou a ter mais visibilidade, inclusive, por parte da comunidade universitária e científica como um todo. Estudar a prática esportiva praticada por mulheres, além de uma escolha subjetiva, é uma opção política, pois cabe ao estudioso/a dar visibilidade a muitas histórias que muitas vezes ficaram nas sombras e atribuir-lhes sentido, (re)construindo não só essa história, mas do esporte como um todo (GOELLNER, 2007).

Por muito tempo, falou-se do distanciamento entre feminismos e o esporte, seja no meio acadêmico, seja no próprio campo esportivo. O esporte era visto como um território marcadamente viril e competitivo, sendo dominado por uma lógica patriarcal, configurando-se como um espaço hostil às mulheres, o que afastou as feministas, que empreendiam essas críticas (BENNETT, p. 373). Dialeticamente, dentro do esporte, as pessoas envolvidas com ele também se aproximaram tardiamente das discussões de gênero e debates feministas (HARGREAVES, 1994, p. 76).

Contudo, o cenário passa por transformações. Dantas e Anjos (2020) analisaram a produção brasileira sobre mulheres e futebol de 1980 a 2016 e concluíram que nos últimos anos (de 2010 em diante) houve um crescente interesse de pesquisadores acerca dessa temática. As mudanças podem ser percebidas no aumento do número de produções por ano; pesquisadores passaram a trabalhar com o tema no mestrado e doutorado; mais estados passaram a ter trabalhos sobre o tema, aumentando a diversidade geográfica; Grupos de Pesquisa do futebol passaram a informar que se dedicam também ao estudo do futebol praticado por mulheres.

As mudanças nas pesquisas acadêmicas acompanharam transformações que ocorreram na modalidade. A cobertura midiática – ainda que precise melhorar muito – dedicou mais atenção, mais jogos foram transmitidos, chegando a um público maior. Para trazermos alguns dados: o jogo das oitavas de final da Copa do Mundo de 2019, entre Brasil e França, registrou o maior número de telespectadores da história da modalidade: 59 milhões de pessoas ao redor do globo, só no Brasil foram 35 milhões. Na final do mundial, entre EUA x Holanda,

19,9 milhões de brasileiros ligaram seus televisores para acompanhar (COPA..., 2021, n.p.). As mudanças na imprensa também afetaram os campeonatos nacionais. A partir de 2019, os jogos do Campeonato Brasileiro série A1 e A2 passaram a ser transmitidos na televisão aberta. A TV Bandeirantes – que nos anos 1990 passava alguns jogos de mulheres – trouxe para as suas tardes de domingo partidas das duas divisões.

A emissora também inovou em 2020 e fechou uma equipe de transmissão inteiramente feminina, com Isabelly Morais como narradora. Apesar desses avanços, o número de mulheres na mídia esportiva precisa aumentar significativamente, assim como a diversidade de mulheres nesses espaços. Lembrando que avanços não são naturais, mas resultado das lutas empreendidas. A própria mídia só passou a ter outro olhar para a modalidade por conta da pressão dos veículos alternativos, que se dedicavam ao futebol de mulheres. Foi na imprensa também que surgiu o movimento #DeixaElaTrabalhar. Jornalistas lançaram um manifesto, em 2018, visando lutar contra o assédio moral e sexual sofrido por elas nos estádios, nas ruas e nas redações.

Mudanças também ocorreram no âmbito institucional, em 2016 a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) criou o Comitê de Reformas do Futebol Brasileiro e nesse Comitê foi criado um grupo de trabalho sobre o futebol feminino coordenado pela Ana Paula Oliveira, da Escola Nacional de Arbitragem, e a Formiga; o grupo ainda contava com Emily Lima, Aline Pellegrino, Márcia Tafarel, Luciane Castro, Silvana Goellner. O Comitê apresentou onze recomendações aprovadas (nem todas implementadas) pela CBF, incluindo a criação de um Departamento de Futebol Feminino na entidade (GOELLNER, 2020).

Em 2017, Emily Lima foi contratada como a primeira treinadora da Seleção Brasileira, mas ficou apenas dez meses do cargo, não tendo tempo de desenvolver o seu trabalho, sendo substituída técnico Vadão, que chegou na Copa do Mundo mesmo com nove derrotas. Após a queda para a França, a CBF contratou a experiente técnica Pia Sundhage para o comando da seleção. Em 2020, fez mudanças significativas: promoveu Aline Pellegrino ao cargo de Coordenadora de Competições, cargo criado com a sua chegada para desenvolver a modalidade, e Duda Luizelli como Coordenadora de Seleções Femininas. Além disso, equipararam-se as diárias e premiações olímpicas entre homens e mulheres. Nas palavras de Rogério Caboclo, presidente da CBF: “Não há mais diferença de gênero”.

Contudo, os avanços da modalidade, que coincidem com a explosão feminista vivenciada nos últimos anos no Brasil e permitem que mulheres sejam cada vez mais sujeitos ativos do campo esportivo, não se limitaram aos clubes e seleções, houve mudanças nos mais distintos *futebóis*, distante do futebol espetáculo. Como exemplo, além da Taça Lyudmila Pavlichenko que abordaremos adiante, podemos trazer dois projetos que levaram mulheres a campo e a partir do futebol constroem outras formas de sociabilidade e atuação política: JogaMiga e Coletiva Perifeminas.

O JogaMiga foi criado em 2015, em São Paulo, com a proposta de democratizar o acesso ao futebol feminino, construir um espaço acolhedor e divertido para que mais mulheres – mesmo que nunca tivessem jogado – pudessem praticar o esporte. Estruturaram-se treinos com professores e diferentes turmas. Nas palavras de uma das fundadoras do projeto:

Quando a gente jogava era bem difícil você se sentir parte daquilo quando entrava. No lugar que a gente jogava, se você não era boa, você não jogava, não recebia a bola, não fazia nada. Então, quando a gente cria o Joga Miga, a gente queria o oposto, que as pessoas se sentissem à vontade lá para aprender mesmo a jogar futebol (SANTIAGO, 2020).

Incluir mais mulheres no esporte é uma forma de construção de autonomia – conectando com as reflexões de Bennet sobre a necessidade de as mulheres reclamarem controle sobre seus corpos desafiando uma lógica patriarcal – e de politização do campo esportivo. O projeto cresceu, tem mais turmas, uma em Belém, e atua como portal de notícias e também tem uma loja temática. O JogaMiga também desenvolveu o *Mapa do Futebol Feminino*, um mapa colaborativo que produz uma lista atualizada de espaços com mulheres jogando futebol no Brasil.

As Perifeminas surgiram na região de Parelheiros em São Paulo e se nomeiam como uma coletivA e um time que são um ato de resistência diante da invisibilidade do futebol feminino. Começaram formando um time para as meninas e mulheres do bairro de Barragem e o projeto prosperou. Além dos treinos, são realizadas rodas de conversa sobre os mais diversos temas entre as participantes, discute-se machismo, feminismo, racismo, igualdade de gênero.

As Perifeminas já participaram de campeonatos, hoje também possuem times infantis e masculino (o time infantil surgiu com os filhos/filhas das participantes), foram chamadas para falas em diversos espaços. Desenvolveram também o projeto *Em Campos – do afeto*,

*da empatia e sororidade*, com financiamento e a proposta de levar os participantes para espaços culturais, tanto dentro do bairro, como as aldeias indígenas da região, quanto fora, como o Museu do Futebol, o Memorial da América Latina. A coletiva mostra a potência do futebol organizado e praticado por mulheres e que constrói uma relação sólida entre o campo esportivo e práticas politizadas.

### "NADA FOI DADO PRA GENTE": A TAÇA LYUDMILA PAVLICHENKO

10 minutos do segundo tempo, jogo tenso, bola um pouco à frente da linha do meio de campo, a zagueira Jaque do time Estudiantes de La Planta acerta um chute no ângulo. Assim, as redes da Taça Lyudmila Pavlichenko foram balançadas pela primeira vez. O prélio de abertura aconteceu no dia 23 de novembro de 2019, em Curitiba, em uma quadra de futebol society, entre os times Estudiantes de La Planta e Estrela Vermelha. As denominadas "plantitas" ainda fizeram mais dois gols e o jogo terminou 3x0.

Mas a história do campeonato começou muito antes. A Taça Lyudmila Pavlichenko faz parte dos torneios disputados pela Liga João Saldanha. Iniciativa criada em 2017 por times curitibanos amadores alinhados ideologicamente à esquerda e que gostariam de promover mais jogos entre amigos. De acordo com o Estatuto Social:

Nosso campeonato busca trazer para nossos momentos de folga o futebol, eterna paixão popular, mas também um espaço de socialização e diversão que possa ser fiel a nossos princípios políticos. A Liga João Saldanha, por

não se tratar de mero futebol, traz algumas obrigações, que refletem a identidade desse campeonato: o futebol, o socialismo, a camaradagem, o antifascismo, a inclusão das minorias, a luta em favor dos movimentos sociais e contra qualquer manifestação de preconceito<sup>4</sup>.

Movidos pela sociabilidade futebolística e pelos ideais políticos, a primeira edição contou com três times e o campeonato ainda se chamava Eduardo Galeano, com todos os times formados somente por homens. O projeto cresceu, mais equipes passaram a fazer parte e na última edição a liga contou com 10 times masculinos e 4 femininos<sup>5</sup> – com até 15 participantes – e foram disputados os seguintes certames: Liga João Saldanha; Copa Eduardo Galeano; Taça Yuri Savichev; Taça Lyudmila Pavlichenko. São disputados sempre aos sábados e cada temporada dura em média quatro meses, duas vezes ao ano. A organização é feita coletivamente, há um arbitral técnico todo semestre para tomar as principais decisões e deliberar sobre o regulamento, cada equipe envia um representante – se o time possui time feminino e masculino são dois representantes. Não há fins lucrativos e as próprias equipes bancam os torneios.

Somente a Taça Lyudmila Pavlichenko conta com mulheres na disputa e entre a criação da Liga e o primeiro jogo feminino foram

4 EssaTUTO Liga João Saldanha. Disponível em: [http://ligajoaosaldanha.com.br/?page\\_id=125](http://ligajoaosaldanha.com.br/?page_id=125).

5 Times integrantes femininos: Absolutas; Dimas F.C.; Estrela Vermelha; Estudantes de La Planta. Times integrantes masculinos: Capirotense; Colaborador; Dimas F.C.; Domecq; Estrela Vermelha; Estudantes de La Planta; Gralha Marx; Jaguará; Linha Esquerda; Locomotiva Mahknovista. Cf: <https://www.ligajoaosaldanha.com.br>.

mais de dois anos. A construção do campeonato veio das mulheres que acompanhavam os outros torneios e: “A partir do momento que a gente começou a pensar no time La Planta feminino, começou-se a pensar na parte feminina da Liga” (MOLIN, 2020). Dessa forma, os primeiros times femininos que se formaram foram: Estudiantes de La Planta e Estrela Vermelha. Os dois juntamente com as Capivaras formaram o triangular da primeira edição. A proposta era que cada time masculino formasse também a equipe feminina, como não foi possível, as Capivaras foram convidadas a participar – saíram após a primeira edição.

Além da estrutura e dos participantes, é interessante notarmos os aspectos simbólicos do torneio, começando com o seu nome. Como já foi falado, os jogos acontecem em um ambiente considerado de esquerda pelos próprios integrantes, o que fica claro nos homenageados: João Saldanha, Eduardo Galeano, Yuri Savichev e, claro, Lyudmila Pavlichenko. Lyudmila foi uma franco-atiradora soviética durante a II Guerra Mundial, a ela são atribuídas a morte de mais de 300 nazistas, tornando-se um símbolo – inclusive de propaganda da URSS.

A franco-atiradora é a única mulher homenageada na lista citada acima e não está relacionada diretamente ao campo esportivo. Contudo, a relação pode ser traçada através do viés ideológico, pois ela foi uma personagem importante na luta contra os nazistas e alinhada à URSS. Além disso, Lyudmila se constituiu em um exemplo de mulher, assim como as demais soldadas, que ocupou um espaço hegemonicamente masculino em um contexto extremamente violento. Ainda que o futebol não seja em sua essência bélico,

a competição e a disputa estão sempre presentes e, como vimos anteriormente, é um ambiente marcadamente masculino em sua construção histórica.

Se para os homens aquele espaço é algo dado, faz parte dos territórios comuns às suas sociabilidades e até mesmo da sua construção enquanto sujeitos, para as mulheres é mais um local onde precisam travar lutas para conseguir estar presentes, elas precisam construir esse direito de estar ali. E, apesar de haver entusiasmo pelo futebol de mulheres, percebemos continuidades dos entraves simbólicos que perpetuam as dificuldades, ou mesmo exclusões, das mulheres e que precisam ser analisados. Discursos que se transformaram ao longo do tempo, além de utilizar argumentos clássicos sobre “inferioridade física” ou fazerem escárnio público de jogadoras, utilizam também outras estratégias para manter as mulheres onde a cultura patriarcal as colocou, fora dos campos. Impõe àquelas que desejam jogar a necessidade de percorrer caminhos muito mais longos que os homens e mobilizarem muito mais forças para conseguir alcançar seu objetivo. Pois as mulheres que desejam jogar, desde muito novas, precisam mobilizar uma ambição pessoal pelo futebol, por estar em quadra, por “fazer-se” jogadora e, assim, abrir seus próprios caminhos nesse território desde cedo. Essa questão fica muito evidente na fala de Molin (2020), ao falar sobre sua infância:

O início foi isso. Na escola sempre na Educação Física, metida a jogar bola com os piás, porque, né, sempre poucas meninas jogavam bola e eu queria jogar. Então, “foda-se”, eu jogava bola, chegava na quadra onde tinha

meninos jogando, erguia a mãozinha e falava que queria jogar. [...] Teve vezes que eu quase apanhei, só não apanhei porque meu irmão estudava na mesma escola e ele aparecia lá e separava: “não, minha irmã, cara. Deixa”. Mas era bem resistência assim, pra poder jogar com os piás. [...] Assim a gente ia conquistando espaço forçado. Era uma coisa forçada assim.

Ao se referir aos embates necessários para romper as barreiras de gênero impostas a ela, Molin ressalta que nunca foi através do aval ou da aceitação masculina que conseguiu jogar bola na infância. Ao contrário, foi se impondo ou, como ela coloca, no “foda-se”, que ela começou a entrar em quadra. Não importava a forma que isso iria acontecer (se era bem-vinda ou precisava forçar o rompimento das barreiras), quem agradasse ou desagradasse, o importante era jogar bola. Naquele momento, não era uma questão definidora de suas ações se sua ambição e audácia era algo inaceitável para seus colegas a ponto de eles desejarem lhe aplicar a mais comum das sanções, a violência física. Assim, foi tensionando os limites, se impondo, adentrando em ambientes que muitas vezes não era bem quista por muitos dos frequentadores, que ela foi se fazendo como jogadora. E que isto que importava: estar com a bola no pé.

Ao falar sobre a formação sobre a Taça da Lyudmila, Molin conta que mais de uma vez, coube às mulheres essas mesmas atitudes. Agora não correm mais o risco de apanhar, afinal os tempos são outros. Como dissemos, os debates sobre os feminismos e o futebol de mulheres cresceram muito nos últimos anos e ajudaram a transformar a sociedade e o universo do futebol. Inclusive, segundo ela,

partiu da liga João Saldanha, ampliar a liga para ser um espaço de futebol que agregasse também as mulheres. Contudo, segundo a entrevistada, essa pareceu mais uma questão mais retórica e de construção de autoimagem masculina como “progressista” do que uma real preocupação e consideração das mulheres como iguais dentro da liga. Segundo ela:

A situação é falta de interesse mesmo, de não sei se tipo, a ideia do “esse é nosso espaço, a gente não quer as mulheres aqui”. Não sei se... não sinto isso, eu sinto que ocorre simplesmente um “não tem interesse”. Não quiseram correr atrás, sabe? A gente não viu empenho real deles quererem isso. É muito bonito ter meninas ali pra levantar a aquela bandeira de que é um lugar de inclusão, com as meninas ali, feminismo, mas para ali. Para no discurso, né. Discurso vazio, porque a gente não viu, a gente todo esse tempo, a primeira edição e na segunda de novo, a gente pensou: “não, esse ano os caras vão se mexer pra fazer a criação dos times”... a mesma coisa, só discurso, só “não, que legal as meninas aqui”. Mas na hora de fazer acontecer, não. Não aconteceu, a gente via desinteressados, muito pouco. Muito pouco interesse. [...] Então, eu acho que pra Liga é muito legal. Mostrar isso e levantar essa bandeira que “tá na moda”. O futebol feminino tá muito visado agora, então, pra eles fica muito bonito ter as meninas ali. Mas não existe engajamento de fato pro campeonato feminino estar acontecendo. Se não são as mulheres se organizarem, a gente se organizar, a gente correr atrás, não sai o campeonato.

Na fala de Molin notamos que apesar das transformações no campo do futebol feminino, dos discursos pró-inclusão e maior participação das mulheres no universo do futebol, na prática as coisas ainda são bem diferentes. Há ainda necessidade de as mulheres abrirem seus próprios caminhos, de “fazerem-se”. No caso da taça Lyudmila, não apenas como jogadoras, mas também como organizadoras do campeonato. Já que, embora tivessem um estatuto e companheiros do sexo masculino que no âmbito do discurso estavam comprometidos em fazer valer o que havido sido decidido em conjunto nas instâncias deliberativas, na prática, elas estiveram praticamente sozinhas na construção do seu campeonato.

Nesse sentido, Molin é categórica, “nada foi dado pra gente”. Com exceção de alguns companheiros verdadeiramente comprometidos, o que Molin notou foram discursos vazios que, inclusive, utilizaram a situação como plataforma para autopromoção. O que demonstra não apenas as continuidades nas dificuldades encontradas pelas mulheres como já citado, mas os usos que estão fazendo da luta das mulheres por sua inserção no futebol e do feminismo:

Então fica claro que não tem o interesse deles ali, né? Interesse muito bonito, o campeonato pronto estar acontecendo ali e as meninas estarem ali. Há uma propaganda muito legal pra eles, né? Mas o interesse eu vejo que para ali. Não é geral, né, tem muito cara ali que apoia e tal, que faz o corre com a gente, mas a maioria é isso. É só um enfeite. A gente é meio que um enfeite. O feminismo um enfeite ali.

Molin fala com certa reticência e pesar de uma situação específica. Quando um dos organizadores da João Saldanha quis receber o reconhecimento pela organização da Lyudmila. Segundo ela, por um trabalho realizado por uma mulher. Que foi a principal responsável pela organização da liga feminina sair do papel. Sobre isso ela coloca:

Mas eu digo que quem encabeçou mais foi a Fabiana do nosso time, representante do nosso time, foi ela que pensou mais em formato, em data e posso dizer que a criação da Taça foi dela. Até a gente tem uma situação que um dos caras da João Saldanha tentou pegar os louros pra ele. Que eles abriram esse espaço, eles deram esse espaço para gente, pra nossa Taça. Sendo que ninguém deu nada, né? A gente construiu o espaço que a gente quis e a gente tomou esse espaço pra gente. Nada foi dado pra gente.

Apesar das dificuldades e dos entraves ainda colocados às mulheres que desejam jogar bola, Molin destaca a importância do esporte em sua vida. Ela conta que o jogar e o torcer sempre foram suas paixões, mas que o futebol tem oferecido mais que isso. Ela reconhece nele um importante espaço que possibilita a criação de sociabilidades entre mulheres. E é isto que a taça Lyudmila Pavlichenko significa em sua vida. É mais que futebol e conversa fiada, é segundo a própria entrevistada, é criação: “Então, eu vejo ali o que a gente tá criando vai muito além de futebol, muito além de ir ali jogar bola e falar bobagem e se divertir. É muito além disso, o que a gente tá criando”.

Mas o que Molin quer dizer quando se refere à taça como “criação”? Ela não ofereceu uma resposta direta para essa questão em sua

entrevista, mas percebemos que está se referindo sobre como este é um espaço de criação onde, através das experiências partilhadas e dos afetos, criam-se vínculos e redes de apoio mútuo, bem como forjam potências criativas que, através da amizade, criam espaço de resistência à normatização e às práticas excludentes – dentro e fora do futebol. Logo, entendemos que Molin está se referindo de modo amplo às aberturas de possibilidades do ser. Que transforma a vida de suas participantes. Já que ali: “entre as mulheres, são várias mulheres trocando ideia, trocando experiência e tá sendo bem gratificante participar disso e eu vejo que a gente tá construindo uma coisa muito legal e que eu vejo um futuro muito ‘massa’ assim”.

A construção de subjetividades, a concretização de desejos de infância e também a formação de redes de apoio são outros elementos que Molin destaca como sendo centrais na sua vivência na taça Lyudmila Pavlichenko. Ao longo da entrevista ela narrou alguns episódios onde as companheiras ajudaram umas as outras e que a união entre elas prevaleceu. Forjou novas experiências, afetos, bem como possibilitou que novos espaços e relações fossem abertas dentro do universo do futebol.

Molin reconhece a importância do grupo, da ação do coletivo no espaço do futebol e, sobretudo, da Taça Lyudmila Pavlichenko na vida de cada uma delas. É uma forma de estar no mundo muito enriquecedora:

Então, vai muito além, não é só jogar bola. Se a pessoa joga bola bem, se não joga, quem que ganha, quem que perde, tá sendo muito além disso. [...] Quando você

tem outras mulheres te apoiando fica tão mais fácil disso acontecer. Você não tá sozinha e acho que a ideia é essa. É uma rede de apoio. Ali a gente tá construindo grandes amizades. Pessoas muito fortes, com... cara, tem mulheres de várias profissões, várias histórias. [...] é um leque de trocas e só faz você crescer. Então acho que futebol, querendo ou não, acaba sendo secundário. É o que uniu todo ali, mas acaba que não é o que vai deixar todo mundo junto. Porque mesmo que isso pare, acho que o que foi construído ali, mesmo que a gente parasse de jogar bola, o que foi construído ali vai muito além. A gente vai carregar muito mais coisas.

Interessante observarmos que ao longo da entrevista, Tamara significou a taça de duas formas: enquanto lugar de reafirmação e continuidades de práticas sexistas e excludentes, mas que também é um espaço extremamente rico para criação de novas poéticas cotidianas, onde as afetividades são centrais. Se por um lado o futebol pode ser um espaço da normatização, da imposição de barreiras, ele pode também pode ser o espaço de libertação, potência criativa e de criação de afetividades feministas.

Assim, subvertendo a lógica sexista ainda presente no futebol, observamos que a taça Lyudmila Pavlichenko – assim como outros espaços análogos – tornou-se um espaço de resistência à cultura machista. Um local de sociabilidades e criação de subjetividades feministas, no qual o cuidado, o afeto e as amizades abrem possibilidades de criação de si, de crítica às normatizações e imposições que ainda hoje são perpetuados no futebol e em vários âmbitos da sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise da Taça Lyudmila Pavlichenko foi possível perceber que a explosão feminista, como colocou Holanda, se expandiu para os mais diversos ambientes e possibilitou a politização de espaços como o esporte a partir dos feminismos. Da mesma forma, o campo esportivo, marcado por uma hegemonia masculina, também é um espaço de disputa e mulheres vêm se apropriando disso para construir outras práticas esportivas para si, desafiando essa mesma hegemonia.

Apesar de ter ocorrido diversas mudanças e crescimento do futebol de mulheres nos últimos anos – que aqui ousamos incluir no *roll* da “explosão feminista” – como essa pesquisa demonstrou, ainda há muitos obstáculos. Precisamos ser cautelosos para não cair em armadilhas retóricas. Atentar às novas roupagens dos discursos e práticas cotidianas pois, elas se transformaram devido às mudanças promovidas pela terceira onda do feminismo. Hoje, violências físicas, escárnios públicos e insultos quanto à sexualidade já não são aceitos socialmente. Contudo, isso não quer dizer que estejamos vivendo num ambiente de plena aceitação e de equidade entre homens e mulheres no futebol.

As violências simbólicas ainda são presentes fazendo com que mulheres ainda precisem de muito engajamento para fazer-se em um espaço que ainda hoje não lhes é receptivo. Assim, experiências precisam ser analisadas mais a fundo para compreender a questão de gênero no futebol. Para que, através de análises pormenorizadas, possamos encontrar elementos que mesmo transformados ainda se configuram como práticas excludentes, as quais partem da matriz patriarcal, branca e heterossexual que por mais de um século buscou afastar as mulheres dos gramados.

## REFERÊNCIAS

BENNETT, Roberta S.; WHITAKER, K. Gail; WOOLLEY SMITH, Nina Jo; SABLOVE, Anne. Changing the rules of the game: Reflections toward a feminist analysis of sport. *Women's Studies International Forum*, Pergamon, v. 10, n. 4, p. 369-379, 1987.

BIRRELL, Susan. Feminist Theories for Sport. In: COAKLEY, JAY; DUNNING, Eric (org.). *Handbook of Sports Studies*. London: SAGE Publications Inc., 2000.

BOLSONARO critica questão do Enem sobre Marta e jogadora rebate. *Revista Placar*, 2021. Disponível em: <https://placar.abril.com.br/placar/bolsonaro-critica-questao-do-enem-sobre-marta-e-jogadora-rebate/> Acesso em: 05 fev. 2021.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

COPA do Mundo feminina supera 1 bilhão em audiência. *Revista Placar*, 2021. Disponível em: <https://placar.abril.com.br/esporte/copa-do-mundo-feminina-supera-1-bilhao-de-audiencia/>

DANTAS, Marina; ANJOS, Luiza. Futebol e mulheres no Brasil: apontamentos sobre a produção acadêmica a partir de teses e dissertações (1980-2016). In: KESSLER, Cláudia; DA COSTA, Leda; PISANI, Mariane (org.). *As mulheres no universo do futebol brasileiro*. Santa Maria: Editora UFSM, 2020.

FERREIRA, M.; AMADO, Janaína. *Usos & Abusos da História Oral*. 2.ed. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

GOELLNER, Silvana. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. *Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 171-196, 2007.

GOELLNER, Silvana. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. *Tempo*, v. 19, n. 34, p. 45-52, 2013.

GOELLNER, Silvana. Entrevista concedida a equipe Ludopédio. *Ludopédio*, v. 21, n. 53, 2020. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/entrevistas/silvana-goellner/>.

HARGREAVES, J. *Sporting Females: Critical Issues in the History and Sociology of Women's Sports*. Nova York: Routledge, 1994.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MEIHY, José Carlos Sebe. *(Re)Introduzindo a história oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.

MESSNER, Michael. Sports and Male Domination: The Female Athlete as Contested Ideological Terrain. *Sociology of Sport Journal*, v. 5, n. 3, p. 197-211, 1988.

PFISTER, G; Hartmann-Tews; ILSE. *Sport and Women: Social Issues in International Perspective*. Londres: Routledge, 2003.

RAGO, Margareth. Feminismo e Subjetividade em Tempos Pós-Modernos. In: LIMA, C.C.; SCHMIT, S.P. (Orgs.). *Poéticas políticas feministas*. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2004. p.31-41



**UM DRIBLE PELA  
EMANCIPAÇÃO**

## CAPÍTULO 16

### NOVOS RUMOS PARA AS MULHERES NO FUTEBOL BRASILEIRO

SORAYA BARRETO JANUÁRIO<sup>1</sup>

JORGE KNIJINIK<sup>2</sup>

#### INTRODUÇÃO

A história oficial do futebol de mulheres no Brasil é recente, o histórico de proibições<sup>3</sup> e afastamentos associados às premissas biologizantes, pautadas pela “condição de mulher” e da dita “natureza

---

1 Pós-doutorado na McGill University, Institute of Gender, Sexuality and Feminisms (IGSF), Montreal, Canadá. Doutora em Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, Portugal. Publicitária e professora do Departamento de Comunicação da UFPE. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos da UFPE- PPGDH/UFPE. Pesquisadora em temáticas ligadas aos Estudos de Gênero, Feminismos, Esportes e Mídia. Coordenadora do Observatório de Mídia: gênero, democracia e direitos humanos da UFPE e do grupo de pesquisa Gênero, Esportes e Mídia

2 Professor Associado na *Western Sydney University* (Australiia), onde leciona na School of Education e pesquisa no Institute for Culture and Society. Publicou ‘*The World Cup Chronicles: 31 days that Rocked Brazil*’ (FAIR PLAY PUBLISHING, 2018).

3 Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (Decreto-lei 3.199 de 14 de abril de 1941).

feminina”, tem grande influência nas dificuldades enfrentadas pela modalidade até a atualidade (KNIJNIK; SOUZA, 2004). Knijnik (2014) argumenta que o “legado de gênero do século 20” do futebol influencia até hoje a forma como as mulheres brasileiras desfrutam do esporte, com liberdades ainda tolhidas. O processo de estruturação, mercantilização e profissionalização do futebol praticado por mulheres é marcado pela luta pela equidade, buscando mover estruturas e romper com os paradigmas socialmente estabelecidos. É inegável que a Copa do Mundo de Futebol Feminino organizada pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), realizada em 2019, na França, foi a competição com a maior visibilidade da história da modalidade, o que permitiu o fortalecimento do debate em torno do futebol de mulheres no Brasil. A ascensão e as conquistas dos movimentos feministas, abraçadas nos últimos anos pelos meios de comunicação de massa, fenômeno conhecido como “primavera feminista” (BARRETO JANUÁRIO, 2019) e o mal desempenho da seleção brasileira masculina acenderam o debate e geraram interesse sobre o time feminino.

É possível observar mudanças de paradigmas e da percepção social de temas de importância no cogito social através das pautas elencadas pelo agendamento midiático (MCCOMBS; SHAW, 1977). O agendamento de pautas, assuntos e temáticas abordados pela mídia pode sugerir os debates socialmente emergentes. Pena (2005) afirma existir entre a agenda da mídia e a agenda pública uma relação causal na compreensão do mundo e leitura dos acontecimentos. Compreendemos que a mídia possui um caráter pedagógico (LOURO, 2008), isto é, fomenta pedagogias, legitima pautas e propõe debates.

Nessa perspectiva, Mourão e Morel defendem a existência do que denominam “movimento sanfona”, em referência ao interesse do futebol de mulheres na mídia. As autoras afirmam ainda que a modalidade ainda não teria encontrado um “espaço permanente na vida e na mídia esportiva brasileira” (MOURÃO; MOREL, 2005, p.84). As autoras argumentam que o interesse midiático sobre a categoria seria em ondas, que oscilam ao longo do tempo. Mais recentemente, Costa (2017) reafirma esse panorama afirmando haver *booms* de pautas do futebol de mulheres na grande mídia, mas ainda sem uma sedimentação contínua evidente.

A Copa da França nos sugere uma possível mudança nesse cenário. Um crescimento vertiginoso de 533% no quantitativo de notícias veiculadas sobre a competição e as atletas durante o período da competição nos sites esportivos brasileiros foi observado em comparação com a Copa de 2015 no Canadá<sup>4</sup> (BARRETO JANUÁRIO; LIMA; LEAL, 2020). Entretanto, a pandemia do novo coronavírus, deflagrada em 2020, não tem nos permitido um estudo continuado sobre a questão com a paralisação de algumas competições e o agendamento midiático voltado para as pautas relacionadas à pandemia, só a observação contínua nos permitirá inferir se a mudança se efetivará de forma mais permanente, apesar de observamos melhorias. Dessa forma, é possível sugerir que essas ondas parecem estar menos espa-

---

4 O Observatório de Mídia: Gênero, Democracia e Direitos Humanos da Universidade Federal de Pernambuco – OBMÍDIA/UFPE, tem realizado o monitoramento dos sites esportivas de notícias brasileiros durante as Copas do Mundo da FIFA desde 2015, ver: Barreto Januário, Veloso e Cardoso (2015) e Barreto Januário; Lima; Leal, 2020.

çadas e mais presentes no debate de mídias alternativas e de nicho da qual falaremos mais a frente.

### DA INVISIBILIDADE À PAUTA PÚBLICA: O FUTEBOL DE MULHERES MOVENDO ESTRUTURAS

Como mencionado, é inegável que nos últimos anos foi possível notar o crescimento do futebol de mulheres no Brasil, seja no número de times e atletas profissionais, seja no debate social sobre as mulheres na modalidade. É pertinente lembrar que esse processo não foi natural, muito menos sem luta, persistência e participação das atletas e mulheres envolvidas nos vários âmbitos da cultura futebolística.

O crescimento do debate em torno da representatividade e participação das mulheres em espaços, campos de saber e fenômenos sociais historicamente naturalizados como masculinos, da qual o futebol é um exemplo significativo não apenas no Brasil mas em muitos lugares do globo, tem sido evidente. A luta e denúncia das mulheres partícipes do universo futebolístico obrigaram o Estado, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e demais entidades esportivas a repensarem suas estruturas e práticas.

Apesar das oportunidades escassas, uma maioria de clubes de elite sem a presença de times femininos, a quase inexistente estrutura de treino, competições e investimento ainda são pontos de destaque no panorama brasileiro, apesar das exceções como São Paulo e Corinthians. Um outro ponto a destacar é o treinamento tardio das atletas com a carência no futebol de base na modalidade, que

promove o atraso no desenvolvimento tático, técnico e funcional das jogadoras e são barreiras evidentes para o crescimento da categoria. As estruturas apresentadas na trajetória das jogadoras, sedimentadas no âmbito de uma cultura patriarcal e sexista, promoveram o distanciamento das mulheres no universo do futebol, pelo menos de forma oficial.

Ao observarmos que esse afastamento está pautado em conceitos ortodoxos sobre a fragilidade do gênero feminino (GOELLNER, 2003), importa ressaltar que compreendemos que “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86). Dessa forma, as medidas proibitivas explicam que o histórico de invisibilidade e silenciamento das mulheres no futebol está pautado nas assimetrias sociais abarcadas pela construção do “ser mulher” numa lógica machista (BEAUVOIR, 1980) e hegemônica em relação à masculinidade tradicional.

É sabido que as mulheres sempre estiveram presentes na história do futebol no Brasil, seja como torcedora (BARRETO JANUÁRIO, 2019; BOMFIM, 2019), seja na prática esportiva em si, escondidas em guetos, seja em festas esportivas promovidas pela elite da época e em caricaturas circenses (BOMFIM, 2019). Ou ainda, tiveram sua presença apagada da história do futebol no Brasil. Ao observar esse processo de reescrita da história em torno da presença e participação das mulheres na modalidade e na conquista de espaços antes negados, observamos possibilidades que podem oportunizar novos rumos no crescimento, reconhecimento e o valor social/comercial do futebol de mulheres no Brasil.

O percurso ainda é longo, há o que celebrar, mas também há muito pelo que lutar e conquistar. Silvana Goellner (2020) ao refletir sobre as questões da igualdade de gênero no âmbito da CBF argumenta que entre os anos de 2014 e 2016 o futebol de mulheres obteve o maior número de investimento e melhorias ao longo de sua história. Nesse sentido, Goellner enumera as seguintes ações:

A criação da seleção permanente; A manutenção do Torneio Internacional; A participação da seleção na Algarve Cup 2015 e 2016; A realização de 14 amistosos até a disputa dos Jogos Olímpicos do Rio 2016. Foram realizados mais de 30 jogos entre as competições oficiais como o Torneio Internacional, o Campeonato Mundial, a Copa América e os Jogos Pan-Americanos. Ou seja, a seleção teve uma excelente preparação para os Jogos Olímpicos totalizando 46 jogos antes dessa competição; A criação do Campeonato Brasileiro com série A1 e A2; A criação do Grupo de Trabalho Futebol Feminino no Comitê de Reformas do Futebol Brasileiro; A cobertura do futebol feminino no site da CBF; A transmissão de jogos da seleção feminina pela CBF TV; O convite para ex-jogadoras atuarem como Assistentes Pontuais em amistosos da seleção reconhecendo, assim, a dedicação de mulheres que serviram durante anos a seleção e dedicaram boa parte de sua vida ao futebol; O Manual de Licenciamento para temporada de 2018 incluindo o futebol feminino; Algumas ações pontuais como o Torneio de Desenvolvimento do Futebol e da CBF Social (GOELNER, 2020, n. p).

A autora argumenta ainda, que há muito a propor na pauta da equidade de gênero no Brasil, como por exemplo, salários e premiações igualitárias. Vale salientar que em setembro de 2020 a CBF anunciou medidas que versavam sobre a igualdade nas premiações e diárias das seleções masculina e feminina (CBF, 2020). Ainda sem explicar em detalhes como será o funcionamento dessa nova política, todavia, certamente é uma conquista sem precedentes e de grande importância no percurso da desejada equidade. É fato que o debate em torno do anúncio da CBF precisa ser aprofundado, com discussões em torno dos direitos de imagem, condições de treinamento, uniforme, material de treino e estrutura, visibilidade e volume de competições equânimes são algumas das medidas voltadas a minimizar as assimetrias de gênero existentes na CBF (GOELLNER, 2020). Silvana apresenta ainda cinco medidas de importância para estruturação e reconhecimento da modalidade no cenário nacional apresentadas e elaboradas pelo Grupo de Desenvolvimento do Futebol Feminino<sup>5</sup>, do qual faz parte, em reunião realizada junto a entidade máxima do futebol brasileiro:

1) Criação de um canal direto de comunicação entre a CBF. Destacamos que esse canal de comunicação se inaugura nessa reunião após 29 anos de existência da seleção;

---

5 Formado por Alessandra Dutra, Aline Pellegrino, Ana Marques, Ana Paula Oliveira, Clara Albuquerque, Emily Lima, Gregory Engelbrech, Guilherme Passos, Isabelle Suarez, Lorena Soto, Luciane Castro, Márcia Tafarel, Marco Aurélio Cunha, Mônica Esperidião, Marcos Nicolas, Mayi Cruz Blanco, Miraildes Maciel Motta (Formiga), Silvana Vilodre Goellner, Oswaldo Alvarez (Vadão), Paulo Roberto e Valesca Araújo (GOLLNER, 2020).

2) Criação do Departamento do Futebol Feminino sob a gestão de uma mulher; 3) Implementação das ações recomendadas pelo Grupo de Desenvolvimento do Futebol Feminino 2016 que atuou junto ao Comitê de Reformas do Futebol Brasileiro. Ressaltamos que o Comitê aprovou onze medidas divididas em quatro grandes temas: Desenvolvimento, Competições, Seleções e *Marketing*; 4) Inclusão de mulheres em todos os níveis de decisões conforme orientação da FIFA incluindo funções técnicas, de administração e de governança; 5) Realização de um diagnóstico específico para cada dimensão-chave do futebol, incluindo aspectos técnicos, administrativos e de governança. Seria importante ter uma análise do investimento total no futebol feminino, a fim de criar um parâmetro por meio do qual se possa mensurar as melhorias (GOELLNER, 2020, n.p).

O documento apresenta medidas estruturadas e redigidas por quem participa, vive e pensa o futebol de mulheres no Brasil. Propõe ações e estratégias factíveis embasadas em demandas que podem verdadeiramente propor novos rumos à modalidade no cenário nacional na estrutura da CBF e dos clubes nacionais. É urgente que análises como essa sejam colocadas em prática na construção de um novo olhar sobre os futebolis no Brasil. A seguir, iremos apresentar um vislumbre desses rumos pautados numa esfera social mais ampla, visando apresentar um pouco do panorama do futebol de mulheres no cenário brasileiro e apontar os caminhos que vêm sendo propostos na literatura acadêmica e em algumas políticas públicas e privadas sobre a modalidade.

## NOVOS RUMOS, VELHOS PROBLEMAS: CAMINHOS E DESCAMINHOS

Após observar os debates e as reflexões que contornam as invisibilidades, impedimentos e construções sociais que abarcam a historicidade e trajetória do futebol de mulheres no Brasil, faz-se pertinente apresentar caminhos que apontam para estratégias e ações que visam o futuro da categoria no país.

Com efeito, é possível sugerir algumas frentes estratégicas de ação observadas à luz da literatura dos estudos do futebol, que se interligam e entrelaçam com as mudanças, incentivos e políticas que puderam ser observadas nos últimos anos no Brasil. Nesse âmbito, elencamos seis linhas estratégicas e de ação que apontam para os novos rumos dos futebóis (DAMO, 2018) praticado por mulheres: 1. Crescimento e investimento no futebol de base; 2. Políticas públicas e privadas na correção de assimetrias entre o futebol praticado por homens e por mulheres; 3. Investimento nos times e atletas; 4. Patrocínio e mercantilização do futebol de mulheres; 5. Mulheres em cargos de gestão e decisão; 6. Visibilidade midiática da modalidade.

A primeira linha de ação estratégica está pautada no crescimento e investimento no futebol de base, a pauta pública parece ter despertado para as discussões em torno da visibilidade no futebol de mulheres, inclusive, no que diz respeito ao futebol de base. Na Copa do Mundo de 2007, realizada na China, quando a seleção nacional perdeu o título para a Alemanha, as atletas fizeram um apelo pelo investimento no futebol de mulheres e de base. As jogadoras ergueram uma faixa com os dizeres “Brasil, precisamos de apoio”, a mensagem se referia às condições de treino, competições e também a falta de

visibilidade e a falta de capital destinada ao fortalecimento da categoria de base.

Podemos afirmar que o futuro de qualquer modalidade esportiva passa pela construção de uma base estruturada para garantir o interesse de futuras atletas e o desenvolvimento promissor das modalidades esportivas (MELO, 2010). A carência de competições da categoria de base no Brasil ajuda na compreensão da falta de visibilidade do esporte e na demora na construção de cultura futebolística associada à prática e participação das meninas e mulheres.

Essa realidade parece ter iniciado seu processo de mudança com maior ênfase em 2017, com a criação do primeiro campeonato de base feminino no Brasil, promovido no estado de São Paulo e organizado pela Federação Paulista de Futebol, o Campeonato Paulista sub-17. No âmbito nacional, nesse mesmo período a modalidade ganhou o acréscimo das categorias sub-16 e sub-18 no Campeonato Brasileiro da série A, além do Torneio de Desenvolvimento de Futebol Sub-14. A importância das categorias de base pode ser percebida em campanhas de países como os Estados Unidos da América, na qual a seleção nacional é a maior campeã da competição mundial da FIFA, com quatro títulos. Além de possuir um histórico de times de base estruturados com investimentos, campeonatos e competições regionais e nacionais, a profissionalização das mulheres nesse esporte é evidente no país. Os EUA aplicam recursos na modalidade desde o período escolar, passando pelas equipes universitárias e chegando finalmente à profissionalização.

No Brasil, o estado de São Paulo é exemplo de referência nesse crescimento. As competições estaduais já possuíam as categorias

sub-11, sub-13, sub-15 e sub-17 e em 2020 foi anunciado o sub-9 feminino. Antes da pandemia, o Centro Olímpico realizava “peneiras” – testes para a seleção de atletas – uma vez por mês. A maioria dos clubes de outros estados brasileiros só possuem times de base nas equipes de sub-17, aplicando à risca medidas obrigatórias elencadas por entidades esportivas da qual falaremos mais à frente. Ainda há muitas assimetrias na geografia nacional, é pertinente pontuar que a maioria das jogadoras da seleção brasileira que atuam na atualidade não passaram por uma equipe de base, indo diretamente para o futebol profissional, diferentemente do que acontece, por exemplo, nos Estados Unidos da América e Canadá.

Algumas medidas têm sido fundamentais para a promoção de mudanças efetivas no cenário nacional; apesar de tardias e da demora na sua implementação, elas já surtem efeitos positivos com maior ênfase em alguns poucos estados brasileiros no eixo do sudeste.

A segunda estratégia está associada às políticas públicas e das entidades do futebol na correção de assimetrias entre o futebol praticado por homens e por mulheres. Alguns dispositivos ofertados pelo governo federal foram concebidos objetivando a melhoria dos esportes de alto rendimento no Brasil, vale ressaltar que nenhum desses exemplos foi pensado exclusivamente para meninas e mulheres nos esportes. Propostas como a “Descoberta de talento esportivo<sup>6</sup>” e o

---

6 Programa idealizado pelo Ministério dos Esportes do governo federal em 2004, que objetivava avaliar 100 mil estudantes entre 10 e 15 anos para descobrir talentos e compor um banco de talentos esportivos para disponibilizar para as entidades esportivas visando criar uma intersecção direta entre clubes, entidades e confederações junto a jovens promissores.

“Bolsa atleta<sup>7</sup>” ajudaram a fomentar diversas modalidades no país e incluíram investimentos também para as mulheres no futebol.

Importa afirmar que o Estado deveria ser o responsável por uma oferta inicial dos esportes para a sociedade (GOELLNER, 2020), o seu papel deveria ser pautado em estruturar políticas públicas que oportunizem o acesso às modalidades esportivas desde a infância. Promovendo, dessa forma, a observação de projetos de iniciação, equipamentos de lazer públicos, incentivos fiscais e divulgação das práticas e das modalidades. As políticas públicas ofertadas pelo estado para o esporte, de forma geral, ainda são ínfimas e direcionadas para os futebolis (DAMO, 2018) dominantes, como é exemplo o futebol de campo e de praia praticado por homens.

Todavia, as iniciativas de entidades ligadas ao futebol nos parecem ser determinantes no processo, mesmo que tardiamente, mas que tem apresentado resultados mais acelerados e positivos no desenvolvimento da modalidade no panorama brasileiro e latino-americano. Exemplo disso foi o novo estatuto e regulamento de clubes da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL), publicado em 2016. O documento determinou que os clubes da série A do Campeonato Brasileiro são obrigados pela CBF a terem uma equipe feminina adulta e, pelo menos, uma de base disputando ao menos um campeonato oficial. A mesma regra é válida também para os

---

7 Programa igualmente idealizado pelo Ministério dos Esportes, em 2005, visando apoiar atletas de alto rendimento que obtêm bons resultados em competições nacionais e internacionais das mais diversas modalidades esportivas. O intuito é garantir condições mínimas para que o/a atleta se dedique ao treinamento e competições nacionais e internacionais.

clubes participantes da Copa Libertadores da América<sup>8</sup> e da Copa CONMEBOL Sul-Americana<sup>9</sup>.

A CBF apresentou no mesmo ano um pacote de medidas para o desenvolvimento do futebol feminino em território nacional. Uma das primeiras iniciativas que fomentam novos rumos à modalidade foi a criação de um departamento específico para tratar do futebol de mulheres na entidade. Além disso, a ampliação das competições de base, como já citado, e a proposta de implementação de cursos para treinadoras mulheres com a finalidade de atenuar as assimetrias de gênero evidentes nos sugerem um processo de mudança promissor, que evidencia o trabalho das mulheres dentro e fora de campo.

A terceira estratégia mais evidente como impedimento para o crescimento da categoria é complementar à primeira, injeção de capital nos times de mulheres. Melhoria nas condições de trabalho, equipamentos dignos e salários decentes. Essa premissa se associa com a segunda estratégia, sobre as políticas públicas e privadas, e converge com as demandas promovidas pela FIFA no desenvolvimento do futebol das mulheres. A FIFA lançou em 2018 um programa de estratégia global visando promover o crescimento da participação e do valor comercial do futebol de mulheres. Apresentada como ações-base, as iniciativas visam a disseminação, publicitação e construção de uma visibilidade mais igualitária, dentro e fora do campo.

---

8 A Libertadores é a principal competição de futebol entre clubes profissionais da América do Sul, sendo organizada pela Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) desde 1960.

9 É uma competição continental entre clubes de futebol da América do Sul, também organizada pela CONMEBOL, o torneio acontece desde 2002.

Com iniciativas que propõem o aprimoramento e a ampliação das competições femininas, tornando-as sustentáveis e autossuficientes como já acontece no futebol praticado por homens. Dessa forma, as ações visam também ampliar a exposição e o debate em torno da modalidade na mídia – tema que trataremos a frente – e propiciar a mercantilização do esporte na categoria, empregando maior valor comercial nas competições. E, portanto, construindo novas pedagogias (LOURO, 2008) em torno da forma e da visibilidade do futebol de mulheres na esfera social, impactando também a esfera social na cultura e nos esportes.

A quarta ação na promoção de novos rumos é a participação das mulheres em cargos de gestão e decisão no futebol brasileiro. O esporte precisa ter outros olhares e perspectivas, como é exemplo a presença feminina dentro das organizações, confederações, entidades e clubes. A participação e representatividade de mulheres ocupando espaços de liderança e decisão nas instituições esportivas é de suma importância para mudança de mentalidade e de um novo “fazer” nas práticas e formas de pensar o futebol. Exemplo disso é Aline Pellegrino, a ex-atleta foi capitã da Seleção Brasileira entre 2004 e 2013, e exerceu a função de coordenadora da modalidade na Federação Paulista de Futebol até setembro de 2020. O crescimento da modalidade no estado de São Paulo e o *status* de referência no desenvolvimento da categoria passam certamente pela inferência e trabalho de Pellegrino nos últimos anos.

Em setembro de 2020 a CBF anunciou a contratação de Aline Pellegrino e Eduarda Marranghello Luizelli para assumirem os cargos de gestão e comando voltados para o desenvolvimento do futebol de

mulheres no Brasil. Mulheres com experiência e *expertise* em cargos de comando, trabalhando pela modalidade, são cruciais para o desenvolvimento de estratégias de consolidação de uma prática que ainda possui aspectos de invisibilidade.

Outro exemplo de peso é o trabalho de Cris Gambaré à frente da diretoria de futebol de mulheres do S.C. Corinthians. Gambaré foi de conselheira à diretora e possui longo percurso em diversas frentes no clube. Os excelentes resultados da equipe – Copa do Brasil (2016); Libertadores (2017 e 2019); Brasileirão (2018 e 2020); Paulistão (2019) – mostram por si a relevância do trabalho de Gambaré à frente da diretoria do Corinthians.

A quinta ação está relacionada à falta de patrocínio e a lentidão no processo de mercantilização do futebol de mulheres. Este aspecto se tornou uma realidade mais palpável apenas na Copa da França, em 2019. O futebol de mulheres como uma mercadoria viável e lucrativa era visto há até pouco tempo com desdém e desconfiança pelos motivos elencados previamente e na compreensão de futebol como “coisa de homem”. Harvey argumentou que “a transformação em mercadoria de formas culturais, históricas e da criatividade intelectual envolve espoliação em larga escala” (HARVEY, 2004, p. 125). É esse processo de transformação de fenômenos culturais em *commodities* que transformaram o esporte de alto rendimento numa atividade profissional direcionada para entreter e lucrar na espetacularização (DEBORD, 1997) dos campeonatos, megaventos e competições, como é exemplo a Copa do Mundo da FIFA (MASCARENHAS, 2002). O fomento do crescimento do interesse da indústria do entretenimento pelo futebol é a chave para a construção

de um produto visível e rentável. A modalidade masculina já possui essa trajetória mercantilizada numa indústria que movimenta bilhões de dólares por ano. No caso do futebol de mulheres, é sabido que estamos no início desse caminhar. E, apesar dos aspectos positivos e negativos desse processo, é nessa transformação que podem ser geradas as estruturas necessárias para o crescimento e desenvolvimento da modalidade.

O Guaraná Antártica, marca de refrigerante brasileiro, é exemplo do investimento nesse novo cenário. Apesar da marca patrocinar o futebol de homens e mulheres há mais de 18 anos, ainda não havia realizado uma campanha massiva nos meios *mainstream* para a modalidade feminina até a Copa do Mundo de 2019. O Guaraná Antártica ainda foi pioneiro ao observar o bom momento em torno do debate sobre o empoderamento feminino e as pautas igualitárias promovido pelas mulheres na conquista de “novos” espaços e no futebol, além de notar que nenhuma outra marca estava patrocinando as jogadoras da seleção. A empresa então propôs uma campanha com finalidade pedagógica (LOURO, 2008) e denunciativa evidente, com o intuito de debater a falta de visibilidade e de patrocínio no futebol de mulheres em território nacional.

A campanha “É coisa nossa” convocou três atletas da seleção brasileira, Cristianne, Andressinha e Fabi Simões, para um ensaio fotográfico. A sessão de fotos simulava a participação em propagandas de diversos segmentos, como produtos esportivos, beleza, instituições financeiras, entre outros. A proposta era a de incentivar outras marcas a patrocinarem a seleção e as atletas e, portanto, debater a falta de investimento na modalidade. Além de ter um cunho social,

a campanha propunha ainda que o valor arrecadado com a venda dos patrocínios fosse dividido entre as jogadoras e o projeto sem fins lucrativos “Joga Miga”, que interliga mulheres que querem jogar futebol. O projeto fomenta também estratégias de visibilidade para a modalidade nos mais diversos âmbitos, seja na prática esportiva em si, seja com ações e campanhas digitais colaborativas sobre a modalidade e as atletas, seja ainda com análises visando tornar os times e atletas mais visíveis na esfera pública.

Como resultados a campanha conseguiu que diversas marcas aderissem ao chamado, entre elas, a Gol Linhas Aéreas, a agência de publicidade Almap BBDO, a empresa de cosméticos brasileira O Boticário, a DMCARD empresa de cartões de crédito e a marca de *snacks* e salgadinhos *Lay's*. A repercussão alcançada pela campanha de refrigerantes torna evidente que a mídia e a publicidade enquanto dispositivos pedagógicos (FISHER, 2002) têm grande poder de influência e legitimação de novos olhares.

A sexta e última estratégia de ação se relaciona a um tema que já adiantamos previamente, o agendamento midiático (MCCOMBS; SHAW, 1977) da modalidade nos meios de comunicação de massa. Contudo, nessa premissa pretendemos observar mais a fundo e em diferentes frentes de importância na esfera midiática. Com efeito, elencamos em análise e observação aos estudos prévios sobre a representação da mulher na mídia esportiva (KNIJNIK; SOUZA, 2004; MOURÃO; MOREL, 2005; BARRETO JANUÁRIO, 2015; BARRETO JANUÁRIO; VELOSO; CARDOSO, 2015; COSTA, 2017; BARRETO JANUÁRIO; LIMA; LEAL, 2020) pontos convergentes nas invisibilidades e possíveis ajustes na promoção da representatividade das mulheres na mídia

esportiva, são eles: a. Representação tática e técnica da modalidade e das atletas; b. Romper com representações objetificadas e hipersexualizadas ou em torno da sexualidade das atletas; c. Continuidade dos debates e reflexões em torno das competições nacionais e regionais da modalidade.

No que se refere às notícias que dialogam sobre a representação tática e técnica da modalidade, das competições e das atletas, o crescimento desse tipo de notícia pôde ser observado nos trabalhos de Barreto Januário, Veloso e Cardoso (2015) e Barreto Januário, Lima e Leal (2020) com as matérias veiculadas sobre o futebol de mulheres no período de realização das Copas do Mundo da FIFA de 2015 e 2019. Os autores relatam o pouco debate em torno de notícias que descrevem aspectos táticos e técnicos das partidas e dos jogos, bem como, observam seu crescimento na edição de 2019. Tal aspecto norteia uma mudança de paradigma na forma de noticiar a modalidade na construção de novas perspectivas sociais e visibilidades.

O outro aspecto é um velho conhecido da mídia sobre a representação das mulheres, de forma geral, na esfera midiática. A erotização dos corpos das mulheres atletas (GOELLNER, 2005) e o processo de hipersexualização e objetificação do corpo da mulher-atleta persiste até os dias atuais (BISSEL; SMITH, 2013), mas já não passam despercebidas pela audiência e pelas atletas. Esse processo perpassa a ideia de “estética da limitação” apresentada por Susan Brownmiller (1984), na qual a autora defende que a feminilidade representa concepções normatizadas abarcadas por ideais socialmente construídos em premissas sexistas sobre a feminilidade, que continuam sendo legitimados socialmente. Essa

perspectiva é corroborada por Connell (2005) através do conceito da feminilidade enfatizada e por Susan Bordo (1997, p.33) na premissa na qual a feminilidade “é ainda apresentada como o caminho mais importante de aceitação e do sucesso para as mulheres em nossa cultura”.

O corpo atlético, torneado e, em geral, esbelto, da mulher-atleta sempre estampou com maior evidência os discursos da mídia noticiosa. Qualquer representação que destoasse dessa ideia preconcebida era retratada com desdém, piadas jocosas e sexistas a respeito da sexualidade, beleza e/ou vida pessoal das atletas (GOELLNER, 2004). A desconstrução desse ideário e dessas narrativas abarcadas na ideia de que “sexo vende”, estão longe de serem abandonadas, entretanto, já não são recebidas pelo público com a mesma passividade de outrora. Dessa forma, podemos sugerir que um novo cenário vem sendo construído para uma mudança mais efetiva desses discursos sexistas e desrespeitosos com pautas mais focadas no perfil tático e de jogo das atletas, assim como, análises mais focadas nos resultados e feitos das jogadoras, árbitras e comissão técnica.

Por fim, a observação da continuidade ou não dos debates e reflexões em torno do futebol de mulheres na mídia, que ultrapassem a agenda das Copas do Mundo da FIFA, podem nos dar indícios de mudanças mais palpáveis na representatividade e representação do futebol de mulheres nos meios de comunicação e por consequência no âmbito social (e vice-versa).

A veiculação e cobertura de competições nacionais, regionais e internacionais como a Copa América e as Olimpíadas, como tem feito a mídia de nicho e alternativa, da qual é exemplo as

Dibradoras<sup>10</sup>, vem propondo outras percepções sobre as coberturas jornalísticas nos esportes. Abarcados pelas análises de Mourão e Morel (2005) e Costa (2017) lembramos que é preciso exigir a continuidade do agendamento das pautas e de um calendário continuado e propositivo na construção de cultura midiática e futebolística associada às mulheres. Essas mudanças podem auxiliar no processo de promoção de novas pedagogias e, por conseguinte, formas diferentes de enxergar, compreender e investir o futebol de mulheres no âmbito social e na cultura brasileira.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os capítulos deste livro certamente não apenas corroboram mas também conferem legitimidade e rigor acadêmico às estratégias acima listadas para o crescimento e evolução do futebol de mulheres no Brasil. As pesquisas aqui descritas estão plenamente em conformidade com as agendas colocadas pelos grupos de trabalho que pretendem emancipar o futebol de mulheres no Brasil e mais além.

As realidades futebolísticas, educacionais, midiáticas, populares e administrativas aqui analisadas são evidências absolutamente vivas de que as autoras e os autores que contribuem nessa obra não estão

---

10 Projeto concebido pelas jornalistas Renata Mendonça e Roberta Nina Cardoso e a publicitária Angélica Souza e tem sido uma importante voz feminina na cobertura do futebol de mulheres no Brasil. Inspiradas na ideia do termo “dibre”, uma adaptação do termo popular do dicionário do futebol drible, e na premissa de driblar o preconceito e dar voz e vez à mulher no futebol. O site começou como um blog e ficou alocado alguns anos no portal da UOL. Hoje em dia tem endereço eletrônico próprio, mais informações: <https://dibradoras.com.br/>.

apenas observando o futebol de mulheres de uma forma acadêmica tradicional, do interior de suas “torres de marfim”. Ao contrário, os textos aqui publicados estão cheios de suor, de barro, de gritos, de coração, de lesões musculares e até sangue. Estes textos têm cheiro de comemoração de gol e dor de uma derrota no último minuto. Têm gosto de cerveja na arquibancada e som de gargalhadas de crianças jogando bola no recreio da escola. São capítulos escritos por pessoas que “colocam os pés na massa” e demonstram o quanto o futebol de mulheres é feito de resistências e de lutas por equidade, que produzem micro e macro emancipações cotidianas.

Mais do que isso, os textos formam um conjunto de narrativas que busca um diálogo constante entre si. Essas conversações, nem sempre harmônicas, mostram o quanto o conflito de narrativas é de suma importância para o entendimento histórico e social, bem como para o avanço político do futebol de mulheres no Brasil, desde as escolas e praças, passando pelas categorias de base, até chegarmos nas arquibancadas, clubes, federações e CBF. Essa multiplicidade de análises e narrativas pedagógicas, históricas, sociais e midiáticas aqui apresentada mostra o quanto a universidade já contribuiu e tem a contribuir muito mais com o futebol de mulheres brasileiro. São os pés mas também as cabeças que estão na massa, em contato com suas comunidades reais e virtuais, produzindo conhecimento com um alto grau de impacto social na luta pela emancipação feminina tanto no futebol quanto nos demais setores sociais.

Quando nos dispusemos a organizar o livro, não pensamos em construir uma narrativa única, singular, que destile verdades absolutas para que os leitores as consumam como um discurso inteiro e

já pronto, sem possibilidades de questionamentos e controvérsias; pretendemos sim dar espaço para as diversas narrativas plurais que fazem parte, constituem e dão forma a estes maravilhosos universos dos futebóis de mulheres no Brasil. Ao chegar ao final, percebemos que alcançamos este objetivo, e só temos a agradecer a confiança e sobretudo a inteligência crítica e o trabalho árduo dos pesquisadores que estão conosco nessa jornada – que apenas se inicia aqui.

Que a obra e seus capítulos tenham proporcionado a vocês o mesmo estímulo intelectual e ativista que têm nos proporcionado.

## REFERÊNCIAS

BARRETO JANUÁRIO, Soraya; VELOSO, Ana Maria Conceição.; CARDOSO, Laís. Mulher, Mídia e Esportes: A Copa do Mundo de Futebol Feminino sob a ótica dos portais de notícias pernambucanos1. *Eptic online*: revista eletrônica internacional de economia política da informação, da comunicação e da cultura, v. 18, n. 1, p. 168-184, 2016.

BARRETO JANUÁRIO, Soraya; LIMA, Cecília Almeida; LEAL, Daniel. Futebol de mulheres na agenda da mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros. *Observatório (OBS\*)*, v. 14, n. 4, 2020.

BARRETO JANUÁRIO, Soraya. *Mulheres no campo*: o ethos da torcedora pernambucana. São Paulo: Fontenele, 2019.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BISSELL, Kimberly; SMITH, Lauren. Let's (Not) Talk Sex: An Analysis of the Verbal and Visual Coverage of Women's Beach Volleyball during the 2008 Olympic Games. *Journal of Sports Media*, v. 8, n. 2, Fall 2013, p. 1-30, 2013.

BOMFIM, Aira. (2019) Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). 2019, Dissertação – Mestrado em História, Política e Bens Culturais, *Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC)*, Rio de Janeiro, 2019.

BORDO, Susan. O corpo e a reprodução da feminidade: uma reapropriação feminista de Foucault In: JAGGAR, Alison; BORDO, Susan. (Orgs.). *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, p. 19-41, 1997.

BROWNMILLER, Susan. *Femininity*. New York: Linden Press/Simon & Schuster, 1984.

CBF. CBF equipara diárias e premiações pagas às Seleções Brasileiras. *CBF*. 2020. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/selecao-feminina/presidente-da-cbf-anuncia-equiparacao-das-diarias-pagas-as-selecoes-br> Acesso em 07 Jan. 2021

CONNELL, Raewyn. *Masculinities*. PolitY, 2005.

COSTA, Leda Maria. O futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, v. 13, p. 493-507, 2017.

DAMO, Arlei. Futebóis—da horizontalidade epistemológica à diversidade política. *Fulia/Ufmg*, v. 3, n. 3, p. 37-66, 2018.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. *Rio de Janeiro: Contraponto*, v. 102, p. 85-102, 1997.

FISCHER, Rose Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. *Educação & Pesquisa*(28), São Paulo, p. 151-162, 2002.

GOELLNER, Silvana. Mulher, esporte, sexualidade e hipocrisia. Universidade Federal do RS. *III Fórum de debates sobre mulher e esporte > Mitos e Verdades < Fórum Internacional* (página 38-41), 2004.

GOLLNER, Silvana. Nós convidamos a CBF a trazer reformas de igualdade de gênero para o Brasil. *Ludopédio*, 2020. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/nosconvidamos-a-cbf-a-trazer-reformas-de-igualdade-de-genero-para-o-brasil/> Acesso em: 16 fev. 2021

HARVEY, David. *O Novo Imperialismo*. São Paulo: Loyola, 2004.

KNIJNIK, Jorge. Gendered barriers to Brazilian female football: 20th Century Legacies. In: HARGREAVES, Jennifer; ANDERSON, Jennifer (Orgs.). *Handbook of sport, gender and sexuality*. New York: Routledge, p. 120-128, 2014.

KNIJNIK, Jorge; SOUZA, Juliana Sturmer Soares. Diferentes e desiguais: relações de gênero na mídia esportiva brasileira. In: SIMÕES, Antônio Carlos; KNIJNIK, Jorge. D. *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho*. São Paulo: Aleph, p. 191-212, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-posições*, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008.

MASCARENHAS, Fernando. Megaeventos esportivos e Educação Física: alerta de tsunamis. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 39-67, jan/mar, 2012.

MELO, Leonardo Bernardo Silva. Formação e escolarização de jogadores de futebol no Estado do Rio de Janeiro. 72 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física), *Universidade Gama Filho*, Rio de Janeiro, 2010.

MCCOMBS, Maxwell.; Shaw, Donald Lewis. *The emergence of american political issues: the agenda-setting function of the press*. Saint Paul: West Publishing Co, 1977.

MOREL, M.; SALLES, José Geraldo. Futebol Feminino in: COSTA, Lamartine (Org.). *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006

MOURÃO, Ludmilla; MOREL, Márcia. As narrativas sobre o futebol feminino: A diferença que faz uma medalha de prata. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 26, n. 2, p. 73-86, 2005.

*Título* Futebol das mulheres no Brasil: emancipação  
resistências e equidade  
*Organização* Soraya Barreto Januário  
Jorge Knijnik  
*Formato* E-book (PDF)  
*Tipografia* Mr Eaves Mod (texto) e Basel Neue (títulos)  
*Desenvolvimento* Editora UFPE



Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20, Várzea, Recife-PE  
CEP: 50740-530 | Fone: (81) 2126.8397  
editora@ufpe.br | www.editora.ufpe.br

